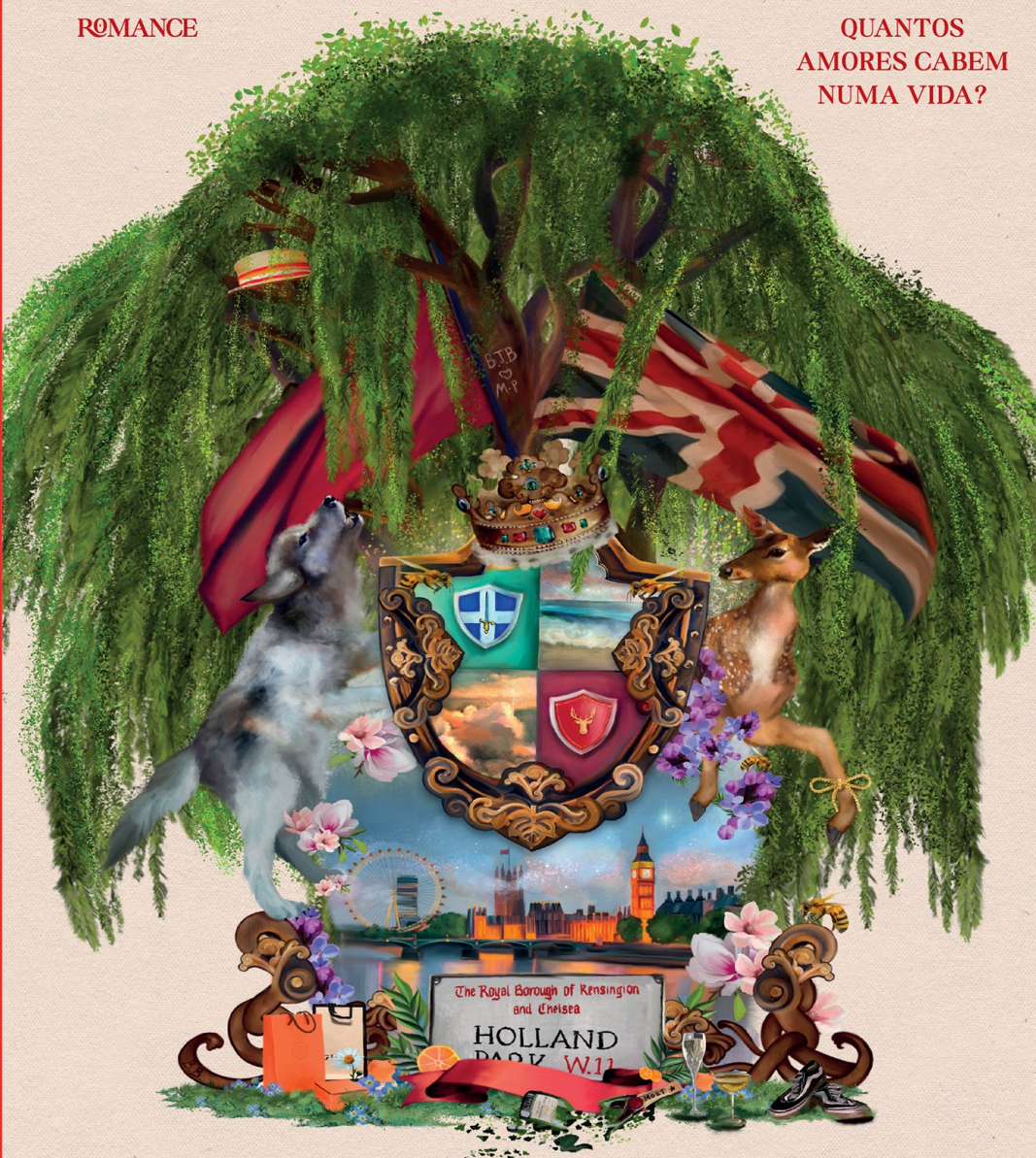


Magnolia Parks

ROMANCE

QUANTOS
AMORES CABEM
NUMA VIDA?



Jessa Hastings

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Índice

Capa	
Ficha Técnica	
UM Magnolia	
DOIS BJ	
TRÊS Magnolia	
QUATRO BJ	
CINCO Magnolia	
SEIS Magnolia	
SETE Magnolia	
OITO BJ	
NOVE Magnolia	
DEZ Magnolia	
ONZE BJ	
DOZE Magnolia	
TREZE Magnolia	
CATORZE BJ	
QUINZE BJ	
DEZASSEIS Magnolia	
DEZASSETTE BJ	
DEZOITO Magnolia	
DEZANOVE BJ	
VINTE Magnolia	
VINTE E UM BJ	
VINTE E DOIS Magnolia	
VINTE E TRÊS BJ	
VINTE E QUATRO Magnolia	
VINTE E CINCO BJ	
VINTE E SEIS BJ	
VINTE E SETE Magnolia	

VINTE E OITO BJ
VINTE E NOVE Magnolia
TRINTA BJ
TRINTA E UM Magnolia
TRINTA E DOIS BJ
TRINTA E TRÊS Magnolia
TRINTA E QUATRO BJ
TRINTA E CINCO Magnolia
TRINTA E SEIS BJ
TRINTA E SETE Magnolia
TRINTA E OITO BJ
TRINTA E NOVE Magnolia
QUARENTA BJ
QUARENTA E UM Magnolia
QUARENTA E DOIS BJ
QUARENTA E TRÊS Magnolia
QUARENTA E QUATRO BJ
QUARENTA E CINCO Magnolia
QUARENTA E SEIS Magnolia
QUARENTA E SETE BJ
QUARENTA E OITO Magnolia
QUARENTA E NOVE BJ
CINQUENTA Magnolia
CINQUENTA E UM BJ
CINQUENTA E DOIS Magnolia
CINQUENTA E TRÊS Magnolia
CINQUENTA E QUATRO BJ
CINQUENTA E CINCO BJ
CINQUENTA E SEIS Magnolia
CINQUENTA E SETE BJ

CINQUENTA E OITO Magnolia

CINQUENTA E NOVE BJ

SESSENTA Magnolia

SESSENTA E UM BJ

SESSENTA E DOIS Magnolia

SESSENTA E TRÊS BJ

SESSENTA E QUATRO Magnolia

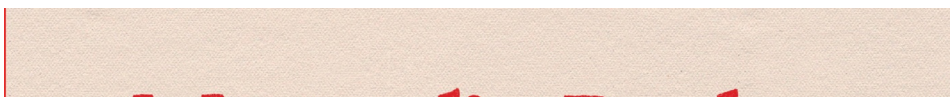
SESSENTA E CINCO BJ

SESSENTA E SEIS Magnolia

SESSENTA E SETE BJ

SESSENTA E OITO Magnolia

Agradecimentos



Magnolia Parks

ROMANCE

QUANTOS
AMORES CABEM
NUMA VIDA?



Jessa Hastings

Tudo o que é maravilhoso, tudo o que é mágico, tudo o que é doloroso, tudo o que é belo e espetacular e miserável...

Tudo o que me aconteceu, aconteceu com ele.

E eu odeio-o por isso.

Ficha Técnica

Título: Magnolia Parks

Título original: Magnolia Parks

Autor: Jessa Hastings

Tradução: Pedro Branco e Lufada de Letras

Revisão: Ana Marta Ramos

ISBN: 9789892358710

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

©2021, Jessa Hastings

A autora registou o direito a ser identificada como autora desta obra.

Publicado originalmente em inglês por Hachette UK Ltd., representado
por The Orion Publishing Group, Ltd.

© 2023, Edições ASA II, S.A

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Jessa Hastings

MAGNOLIA PARKS

Para a versão de mim de 2018 que pretendia que eu atirasse a toalha ao chão e me tivesse tornado professora de história porque a rejeição criativa dói no coração.

Também para aquela versão de ti que quase desistiu do que estavas destinada a fazer por ser tão difícil criar.

Mas aqui estamos... Como diz Glennon... Somos capazes de fazer coisas difíceis.

Quantos amores cabem numa vida?

A quantas pessoas podes realmente chamar tuas? Há todo o tipo de amores neste mundo, e não todos, mas a maioria é maravilhosa.

Alguns são antigos, outros, nobres, outros, corajosos.

Outros são desonrosos e fracos e tornam-te igual, por associação.

Alguns são um sussurro baixo numa noite sombria, outros são enlouquecedores. Alguns não consegues ignorar – queimam lentamente dentro de ti, nunca desaparecendo completamente, mas tens demasiado medo para te atreveres a tentar atihar essa chama.

Alguns amores, finges não os sentir, mesmo quando sentes, mesmo quando sabes que sentes, mesmo que ele ou ela sejam a primeira coisa em que pensas pela manhã, mesmo que sejam como um fósforo na sala escura do teu coração – porque amar algo como os amas a ele ou a ela é um amor doloroso que te vai provocar dificuldades na vida e melancolia no olhar e, se o tempo te ensinou alguma coisa, é que isso não interessa. Amá-los-ás para sempre de qualquer maneira.

Magnolia

– Gosto disto – diz ele, pegando no meu vestido, depois de surgir por detrás de mim. Vestia umas calças de ganga Amiri Thrasher pretos (com os joelhos extra rasgados, obviamente), Vans pretas e uma *T-shirt raglan* preta e branca da Givenchy.

Fico a olhar para o meu reflexo no espelho do seu quarto. Inclino a cabeça, semicerro os olhos e finjo que sou a única rapariga que aqui esteve ultimamente. Asseguro-me de que o colar com o anel dele fica escondido sob o vestido, onde ninguém o pode ver a não ser eu e, provavelmente, ele, mais tarde, depois ajeito o colarinho Peter Pan do vestido floral vermelho, azul e branco, em *jacquard* de cetim.

– É da Miu Miu – digo-lhe, notando o seu olhar fixo no espelho.

Adoro os olhos dele.

Ele acena tranquilamente.

– Dormi com uma modelo da Miu Miu na semana passada.

Odeio os olhos dele. Olho-o fixamente por um segundo, depois engulo em seco para me recompor antes de sorrir despreocupadamente.

– Não quero saber.

Os nossos olhos fixam-se e eu não odeio apenas os seus olhos, mas a ele por inteiro, por um segundo; por me conhecer como me conhece, por ver para lá de tudo o que digo, por fazer isso com toda a gente, menos comigo. Ele encolhe os ombros, indiferente.

Sendo ele o BJ Ballentine, o meu primeiro... tudo, na verdade. Amor, amante, desgosto. Ele é o rapaz com o cabelo dourado e os olhos dourados, embora o seu cabelo seja castanho, e os seus olhos sejam verdes, o rapaz mais bonito de toda a Londres, dizem – e eu provavelmente concordo. Nos seus dias bons. Mas porque é que o estou a descrever? Já sabes quem ele é.

– Eu sei que não te importas. – Passa a língua pelos dentes de forma distraída.

Faz isso quando está irritado e eu consigo perceber que está irritado, mas é só por um segundo, porque depois os seus olhos amolecem como sempre fazem para mim.

– Tinhas namorado na altura, Parks. – Tenta olhar-me nos olhos, mas eu não o permito porque gosto de o fazer pensar que tem de se esforçar para ganhar a minha atenção.

– Certo. – Pestanejo enquanto lhe digo novamente: – Não quero saber.

– Sim – suspira ele, simulando enfado. – Estás à defesa, certo? – diz, em voz baixa. Isso é uma coisa que os rapazes dizem uns aos outros quando percebem que o meu coração mudou de rumo.

Ele dirige-me outro olhar porque sabe que estou a mentir, e os nossos corações deparam com um beco sem saída com os nossos olhos.

Sinto a tua falta, pestanejo em código Morse.

Ainda te amo, dizem os cantos descaídos da sua boca perfeita.

Com o lábio superior quase grande de mais, como se de alguma forma parecesse atrair sempre picadas de abelhas. Em tempos, ele equilibrava todo o meu coração em cima daquele lábio.

– Quando, afinal? – pergunto-lhe enquanto me viro e o enfrento, agarrando-lhe o pulso para apertar as mangas do seu *patch scarves trucker jacket* de ganga preta, também da Amiri, sem a sua permissão. Consigo sentir os seus olhos em mim, a observar-me, esperando que eu olhe para cima e, quando o fizer, vai doer-me no centro de mim como sempre acontece quando os nossos olhos se encontram. Um peixe de volta à água. Um alívio da dor.

– O quê? – pergunta o Beej, com as sobranceiras descontraídas, observando-me atentamente.

Pego-lhe na frente do casaco, tentando perceber se ficaria melhor abotoado ou não. Aperto-lhe os botões em sentido ascendente. Ele move a cabeça, ainda à procura dos meus olhos e, quando não o encaro, levanta-me o queixo para cima para o encarar, segurando-o entre o polegar e o dedo indicador.

A distância física entre nós é escassa, mas, de alguma forma, parece existir uma floresta a crescer entre ambos. Pinheiros de erros tão altos que não

conseguimos ver por cima deles, e rios de coisas que não dissemos tão largos que não os conseguimos contornar. Não estamos nem perto de onde pensávamos estar, estamos completamente fora da rede, e eu sinto-me perdida e sozinha por um minuto, mas estou perdida e sozinha com ele.

– Estava apenas a pensar quando, só isso. – Pestanejo muito. Ajuda a manter as memórias à distância. Desabotoo os botões. – Porque estiveste comigo quase toda a semana passada, por isso não sei realmente quando tiveste tempo de fornicar com uma rapariga muito, muito branca, cujos globos oculares são, sem dúvida, demasiado afastados.

Ele sorri-me, divertido. É alto, este BJ Ballentine. Um metro e noventa.

– O que foi? – Encolho os ombros inocentemente. – Fantasmagoricamente branca com olhos alienígenas esbugalhados é inegavelmente a estética de Fabio Zambenardi.

O BJ reprime um sorriso.

– Tinhas namorado, Parks – diz-me ele outra vez, e eu ignoro-o porque isso não tem nada que ver com o assunto.

Volto a apertar-lhe o casaco.

– Mas estive contigo o tempo quase todo, por isso não percebo como, literalmente, quando...

– Queres que partilhe a minha agenda contigo?

– A tua agenda sexual? – pergunto abruptamente, mas indago-me se devo dizer que sim de qualquer maneira, porque provavelmente seria útil para organizar a que noites da semana eu podia planear lavar o cabelo, e também saber o seu paradeiro em geral, que eu gosto de conhecer a todo o momento, mas não posso... em nenhuma circunstância... comprometer-me, por isso limito-me a dirigir-lhe um olhar.

Os seus olhos semicerram-se.

– Eu não tenho uma agenda de sexo.

Lanço-lhe um olhar.

– Bem, é certo que não tens uma agenda de trabalho...

– Eu tenho um emprego. – E revira os olhos.

– O quê, tirar a camisa para o teu clube de fãs do Instagram?

Ele coça a parte de trás do pescoço enquanto sorri, embaraçado.

– Estou apenas a tentar pagar as contas. – E encolhe os ombros, divertido. – Nem todos nós nos sentamos em cima de uns confortáveis oitocentos milhões de dólares, Parks.

– Tens razão, tens razão – admito. – Então, e diz-me lá, como é que vai aquela pequena ilha que a tua família possui ao largo da costa de Granada...

Ele lambe o lábio inferior, sorrindo.

– Tinhas de dizer pequena...

– Mais pequena do que a minha – contraponho, e ele ri-se.

Olha-me de cima a baixo, com os olhos a arrastarem-se sobre mim como as suas mãos costumavam fazer – inspira profundamente e exala o amor que tem por mim. Olha através de mim para si próprio no espelho. Enfia as mãos no cabelo.

– O que é que decidimos acerca dos botões?

Volto a desabotoá-los e ele olha-me de cima, com um sorriso malandro a surgir-lhe nos lábios.

– Sempre a tentar despir-me...

Reviro os olhos, mas as minhas bochechas ficam rosadas.

– Querias.

Pego na bolsa de ombro de *nubuck* azul Le Chiquito Noeud, da Jacquemus, da minha quarta prateleira de bolsas.

– Quem me dera – admite ele, e depois espreita à volta do meu corpo. – Tens algum botão que precise de ser desapertado?

Eu dou-lhe uma palmada, a rir.

– Vai-te foder.

– Anda. – Pousa o braço à volta do pescoço, puxando-me para a porta. – Vamos chegar atrasados.

– Então, Parks – pergunta o BJ, com um pequeno sorriso e olhos semicerrados. – Qual é a tua embirração número um esta semana?

– Esta semana? – Franzo o sobrolho. Estamos sentados numa mesa com a Série Completa, os nossos amigos mais próximos, mas mesmo assim, por vezes acontece uma coisa e depois todo o mundo fica negro e tudo o que conseguimos ver é um ao outro.

– Bem – diz ele, encolhendo os ombros. – Eu sei o que é desde sempre.

Levanto as sobrancelhas.

– Agora, já sabes? – Ele acena com a cabeça e eu tamborilo com os dedos em cima da mesa, à espera. – Elucida-me.

Estamos no Annabel's e, da próxima vez que lá fores, recomendo vivamente que peças uma garrafa de Dom Pérignon Rosé de 1995.

Mas não é isso que o BJ está a beber. Ele está a beber um Negroni. Sempre um Negroni, a menos que a noite se encaminhe para a loucura, e aí será um Don Julio de 1942.

– A tua embirração número um de sempre... Quando outras raparigas me dão atenção. Obviamente. – Faz um pequeno trejeito com a boca, como se dissesse «Toma lá».

Eu zombo e abano a cabeça com veemência.

– Não. Isso não é... nem remotamente perto.

Embora esteja definitivamente, e absolutamente, cem por cento correto.

Ele revira os olhos, ignorando a mentira.

– Esta semana, então, continua...

– Miúdas que anunciam que não estão a usar maquilhagem no Instagram que obviamente não estão a usar maquilhagem no Instagram...

– Oh – diz a minha melhor amiga, a Paili Blythe, metendo-se na conversa. – Odeio isso! – Prende um pedaço do seu cabelo loiro platinado atrás da orelha e franze o pequeno nariz, frustrada. – O que é que elas querem de nós, uma condecoração?

Faço-lhe um gesto de «muito obrigada» antes de continuar.

– Não entendo realmente porque é que ser intencionalmente descuidada é fonte de gabarolice.

– Algum cosmético corretor, talvez? – acrescenta a Paili. – Um bom creme *blush*.

– Oh, o que é isso, Charlotte? Não estás a usar maquilhagem hoje? – Não pergunto a ninguém em especial. – Sim, eu sei... é terrivelmente óbvio quando se tem o dom da visão.

O BJ passa a língua ao longo dos seus molares traseiros, sorrindo. Solta uma gargalhada e abana a cabeça.

– Nem toda a gente sai da cama a parecer uma rena dos desenhos animados, Parks...

– Eu... – O meu rosto vacila. – Isso é... Isso é suposto ser um elogio?

– Absolutamente. – Acena com a cabeça.

– Vá lá – diz o Henry Ballentine, o meu amigo mais antigo do mundo. Em termos de visual, é muito parecido com o seu irmão mais velho, com o cabelo castanho e o sorriso que pode engravidar, mas com olhos azuis em vez do verde do BJ, e ocasionalmente com óculos, ainda que nenhum de nós tenha a certeza absoluta de que ele precise de os usar. Ele mete a cabeça na conversa:

– Todos sabemos que o Bambi foi o despertar sexual do BJ.

– Ei, o Bambi é macho – anuncia o Christian Hemmes, com o seu sotaque de Manchester a notar-se, como acontece sempre que está divertido. Tivemos uma vez um encontro, o Christian e eu. Uma espécie de. Não diríamos isso agora, mas penso que o fizemos. E foi mau. Mau para mim, mau para ele (especialmente mau para ele), mau para o Beej (especialmente, especialmente mau para o Beej) – mau para todos, na verdade.

Mas ele é bonito, o Christian. Cabelo dourado, olhos cor de avelã, boca pesada. Quase angélico, na aparência, não nos atos. Na verdade, ele é aterrador em ação. Tento não pensar nisso, no que ele e o seu irmão fazem... Eles pensam que eu não sei. Mas eu sei. Eu sei tudo sobre estes meus rapazes.

O Henry e o BJ parecem ambos confusos e perturbados com a revelação do Christian.

Lanço-lhe um olhar superficial e viro-me para o Beej.

– Então, se eu sou uma rena, o que és tu?

– Um lobo – diz-me ele sem perder tempo.

Reviro os olhos.

– Do tipo solitário?

Ele abana a cabeça, com os olhos a ficarem de tal maneira suaves como não deviam numa mesa cheia de pessoas que conhecemos, e numa sala cheia de pessoas que não conhecemos.

– Do tipo que encontra uma rena na floresta que não consegue chegar sozinha ao topo do seu armário de medicamentos, nem mudar o óleo do seu motor, nem...

– Parece uma rena muito avançada – sussurra o Henry ao seu irmão.

– Bem, é definitivamente uma rena complicada – diz-lhe o BJ, e eu franzo o sobrolho. Ele sorri.

– Sem o lobo, a rena provavelmente não teria conseguido vestir aquele vestido que está a usar. – O BJ acena-me com a cabeça. – Não se alimentaria desde 2004; por isso, o lobo fica por perto por causa da bondade do seu coração.

– Acho que os lobos comem renas – diz o Henry, sem cerimónia.

O BJ revira os olhos, mas preocupa-me que o Henry tenha razão.

O Perry Lorcan – de cabelo castanho puxado para trás, grandes olhos castanhos, sorriso ainda maior, maçãs do rosto cavadas e completamente lindo, completamente fabuloso, abana a cabeça do outro lado da mesa.

– O Henry está confuso. O Bambi foi o meu despertar sexual. O do BJ foi a Ariel – E gesticula para o seu peito. – O sutiã de conchas. Ele é doido por mamas.

Não era minha intenção, mas olho para o meu peito e, quando olho para cima, o BJ está a observar-me. Pisca-me o olho subtilmente e sorri.

Faço o meu melhor para não entrar em combustão espontânea imediatamente.

– Então – o Beej inclina-se na minha direção, fingindo limpar uma pestana solta que não está na minha cara; apenas um motivo para me tocar, na verdade –, ambos sabemos qual é a verdadeira – Tento não sorrir para ele. – Mas, então, qual é a tua falsa embirração de estimação de sempre?

Eu tento não sorrir para ele.

– Tu também sabes essa.

– Também? – Ele fixa-me e eu reviro os olhos. Faz uma pausa de um segundo para pensar. – Rosas e ranúnculos no mesmo ramo de flores?

Aceno uma vez com a cabeça.

– Nojento como tudo. Completamente sem graça.

Ele ri-se do fundo da garganta e eu adoro quando ele se ri das coisas que eu digo, quero fazê-lo rir para sempre, mas não posso porque ele partiu para sempre e ainda assim luto contra a vontade de o beijar dê lá por onde der. O Jonah Hemmes, o irmão mais velho do Christian, estica os braços do outro lado da mesa – sempre de preto. Casaco de ganga preto, *T-shirt* preta, calças de ganga pretas, botas All Star pretas, mas ele é muito brilhante por dentro, apesar da natureza precária do seu trabalho. O seu cabelo podia ser loiro, mas penso que é castanho, e os seus olhos podiam ser verdes, mas penso que talvez sejam castanhos ou cor de avelã? Todos os seus ângulos são afiados: maxilar afiado, nariz afiado, língua afiada. Só que não comigo, porque sou a sua favorita.

O Jo aponta com a cabeça para mim.

– Ela está a falar dos Monty Python outra vez?

O BJ abana a cabeça ao seu melhor amigo enquanto eu empino o nariz, indignada com tudo aquilo.

– É uma mancha na história do cinema britânico e não quero ouvir mais nenhuma palavra sobre isso.

– Sei o que vamos ver esta noite, então. – O Beej pisca o olho.

– Oh, sim. – E dirijo-lhe um olhar fugaz. – Eu também. Deixámos o Jack Bauer numa posição muito precária, ontem à noite.

O Jonas bate com a mão quando chega e pega na minha bebida.

– Esse pobre coitado está sempre em posições precárias...

Prova o *cocktail*, e depois faz uma cara de repugnância. Demasiado doce.

Henry cutuca o irmão.

– Ontem à noite? – sonda ele em voz baixa. Eles pensam que não os consigo

ouvir. – Quantas noites esta semana, então?

– Todas? – Os olhos de BJ semicerram-se. – Que tens tu que ver com isso?

Henry levanta uma sobrancelha.

– Está a lidar bem essa separação dela...

O BJ cerrou os maxilares, defensivamente.

– Está, sim.

O Henry dirige-lhe um olhar.

– Porque vais passar com ela todas as noites esta semana?

O BJ fica na defensiva.

– Passei com ela todas as noites da semana anterior, quando ainda não se tinha separado, portanto...

– Não foram todas as noites – intrometo-me. – Apenas três em sete.

Ambos olham para mim, um pouco surpreendidos, como se se esquecessem de que estavam a ter a conversa mesmo à minha frente.

– Quatro – sussurra o BJ para que só eu o possa ouvir, e as nossas caras estão tão próximas que fico tonta e no meu hálito ainda se notam estilhaços do meu coração partido.

Quatro? Não admira que o Brooks Calloway me tenha deixado.

Não sei porque é que isso me trespassa, mas trespassa. Como uma flecha.

A coisa das quatro noites?

Ele é o único homem de quem chorei a perda, o único amor que alguma vez amei.

Antes mesmo de saber que o estou a fazer, afasto-me da mesa, sentindo-me tonta e em pânico – mas não estou a ter um ataque de pânico, porque não tenho isso, isso é para pessoas que não controlam as suas vidas e eu tenho controlo sobre tudo, absolutamente tudo, especialmente sobre o meu coração. Apenas vem e vai em ondas, a dor de o perder. Na parte de trás da minha cabeça, em momentos engraçados, em lugares peculiares.

Como três anos após o facto, no The Dorchester, com ele sentado ao meu lado, com o casaco Amiri que escolhera para ele uma hora antes, todo desabotoado

como o meu cérebro fica sempre que ele está perto.

Pensavas que eu estava a falar do meu namorado de há uma semana?

Que tolíce a tua. Tão otimista acerca da minha capacidade de largar o navio a afundar a que o meu coração está acorrentado.

- Aquela é a Magnolia Parks?
- Onde está o namorado dela?
- Ela está aqui com o BJ Ballentine?
- Eles estão juntos outra vez?
- Eles nunca estão juntos.
- Ela não tem namorado?
- Gosto do vestido dela.
- Odeio o vestido dela.
- Eles andam a foder outra vez?

Estas são algumas das coisas que ouço ao percorrer o meu caminho para a casa de banho, tentando não desmaiar antes de lá chegar.

A coisa das quatro noites – e não foi por isso que o Brooks Calloway e eu acabámos, a propósito. O Brooks não sabe disso. Ou sabe, provavelmente, porque todos parecem saber mais sobre mim do que eu penso que sabem. O Brooks não quer saber, ele nunca se importou. Na sua forma mais crua e nos seus termos mais secretos, não falados, tivemos uma relação mutuamente vantajosa, o Calloway e eu.

Eu era o seu bilhete para a vida em que ele não nasceu, e ele era a minha última linha de defesa. Uma deflexão fenomenal e um estratagema frouxo para explicar porque é que eu e o BJ não somos o que o BJ e eu realmente somos. Algo a atrás do qual me pude esconder, e algo a invocar quando sermos apenas os melhores amigos do nosso melhor amigo deixa momentaneamente de preencher o vazio de o amar que se abriu em mim em primeiro lugar.

Olho-me ao espelho da casa de banho, empurro o meu cabelo escuro para trás das orelhas, puxando as minhas argolas de ouro e pérolas Mizuki. Molho uma toalha de papel. Pressiono-a nas minhas bochechas, que estão mais escuras do que

o habitual porque eu e o Beej estivemos em Pentle Bay durante alguns dias, e a minha mente não consegue deixar de pensar como é que ele só não esteve comigo três noites em sete na semana passada e ainda se conseguiu enfiar numa modelo da Miu Miu? Onde é que eles se encontraram? Eu estava lá quando eles se conheceram? Quantas vezes terão sido? E onde é que eles o fizeram? Num hotel? Na casa dele? Em que casa? Nunca na dos pais, a mãe matava-o. Na casa que partilha com o Jonas? Ela terá estado lá depois de mim? Ele mudou os lençóis? A ideia de dormir nos lençóis onde o BJ terá feito sexo com outra faz com que os meus olhos fiquem marejados de uma forma que não compreendo, mas com a qual estou bastante familiarizada neste momento, porque acontece a toda a hora. Isto é o que ele faz. Outras mulheres.

Não andamos a dormir juntos, a propósito – apesar do que leste nos jornais. Não se deve acreditar em tudo o que se lê *online*, mas podes acreditar nisto: em tempos, o BJ Ballentine foi o amor da minha vida.

E já não é. E, neste momento, isto é tudo o que precisas de saber.

– Estás bem? – A Paili aparece atrás de mim no espelho.

– Hmm? – Viro-me. – Sim. Ótima.

As sobrancelhas dela franzem-se e ela não acredita em mim.

– Sabes, seria normal não estares bem – responde ela.

– Eu sei – e encolho os ombros, ligeiramente. – Nós realmente acabámos de terminar a nossa relação, demora algum tempo a habituarmo-nos a...

– Referia-me à modelo da Miu Miu.

Franzi o sobrolho.

– Como é que sabes da modelo da Miu Miu?

Ela dirige-me um sorriso desesperado e arrependido.

– O Perry?

O meu sobrolho franzido fica mais profundo.

– Como é que ele sabe?

A Paili parece desamparada.

– Quem quer que ela seja, não teria categoria nem para te segurar uma vela...

Desvio o olhar dela e volto para o meu reflexo.

– Obviamente – amuo eu. – Tenho praticamente diamantes como olhos.

A Paili reprime um sorriso.

– Não quero saber – digo com um abanão de cabeça.

Percebo que ela não acredita em mim. Foda-se.

Tiro o batom coral perfeito da minha *clutch* Alexander McQueen, em pele texturada de caveiras; os lábios coral perfeitos tornam a minha pele castanha mais castanha e os meus olhos claros destacam-se de imediato da minha face.

– Essa expressão – ele adora os meus, quando eu o deixo, o BJ Ballentine – é dos anos 1600, sabia? Quando um aprendiz de um mestre artesão era treinado apenas para lhe segurar a vela para dar luz.

A minha melhor amiga dirige-me um olhar conhecedor; o seu rosto suaviza-se, e ela parece triste por mim e eu odeio quando as pessoas parecem tristes por mim, mas ela é uma das pessoas que eu menos odeio.

Pega na minha mão, puxa-me para fora da casa de banho e depois esbarramos de imediato no BJ.

– Olá. – Ele lança-me um sorriso grande e estranho.

Eu faço-lhe um olhar esquisito.

– Olá?

Ele cruza os braços sobre o peito, bloqueando casualmente o meu caminho.

– O que estás a fazer?

Olho para ele e para a Paili, confusa.

– A voltar para a mesa?

Ele aperta os lábios.

– Não. – Abana a cabeça para mim como se eu fosse tola. – Não. Vamos voltar para a casa de banho. – E começa a empurrar-me para trás.

– O que é que tu... – começa a Paili. – Oh. – Ela para. E vê algo que eu não vejo. – Sim. Casa de banho.

O BJ acena-me com a cabeça.

– Já... viste.... os novos... secadores de mãos Dyson que têm nestas casas de banho? – O BJ assobia. A Paili acena com a cabeça, entusiasticamente.

– Uau...

– Sim – aceno-lhe com a cabeça, como se fosse uma louca. – Sim. Mesmo agora, de facto. E olho para ele. – Também tens iguais em tua casa.

– Sim – acena ele com a cabeça. – Um pouco esquisito, não achas? Devo retirá-los?

– Bem, na verdade, sim, se não te importas, porque são bastante barulhentos, e o Jonas tem uma bexiga tão pequena; ele levanta-se quatro vezes por noite e eu consigo ouvi-lo através das paredes. Além disso, pessoalmente, prefiro aquelas coisas descartáveis sem papel, de tecido, mas podemos falar sobre isto à mesa, porque já que estamos a falar do assunto há outras coisas na tua casa de banho que eu gostaria muito de mudar...

Naquele momento, vejo o meu ex-namorado de há uma semana de mãos dadas com uma rapariga que nunca tinha visto antes, a algumas mesas da nossa.

– Que merda é esta? – digo muito mais alto do que pretendo.

Na verdade, já vou na direção dele antes de perceber que estou vou na direção dele. Como uma pequena traça masoquista na direção de uma chama idiota. O Brooks Calloway olha para mim com os seus grandes, estúpidos e adormecidos olhos castanhos e surpreendidos.

– O que estás aqui a fazer? – pergunto eu, mãos nas minhas ancas.

– Hum. – Ele olha para mim e para a rapariga com quem está. – A jantar?

Eu lanço à rapariga com quem ele está com um olhar rápido.

– Olá, lamento imenso, sou a Magnolia... – E depois olho para o Brooks. – E que porra é esta? – pergunto eu, de mãos nas ancas. – Estás aqui com outra rapariga?

Ainda nem sequer foi impresso nas páginas da sociedade que acabámos e ele já anda a sair com outras mulheres?

– Estou – responde ele, orgulhoso.

– Que raio! – Quase bati com o meu pé em protesto. – Isso é tão rude.

Ele olha para além de mim, para o BJ, que está perto de mim. Deita um olhar pensativo ao BJ e a mim, longamente.

– Ai, sim? – E olha de relance. – Olá, BJ.

O BJ acena uma vez com a cabeça, com sorriso forçado. Nunca foi fã dele, na verdade.

– Calloway.

– Hum – digo eu, inclinando a minha cabeça para trás, incrédula. – Desculpa, mas espera, as pessoas ainda pensam que estamos juntos. Estás aqui com outra rapariga.

– Certo. Mas tu estás aqui com outro homem?

– Estou aqui com vários homens – esclareço.

– Muito melhor. – Ele acena com a cabeça, mas não me parece que esteja a ser sincero.

– Estou aqui com os meus amigos.

– Estás aqui com o Ballentine – diz-me ele com um olhar que me faz pensar se ele estava menos satisfeito com o nosso acordo do que eu pensava anteriormente. Aclara a garganta. – Seja como for. Esta é a Hailey...

– Ele faz manicura, sabes? – aviso-a. A Hailey olha para ele, insegura.

– Manicura masculina – esclarece o Calloway.

– É a mesma coisa – começo eu.

– Não é nada! – interrompe ele. – Não é a mesma coisa!

Eu abano a cabeça.

– É um polimento, uma forma...

– E um verniz transparente no final – diz o Brooks, com um encolher de ombros inocente.

– Porque é que precisas de qualquer polimento afinal? – E semicerro os olhos na sua direção.

– Unhas quebradiças.

– Ooh – arrulho, ironicamente. – *Sexy*.

Ele revira os olhos para mim.

– A Hailey e eu temos andado a sair durante os últimos três a quatro meses.

Eu fico a olhar para ele durante alguns segundos.

– Nós só namorámos durante cinco meses.

O Calloway acena alegremente com a cabeça.

– Vá lá, meu – diz o BJ e faz uma careta.

E o Calloway levanta-se, quase de um salto, como se estivesse à espera disto.

– Então, o que és esta noite, o cão de guarda dela ou o namorado?

O BJ agita-se um pouco à minha frente, e dirige-lhe um sorriso forçado.

– Eu sou a merda que ela precisa que eu seja.

– Oh – o Brooks abana a cabeça, calmamente. – Então, és a cabra dela.

A cabeça do BJ inclina-se para trás, surpreendido.

– Queres ir lá para fora?

O Beej dá um passo na sua direção, e um barril de nervos rola sobre o Brooks como uma onda. Não queres estar do lado errado de uma luta com o BJ em geral, quanto mais se o tema me diz respeito. Ele não consegue ver direito quando se trata de mim, diz o Jonah. Pus a mão no peito do BJ, tentando gentilmente afastá-lo, mas ele grita por cima da minha cabeça:

– Tenta – diz-lhe o BJ. – Seu monte de merda.

– *Woah*. – Sacudo a minha cabeça para os dois, lendo a sala e vendo os telefones a aparecer.

E, honestamente, não sei bem qual é o plano do Calloway aqui; ele está a provocá-lo ou assim.

– Anda cá dizer-me isso na cara – grita ele para o Beej, e algo na sua postura de luta me lembra o Leão Covarde em *O Feiticeiro de Oz*.

É um pouco presunçoso, o velho Brooks, e embora não esteja literalmente a levantar os punhos no ar, dizendo «defende-te», é como se estivesse. Entretanto, o Baxter James Ballentine poderia ser qualquer coisa desde jogador de rãguebi a um dos Vingadores – porque é que o Brooks está a tentar lutar com ele está para além da minha compreensão e eu sinto-me inquieta com isso de qualquer maneira.

Também me sinto inquieta com o BJ a esmurrar alguém por mim. Mais uma vez. Inquieta com as manchetes da manhã. Mais uma vez. Inquieta acerca do que vão dizer, acerca de nós, acerca de mim. Por vezes, não são muito simpáticos sobre mim.

– Eu disse-o na tua cara, seu cabeça oca – grita o BJ, e há telefones com câmara a piscar e os empregados aproximam-se, nervosos.

– Engraçado teres mencionado isso, sabes quem adorava a minha cabeça? – começa o Calloway, com um ar presunçoso, e o meu maxilar cai.

Os meus olhos semicerram-se quando aponto um dedo para ele.

– Não te atrevas a dizer isso...

O BJ fica com um olhar nos seus olhos; e é um mau olhar. Eu sei que é um mau olhar porque, de repente, os outros rapazes estão à nossa volta.

Já consigo ver as manchetes: «Ballentine algemado no The Dorchester», «Os rapazes despem-se por Parks», «Magnolia Parks adora cabeça» (... isso seria no *The Sun*). O Brooks nunca aparece nos jornais sem mim, talvez seja por isso que está a fazer isto? Ele preocupa-se com coisas como os jornais. O Beej olha longamente para o Brooks, desafiando-o a terminar a frase.

Fica ali a pairar. E eu tenho esperança, por um milésimo de segundo, de que o Calloway tenha o bom senso de retirar tudo o que disse.

– Era ela. – O Brooks aponta para mim.

– Isso é factualmente impreciso! – anuncio em voz alta a toda a sala, porque isso parece ser a parte mais importante a esclarecer. – Não é verdade! Isso é... A tua «cabeça» é... bem, lamento dizer, é de facto um pouco desanimadora, para ser honesta contigo. – Dirijo um olhar comiserado à nova rapariga.

– Já a vi – diz-me ela.

– Claro que viste. – Aceno-lhe com a cabeça uma vez. – As minhas condolências.

– Ei! – O Brooks fica carrancudo.

Ignoro-o e viro-me para olhar para o BJ. Tem o maxilar saliente, os punhos cerrados, está pronto a lutar pela minha honra em qualquer dia da semana.

– Vamos embora – digo-lhe, mas ele não se mexe.

O Beej olha para além de mim, para o Calloway, e eu seguro-lhe a cara com a minha mão, virando-a na minha direção, ignorando os *flashes* das câmaras a girar à nossa volta e, por um segundo, não me importo se o *Daily Mail* fizer uma peça sobre nós porque é tudo treta de qualquer maneira. Tudo. Todos eles desaparecem na negridão. Tudo o que consigo ver é ele.

Procuro os olhos dele.

Encontro-os e eles amolecem assim que os encontro.

– Leva-me para casa, Beej – digo-lhe com um olhar que ele não pode ignorar.

– O Jack tem uma bomba para rebentar.

Ele pega na minha mão e beija-lhe as costas.

– Que se lixe o David Palmer. Bauer para presidente.

BJ

O meu pai vai-se passar. A reputação de um homem é tudo, diz ele. Ele pode dizer isso porque a dele é boa. Não sei qual é a minha reputação atualmente, mas tenho quase a certeza de que não será algo que o meu pai goste de andar por aí a apregoar.

– Outra luta, BJ? – diria ele.

Eu não diria nada, revirando os olhos.

– Em quantas lutas tens de te meter antes de perceberes que é tarde de mais. Perdeste a Magnolia há muito tempo. – Isso é o que ele me dirá amanhã de manhã.

Provavelmente, numa mensagem de voz, porque não irei para casa esta noite.

Não sei como sabe ele que fui eu que perdi a Magnolia, e não ela que me perdeu – mas tem razão. Ele não sabe que tem razão; apenas assumiu que tem razão, o que, na realidade, é irritante com a merda, porque tem razão. Mas estou acostumado a isso. Habitado à sua retidão e também às longas mensagens de voz cheias de sabedoria não solicitada que é desperdiçada em mim, mas que ele partilha de qualquer maneira. Penso que desejaria que eu fosse diferente. Melhor, ou alguma merda. A Parks diz que isso não é verdade, que os meus pais me amam profundamente – mas não significa que o meu pai não desejasse que eu fosse um homem melhor.

Quero dizer, foda-se – até eu desejava ser um homem melhor.

A mensagem de voz que ele me vai deixar é exatamente o que me diz depois de cada luta em que me meto por ela. Mas estão todos em cima dela. A questão é essa – não só porque a amo e ela é ela, mas porque ela é a minha família. Eles são todos a minha família. O colégio interno faz isso às pessoas – obriga-te a criar a tua própria família – e quer eu a ame ou não, ela é minha.

É honestamente, sabes que mais? De todas as razões de merda pelas quais me tenho metido em brigas ao longo dos anos, o ex-namorado da Parks a anunciar publicamente no The Dorchester que ela gostava da pila dele pareceu-me uma

razão tão boa como qualquer outra.

Tecnicamente, nem sequer lutei com ele.

O *LMC* e o *Loose Lips* não se vão importar; de qualquer modo, vão noticiá-lo como se eu o tivesse feito.

A Parks disse que ligaria ao Richard Dennen de manhã, para refrear qualquer coisa que a *Tatler* pudesse publicar.

O carro encosta junto à sua casa, em Holland Park.

– Uma modesta casa de dez quartos, em Holland Park – ouvi-a explicar a alguém na semana passada. – Tem uma piscina interior, mas no exterior não, o que é uma vergonha, mas safamo-nos – disse ela solenemente à assistente da loja que não tinha perguntado nada sobre a casa dela. Passamos por aquelas pesadas portas negras da frente contra as quais já a bejei um milhão de vezes e não posso evitar – o que esta casa me faz –, amei-a em todos os cantos. Despi-a em todos os quartos. A casa transforma-me na merda de uma papa. Sinto uma nostalgia em esteroides com uma tonelada de oxitocina sempre que estou neste *foyer* – uma vida inteira de recordações a vê-la descer aquela escadaria curva de mármore, com o coração na minha garganta, e com ela nas minhas mãos...

Amar alguém como eu a amo arrasa um pouco uma pessoa. Dar cabo de tudo como dei também destrói um bocado uma pessoa.

Ela fecha a porta da frente de forma extra silenciosa e ultra lentamente, com o seu dedo pressionado na boca, mandando-me calar.

– Porque me estás a mandar calar? – sussurro-lhe, com a minha boca mais perto do seu ouvido do que o necessário, mas exatamente onde queria.

– Porque se acordarmos a Marsaili ela vai gritar comigo por te trazer cá para casa...

– Ah. – Anuo como se não fosse um murro no estômago que o adulto mais importante da vida da Parks pense que eu sou lixo. Coisinha assustadora, aquela Marsaili MacCailin. A sua ama de infância, cuidadora, guardiã – o que te ocorrer, ela era para a Parks. Sempre por perto desde sempre, poderia tê-la literalmente puxado do ventre da sua mãe, tanto quanto sei. Aparece em todas as fotos de família, a figura parental que os seus pais não eram. Cabelo ruivo, cerca de um

metro e meio, cara bonita, mas sempre carrancuda – pelo menos para mim. A Mars costumava ser a minha maior fã, mas agora, provavelmente, acende logo a porra de um *cocktail* aromático purificador para limpar os espíritos cada vez que saio de uma divisão.

– E também porque se a minha mãe te vê, provavelmente vai tentar montar-te ou algo assim, não sei. – A Magnolia revira os olhos, e eu sorrio. Principalmente porque ela está a brincar, e um pouco porque não está.

Não é uma mãe normal, aquela Arrie Parks. A *designer* de malas.

Super divertida, bastante solta, achava sempre ternurento apanhar-me com a mão sob a saia da sua filha, e não era uma chata quando nos encontrava com algumas substâncias ilícitas na adolescência (e ocasionalmente se juntava a nós). O seu atributo número um, no que me diz respeito, é que ela ainda é a minha maior fã, apesar das minhas transgressões.

– Onde está o teu pai? – E olho à volta. Gosto da sensação de estar sozinho com ela nesta casa.

Parece que voltámos a ser crianças, a entrar sorrateiramente depois de termos saído à socapa.

– Em Atlanta – disse ela, encolhendo os ombros. – Está de volta pela manhã.

O pai dela – quer dizer, tu sabe quem é o pai dela. Harley Parks? O produtor? Treze Grammys nos últimos vinte anos, e cerca de trinta e cinco nomeações. O homem é uma lenda. Um pouco aterrador.

Sabes o que é namorar a filha de um tipo grande, negro e corpulento que tem o 50 Cent na lista de marcação rápida? Alto stresse, pá – é mesmo assim.

Passei a festa dos dezassete anos dela constantemente preocupado porque tenho quase a certeza de que o pai dela disse ao Kendrick Lamar e ao Travis Scott para me vigiarem atentamente e me manterem na linha. A Parks tentava apalpar-me sempre que podia, porque ela é uma coisinha atrevida quando tem um grão na asa, e eu tinha de a afastar, por isso ela foi uma merda para mim e eles acharam engraçado – foi uma grande merda de uma noite.

Estou contente por o pai dela não estar aqui, para ser honesto – se a Parks e eu andássemos a fazê-lo, ia dormir com ela na cama dele em jeito de o mandar à

merda, mas não andamos, por isso vou adormecer na cama dela, como faço na maioria das noites.

Continua a ser um pouco mandá-lo à merda, suponho eu.

Quando chegamos ao quarto dela, tiro a camisa e vou diretamente para a casa de banho. Ela tem uma coisa estranha com chuveiros e lençóis. Não se pode entrar numa cama sem tomar um duche.

Imaginas como é uma regra destas quando se está bêbado? Insuportável como a merda. Provavelmente, tivemos um milhão de discussões por causa disso, e nunca ganhei nenhuma delas.

Ela entra na casa de banho enquanto estou a tomar banho. Pega na sua escova de dentes, e gira sobre o seu pezinho nu, observando-me. Só a minha parte de cima, a metade de baixo está por trás desta parede de azulejos de merda através da qual não se consegue ver, e eu gostaria que não estivesse lá todos os dias e sei o que estás a pensar – mas que porra? É esquisito. Eu sei que somos esquisitos.

Mas eu estou apaixonado por ela. E esta é a única maneira que ela me deixa tê-la, por isso, que se lixe, atiro-me de cabeça mesmo assim.

– Queres juntar-te a mim? – pergunto-lhe, só para ver a reação.

– BJ – rosna ela, mas de uma forma oca. Os seus olhos piscam em jeito de falso aborrecimento, mas as suas bochechas ficam coradas. Vira-se, olha-se ao espelho, e mexe no rosto, ainda que nada houvesse que o justificasse.

– Posso ver-te a tomar duche, pelo menos?

Ela faz uma careta.

– Obviamente que não.

Inclino a minha cabeça para ela.

– É um pouco hipócrita.

Ela adora uma cabeça inclinada. Respira fundo, e eu odeio aquilo. Odeio o que quer que sejamos. Odeio não poder agarrá-la, beijá-la e levá-la para o banho. Odeio esta caixa em que ela me pôs, odeio as paredes que ela construiu à volta dela. Odeio o que sobra da nossa relação, mas é tudo o que nos resta. E é a melhor parte do meu dia.

– Passa-me uma toalha – digo-lhe eu, quando saio do duche.

As suas mãos voam para cobrir os olhos, mas está a tentar lutar contra um sorriso.

– Ó meu Deus.

– Eu sei, não é? – E suspiro, orgulhosamente, só para a irritar.

– BJ! – grita ela, com as bochechas da cor que costumavam ter antes de nós estarmos prestes a... tu sabes.

Ela dirige-me a mão às cegas, passando-me uma toalha e também tentando bater-me.

– Cuidado com essas mãos, Parks.

Com os olhos ainda fechados, empurra-me para fora da casa de banho, com as mãos a escorregar pelo meu corpo. Ambos sabemos que é de propósito, mas ela juraria até à morte que fora um acidente. E noutra vida, eu largava a toalha, agarrava-a pela cintura, beijava-a loucamente e levava-a de costas para a cama, mas, nesta vida, ela bate-me com a porta na cara.

Visto umas calças de fato de treino que a Parks me comprou esta semana que tiro da gaveta que ela lhe diria que não é «a minha gaveta», mas é a porra da minha gaveta, e ambos sabemos disso, e subo para a cama dela. Sento-me do lado dela para que ela finja estar chateada quando sair do duche e depois me empurre para o meu lado e tenha de me tocar novamente, porque sou viciado nas mãos dela no meu corpo.

Ela sai dez minutos depois, numa *chemise* de seda rosa-clara La Perla. Eu sei que é de lá porque a comprei para ela. Não é realmente *sexy*. Não tem rendas nem nada. Ela crucificar-me-ia se eu lhe comprasse *lingerie sexy*. Fi-lo no Dia dos Namorados este ano, na verdade. Valeu a pena tentar porque o Dia de S. Valentim é também o meu aniversário. Disse à Parks que era tanto para mim como para ela, e que ela devia fazer-me aquele favor, ficando eu em dívida para com ela. Ela atirou-me tudo à cabeça. Usou-a no dia seguinte, já agora. Não que me tenha dito que a estava a usar, mas usou um *top* transparente para almoçar no dia 15 de fevereiro mais frio que se viu em Londres numa década.

Correu tudo como imaginei.

Ela fica com um olhar zangado... sobe para a cama, empurra-me com toda a força que consegue reunir, ou seja, quase nenhuma, e eu rio e ela empurra com mais força ainda, e eu puxo-a para baixo para cima de mim e durante alguns segundos ela fica ali, fingindo empurrar-me para o meu lado da cama, mas, na verdade, estamos apenas a tentar abraçar-nos da forma que nos resta, e dura três, quatro, cinco, seis – seis segundos antes de os seus olhos se arregalarem, lembrando-se da forma como a magoei há dois anos e pouco, e sai de cima de mim, com o lábio inferior imponente de uma forma que não é justa quando não se pode beijá-lo.

– Estás bem? – E olho para ela.

Ela olha para mim e o Rolodex na minha mente tenta encontrar uma forma de a fazer sentir-se melhor, mas não existe. Preciso da merda de uma máquina do tempo.

Os seus olhos piscam na minha direção – e ela pressiona o dedo na tatuagem no meu polegar. Um pequeno laço de corda para não me esquecer. Comprei-lhe um colar da Tiffany's para o nosso aniversário de um mês – o que não é nada, mas até é quando se tem quinze anos e se tem a rapariga dos nossos sonhos. Seja como for, ela adorou-o. Perdeu-o ao fim de alguns anos e deixaram de o vender. A primeira tatuagem que fiz para ela.

Mas são todas para ela – com a exceção de...

– Isto é novo. – Ela toca numa pequena tatuagem que fiz há uns dias no meu peito. Uma baleia. Por causa do Jonas? Ele pensou que era inteligente. Não me interessa – é pouco maior do que uma moeda de dois cêntimos.

Faço uma careta.

– Perdi uma aposta com o Jo.

Ela olha um pouco para mim, e solta um «humph» de desprezo.

– O que é?

– Nada. – E empina o nariz no ar. – Só acho que és um pouco imprudente com o teu corpo, só isso. – Encolhe-se como se não se importasse, mas eu percebo que sim.

– Não achaste que as outras vinte e duas fossem imprudentes.

– Isso é porque são sobre m... – Refreia-se antes de o dizer, e dirige-me um sorriso apertado e controlado.

É tudo profundo, mitológico, história, símbolos e merdas que ela sabe e eu sei e mais ninguém sabe, e adoro ter as marcas dela em mim. Ela costumava deixá-las de outras formas, mas agora já não. Ela comprime os lábios, recompõe-se e aclara a garganta.

– Isso é porque as outras vinte e duas pertencem a alguém que se preocupa com o teu corpo.

Eu reviro olhos. Não só para ela, mas também para mim e para nós e para a merda que andamos a fazer com as nossas vidas.

– É por isso que ando com os tomates azuis nos últimos três anos, então?

– BJ – E olha para mim, incrédula. – Tens literalmente mais sexo do que qualquer pessoa que eu conheça. Se ainda tiveres os tomates azuis, precisas de consultar um médico.

Começo a rir e ela começa a rir, embora não seja assim tão engraçado porque ela odeia, e por isso eu odeio também, mas ela namora e eu fodo e é isto que fazemos, por isso rimos.

A porta do quarto abre-se e a irmã dela preenche a abertura. Praticamente.

– Ora, ora. Se não é o casal mais disfuncional de Londres. – A Bridget Parks sorri para nós, cruzando os braços sobre o peito. Ela é dois anos mais nova do que a Parks, olhos castanhos, cabelo encaracolado, mais bonita do que pensa que é, mas não se importa com nada. A Bridge é a melhor amiga da minha irmã mais nova.

– Fridget. – A Parks acena-lhe com a cabeça, sentando-se mais direita. – Como foi mais uma noite emocionante a malhar nos livros?

– Adoro como fazes a educação parecer uma coisa má – zomba a Bridget em resposta, e a Magnolia olha-a de soslaio.

– Eu tenho educação – diz-lhe a Parks, de nariz no ar.

– Tens licenciatura em Humanidades – goza a Bridge –, que todos sabemos que é apenas educação superior que irradia «não saber o que fazer com a tua vida» e pagueste ao Imperial College uma quantia considerável que te confirmasse isso

num pedaço de papel.

– Sim, mas – semicerro-lhe os olhos –, ela entrou de facto no Imperial College...

A irmã revira os olhos.

– Como se o pai não tivesse pagado para ela entrar...

– As faculdades precisam de novas alas. – A Parks encolhe os ombros, não se sentindo incomodada com a acusação. – É o ciclo da vida.

A Bridge dirige-lhe um olhar.

– Será?

Solto um arfar.

– Diz-me, Bridget, como é não ter nada na tua vida a não ser universidade, ensaios e trabalhos? – A Parks volta-se para mim. – Não é triste? Não achas que é triste?

Eu liberto o ar dos meus pulmões.

– Não me metas nisto.

– Bem – começa a Bridge. – Vejo que vocês os dois estão nisto – e aponta para a cama de Magnolia – outra vez? Será que precisamos de ter a conversa?

– És tão qualificada como uma batata para dar essa palestra, Fridge...

– Eu faço sexo – ruge a Bridge.

– Com quem?

– Com pessoas.

– Com pessoas? – A Magnolia pestaneja bastante, larga e incredulamente. – No plural? A sério? – Ela dá-me um toque. – Estás a acreditar nisto?

– Estás a falar de quê, plural? – A Bridget volta a disparar. – A única pessoa com quem já tiveste sexo foi com ele.

As bochechas da Parks aquecem.

– Em termos de penetração, talvez, mas...

– Ó, foda-se – gemo.

É assim que elas são. São assim desde crianças.

E não há ninguém no planeta que a Parks ame mais do que a sua irmã, exceto provavelmente eu.

– Beej. – A Bridge acena-me com a cabeça. – Sem camisa, mais uma vez.

Pestaneja desalmadamente.

– Obrigado por isso.

– Isso foi um piscar de olhos? – pergunta a Magnolia, sabendo muito bem que foi. – Ou há algo de errado com as tuas lentes?

– Oh, Beej – A Bridget ignora a sua irmã. – Faz um favor a todos nós e dá a esta rapariga um orgasmo para que ela seja menos cabra.

– Acredita, Bridge – digo eu com um sorriso. – Estou a tentar.

A Magnolia atinge-me com um braço longo e desengonçado, e percebo que se magoa mais do que a mim. A Bridget revira-nos os olhos e sai, fechando a porta. Eu olho para a Parks e ela olha para mim e a mesma coisa que acontece todas as noites volta a acontecer. Olhamos um para o outro. Os meus olhos quase tão redondos como os dela, ambos congelamos no que antes éramos, enquanto tudo o que fizemos neste quarto flutua das paredes e dança à nossa volta como fantasmas de outro tempo.

Alguma vez tiveste alguém a olhar-te nos olhos e a usar todas as formas de te magoar? É intenso como o caraças. Mas, sabes que mais, ela também me magoou.

Ela bate palmas duas vezes. As luzes apagam-se e ela olha-me através da escuridão mais alguns segundos, e eu amo-a no escuro. Quer dizer, que se lixe – amo-a em todos os espetros de luz, mesmo na ausência dela.

Ela enfia-se debaixo dos cobertores, e depois assoma com a cabeça. Ambos olhamos fixamente para o teto. A sua respiração é tranquila. Ela tem alguns tipos diferentes de sossego, assim é a Parks. Um silêncio de pensamento, um silêncio cansado, um silêncio seguro.

Este é ponderado, um pouco zangado. Mas ela está sempre um pouco zangada comigo, acho eu.

O que, na verdade, não faz mal. Eu percebo. Odeio-me pelo que fiz cem por cento das vezes, nada desta merda de «vem e vai em ondas», é constante. Só tento o meu melhor para o abafar.

Ela abafa-o melhor do que qualquer outra coisa. Até a sua respiração silenciosa.

Depois, faço-lhe a nossa pergunta.

– Como está o tempo por aí, Parks?

Ela olha para mim, e eu vejo a sua boca a tremer com um sorriso.

– Suficientemente quente – e mexe-se para mais perto de mim. – Como está o tempo por aí, Beej?

Viro-me de lado para a encarar.

– Céu limpo.

Magnolia

Acordo antes do BJ na maioria das manhãs, e isso desde que éramos pequenos.

É há quanto tempo o conheço. Desde que éramos miúdos pequenos. Eu e o Henry andámos na mesma turma na primária na Dwerryhouse Prep e estivemos em todas as mesmas turmas até sairmos para começar em Varley, no sétimo ano.

Não me lembro de muito sobre o BJ antes do liceu, além de ele ter estado lá apenas.

Quando éramos pequenos, eu teria uns sete anos, talvez – as nossas famílias estavam em Capri a partilhar um super iate. Tínhamos atracado, os pais estavam num barzinho na praia e nós brincávamos na costa, quando eu caí de um molhe. Estava toda cortada das ostras. Muito sangue. Essa é uma das minhas únicas memórias reais e vivas do Beej antes de chegarmos ao liceu – ele a mergulhar e a puxar-me para a superfície. O cabelo dele era mais louro nessa altura.

– Apanhei-te – disse-me ele enquanto me arrastava para fora da água. Levou-me de volta para a costa. Tive de levar, tipo, vinte e dois pontos.

Ele foi comigo para o hospital. Eu não sabia porquê. Ele disse-me cem anos mais tarde que já me amava nessa altura, mas eu não lhe dava muita atenção naqueles dias porque o BJ era apenas o irmão mais velho do Henry e eu estava apaixonado pelo Christian. Provavelmente, é um ponto sensível para todos nós agora, na verdade.

De qualquer modo, eu, o Henry, a Paili e o Christian estávamos todos na mesma turma, éramos mais ou menos nós os quatro. Nunca andámos com os seus irmãos; a diferença de idades parecia demasiado grande para ser ultrapassada. Eu e o BJ beijámo-nos uma vez quando eu tinha treze anos. Jogo da garrafa. Foi uma pequena festa na casa dos Hemmes e o beijo foi bom, mas, mesmo assim, senti-o como o irmão mais velho do meu melhor amigo.

No entanto, quanto mais avançava na escola secundária, mais difícil se tornava não reparar no Baxter-James Ballentine. Ele era um miúdo de quinze anos de idade, popular, não era o melhor nas suas disciplinas académicas, mas jogava

râguebi na equipa titular (foi bom o suficiente para ser seguido tanto pelos Harlequins como pelo Ulster, depois de se formar, mas rasgou o tendão irremediavelmente no treino da pré-temporada). Nadou pelo distrito, jogou hóquei, foi também trinco, mas não era por isso que as pessoas sabiam quem ele era. As pessoas sabiam quem ele era porque ele tinha aquela juba desgrenhada de cabelo castanho claro, que exsudava uma sensualidade adolescente, e aquele sorriso maroto que teria feito com que as professoras tirassem as cuecas se não perdessem o emprego por o terem feito.

Sabes que quando se está no liceu, as coisas mais atraentes do mundo são o cabelo despenteado *sexy*, os ombros e a patinagem?

Ele tinha os três.

Além disso, tinha aquele olhar sedutor de quem olha para uma pessoa como se a estivesse a despir na hora, e eu sei que isso parece tão inapropriado, mas é só porque ele nunca te fez isso, porque se o tivesse feito, saberias e viverias a tua vida à espera de que ele voltasse a olhar-te daquela maneira.

Não era possível não saber quem era o BJ Ballentine na Varley.

Não era possível não saber quem ele era em Londres.

Foi durante a primeira semana depois das férias de verão – os Ballentine levaram-nos a todos para as ilhas Canárias durante algumas semanas, porque a Lily sempre disse que, depois de três filhos, é como um escorrega, e o que eram mais seis? Eu tinha catorze anos, e esse foi o verão em que deixei de gostar do Christian e comecei a gostar do BJ, e me perguntei se talvez ele gostaria de mim também, mas nessa altura ele já era o BJ Ballentine, e eu, provavelmente, estava a sonhar.

Eu estava ao pé do meu cacifo com a Paili e ele veio direto a mim, colocando a mão contra o cacifo, encurralando-me, como o mau rapaz quintessencial em todos os filmes de adolescentes. Só que ele não era um mau rapaz. Talvez gostasse de pensar que era, mas não era. Nunca esqueceu o aniversário da sua mãe, e levava-lhe sempre flores todos os fins de semana em que ia a casa. O filme preferido dele de sempre é *Mary Poppins*, que foi também a sua primeira paixão. Eu fui a segunda.

Os seus ombros, mesmo nessa altura, eram tão grandes e largos, a mera visão

dele emanava intrepidez, só que era um arдил. Quando o avô dele morreu, ele começou a levar a avó a sair semanalmente. Na verdade, ainda o faz.

Além do Henry, há três irmãs, todas mais novas, menos uma, e o Beej era terrivelmente superprotetor delas; nem a Allison nem a Madeline tiveram namorado durante a altura em que estiveram na escola porque ninguém queria ter problemas com os rapazes Ballentine.

Ele enfiou uma mão pelo cabelo, olhou-me de relance – esta confiança estranha e recém-descoberta. Como se tivesse acordado naquele dia e percebido que era o rapaz mais atraente do mundo.

– Olá, Parks – disse ele e fez-me o aceno de cabeça do rapaz fixe.

– Olá – respondi eu, fixando os olhos nos dele porque era isso que as revistas femininas diziam para fazer.

– Quero sair contigo – disse-me ele.

– Oh. – E foi só isso que eu disse. Pestanejei algumas vezes. – Porquê?

Ele riu-se uma vez, todo tranquilo, e acho que se ambos pudéssemos espreitar para lá das cortinas do céu naquele momento, teríamos visto aqueles antigos Destinos a amarrar os nossos fios, eu e o Beej, desta forma pura, ensolarada, inexorável e impossível de desfazer. Eu disse amarrados, não atados. Porque não sei se alguma vez poderemos libertar-nos. Pelo menos, não será fácil.

– Posso? – perguntou ele novamente. – Este fim de semana?

Apertei os lábios.

– Não.

A Paili olhou para mim como se eu estivesse louca, e a sua cara ficou com um semblante triste.

Sacudi a cabeça.

– Na verdade, é a festa de aniversário dos meus avós no Four Seasons. Não posso faltar. A minha ama disse que me tirava o telefone se eu não fosse...

– Ó, merda. – E riu-se. – É suposto eu também ir a isso. Com os meus pais.

– Oh. – Eu fiquei corada.

– Então, vais ser o meu par?

Acenei um pouco, mas pareceu-me pertinente esclarecer:

– Vai ser bastante aborrecido.

Ele dirigiu-me um sorriso com olhos cintilantes que significava problemas.

– Vou torná-lo bastante divertido.

E fê-lo, já agora. Tornou-o divertido. Ele torna tudo divertido.

Fomos à festa; as nossas famílias ficaram muito contentes por estarmos lá juntos. Um sonho tornado realidade, o casamento das nossas famílias perfeitas. Escrito nas estrelas, fadado, imagina o casamento, e todo aquele *jazz*! Foi uma estranha quantidade de pressão para aplicar ao primeiro encontro de jovens adolescentes que não são da realeza saudita. Ouvi garantidamente a minha mãe atirar várias vezes a palavra noiva, mas nem sequer me importei porque me entreguei no segundo em que ele olhou para mim enquanto eu descia as minhas escadas de mármore.

Ele inspirou pesadamente. Os seus olhos percorreram o meu corpo da mesma forma que agora, mas agora é pior porque ele me viu nua.

– Uau – disse ele. E então sorriu apenas timidamente, deixando cair os olhos no chão.

Na mesa naquela noite, na praça Trinity, enquanto o meu tio Tim fazia um discurso bêbado sobre os meus avós («Para o Linus e a Annora, os meus *amigos* e *xxógos*, uma inspiração para a vida»), eu pensava que o BJ estava a ser querido, a mexer na minha mão, mas, entretanto, apercebi-me de que ele estava lentamente a empilhar pão no meu colo, e eu não conseguia parar de rir, e ele sentiu-se como a melhor pessoa. Como se eu tivesse encontrado um segredo que era todo meu. Lembro-me que tocaram *I'll Be Seeing You*, da Billie Holiday, e o meu avô levantou-se e convidou a minha avó para dançar, e após um minuto, o BJ ofereceu-me a sua mão, e eu levantei-me, com um milhão de pedaços de pão a cair de cima de mim, e ele começou a rir-se, e pegou na minha mão, e puxou-me para ele – adoro quando ele me puxa para ele –, dançando da forma como todos os rapazes endinheirados sabem dançar porque crescem a frequentar galas e casamentos reais, e nessa noite, ele valsou o meu coração para fora do peito.

Normalmente, quando acordo cedo, digo-lhe que o faço para meditar sobre as

partes belas da vida, mas na verdade, apenas o observo. Ele é uma parte linda da vida, suponho eu. As coisas dolorosas ainda podem ser belas, caso não saibas.

A forma como ele está a dormir esta manhã, cabeça atirada para trás, pescoço esticado e exposto, com o maxilar saliente – e reprimo todas as coisas que lhe faria se estivéssemos a fazer coisas, mas já não é assim que nós somos. As suas pálpebras tremem e ele acorda, a olhar para mim durante alguns segundos.

– Em que é que estás a pensar?

– Na Billie.

Ele esfrega o olho todo cansado e dirige-me um pequeno sorriso.

– Adoro-a.

Fica ali pendurado. Aquilo de que estamos realmente a falar.

– Eu também.

O Beej vai buscar as calças de fato de treino Thom Browne afuniladas, azul-marinho, com as quatro barras e com remate de gorgorão – diferentes das com que ele dormiu, mas não tente sacar nada daqui – não é como se ele tivesse um milhão de roupas aqui, apenas uma gaveta. Ou duas. Ou três. Nem sequer são realmente as gavetas dele, são as minhas gavetas nas quais, por conveniência, lhe permito guardar alguns pertences pessoais. Calças de treino, *T-shirts*, roupa interior e afins, e também Ombré Leather de Tom Ford que, definitivamente, nunca uso para borrifar na minha almofada se ele não ficar, e também acho que vale a pena notar que também guardo o meu etiquetador nessas gavetas, por isso, na verdade, mal são dele, e continuando, ele veste uma *T-shirt* e eu visto uma camisa de noite e descemos para o pequeno-almoço.

A minha família olha para cima da mesa da sala de jantar.

– BJ. – O meu pai olha para cima da sua taça de açaí, acenando-lhe uma vez com a cabeça.

– BJ – diz a minha mãe e sorri, como se não fosse o sétimo dia consecutivo em que ela o vê ao pequeno-almoço.

– BJ – diz a Marsaili, num tom muito diferente. Não é de facto muito dada a segundas oportunidades, a nossa Mars.

Sento-me, de mau humor.

– Nenhum de vocês me vê?

A minha irmã escarnece.

– Muito pelo contrário; vemos demasiados de vocês. O que é que têm vestido? Isso é roupa interior?

– Não, Bridget. Isso seria terrivelmente inapropriado.

Ela gesticula para mim.

– E isso é...

– É bastante atraente ao olhar, para ser honesto, Bridge – diz o Beej, e eu sinto-me contente comigo mesma, mas a Mars parece ameaçadora.

O meu pai olha de relance para o BJ, fingindo parecer irritado com o comentário.

Isto costumava ser assustador para o BJ quando éramos crianças, mas agora ele é o sacana mais convencido de todas as salas, por isso apenas lhe sorri. O meu pai gosta dele. Age como se, por vezes, não gostasse, imagino que pense, como pai, que é suposto agir como se não gostasse do homem com quem a sua filha dorme – mas não andamos a dormir juntos. Mesmo que tecnicamente durmamos juntos. E ele mal é um pai, apesar de ser meu pai.

– Harley – sorrio-lhe secamente. – Como foi a tua viagem?

– Magnolia – diz ele, e suspira. – Já te pedi repetidamente que me chamasses «Pai».

– E eu tenho-te pedido repetidamente para agires como tal e, no entanto, aqui estamos nós. – Dirijo-lhe um sorriso deslumbrante ao mesmo tempo que o BJ me pontapeia debaixo da mesa, fazendo uma cara de «cala-te».

– Magnolia. – A Marsaili faz-me um olhar.

O meu pai responde, irritado.

– Foi boa.

– Com quem estiveste a trabalhar?

O meu pai pega em meio maracujá.

– Com o Chance.

- Qual Chance? – pergunta a Bridget, completamente à nora.
- Chance the Postman. – Reviro os olhos. – O *rapper*, sua idiota.
- Atenção à língua. – A Mars revira os olhos.

A Marsaili é o único adulto responsável que conheço.

Trata-se de uma pequena mulher escocesa que uma vez derrotou o Jonah num braço de ferro.

É ferozmente protetora e agressivamente maternal, o que se tem revelado útil ao longo dos anos e, de outra forma – enquanto família –, não teríamos tido uma abordagem prática parental de todo. Maternidade e paternidade. Teriam um monte de uns, se eu os classificasse, o que muitas vezes tento fazer.

A minha mãe podia passar um fim de semana de raparigas que duraria uma semana com a Fergie (a antiga integrante da realeza, não a dos Black Eyed Peas). Quanto ao meu pai, ele provavelmente perdeu vários momentos marcantes ao longo da minha vida porque estava com os Black Eyed Peas.

A Bushka aparece e coloca-me um prato de *borscht* à minha frente.

– Importas-te? – E olho para ela como se estivesse louca. – Isto é um vestido de cetim com abas de penas, de duas mil libras.

A minha avó imigrante russa. Cerca de cinquenta mil anos de idade, alimentando-se de Beluga e pickles de vegetais. A minha mãe trouxe-a aqui para uma visita quando casou com o meu pai e ela recusou-se a ir embora – não sei porquê.

O meu tio Alexey é substancialmente mais atento a ela do que a minha mãe alguma vez foi. Ele e a sua família têm um quarto à espera dela, na sua casa em Ostozhenka. É agradável... Faz parte do complexo da Noble Row, com vista para o Kremlin e para a Catedral de Cristo Salvador, mas ela continua a ficar aqui conosco. Ela não quer ir para um lar (nem para uma clínica de desintoxicação) e a Marsaili tem de a levar a um monte de atividades de idosos todos os dias porque ela tem de estar fora de casa durante as horas de trabalho, se não tenta entrar nas sessões de composição do meu pai; ela jura, a pés juntos, que teve uma mão na escrita daquela canção de sucesso dos One Direction.

– Faz-te bem. – E gesticula para o prato enquanto se senta ao meu lado.

– É repugnante para mim e um perigo absoluto.

Ela franze-me a testa.

– Tu vergonha ser Rússia?

– Não tenho vergonha de ser da Rússia. – Dou-lhe uma palmadinha de consolo na mão. – Não sou da Rússia. Tu és da Rússia. Eu sou de Kensington.

Olho para a minha mãe à procura de ajuda, mas ela está distraída – a fazer olhinhos ao BJ. Não a posso censurar. Aquela boca parva dele parecia inchada naquela manhã, como se tivesse sido beijada toda a noite, embora não tenha sido, é assim que a sua boca é, e eu mordo com força num morango.

Ele apanha-me, e reprime um sorriso.

– Estás aí, Parks?

Eu ignoro-o.

– Isto é herança. – A Bushka puxa o prato perigosamente para mais perto de mim.

– A beterraba fria e o caldo de carne são a nossa herança? – A Bridget entra na conversa.

O meu pai não levanta o olhar do telefone, mas fez uma careta

A Bushka acena com convicção.

– Mais ingrediente especial. – E pisca o olho.

– É vodka – anuncia a Marsaili. – No caso de haver algum mistério em torno disso, que fique esclarecido.

– Que fixe. – O Beej pega no prato e cheira-o. – Como um Bloody Mary russo?

Ele come um pouco, sorri a Bushka encorajadoramente e levanta-lhe o seu polegar. Quando ela olha para o lado, mais calma, ele engasga-se silenciosamente. («A carne», sussurra rouco).

– Então. – A Marsaili aclara a garganta. – Vocês os dois apareceram nos jornais esta manhã.

– Uuuuh – canto eu. – Fiquei bonita?

A Bridget revira os olhos.

– Porque é isso que importa...

– Muito esbelta, querida. – A minha mãe acena com a cabeça. – O *décolletage* parece fenomenal. Só deves usar roupa sem ombros esta semana.

Estalo os meus dedos para lhe comunicar: anotado.

– Demasiado magrinha. Come *borscht* – ordena a Bushka.

– O casal junto-de-novo-separado-de-novo Magnolia Parks e BJ Ballentine provocou uma cena e tanto, ontem à noite, no The Dorchester, quando o casal deparou com um dos muitos ex-amantes de Parks... nome não mencionado...

– Quantos são muitos? – pergunta o meu pai sem levantar o olhar do seu telefone.

– Vários – responde-lhe inutilmente a Bridget.

– Diz mesmo «nome não mencionado»? – pergunto, espreitando, positivamente contente. – O Brooks vai morrer por causa disso.

A Mars ignora-me e continua.

– O ciumento Ballentine parecia pronto para uns socos, mas a situação acalmou antes de ir mais longe.

O Beej encolhe os ombros.

– Nada mau.

– Socos – reflito eu.

– E depois há várias fotografias onde parece que vocês os dois estão juntos...

– E estão – exclama Bridget.

Reviro os olhos e o BJ atira-lhe um *bagel*.

– Ligação traumática! – anuncia a Bridget como se sofresse de algum tipo de síndrome de Tourette.

– Desculpa? – pergunta o meu pai.

– É uma hipótese que não explorámos na busca interminável por uma razão para que estes dois sejam como são – continua ela e eu reviro-lhe os olhos. – Relação traumática!

O meu pai intervém.

– Muito bem, e sobre o que é que estes dois ficaram traumatizados?

O Beej e eu olhamos um para o outro, só por um segundo e depois desaparece.

A Bridget fala terrivelmente sobre o quão pouco saudável ela pensa que tudo isto é. A Bridget pensa que sabe tudo porque está no seu terceiro ano de estudo de Psicologia, em Cambridge. Brincadeiras sobre ela à parte – tudo o que eu tenho é um estúpido Bacharelato em Artes e até eu sei que estamos, na melhor das hipóteses, desajustados.

– Vocês os dois – começa a minha mãe. – Sexta-feira é o lançamento da minha nova fragrância, no Harrods. Vão estar lá, sim?

– E por «vocês os dois», queres dizer um – aponto para mim, depois aponto para o BJ –, dois? E não a absolutamente óbvia e para sempre número dois presente na sala.

A Bridget ignora-me.

– Estou a chamar-te Número Dois, Fridge. Como um cocó.

A Bridge olha para cima, aborrecida.

– Se tens de explicar, Magnólia, não é uma boa piada.

– Lá estaremos – diz o Beej à minha mãe.

– E eu vou pedir à segurança para a manter na rua. – Gesticulo para a minha irmã, que me atira uma maçã.

– Vou ficar com nódoas negras por causa disso! – amuo.

– Isso é porque estás desnutrida – diz-me ela.

A Bushka empurra o prato para a minha frente.

– *Borscht*.

QUATRO

BJ

Entro no Hide em Piccadilly e os rapazes recebem-me animadamente.

Já passa um pouco da hora do pequeno-almoço, não sei que dia é hoje.

Os paizinhos ficam lá fora. Adoro quando nos juntam aos quatro.

Os Rapazes Bilionários – é assim que nos chamam. No entanto, a piada são eles, porque nenhum de nós é bilionário. Talvez se combinássemos os nossos fundos.

– Ei! – cumprimenta o meu irmão.

– O homem, o mito... – começa o Christian.

O Jonah dá-me uma palmadinha nas costas enquanto eu me sento ao seu lado.

– Não acredito que ela te deixou sair de casa, amigo. – Reviro os olhos. – Andas de pulseira eletrónica? – E verifica.

Eu faço sinal à empregada de mesa. Ela é gira. Cabelo curto, nariz pequeno e giro.

– Desculpa, ei. – E sorrio-lhe. – Podemos pedir umas bebidas para esta mesa?

– Cafés?

Sorrio para o disparate dela, e abano a cabeça.

– Não, querida – sorri o Jo. – Material do duro.

Aponto para os irmãos Hemmes:

– Dois Bloody Mary.

Aponto para o Hen:

– Um Screwdriver.

Aponto para mim próprio:

– Um Grey-hound.

– É para já. – Ela sorri-me de uma forma que me diz que poderia tê-la na horizontal mais tarde, se eu quisesse.

O Jonah percebeu, e piscou-me ligeiramente o olho.

– Então – diz o Jo, olhando à volta da mesa. – Só quero esclarecer... O velho BJB não dorme na cama dele, em nossa casa, há mais de duas semanas.

Eu abano a cabeça.

– Isso não é verdade.

– Sem a Parks – acrescenta ele.

Isso pode ser verdade. Mas não o direi em voz alta.

O meu irmão passa as mãos pelo cabelo.

– Interessante, interessante... porque a Allie disse que a Bridget tinha dito que quase se beijaram na outra noite. – Reviro os olhos. A Parks e eu, sempre quase nos beijamos.

– E – continuou Henry – a mãe dizia-me ainda esta manhã que tu e a Magnolia dormiram na casa deles duas noites, há duas semanas.

Expiro pelo nariz. Será que estes palhaços estão a manter a merda de um diário de bordo ou algo assim?

– A mãe também notou que a Magnolia não dormiu no Quarto da Magnolia, dormiu no teu.

– Está bem – E acenei com uma mão desdenhosa. – Então, o que se passa aqui é que tu, a mãe, o Al, a Bridget e o Jo têm demasiado tempo livre.

O Christian mantém-se calado, e eu noto. Está apenas a observar-me, sem grande expressão. Isso também não é estranho nele, ele é bastante paciente. Extra paciente quando se trata da Parks, na verdade.

A empregada traz as nossas bebidas, entrega-me o seu número e eu coloco-o no bolso, como habitualmente.

– Vais telefonar-lhe? – pergunta o Christian.

Coço o nariz.

– Nã. – E olho para ela. Bastante atraente. – Talvez.

Faço questão de não olhar para ele, não quero ver a cara dele: diz-me que estou a fazer algo de errado. Não sei o que se passa com ele. Ele não é uma merda de uma bússola moral, não com o que a sua família faz. E eles são todos protetores

dos Parks. Eles teriam dado cabo daquela merda do Calloway se eu tivesse gritado uma vez, mas o Christian é diferente do Henry e do Jonah. Ele é apenas protetor da Parks por causa do que quer que seja, acho eu.

Chegámos a vias de facto por causa disso uma vez. Há cerca de três anos. Eu e os rapazes éramos para ir a Praga para um fim de semana de rapazes, mas o Christian desistiu à última da hora, disse que tinha um evento de trabalho ou alguma merda – gerem bares, os irmãos Hemmes. – Seja como for, os nossos voos foram cancelados, por isso saímos nessa noite.

Não foi muito depois de eu e a Park termos acabado. Ainda estava fresco. Tipo, há menos de três meses.

Chegámos ao The Box no Soho – eu, o Hen e o Jo, e juro por Deus, no segundo em que entrámos, parecia que o meu coração tinha caído da altura de cinquenta andares.

Ela estava no canto mais escuro do clube, mas eu conseguia vê-la em qualquer lugar, a minha miúda, a ser beijada e apalpada por um idiota qualquer. Fiquei indignado. Não conseguia acreditar.

Lancei-me a ele, e afastei o gajo dela – foi um reflexo. Atirei-o para o lado. Não me apercebi logo de que era o Christian. E tudo sobre esta parte ficou desfocada no meu cérebro – lembro-me da Parks com um ar triste, talvez um pouco envergonhada? E eu fiquei a olhar para ela como se ela me tivesse traído, e mesmo que não o tivesse feito, tinha-o feito. Lembro-me da sensação que o meu coração teve, tipo, foda-se. Isto foi o que lhe fiz, mas cem vezes pior.

E depois o meu cérebro entrou em sobrecarga. O Christian mentiu sobre a viagem para poder estar com... a Parks? Ele mentiu-me? Para estar com ela? Com ela? O meu cérebro instantaneamente repetia o beijo deles na minha mente – que não foi o primeiro beijo deles.

As minhas entranhas passaram de destroçadas a uma explosão de fúria.

Voltei-me para o Christian, que mal se tinha levantado do chão, e ataquei-o. Agarrei-o pelo colarinho da sua *T-shirt*, arrastei-o através da multidão, derrubando pessoas e copos. Havia coisas a partir, gritos – eu não me importava, não conseguia parar. Arremessei-o contra a parede, olhei-o nos olhos – queria que ele estivesse

bêbado ou pedrado ou alguma merda, mas ele estava tão sóbrio quanto possível, por isso parti-lhe os queixos.

O som foi alto, mas não o suficiente para abafar os gritos da Parks.

Olhei para trás para ela – o Jonah estava a segurá-la.

– Beej – começou o Christian, mas eu não aguentei, por isso bati-lhe outra vez.

Ele não estava a ripostar, o que era estranho, porque o Christian é o melhor lutador de todos nós, mas não fez nada. Apenas olhou para o Jonah, esperando que ele interviesse, mas o Jonah limitou-se a abanar a cabeça, e empurrou a Parks em direção ao meu irmão.

Atirei-o de novo para a parede.

– Para! – gritou o Christian, empurrando-me para trás e para longe enquanto se recompunha, mas ele não queria lutar comigo.

– Desculpa? – disse o Jonah, aproximando-se da cara do seu irmão mais novo.

Os olhos do Christian ficaram todos cansados e desanimados.

– Vais deixá-lo espancar-me, Jo?

– Não. – O Jonah olhou-o demoradamente. – Vou ajudá-lo.

Eu e o Jo, certo? Melhores amigos. Irmãos.

A minha mãe ficava um pouco nervosa por eu e o Hen andarmos com os Hemmes porque, embora não se fale realmente sobre isso, as pessoas sabem o que a família deles faz, sabes? Quer dizer, toma um chá com a mãe deles durante trinta segundos e a Rebecca Barnes acaba com todas as tuas preocupações. É por isso que ela é boa no que faz.

Eu e o Jonah fomos sempre próximos na primária, praticávamos os mesmos desportos e merdas, mas, no oitavo ano, chegámos a casa depois dos desportos de sábado. Encontrámos a irmã dele afogada na piscina.

Tínhamos doze. Ela tinha quatro anos. Mergulhámos e tirámo-la da piscina. Tentei ressuscitá-la. O Jonah chamou por ajuda. Ela estava azul. Morta. Tinha morrido bem antes de lá chegarmos.

Os rapazes ficaram em nossa casa durante um mês. A Bridge tinha razão

acerca dos laços traumáticos.

Voltando à Parks, lá no The Box, a gritar comigo e com o Jonah para deixarmos o Christian ir, para o deixarmos em paz – piorou tudo, honestamente, ouvi-la preocupar-se com qualquer um, menos comigo.

– Hemmes – disse a voz sonante de um segurança do clube por trás de todos nós. Ele abanou a cabeça. – Lá fora.

O Jonah puxou o Christian da parede, atirando-o na direção da porta, empurrando-o enquanto caminhávamos, com força suficiente para que ele tropeçasse para a rua.

E depois, não sei o que aconteceu, eu estava a pontapear um dos meus melhores amigos no estômago.

– Era ela o teu compromisso de trabalho? – gritei-lhe, e a Parks estava a solçar ao fundo, não conseguia sequer concentrar-me nela para o ouvir.

O Jonah ficou a assistir, de certa forma, de braços cruzados. Deixando-nos resolver o assunto.

– Beej – gemeu o Christian, limpando o sangue do seu rosto. – Tu não...

– O quê? Não compreendo? – rosnei. – É a Parks. Ela é minha. – Levantei-o do chão e empurrei-o novamente. – Ela será sempre minha.

– Não! – gritou-me ela, soltando-se braços do Henry e agarrando os meus, rodando-me para a enfrentar, e olhou-me mesmo nos olhos. – Vai-te foder.

Eu olhei por cima da cabeça dela para o Henry.

– Leva-a para casa. – Eu nem conseguia olhá-la nos olhos, os meus estavam uma confusão, a chorar e merdas, e ela lá a gritar:

– Não me podes obrigar a ir; anda, Christian. Vamos embora...

Parecia ter medo. Isso fez-me sentir mal agora, quando penso naquela noite, como a assustámos.

– Ele não vai contigo, Parks – disse-lhe o Jonah.

– Vai sim – fungou ela, procurando o Christian, mas o Jonah afastou-o dela.

– Leva-a para casa agora – gritei novamente ao Henry, dando-lhe um olhar de aviso.

– Vai-te embora, Magnolia – disse-lhe o Christian. A forma como ele olhou para ela ainda me chateia agora. – Eu telefono-te de manhã.

O Jonah emitiu um rosnado na parte de trás da garganta, mas o Christian dirigiu-lhe um olhar e isso fez o Jonah recuar.

– Eu telefono-te de manhã – repetiu o Christian.

O Henry agarrou o braço da Parks, empurrando-lhe as costas na direção de um carro.

– Odeio-te – disse-me, um pouco sufocada, mal me olhando nos olhos.

Acho que ela nunca me tinha odiado antes, mesmo quando eu fiz o que fiz. O meu maxilar cerrou-se, e depois dei um murro no estômago do Christian. Bati-lhe até ele vomitar num beco atrás do clube em que ele beijara a minha miúda, e deixei-o lá. Faz-me sentir as costelas como se estivessem a torcer dentro do meu peito, lembrar-me dessa merda. A cara espancada do Christian, os meus punhos fodidos, todas as perguntas para as quais eu precisava de saber as respostas para poder descobrir como voltar a respirar. Fizeram sexo? Será que ele a tinha visto nua? Onde é que ele a tinha tocado?

Na verdade, ainda não sei.

– Então, Beej. – O Jonah bateu-me no peito. – Sê honesto. Andas a dormir com a Parks?

Dou-lhe uma palmada para afastar a mão dele.

– Não, meu.

– Jo – diz o Christian, resfolegando. – Assim que a Magnolia Parks o deixar voltar para a cama dela, este vai fazer uma maldita festa.

Eu lanço-lhe um sorriso aborrecido.

– Tenho estado na cama dela desde os meus quinze anos.

– Sim. – O meu irmão atira-me um olhar. – Mas fazias uma festa se ela te deixasse voltar para dentro dela...

– Cuidado. – E aponto para ele. Mas também, é provavelmente verdade. O Jonah ri-se. O Christian não o faz. Tenta sorrir. Não consegue.

– O que está nos planos para o resto do dia, rapazes? – O Jonah olha de

relance.

– Universidade – suspira o Henry.

– Vou jantar com a Baby Haïtes esta noite. – O Christian suspira.

– Ei. – Sorrio-lhe. Estou genuinamente feliz, tanto por ele como por mim. –

Eu gosto dela.

Ele olha-me de relance e dirige-me um ar divertido, uma espécie de olhar não impressionado.

– Sim, ela também gosta de ti, na verdade.

O Henry olha entre nós.

– Oh, foda-se, rapazes, não vamos voltar a isto.

O Jonah inclina-se de novo na sua cadeira, bocejando.

– E tu, grandalhão?

Levanto a minha *T-shirt*, mostro o meu estômago, dou-lhe um par de palmadas,

– Novidades? – pergunta o Jonah. – Que andas a bombar hoje em dia?

– Para além das modelos da Miu Miu – acrescenta o Christian.

O meu irmão inclina-se, curioso.

– Oi, como é que conseguiste isso?

Reviro os olhos para todos eles coletivamente.

– Estou a perguntar a sério – pressiona ele.

– Oh, vai-te foder. – E dou um gole na minha bebida.

– Na casa de banho? – sussurra o Jonah.

Solto uma risada.

– No meu carro.

Magnolia

O lançamento do perfume da minha mãe é esta noite – o Velvet Seduction. Que nojo, eu sei. Revela um pouco de mais de informação sobre a vida sexual dos meus pais, da qual eu tinha a certeza de que eles se tinham reformado imediatamente após a concepção da Bridget, mas *whatever*. Mas fico contente por ela estar a criar uma fragrância. Por um lado, são uma máquina de fazer dinheiro e, por outro, penso que as fragrâncias são importantes.

Deixam uma marca na nossa mente de uma forma que outras coisas não conseguem.

Livros antigos. A minha irmã.

Chá doce leitoso. Marsaili.

Hoyo de Monterrey. O meu pai.

Cigarros de mentol. Bushka.

Chanel No. 5 e óleo de roseira brava. A minha mãe.

Cardamomo e couro. Um tal de Baxter-James Ballentine.

Almíscar e flor de laranjeira? O pior dia da minha vida.

O lançamento é no Lecture Room & Library e chego sozinha, o que odeio e adoro fazer. Odeio porque, socialmente, me deixa exposta a dificuldades em encetar conversas, mas adoro porque sei com certeza que todos estão a olhar só para mim. O que é verdade. Visto um vestido verde-musgo bem decotado, com tule em camadas, com contas, da Marchessa, e desafio-te a não olhares fixamente para mim.

O decote é demasiado pronunciado para usar o colar que uso sempre em segredo, por isso tive de o tirar, e o meu coração sente-se como se estivesse sentado num chão irregular sem ele.

Sirvo-me de um copo de champanhe junto de um empregado e bebo-o rapidamente – é a única forma de sobreviver a estas coisas. Começo a percorrer a sala, à procura de pessoas de quem gosto, das quais há talvez seis no planeta em

qualquer momento, dependendo de como o BJ se anda a comportar.

Era suposto eu chegar com a Paili e o Perry, os dois Pês, mas o trânsito de Londres conspirou contra nós.

Afastei-me de um rapaz com quem namorei há algum tempo, Breaker era o seu nome. Dinheiro novo, vindo da produção leiteira nos Estados Unidos. Namorámos durante três meses, no máximo. Ele era um infiel absoluto, e estava sem dúvida a usar-me para entrar na alta sociedade, mas eu não me importava porque o BJ conseguiu dormir na minha cama o quanto eu queria, e esse é realmente o único qualificador que procuro numa relação atualmente.

Ando por ali à procura de um rosto familiar quando esbarro no Hamish Ballentine.

– Magnolia – diz ele, inclinando-se para me dar um beijo. – Estás linda, querida. – Aperto-lhe a mão porque gosto mais dele do que do meu próprio pai. – A tua peça sobre a viagem foi encantadora, querida – diz-me ele. – No pequeno *spa* das Dolomitas? Vamos lá de certeza.

– Oh! – Bato palmas alegremente. – A Lil vai adorar. Avise-me quando, e eu telefonarei e certifico-me de que os tratam de forma extra especial.

Ele dá-me um piscar de olhos agradecido.

– E onde está o meu filho? – E olha à sua volta. Para incredulidade dos seus pais, o BJ e eu de facto não passamos todo o nosso tempo juntos. Cada um de nós tem as suas coisas. Bem, eu tenho um emprego. Ele tem uma... coisa. Ele é atraente, assinou com uma grande agência, tem patrocínios, publica merdas o dia todo.

Não gosta de se intitular modelo, e eu fico relutante em chamar-lhe *influencer*, porque é incrivelmente embaraçoso e, atrevo-me a dizer, não tem qualquer tipo de longevidade profissional – mas não é ele... não é ele um *influencer*?

Teve uma sessão fotográfica hoje – uma a sério e não um «caça-likes», sem camisa, com um cão genérico. Penso que estava a fotografar para a Fear of God.

E eu, perguntas tu? Oh, tive um dia difícil no escritório e depois fui ao George Northwood para arranjar o cabelo.

– Ele vem encontrar-se comigo aqui – digo ao pai do BJ.

– Ainda não estão juntos?

– Ainda não estamos juntos, Hamish. – Balanço a cabeça divertidamente.

– Sim, claro, claro. – Revira os olhos, não acreditando. – Mas ainda estão apaixonados, certo?

Eu pego na saia do meu vestido e olho para ele de forma brincalhona.

– Boa tentativa – grito-lhe enquanto me afasto e dirijo-me para o segurança do August Waterhouse.

Trata-se de uma das estrelas da música em ascensão de Londres. No ano passado, produziu cinco das estrelas britânicas que atingiram o primeiro lugar de vendas.

Ele é um pouco mais velho do que eu, o Gus. Trinta, talvez? Uma paixoneta de longo prazo, digna e à distância, do Perry, e um homem muito doce e algo sábio. Ele trabalha com o meu pai.

– Gus – e sorrio-lhe. – Que maravilha ver-te. Não sabia que vinhas.

– O teu pai arrastou-me com ele. – Gesticula para o meu pai, que está no canto da sala com a Marsaili, parecendo ambos mal-humorados por estarem aqui.

Soltei uma risada.

– Ele podia pelo menos fingir ser solidário. A mãe fingiu gostar daquela porcaria de canção que ele fez para a Dua Lipa no ano passado.

– Oi. – Gus olha-me fixamente. – Eu trabalhei nessa música...

Faço um som desconfortável.

O Gus produz um som *tsk-tsk* sob a sua respiração.

– Eu devia saber que estarias aqui, Parks. O Tommy bem podia ter saído de casa por uns breves vinte segundos.

Lisonjeada como estou por poder ter expulsado momentaneamente Tom England de sua casa, ainda estou um pouco carrancuda. Não é de propósito. É tudo tão triste...

O Tom é o melhor amigo do Gus. O seu irmão morreu de repente, há alguns meses, devido a um aneurisma cerebral.

– Enfim. – Gus encolhe os ombros para si mesmo. – Ouvi dizer que a tua

separação transpirou para os jornais?

Aceno a minha mão pelo ar.

– Sempre.

Ele ri-se.

– Estás a levar a coisa na boa, estou a ver.

– É muito fácil, se namorarmos estritamente com idiotas.

Ele ri-se.

– Vou lembrar-me disso.

– Gussy – brinca o meu pai, dando-lhe palmadinhas nas costas. – Fico contente por ver que conseguiste vir. Magnolia – E inclina-se para me beijar a bochecha. Eu permito-o.

– Harley. – Aceno-lhe com a cabeça, com um sorriso terno.

Ele revira os olhos para o Gus enquanto trocam um olhar que implica que eu sou uma pessoa um tanto ou quanto exigente, ocasionalmente, antes de o Gus avistar um *rapper* com quem ele gostaria de trabalhar e se desculpa.

– Querida, escuta... – O meu pai dobra os braços sobre o peito porque não sabemos como falar um com o outro. – Tenho um retiro de escrita para onde é suposto ir. América rural...

– Soa um pouco a suicida. – Aceno ao mesmo tempo com a cabeça.

– Não estou muito interessado nisso, sendo honesto contigo, querida. Estou a tentar reuni-los aqui, mas eles querem um lugar calmo para estar, fora do radar. Alguma ideia?

Em primeiro lugar, embora me custe admiti-lo, estou feliz por ele estar a pedir a minha opinião profissional sobre algo. Procurar a aprovação do pai é um cliché tão terrível, eu sei; mas é tão raro que, quando acontece, é uma verdadeira emoção.

– Hmm – pondero eu em voz alta. – Heckerfield Place, em Hampshire?

Ele abana a cabeça.

– Se já ouvi falar, é demasiado conhecido.

Eu aperto os lábios.

– Sabes que mais, na verdade? Há apenas algumas semanas, abriu uma pequena propriedade em Toms Holidays – Ele parece confuso. – Ao pé dos Towans? – acrescento.

– Oh – Acena com a cabeça, intrigado.

– Chama-se Farnham House. Ainda não fui lá, mas tenho de ir. Lindo, sacaram os *sous chefs* do Le Gavroche para lá. *Spa* espantoso. À beira da água, super deslumbrante. Mas ainda ninguém sabe realmente disso, é tão novo...

Ele inclina-se para mim novamente, beijando-me na bochecha outra vez, mas desta vez sou menos irritante.

– Parece perfeito, querida. Obrigado.

Afasta-se.

– Quem é o artista? – grito eu por trás dele.

– Hã? – Ele olha para trás.

– O artista. Com quem estás a trabalhar.

– Oh. – Abana a cabeça. – Hum. Como se chama ele? O teu homem...

Olho para ele, confusa.

– Tu sabes. – Ele gesticula para a sua cara, de uma forma indistinta. – Com o... e o...

– Post Malone? – sugiro.

– Esse mesmo – diz ele, antes de se ir embora rapidamente.

O Perry e a Paili chegam finalmente. Casaco de *smoking slim-fit* de veludo-algodão laranja-torrado com uma gola de cetim e calças de mistura de lã preta e mohair Eggsy, ambos com etiqueta da Kingsman; vestido de tafetá mini azul-marinheiro, com borda de veludo, seccionado e com pregas da Molly Goddard, respetivamente.

– Era o Gus Waterhouse? – pergunta o Perry, procurando por ele. – Adoro-o. Será que ele gosta de mim? Será que estou bem? Devo falar com ele?

Conto as respostas pelos meus dedos.

– Sim, era. Sim, eu sei. Acho que ele ainda não sabe! Sim, pareces mesmo bem. E, definitivamente, fala com ele. – Arranco-lhe o champanhe da mão e bebo-

o todo.

A Paili olha para cima, para mim, alegremente.

– Estás com um aspeto perfeito. Que vestido é esse, caramba?!

Tenho a certeza de que é uma espécie de parcialidade de melhor amiga, mas, no entanto, a minha cabeça flutua até às nuvens.

– E onde está a mulher do momento? – pergunta a Paili. – Devemos tornar a nossa presença conhecida?

Aceno a minha mão desdenhosamente.

– Da última vez que a vi, ela e a Viscondessa de Hinchingsbrooke tentavam tirar uma fotografia com um pavão. Muitas penas; nenhuma das duas é especialista em aves.

– O que é que um pavão tem que ver com a sedução do veludo, afinal? – pergunta o Perry de forma muito válida.

Eu aperto os lábios.

– Nunca me interessou tão pouco a resposta a uma pergunta.

– Então. – A Paili olha à volta. – Onde está o teu moço?

– Não sei. – Suspiro. – Disse que nos encontraríamos aqui – faço uma pausa.

– E já agora, na verdade, qual moço?

Ambas reviram os olhos.

– Têm passado muito tempo juntos. – Paili sorri, com as sobrancelhas levantadas.

– Não mais do que o habitual – digo eu, de nariz no ar.

Isso é muito verdade. Com exceção dos poucos meses iniciais após a nossa separação, o desastre com o Christian e o rescaldo insensível da surra ao Christian – nunca realmente... mesmo... passámos todo o nosso tempo juntos.

– Sim – admite ela. – Mas agora não tens um namorado falso para lhe atirar à cara sempre que te lembras de que o amas.

Eu franzo-lhe o sobrolho por ambas as razões do que ela disse. Namorado falso? Amá-lo? Absurdo. Mais ou menos.

– Por falar no Rapaz Maravilha. – O Perry acena com a cabeça na direção da

porta. E aí está ele a entrar.

Casaco de smoking *slim-fit* de veludo cor de vinho, calças de *smoking* pretas, de lã virgem, e a camisa de *smoking* de algodão branca com plissado, de punho duplo, tudo da Giorgio Armani, exceto o seu pequeno laço Tom Ford.

O Henry, o Christian e o Jonah seguem-no, e um milissegundo calculado depois surge o vestido de veludo Alaïa, também cor de vinho. Não sei dizer o que me incomoda mais: que a BJ a tenha trazido ao lançamento da minha mãe ou que me preocupa que tenham coordenado. Taura Sax. Ela é, infelizmente, muito bonita. Mas de uma forma diferente de mim, e essa é talvez a pior parte.

Para toda a minha pele castanha, cabelo escuro e olhos claros, a Taura Sax é uma espécie de azeitona, cabelo louro, sardas e olhos cor de avelã. Penso que a sua mãe é de Singapura. E nós, literalmente, não somos nada parecidas.

E, claro, talvez neste momento seja seguro dizer que o tipo do BJ é simplesmente definível como uma mulher com vontade sexual, mas a Taura Sax é a única repetição na sua lista que ele diz não existir.

A Taura Sax é também com quem ele me traiu, a propósito. Foi o que eu concluí. A segunda pior noite da minha vida flutua para a superfície da minha consciência – flores de laranjeira. Havia algo mais... o que era? *Pensa, Magnolia, pensa*. Apago esses pensamentos como um fogo na minha mente.

Não consigo pensar nisso. Agora não. O meu peito aperta-se enquanto o meu coração se agarra aos sentimentos que estou a sentir, mas não consigo sentir à sua frente porque ele não pode saber que ainda me faz isto. Consigo sentir que a minha boca está aberta, por isso, fecho-a rapidamente.

Não quero que as pessoas saibam que isto me apanhou desprevenida, que isto – ele trazê-la aqui não foi pré-planeado, pré-verificado comigo, não é exatamente o que eu esperava dele, nunca num milhão de anos pensei que ele seria diferente por uma vez, apenas uma vez na sua estúpida vida, talvez ele tentasse não nos desviar de um penhasco.

Mas eles também o conseguem ver na minha cara, eu sei que conseguem. O Perry está a sofrer, a Paili tem os olhos tristes que tem sempre quando olha para mim e para o BJ. Ela engole, com um ar apreensivo. Toca no meu braço.

– Estás bem?

– O quê? – Pestanejo muito. – Eu? Não. Sim! Eu estou bem; é só uma questão de má-educação, é só isso. Trazê-la aqui. Não achas? A rapariga com quem ele me fodeu?

– Não sabemos isso – diz a Paili, calmamente.

O Perry olha para ela.

– Sim. – Ele fez uma pausa. – Sabemos.

A propósito, não é realmente sabido. Que foi por isso que nos separámos. É sabido entre os nossos amigos agora, é mencionado esporadicamente pelos Pês, pelos rapazes e pela minha irmã, mas mais ninguém sabe.

Eu não sei porquê.

Acho que tinha medo do que isso diria de mim, que ele deitou fora o que tínhamos por uma merda de uma noite com a Taura Sax. Fico a olhar amargamente para o BJ e os nossos olhos encontram-se, porque o fazem sempre que estamos na mesma sala.

O seu rosto brilha, aparece um meio sorriso, e ele vem na minha direção.

– Olá. – Inclina-se para me beijar a face e eu afasto-me dele subtilmente e os nossos olhos voltam a encontrar-se e ele parece confuso, magoado e irritado, tudo de uma só vez.

O Perry faz um barulho desconfortável na parte de trás da garganta e aponta para algo do outro lado da sala.

– Apetece-te uma *selfie* com o pavão? – E puxa a Pails para longe.

O BJ vê-os afastarem-se antes de olhar de volta para mim, com a mandíbula apertada de apreensão.

– Algum problema?

– O que é que andaste a fazer esta tarde? – pergunto alegremente, mas é uma armadilha. Ele sabe que é uma armadilha. – Fizeste alguma coisa depois da tua filmagem?

– Uh – ele solta uma pequena gargalhada. – Não muito, apenas saí...

– Com?

Ele lambe o lábio inferior, preparando-se. Não diz nada.

– Com a Taura Sax – digo eu por ele.

Ele cheira a Tom Ford acabado de aplicar. Isso é um mau sinal. Cheira a duche, como se tivesse limado o seu corpo, mas não com o gel de banho Malin & Gotez Rum que ele costuma usar, outra coisa – e estás a pensar, com certeza, ele tomou banho antes de um evento, mas não. Estes eventos são vulgares para nós, e ele não toma banho a qualquer outra hora do dia exceto de manhã, a menos que esteja a entrar na minha cama ou tenha de o fazer, mas tomou banho agora. Às dezassete horas de uma sexta-feira. Eu sei o que isso significa.

Ele olha para mim.

– Sim, com a Taura.

Franzo as sobrancelhas.

– E achaste apropriado trazer a Taura Sax aqui para o lançamento da minha mãe, tendo em conta toda a nossa história?

Ele suspira, cansado. Já percorremos este caminho antes, mil vezes, conhecemo-lo bem. É escuro e sombrio e um de nós emerge sempre com um braço roído ou com um osso ou coração partido.

– Parks. – Ele passa a mão pelo cabelo. – Já falámos sobre isto antes. Ela não é... não é quem eu...

– Então, não dormiste com ela?

As mandíbulas dele ficaram saliente.

– Já dormi.

– Quando?

Os olhos dele tornam-se pesarosos.

– Parks.

– Hoje?

Os olhos dele fogem dos meus. E eu fico a olhar para ele, sentindo-me mais traída do que quero, mais traída do que deveria. Ele está esmagado. Ele está esmagado por me ter esmagado. Esta é uma velha dança que fazemos. Um ritual, quase. Abrir os nossos corações no altar um do outro.

– Parks – começa ele.

Abano a minha cabeça com desdém.

– Não, eu sei, já percebi, eu tinha um namorado – pauso, olhando fixamente para ele –, espera, não, não tinha.

Ele parece arrependido.

– Parks...

– Mas vou tratar disso – digo eu, cortando-lhe a fala.

A mandíbula dele está firme. Preocupado e aborrecido.

– Magnolia...

– Magnolia? – Interrompo-o. Ele quase nunca me chama isso. – Magnolia?

Ele agarra-me nos braços, tentando manter-me por perto.

– Parks, estás a ser ridícula.

Dou-lhe uma palmada para o afastar e fico a olhar para ele.

– Não me toques com essas mãos.

Compreendo que o mundo escureceu em nosso redor, mas no mau sentido. A sala está a observar-nos. As bebidas param de tinir, os empregados de mesa param de servir, as respirações estão a ser retidas. O Perry está prestes a desmaiar com o drama que se desenrola no canto. Esta coisa do escurecimento-do-que-nos-rodeia que eu e o BJ temos, sei que soa a romântico, escrito nas estrelas, duas pessoas que podem simplesmente entrar em casa uma na outra de tal forma que ninguém mais à sua volta parece existir, mas essa habilidade quando se discute em público é a primeira página da imprensa para pessoas como nós.

Por um segundo, fico envergonhada com todos aqueles olhos. Pergunto-me: o que terão eles ouvido?

Rodo sobre o meu calcanhar, afasto-me dele, e à medida que o faço a sala volta a pôr-se em movimento.

Vou até ao bar, pego noutra champanhe e bebo-o de imediato, depois pego noutra para beber.

– Foi boa a conversa? – pergunta o Henry.

Eu bebo o meu champanhe de uma só vez.

– Fantástica.

00:39

Parks

Como está o tempo, Parks?

Tempestuoso muito muito tempestoso

Estás a beber

Si

M

Onde estás?

Estou bom

Bem

Eu não perguntei se estás bem,
perguntei onde estás

Atende

Atende o telefone

Estou em casa xxxxxxxxxxx

O xxxxxxxxx foi um acidente

Ainda tempestuoso vai te foder

Magnolia

Na manhã seguinte, pisco os olhos ao acordar, um pouco destroçada – e rebolo na direção da minha mesa de cabeceira, orando ao Senhor lá no alto que me embriagou (eufemismo) para que tivesse o bom senso de me deixar um copo de água para que ficasse sóbria (exagero).

Ela fê-lo, Deus a abençoe.

Na verdade, não me lembro de como cheguei a casa. Queria que tivesse sido o BJ, mas não foi porque não está aqui na cama. Não acordava sem ele ao meu lado já há algum tempo. Andamos a dormir aqui vezes de mais se eu acordo e estranho o facto de ele não estar aqui.

Mas nunca gostei muito de quando ele não está aqui – estivemos juntos demasiado tempo, amávamo-nos de tal forma entrelaçados que a sua ausência me faz sentir desconfortável. E ele não é capaz de estar sozinho, por isso sei que, se ele não está comigo, então está com outra pessoa, e isso é um pensamento demasiado pesado para esta hora da manhã.

Não posso deixar de pensar se ele terá ido para casa com a Taura. Provavelmente, foi. É isso que nós fazemos. Passamos o nosso tempo todo juntos, aproximamo-nos demasiado, e assustamo-nos demasiado. Ele vai dar umas quecas por aí, e eu vou arranjar um namorado outra vez, em breve. Ele vai odiá-lo, e provavelmente eu também, e então eu e o BJ vamos voltar ao normal.

O normal é relativo, eu sei. Normal para dois corações partidos que não conseguem encaixar as suas peças com ninguém, a não ser um no outro.

A porta do meu quarto abre-se e a Marsaili entra, trazendo uma bandeja de pés com o pequeno-almoço completo e um bule de chá. Bate com ela na minha mesa de cabeceira de forma extremamente barulhenta, e muito propositadamente, por causa da minha ressaca. Eu olho para ela e ela dirige-me um sorriso divertido.

– A cabeça de alguém deve estar a doer esta manhã – diz-me ela.

Afasto o meu cabelo por cima dos ombros e sirvo o meu próprio chá como

uma pessoa normal; gosto mais de quando a Louisa me traz o pequeno-almoço. Ela também o serve.

– Sim, bem... – Olho-a delicadamente. – Não podemos estar todos de mau humor, no canto, no lançamento da fragrância da nossa patroa, pois não?

Ela revira os olhos, e depois faz-me um olhar.

– Velvet Seduction?

Levanto a minha mão para a silenciar.

– Por favor, para.

A Marsaili arrepia-se involuntariamente. A seguir, a porta do meu quarto abre-se de novo. O BJ entra, com um saco Chanel de presente.

Veste uma camisa preta e branca, com o mapa do zodíaco da Valentino, uns *jeans slim-leg* pretos e muito rasgados da Purple Brand e uns Vans Old Skool pretos e *marshmallow*.

– Ouve, Parks. Nós estamos... – começa o BJ, e para quando vê a Marsaili. Faz-lhe um grande sorriso. – Mars.

– BJ. – Ela revira os olhos. Não ficaste?

Ele sorri-lhe brilhantemente.

– Pensei em dar-te uma noite de folga; não queremos que essas rugas de franzir o sobrolho se instalem...

Lanço-lhe um olhar exasperado. Ela revira os olhos outra vez tão para trás que tenho a certeza que deve ter tido uma dor ocular, e depois vai-se embora a bambolear.

– Acho que ela se está a fazer a mim – diz ele, vendo-a afastar-se.

(– Não está – grita Mars de volta, sem se virar.)

– Então. – E olha-me. – A noite passada foi divertida...

– Ontem à noite e durante o dia? – pergunto eu, de sobrancelhas levantadas. – Rapaz atarefado.

– Não era isso que eu queria dizer. – O Beej suspira, enfiando as mãos no cabelo.

Na verdade, é estranho. Ele tem tanto sexo, tanto – e vai falar nisso sempre

que lhe apetecer, se isso me fizer reagir, mas ele não gosta que eu fale sobre isso.

– Detesto discutir contigo, Parks – diz-me ele.

– Então, não o faças. – Encolho os ombros, perguntando-me quando é que ele me vai entregar aquele maldito saco de presentes.

– Não consigo evitar – diz-me ele e os meus olhos concentram-se na boca dele.

O Beej limpa a garganta, e eu faço deslizar os meus olhos até aos olhos deles, com a minha face a corar levemente.

– És apenas uma moléstia danada – diz-me ele, com as bochechas também um pouco coradas.

Pergunto-me se nos vamos beijar. Pergunto-me sempre se nos vamos beijar. Nunca nos beijamos. Nem devemos fazê-lo. Os nossos olhos fixam-se como as nossas mãos não o fazem.

Eu amo-te, pestaneja ele.

Prova-o, suspiro eu.

Sinto-me feliz por estar a usar o pijama Noelle Martine de cetim, enfeitado com renda, da colaboração entre a Morgan Lane e a LoveShackFancy, porque é muito curto e mostra a minha barriga que está terrivelmente tonificada neste momento e espero que ele pense em mim sem a minha roupa e penso que deve fazê-lo porque pressiona a mão à frente da boca e inspira.

– Muito bem, Parks. – Deita-me um olhar comedido. – Numa escala de um a dez, de quão zangada estamos a falar?

Olho-o nos olhos.

– Dez! Muito dez! Agora, dá-me o saco Chanel.

Ele ri-se enquanto o atira para a cama.

– Qual delas é? – Eu agarro-o, excitada.

Ele sorri, olhos a olhar para mim de uma forma que se poderia dizer ser demasiado familiar e confortável para os ex, mas não quero discutir isso.

– Aquela que tu querias.

– Pele de cordeiro rosa, metal dourado com as joias?

Ele acena com a cabeça enquanto se senta na minha cama, deitando-se em cima dela.

Aperto a minha bolsa ao peito e deito-me ao seu lado.

– Obrigada.

O Beej acena novamente com a cabeça, e os seus olhos seguem a cornija no meu teto, como faz sempre quando a sua mente e a sua boca não se conseguem ligar.

– Lamento – diz ele, eventualmente, olhando-me de relance. – Acerca da Taura. Eu sei que ela te põe triste.

Afasto-me e engulo um pouco de nervosismo. Não sei porquê.

– Nunca me pedes desculpa por esse tipo de coisas.

Ele parece um pouco surpreso; os seus olhos voltam para o teto.

– Sim, mas não gosto de te deixar triste.

Eu copio-o, a olhar para cima.

– Também não gosto de te deixar triste.

Quem me dera que pudéssemos parar. Não sei porque é que parece que não conseguimos.

Olho para ele.

– Levas-me às compras?

Ele sorri e acena com a cabeça.

– Então, tenho de te ver a tomar duche.

– Combinado – concordo.

Ele senta-se, não acredita na sua sorte.

– A sério?

– Népia! – canto eu, enquanto me afasto.

Ele grita-me pelas costas:

– Vou levar este saco de volta.

Magnolia

Deves estar a perguntar-te – eu sei que sim, todos o fazem – porque é que não estamos juntos.

Infidelidades à parte, achas que ele é perfeito. Que somos perfeitos, e que nada neste mundo passado, presente ou futuro pode ser suficientemente grande ou mau para justificar que não estejamos juntos. Já percebi, já passei por isso. Também já pensei isso.

Houve uns dois meses, depois de tudo o que tinha acontecido com o Christian, em que eu e o Beej começámos a voltar ao que éramos. Não foi intencional ou consciente. Era mais fácil estar com ele do que não estar, e talvez isso não seja uma coisa boa – já não sei. Connosco, não consigo dizer objetivamente. Qualquer coisa nele desfoca tanto a lógica do meu coração como as linhas que fingimos não atravessar. Eu ainda estava destroçada, e ainda estava triste, e ainda não confiava nele como costumava confiar, mas penso que, a certa altura, amava-o mais do que ele me magoava, e começou a parecer-me estúpido amar alguém como eu o amava e deitar tudo a perder porque ele fez sexo com outra pessoa uma vez.

A propósito, não estou a menosprezar isso. Ou a inventar desculpas. Faz-me sentir mal dizê-lo, mesmo agora. Não é que isso não tenha importado. Acho apenas que é mais importante o quanto eu o amo.

Mas a Marsaili não aceitava a situação. Nunca a tinha visto assim com ninguém da forma como ficou com ele. Quando ele começou a aparecer cá por casa, ela praticamente pairava pelos cantos com olhares intimidatórios, à espera das alturas para fazer comentários maliciosos, para o boicotar, deitar um anel de sal à volta dele ou atirá-lo para debaixo de um autocarro. Ele saía e ela fazia-me um chá extra doce na cozinha e dizia-me que o que ele fizera não podia ser desfeito, e que não se podia confiar nele, e que se o fez uma vez, fá-lo-ia novamente, e que, na verdade, se ele me amasse como dizia, não o teria feito de qualquer maneira. E eu chorava sempre e dizia-lhe que achava que tinha sido um acidente, e ela dizia-me

que as pessoas não têm sexo acidentalmente, que isso não acontece simplesmente, é preciso querer que aconteça. O que sempre me foi difícil de entender.

Foi mais fácil para mim voltar à ideia de que aconteceu acidentalmente, que ele escorregou acidentalmente para o sexo, que não pensou nisso, que aconteceu da forma como se cai, escorrega-se e depois cai-se, cai-se sem permissão, não se está consciente, e depois cai-se no chão.

Era assim que eu precisava de me sentir para que voltássemos a estar juntos, mas a Marsaili ajudou-me a ver que não é assim que a infidelidade acontece.

Acontece porque as pessoas são descuidadas e insensíveis e casuais com corações e emoções, e as relações com essas pessoas são perigosas e, por isso, mesmo que as amemos, não devemos amá-las porque nada vale a pena sentir-me como ele me fez sentir, e não havia garantia de que o que aconteceu antes não voltaria a acontecer porque a palavra de um batoteiro, disse ela, é nula.

Portanto, eu e o BJ também não voltámos a acontecer. Foi isso que nos pôs num caminho engraçado, penso eu. Aqueles poucos meses em que estávamos obviamente a caminho de estar novamente juntos, antes de termos dado uma volta de 180° e de eu ter saído daquela relação de merda, e ter começado a sair com outros rapazes para apagar os rastros do meu coração.

Acho que isso o matou por um minuto. Talvez até, literalmente, uma vez.

Éramos como somos agora, suponho eu. Eu tinha acabado de começar a namorar com alguém – o Reid Fairbairn, um rapaz australiano cujo pai está na mineração. Ele era novo na cena, bastante atraente, como a maioria dos rapazes australianos. Não durou muito tempo – penso que estivemos juntos dois meses ou por aí perto. Não precisava que durasse, ele tinha servido o seu propósito. Picou o BJ no início, mas bastou-lhe um minuto escaldante e um fim de semana prolongado em Amesterdão, e ele estava de volta ao normal.

Todos tínhamos passado a noite anterior fora com os meus amigos no EGG, e o Reid contou uma piada que, na verdade, foi muito engraçada, e eu ri-me mesmo, e foi uma daquelas raras ocasiões em que me diverti realmente com a pessoa com quem namorava tecnicamente na altura.

De qualquer modo, na noite seguinte, não sei onde estava o Reid, mas fui

jantar com o Henry e o Christian ao Gauthier Soho, e o Jonah veio encontrar-se connosco depois para uma bebida.

– Isto outra vez, não – disse ele, enquanto acenava com o polegar entre mim e Christian, que estávamos sentados um ao lado do outro.

– Ela tem namorado. – O Christian revirou os olhos, dirigindo-me um ar cansado.

O Jonah atirou-me um olhar não impressionado.

– Ela tem um fantoche.

– Não tem nada! – bufei eu. O Henry lançou-me um olhar que me disse que todos sabiam, de qualquer maneira, e eu estiquei-me para o prato dele para «provar» a sua sobremesa pela quinta vez.

– Onde está o Beej? – perguntou o Henry ao Jonah.

O Jonah abanou a cabeça.

– Não o vejo desde ontem à noite.

Todos olham para mim nervosamente.

– Rapazes! – E revirei os olhos. – Eu sei que ele anda a foder Londres inteira! Não há necessidade de andarem em bicos de pés à minha volta. Para além disso – levantei o meu escudo à minha frente –, eu tenho namorado.

– Estás bem? – perguntou o Henry, cautelosamente.

– Tão bem quanto estaria se soubesse que tu andavas a foder Londres inteira. – Pestanejei com falsa indiferença.

– Bem – suspirou ele, contente. – E ando.

– Então, ótimo. – Sorri para ele, mentindo com os dentes todos. – Isso é ótimo, porque eu estou ótima. Com tudo. Porque é fantástico. Bom para ele. Até estou feliz por ele.

– Certo – disse o Jonah, a sorrir maliciosamente.

Sorri-lhe poderosamente para o calar, e ele abanou a cabeça, suprimindo um sorriso enquanto me servia um pouco de vinho.

O ingrediente mágico do nosso círculo social que nos permite continuar a funcionar depois de tudo o que passámos e fizemos uns aos outros: negação. (E

álcool.)

A seguir, o meu telefone começou a tocar.

– Falando do diabo. – O Christian acenou em direção ao meu telefone.

– Olá. – Tentei não sorrir muito enquanto atendia.

– Parks? – gritou ele através telefone, e a voz dele soou-me estranha.

– Beej? – pressionei o telefone contra o ouvido e cobri o outro com a minha mão.

– Parks? – gritou ele, e depois inspirou longamente.

– Beej, onde estás? – perguntei rapidamente, e senti o ambiente entre os rapazes a mudar. – Pareces estranho?

– Acho que estou... – Ouvi-o respirar fundo. – O meu coração está a ficar estranho – disse ele, mas eu conseguia ouvir alguém ao fundo. Não percebi com qual de nós ele estava a falar. Uma rapariga.

– Dá-me o telefone – disse a rapariga, com urgência.

Voltei a perguntar-lhe, claramente:

– Onde estás?

– Dá-me o telefone – disse ela. Houve um confronto no outro extremo.

– Não! – Gritou ele, não parecia ele, e foi aí que o meu coração afundou, porque eu sabia. Eu sabia o que tinha acontecido. Sabia, embora não fizesse sentido. Mas já tinha visto o suficiente nos nossos círculos, conhecia os sinais. A forma como isso te pode mudar. Não sabia que ele andava a consumir. Houve mais confrontos, e mais discussões por causa do telefone. O BJ estava a arrastar-se. A rapariga estava em pânico.

– Beej? – Eu, toda acelerada e nervosa. Os olhos de todos os rapazes estavam em mim, com as sobrancelhas franzidas.

– BJ? – chamei em voz alta.

– Está? – disse a rapariga, sem fôlego para o telefone.

– Onde estão? – perguntei.

– Magnolia, é... – começou ela, mas eu interrompi.

– Não quero saber quem és. – Eu estava a fazer o meu melhor para manter a voz firme. Levantei-me. Os rapazes fizeram o mesmo. – Diz-me apenas onde estão!

O Jonah arrancou-me o telefone da mão.

– Onde raio estás tu? – gritou, dirigindo-se para a porta do restaurante antes de ter uma resposta. – Não o deixes tomar mais nada, está bem? – ordenou o Jonah com uma voz que me assustou. – Vou já para aí. – Atirou um maço de notas ao *maitre* e caminhou até ao carro dele, que estava estacionado mesmo à saída.

Abriu a porta do passageiro do seu Escalade e empurrou-me lá para dentro, fechando a porta atrás de mim.

– Que caralho se está a passar? – perguntei eu, com a minha voz muito mais apagada do que eu queria. O Jonah lançou um olhar sombrio ao Henry e ao Christian no banco de trás.

– Foda-se. – O Christian abanou a cabeça, nervoso. Eles estavam todos tão nervosos. Nunca tinha visto nenhum deles nervoso e foi a coisa mais inquietante.

– Isto já aconteceu antes? – perguntei especificamente ao Jonah.

Ele olhou em frente.

– Uma vez.

– Quando? – Olhei para o Henry, que me olhou longamente, com os olhos cheios de nervosismo. Obviamente, fosse quando fosse que tivesse acontecido, jurou-se entre os quatro que eu nunca deveria saber.

– Quando? – perguntei, com o meu tom nítido ao virar-me para o Christian.

Ele calou-se, não querendo trair o seu amigo.

– Em Amesterdão – disse ele, por fim.

– Foda-se, meu! – disse o Jonah, olhando pelo espelho retrovisor.

Ainda não afastei completamente a sensação daquele dia. Fez-me não confiar no céu azul, porque o céu estava tão azul naquela manhã, e à medida que o Jonah girava pelo trânsito em Piccadilly Circus, lembro-me de pensar que a aparência do céu naquela manhã era uma mentira, como se me tivesse embalado para uma falsa sensação de segurança. Fez-me sentir que aquele dia ia ser um bom dia, mas estava a desenrolar-se à minha frente para ser o pior.

Senti-me como se estivesse a caminho da minha desgraça. Senti que estava a caminho de encontrar o amor da minha vida morto. Lembro-me de agarrar o banco do carro do Jo com tanta força que as minhas unhas rasgaram o couro. Lembro-me de o Henry me alcançar do banco de trás e segurar o meu braço, acalmando-me. Lembro-me de, num semáforo, o Jonah se virar para mim e enxugar lágrimas do meu rosto que eu não sabia que estava a chorar.

E lembro-me, visceralmente, da sensação de que o meu peito tinha sido completamente serrado e que as terminações nervosas do meu coração estavam expostas.

O carro parou e o Jonah saiu a correr pelas escadas até ao átrio do Hotel Courthouse, nós a segui-lo. Ele bateu com a mão no balcão da rececionista para captar a sua atenção.

– Ballentine – gritou ele. – O número do quarto do Ballentine.

– Senhor... – A mulher olhou para cima, nervosa. – Não podemos simplesmente dar...

– Ele teve uma *overdose* – disse-lhe ele sem hesitar.

Ela pestanejou rapidamente algumas vezes, depois acenou com a cabeça rapidamente, digitando algo.

– 305 – mal pronunciou ela antes de o Jonah rodar nos seus calcanhares, a correr para as escadas e não para o elevador.

– Será que precisamos de chamar uma ambulância? – Não perguntei a ninguém em particular, uma vez que corríamos atrás dele. O Christian, que desconfia profundamente de todas as forças da lei, como todos os membros da família Hemmes, abanou a cabeça. Voltei os olhos para o Henry, que acenou subtilmente com a cabeça, enquanto puxou do seu telefone.

O Jonah correu pelo corredor, atirando-se à porta do 305.

Da segunda vez, a porta cedeu e o Jonah caiu lá para dentro, diretamente para o chão. Passei por ele, ignorando a rapariga de *lingerie* de renda preta, pairando sobre ele com ar perturbado, e corri para a cama onde o Beej estava encostado à cabeceira, parecendo pálido, com gotas de suor no peito bronzeado nu.

Abanei o corpo dele.

– Beej?

– Magnolia? – respondeu ele arrastadamente, olhando para mim, com as pupilas completamente dilatadas e incapazes de se concentrarem em mim. Sorriume ligeiramente.

– O que é que fizeste? – sussurrei-lhe, acariciando-lhe a face.

– Eu... – disse BJ.

Pude ouvir o Henry ao telefone em segundo plano.

– O que é que tomaste? – O meu tom era irritado, mas empurrei a minha mão através do cabelo dele impulsivamente. Ele apenas pestanejou para mim. – O que é que ele tomou? – Pestanejei a choramingar para a rapariga, finalmente reconhecendo-a. Assim que os nossos olhos se cruzaram, percebi que éramos uma espécie de amigas. Lila Blane. Uma foliona da noite de Cheltenham.

Ela olhou para mim, culpada, em pânico e confusa.

– Eu... eu não sei – disse ela, tapando a cara com as mãos. – Penso que foi apenas cocaína?

– Está a arder em febre! – gritei para ninguém em particular, com a minha mão na testa dele.

– Mas ele tem estado a snifar linhas desde ontem à noite – disse ela, em pânico.

– E a beber? – O Jonah ergueu uma das dezenas de garrafas de champanhe espalhadas pelo chão do quarto do hotel.

A rapariga acenou com a cabeça. O Christian afastou-me do Beej e puxou-o para fora da cama, chamando pelo seu irmão. O Jonah veio a correr e ajudou a arrastar o Beej para a casa de banho, comigo a seguir inutilmente atrás deles. Puxaram-no para o chuveiro e abriram a água morna. Os olhos dele abriram-se arregalados sobre mim e o Christian.

– Vocês estão juntos? – rugiu o Beej, com raiva e pouco coerente.

– Não. – Sacudi a minha cabeça, com o coração partido.

– Então, porque está ele aqui? – gritou o BJ.

Olhei de relance para os irmãos Hemmes, magoados e inseguros.

O Jonah abanou a cabeça para mim.

– Ele só está paranoico. Torna-o mais agressivo.

Eu subi para o chuveiro, para ficar ao lado do Beej, cujas pálpebras estavam pesadas, e a cabeça tombava para trás constantemente.

– Beej! – Bati-lhe na cara. – BJ!

– Parks – sussurrou ele, com a voz tremida. – Eu amo-te – Não percebi que estava a chorar, mas estava. Acenei com a cabeça.

– Eu sei. Eu também te amo. – Ele começou a tremer e olhei para o Jonah, de boca aberta, completamente apavorada.

– Tremores – disse-me o Jonah.

– Ele está a morrer? – Engoli em seco, nervosa, não tirando os olhos de cima dele.

– Não. – O Jonah sacudiu rapidamente a cabeça, tapando a sua boca com a mão, nervosamente. – Henry? – gritou ele. O Henry correu para a porta da casa de banho, com o telefone pressionado contra o ouvido.

– Quanto tempo? – perguntou o Jonah sem olhar para trás.

– A qualquer segundo.

O Beej começou a tremer mais.

– Tira-a daqui – ordenou o Jonah, acenando na minha direção quando desligou o chuveiro, e eu fui afastada mesmo a tempo, antes de o BJ vomitar e depois começar a ter convulsões.

O Christian correu e agarrou numa almofada, colocando-a debaixo da cabeça dele, e o Henry estava a dar o seu melhor para me bloquear do mundo enquanto me pressionava contra o peito e me tapava os olhos.

E então os paramédicos chegaram, gritando para que saíssemos da frente, empurrando uma maca. É engraçado como o nosso cérebro lida com o trauma. Tudo ficou silencioso nessa altura. Silencioso e lento. Billie Holiday a tocar no fundo da minha mente enquanto levantavam o seu corpo flácido para a maca. Lembro-me de a Lila Blane abraçar os joelhos na cama, chorando, enquanto tentava transmitir o que aconteceu a um dos paramédicos. Lembro-me de ver ao

longe o Jonah a sair do chuveiro, coberto de vômito e água, com ambas as mãos no cabelo, olhando para o BJ, congelado em algum tipo de tristeza. Lembro-me de o Christian de joelhos no duche, a arfar como se ele próprio estivesse prestes a vomitar. Lembro-me de me perguntar se era agora, se era a última vez que via o BJ. Ele com os olhos vidrados e o cabelo em que eu adorava enfiar as mãos. O rapaz mais bonito em todo o lado, o grande amor da minha vida – quantos amores cabem numa vida? Lembro-me de me perguntar isso.

Quantas pessoas olharão para mim como ele olha, não apenas como se eu fosse o Sol, mas como se eu fosse todo o maldito universo? Lembro-me de o odiar por nos ter feito isto. Lembro-me de o odiar por ter morrido antes de termos tido a oportunidade de estar de novo bem, porque sempre pensei que estaríamos. Pensei que ficaríamos bem, pensei que, um dia, iríamos resolver as nossas merdas e que o perdoaria por tudo o que ele fez, e que envelheceríamos juntos e que finalmente teríamos aquela casa em Tobermory, mas agora ele estava a morrer de uma *overdose* de coca porque eu parecia feliz na noite anterior com outro homem de quem não quero saber para nada. Lembro-me do ressentimento a bater no meu corpo e depois lembro-me, como um murro físico no estômago, de quanto o amava. Amava-o de verdade. Até ao osso, amava-o. Cortem-me e sangrá-lo-ei. O quanto eu precisava dele, ainda precisava dele, precisaria dele para sempre, sempre, nunca poderia mesmo se tentasse, precisaria dele. E lembro-me de ter um medo profundo de como seria a minha vida sem ele incluído nela.

De lá, ele foi levado na ambulância para o hospital. Após cerca de duas horas, um médico apareceu e disse-nos que ele tinha estabilizado, mas que estava hipoglicémico. O Christian encostou a cabeça no ombro do irmão, suspirando aliviado. Uma única lágrima escorregou do olho do Jonah, que ele enxugou antes que alguém pudesse ver, mas eu vi-a. O nosso olhar cruzou-se e trocámos um olhar pesado porque, embora o mundo inteiro o sentisse se o BJ já não estivesse nele, eu e o Jonah é que o sentiríamos mais.

Os irmãos Hemmes sentaram-se na sala de espera, aguardando os pais do BJ, e o Henry pegou na minha mão, conduzindo-me à sala de recuperação.

– Vamos lá. – Ele tentou sorrir, mas na realidade não conseguiu. Chegámos à porta da sala, e eu parei, a olhar para o Henry.

– O Jonah disse que isto já aconteceu uma vez?

O Hen sacudiu a cabeça.

– Não foi isto.

– Então, o que foi? – Cruzei os braços sobre o peito, tentando sentir-me no controlo de algo, porque se tornou então racionalmente aparente que eu estava no controlo de absolutamente nada quando se tratava de amar o BJ.

– Ele só tomou muita de uma vez.

– Quando?

– Há alguns meses.

– Há quanto tempo é que ele consome? – E olhei para ele com um olhar sombrio.

As sobrancelhas do Hen franziram-se e ele suspirou.

– Todos nós consumimos às vezes.

– Eu não consumo. – Ele olhou-me. – Quanto tempo? – repeti eu, esfregando o meu olho para encobrir o facto de que estava a chorar.

O Hen coçou a garganta, cerrando os lábios.

– Desde Amesterdão.

Acenei uma vez com a cabeça.

– Regularmente?

Ele inclinou a cabeça, pensando.

– Recreativamente.

– Isto – e aponte para o quarto – não foi recreativo.

– Não – admitiu ele calmamente. – Não foi.

Abrimos a porta, e o BJ estava a dormir na cama. Havia um lugar no canto onde o Henry tinha soçobrado, exausto. O Beej ainda estava um pouco pálido, os cheios lábios dele separavam-se no centro, com o peito a subir e a descer num ritmo que era a banda sonora da minha juventude, e eu nunca tinha ficado tão grata por ouvi-la. Caminhei até ele, cautelosa, como se ele pudesse partir-se se eu me mexesse demasiado depressa, e alcancei-lhe o cabelo.

– Apenas família – disse-me uma jovem enfermeira, bonita e morena, que apareceu à entrada da porta. Olhei para ela, sentindo um pouco como se alguém me tivesse dado um estalo.

– Eu sei quem ele é – disse-me ela. – Não faz parte da família dele.

O Henry levantou-se, franzindo o sobrolho.

– Se sabe quem ele é, sabe quem ela é. Ela é a família dele.

A enfermeira olhou entre nós, depois acenou uma vez com a cabeça, e foi-se embora. Subi para a cama do BJ, aconchegando-me ao seu lado como se não houvesse tempo, namorados ou *overdoses* entre nós.

Pensamos que grandes coisas como esta mudam uma pessoa de imediato, mas as mudanças que aconteceram foram invisíveis. Ele parecia-me o mesmo, para abraçar e apertar. Todo o seu corpo era uma montanha familiar que eu tinha escalado e conquistado tantas vezes nas nossas vidas que até àquela noite tinha parecido vasto, mas de repente parecia tão fugaz. Os meus olhos continuavam a fixar-se nos pulsos dele com as agulhas enfiadas nas veias. Lembro-me de os ter deslocado para o pescoço dele, respirando-o de forma deliberada, ignorando os chupões feitos por pessoas que não eram eu. O seu nariz estava em carne viva por causa do tanto que tinha snifado, e o meu peito doía porque eu não compreendia como o podia conhecer como o conhecia e não sabia que ele andava a fazer isto.

Cerca de dez horas mais tarde, ele acordou. A mãe e o pai dele estavam sentados ao lado da sua cama, na qual eu ainda estava deitada. Eu não me tinha mexido uma única vez. Senti-o mexer-se debaixo de mim, e as suas longas pestanas a contorcerem-se antes de abrirem. Recuei, olhando para ele. Com receio, ele piscou-me algumas vezes os olhos.

– Parks. – Ele sorriu lentamente. O meu coração disparou por ele ter acordado. A sua voz, lembro-me de soar como a manhã de Natal, o meu aniversário, o dia de São Valentim, e a minha casa, e eu amava-o.

– Será que ele vai ficar bem? – perguntei ao médico.

Ele acenou com a cabeça.

– Ele vai ficar bem...

O alívio inundou-me tão rapidamente quanto dei por mim a esbofeteá-lo.

Toda a sala arfou e depois congelou. Ambos os seus pais, o Henry, o Jonah e um médico. O Beej parecia de olhos arregalados, confuso, ainda um pouco atordoado.

– Se mais alguma vez – comecei, com a minha voz a tremer. – Se mais alguma vez me fizeres isto... – Abanei a cabeça. – Jamais te perdoarei.

– Está bem. – Pestanejou ele, um pouco em lágrimas.

– Promete-me.

– Eu prometo. – Ele mal acenou com a cabeça.

Depois, desci da cama e saí do seu quarto.

A propósito, ninguém sabe disso. Nunca falámos sobre isso, não dissemos a ninguém, nem sequer à Paili ou ao Perry. A única pessoa que sabe é a minha irmã e isso é porque cheguei a casa do hospital nesse dia a chorar, e ela não me deixava sozinha – eu tinha desaparecido há dois dias. Eu nem sequer reparei. Não me apercebi de que as horas passavam, quanto mais os dias. Estava na iminência de perder o amor da minha vida e o tempo tinha ficado suspenso. A Allie ter-lhe-ia dito de qualquer maneira.

O Reid não reparou – ou se reparou, não disse nada. Ele sabia, penso eu – todos sabiam. O que eles eram para mim. Ou talvez mais apropriadamente, eles sabiam quem não eram para mim.

Não falei com o BJ durante uma semana. Ele enviou-me mensagens constantemente, de todas as maneiras... Tudo. SMS, PM, IM, tudo. Mas não consegui.

Fiquei desfeita. Rasgada por dentro e a sangrar por fora.

Foi isso que a quase morte dele me fez.

Por isso, ignorei-o o máximo de tempo que pude.

Era sábado, uma semana e meia depois, e os nossos amigos iam ver uma repetição do *It*, em Leicester Square – não exatamente como habitualmente, mas com o Beej sigilosamente em desintoxicação, eram as hipóteses de atividades sociais existentes. Entrei no átrio – e os olhos de todos os rapazes caíram sobre mim, como se tivesse uma bomba amarrada ao meu peito.

Lembro-me do BJ a olhar para mim, olhos grandes e redondos, ele a engolir nervosamente enquanto eu caminhava até ele. E depois aconteceu, mesmo sem

pensar – peguei no rosto dele com as minhas mãos e pressionei os meus lábios contra os dele. Ele sabia a pipocas. Nunca foi capaz de esperar que o filme começasse para comer os seus petiscos.

Aquele beijo, não era sensual nem cheio de luxúria, mas estava ligado a um amor desesperado, sedento e sem nome que tínhamos e ainda temos agora e não conseguimos agitar. Recuei um pouco, os nossos rostos ficaram a pairar apenas a alguns centímetros de distância. Pestanejámos um para o outro, os nossos rostos calmos ainda que os nossos corações não estivessem – e todos os nossos amigos totalmente desconcertados.

Depois, passei-lhe ao lado, dei o meu braço ao Henry e entrámos para o cinema.

Nenhum de nós alguma vez falou desse beijo. A Paili e o Perry nunca me perguntaram. E graças a Deus, porque como poderia eu alguma vez tê-lo explicado? Eu já tinha banido aquela noite para o mesmo canto do meu coração onde vive a nossa outra noite terrível.

Há três memórias que lá vivem, todas elas para as quais nunca olho. Todas elas que me moldam, ainda assim. Todas elas envolvendo o BJ.

Ele é uma bomba-relógio para mim, percebes agora? Que ele me vai magoar. Ele vai sempre magoar-me. Nunca estarei a salvo com ele, mesmo que esteja sempre a salvo ao seu lado.

Portanto, não importa se o amo – que não amo –, mas se o amo, não importa, mesmo agora. Porque amá-lo é a mesma coisa que atirar as chaves do meu coração a um arrumador sem carta de condução. Ele vai lançar-me no abismo.

BJ

As festas em Park Lane são lendárias. Há algumas a que levamos as raparigas, a outras não. A de hoje à noite, é um «não».

A minha casa e do Jo é uma loucura. Park Lane, casa de solteiro com quatro quartos. A Parks gosta, mas, às vezes, sinto-me estranho por trazê-la aqui. Provavelmente, por causa de noites como esta. O Christian estava muito empenhado em ficar completamente obliterado esta noite – parece que tem que ver com raparigas –, não quis perguntar.

O Jonah obrigou-o a vir para aqui porque o Henry se recusou a organizá-la na casa dele porque o meu irmão não quer perturbar a sua pequena vizinha do lado, a Blythe. É justo, nem eu. A Blythe foi enfermeira na Segunda Guerra Mundial e as suas histórias são brutais. Ela é uma lenda completa e os seus olhos ainda brilham, por isso não há festas em Ennismore há algum tempo.

Fiquei no andar de cima durante algum tempo, a conversar com uma rapariga de França. Não sei como ela acabou aqui – mas também não me importo particularmente. Isso é uma merda da minha parte, eu sei, mas as raparigas são mais ou menos as mesmas – pelo menos as de engate. Olha-las nos olhos, ouve-las, tocas-lhes na cara, e são tuas.

– Gostas de estrelas? – pergunto a todas as raparigas que visitam a minha sala de estar e que eu preferia que estivessem no meu quarto. Todas elas dizem que sim porque acho que nunca ninguém me disse que não, além da Parks.

A francesa diz que sim.

Agradeço quando as mulheres não se emocionam com o sexo e o tratam mais como uma transação, não fingindo que é algo que não é. Tipo, conhecemo-nos num clube. Estamos a curtir num banco de bar. Já beijaste o meu amigo. Isto não é um conto de fadas. Não sou quem apresentas à tua mãe, sou a história mais selvagem que contas aos teus amigos quando estás a trocar segredos sujos.

Ela está toda de preto, a francesa. A Magnolia nunca usa preto.

Levo-a lá para baixo, para o meu quarto, e é tudo um estratagema para que a troca seja menos calculada. Ela vai olhar através do telescópio, eu vou baixar-me atrás dela, vou-me aproximar dela, apontar para uma estrela que nenhum de nós consegue ver porque mal se conseguem ver as estrelas através do *smog* de Londres, e esta é uma noite má.

– Uau – diz ela, com um sotaque mais carregado do que eu pensava. Olhando para mim, não para o telescópio. Eu sento-me na minha cama, a observá-la. À espera. Os olhos dela cruzam-se com os meus, pelo meu corpo abaixo, de novo para cima.

– Posso usar a tua casa de banho? – pergunta ela, e eu aceno com a cabeça. E aponto para a porta. É muito atraente, esta aqui. Pele de porcelana, cabelos escuros, cabelo cortado curto pelo queixo, olhos castanhos. Não parece a Parks. Ninguém parece. Esse é o interminável problema da minha existência após Magnolia Parks. Ela é a única. A única que aturarei, a única que me fode de qualquer maneira e, ainda assim, eu mantenho-me por perto, a única pessoa que alguma vez teve o meu coração aprisionado.

Reclino-me na cama. O que será que a Parks está a fazer esta noite? Talvez ela e os Pês – Paili e Perry – tenham saído. Não gosto quando ela sai sem mim, mas acho que estou prestes a dormir com alguém que não é ela, por isso, não há muito para reclamar.

A francesa aparece à porta. E encosta-se a ela.

– Tens namorada? – O sotaque dela já é suficientemente bonito. A maioria das raparigas que engatei sabe quem eu sou. Sabe que não deve perguntar. Talvez não tenham o *Tatler* em França?

Olho-a de relance.

– Não.

Ela dirige-me um olhar duvidoso.

– Não me importo se tiveres...

Esboço um sorriso forçado.

– Não tenho.

– Então, este Foreo é teu? – E abre a palma da mão mostrando o pequeno

esfoliante facial cor-de-rosa da Parks, rebolando-o na mão.

Faço uma nota mental para comprar um novo para a Parks. Olho para a coisa cor-de-rosa da Parks, não para a rapariga.

– Não.

A francesa inclina a cabeça.

– Então, de quem é? – Eu olho para ela. Não sou grande fã de conversas pré-coito, especialmente quando a conversa é sobre a Magnolia.

– Da minha melhor amiga. – Levanto-me, tiro-lhe o Foreo e coloco-o numa gaveta.

A francesa faz gestos para o lavatório.

– *Est-ce que c'est sa jolie brosse à dents rose aussi?*

Eu aceno com a cabeça.

– É.

Ela pega-lhe.

– Será que posso usá-la? *Ma bouche sent dégueulasse* – Ela levanta-a, e eu empurro-lhe a mão para baixo.

– Não.

A francesa pestaneja, um pouco surpreendida e um pouco aborrecida.

– Não?

Sacudo a minha cabeça.

– Ela tem uma cena com outras pessoas e toques e germes.

E raparigas com quem tenho sexo.

A rapariga revira os olhos.

– *Elle a l'air géniale...*

– Ela é. – Aceno uma vez.

– *Désolé, dois-je y aller?* – Ela dirige-me um sorriso tranquilo. – Preferias estar aqui com ela?

Olho-a longamente, medindo-a.

– Sim, na verdade. Mas ela não me quer assim, por isso...

– *Pourquoi pas?*

– Porque... – Enfio as mãos no cabelo, sorrindo-lhe. – Sou um tipo que dá cabo de tudo.

Ela ri-se à gargalhada.

– Que sorte a minha.

– Nem fazes ideia. – E agarro-a pela cintura.

E depois... É o que é, e poupo-te a todos os detalhes. Basta dizer que há nudez, toques e orgasmos. E eu não penso na rapariga que estou a penetrar uma vez. É profundamente lixado, eu sei. Tenho esta única memória da Parks que a minha mente nunca consegue afastar e é para onde ela vai sempre. Eu e ela no Lago Como, a bordo de um Riva Aquamara, de 1971. Em plena luz do dia. Tão pouco ela, estar tranquila e não se preocupar que nos pudessem ter visto ou reconhecido. Usava biquíni fio dental lilás – eu tenho um fraquinho por ela em lilás –, o sol batia-lhe nos olhos, transformando-os numa espécie de gelo verde. Penso nisso sempre que tenho relações sexuais com outra pessoa. Não sei porquê. Mata-me um pouco.

Depois, a francesa pega na sua bolsa e saca de um pequeno saco. Deita um pouco de cocaína no meu peito nu, usa o seu cartão de crédito para cortar uma linha e, depois, snifa-a. Ela esfrega o nariz, depois olha para mim.

– Queres?

Eu abano a cabeça.

– Melhor amiga? – pergunta ela.

Eu rio-me.

– Ela matava-me, porra.

10:09

Lil Ballentine

Olá, florzinha. Podes pedir
ao meu filho que me ligue, por favor?

Ele não atende.

Eu não estou com ele :)

Oh!

Que tolice.

Estou a brincar. Ele está mesmo aqui.

Não lighes.

Estou de novo a beber durante o dia.

Lily, não há problema.

Ele não é o meu namorado.

Mas podia ser 

Não, não podia .



Gosto muito de ti, minha querida

Magnolia

– O que fizeste ontem à noite? – perguntou a minha irmã enquanto percorria o menu do Belvedere. Não é o meu favorito, mas é mesmo do outro lado da rua da nossa casa.

– Eu e os Pês tomámos umas bebidas. *Privee*. 109. No Callooh Callay – Bati com as minhas mãos. Ela sabe o que quero dizer.

– Acabaste de ter um aneurisma? – pergunta ela, impassível, e eu reviro os olhos.

Somos bastante diferentes, eu e a Bridget. Havia dois caminhos possíveis, tendo uns pais como os nossos. Eu segui um caminho; ela seguiu o outro. Sou de uma forma muito óbvia a filha de um produtor musical de enorme sucesso e de uma ex-supermodelo que se tornou *designer* de acessórios de alta qualidade.

A Bridget é, de uma forma muito óbvia... esquisita.

Como agora, por exemplo, ela tentou sair de casa apenas com um par de 501 *vintage* e uma simples *T-shirt* branca sem marca. Tive praticamente de a convencer a usar o meu casaco de lã *jacquard* vermelho, preto e branco da Gucci, e enfiar os seus pezinhos imprevisíveis nas sandálias com franjas que lhe comprei na semana passada na Marni, porque se parecem com algo que alguém que bebe bebida de amêndoa e come muito trigo sarraceno usaria. Ela não gosta de coisas, não quer saber das opiniões das pessoas sobre ela, não quer saber de rapazes. Sei que ela não é lésbica porque lhe pergunto todos os dias; caso seja, quero que ela sinta que pode vir ter comigo – ela não gosta de festas, não se preocupa com as páginas da sociedade, não se preocupa com o facto de nunca ter sido mencionada no *Social Set*. É simplesmente esquisita. Mas é muito inteligente. E é uma boa ouvinte. É agressivamente observadora, faltam-lhe as boas maneiras e, muitas vezes, é irritante como a merda. Mas depois, sabe-se lá como, é adorável e segura, e parece mais velha do que eu. Ainda que seja mais nova do que eu.

– Então, só tu e os Pês? – continua ela. – Nada de Beej?

Eu abano a minha cabeça.

– Eles deram uma festa.

O rosto dela vacila.

– E tu não foste convidada? – Sacudo a minha cabeça outra vez, nariz no ar. – E não te importas com isso?

– Uhum. – Fecho as minhas mãos cuidadosamente em cima do meu menu, com o nariz extremamente levantado agora.

A minha irmã inclina-se para mim, curiosa.

– Ele convidou-te e tu não foste ou ele não te convidou?

Eu brinco distraidamente com a pulseira Mini Flower By The Yard da Alison Lou que o Beej me ofereceu na semana passada.

– A última opção.

Bridget ficou horrorizada.

– Porque é que ele não te convidaria?

Eu lanço-lhe um olhar. Ambas sabemos porquê.

– As raparigas não lhe tocam quando estou por perto. – E encolho os ombros para suprimir um estremecimento involuntário.

– Porque tu lhe estás a tocar?

Faço-lhe um olhar diferente.

– Bridget.

– Vocês os dois – geme ela. – Um dia serão a minha morte.

– A esperança é a última a morrer! – canto eu.

Aquelas festas em Park Lane, não sei. Tenho sempre medo do que acontece nelas quando não estou presente. Quando lá estou, eu e o BJ aguentamos uns sólidos trinta minutos com o pessoal antes de nos retirarmos para o quarto dele para ver um documentário da *National Geographic*. Quando não estou lá, não sei com quem é que ele se retira. E tenho a suspeita de que o que aconteceu com a Taura Sax naquela fatídica noite, aconteceu numa festa como aquela que eles lá organizam.

– Ei, aquela não é a Daisy Haites? – A Bridget acena com o queixo para a

porta.

Daisy Haïtes. Haïtes, como o Julian. Sim, aquele Julian. O chefe de gangue que, de alguma forma, ainda consegue aparecer na *GQ* e recebe menções na *VICE*. O outro amigo mais próximo do Jonah, diria eu. A Daisy é a irmã dele. Ela é alguns anos mais nova do que eu, extremamente bonita, do tipo assustador: cabelo castanho-escuro, olhos de avelã brilhantes e pele um pouco mais bronzada do que a rapariga branca padrão.

É inteligente e rápida e pode estar armada, por isso sou sempre muito amigável.

– Sim. – Eu observo-a e a seguir quem entra atrás dela senão o Christian Hemmes. – Ó, meu Deus – E bato no braço da Bridget com excitação. – Eles estão juntos? Parece que sim. Ele disse-me que não.

Vestido cores de outono com estampas florais pretas Saint Laurent por cima do logótipo bordado, *T-shirt* de algodão da Fendi, com o pormenor das *combat boots* da Prada, que ando a morrer por ter, mas esteticamente é um pouco difícil para mim.

A Daisy não andou na nossa escola – andou na Elizabeth-Day Morrow, penso eu? Um externato aqui em Londres. Ela é um pouco mais nova do que nós, mas sempre tivemos algo em comum. As mesmas festas particulares, as mesmas discotecas, os mesmos rapazes – aparentemente?

Se isto quer dizer realmente algo – Christian ainda não me disse.

– Christian! – chamo, acenando-lhes. Ele ergue o olhar... e ficou feliz por me ver, e pergunto-me por um segundo se ele veio aqui por essa razão. Mas certamente que não. Ele acena-me com o queixo e vêm ter connosco. A Daisy Haïtes não parece muito entusiasmada por me ver e, se eu não soubesse, pensaria que ela lhe sussurrava algo de adulator no caminho até nós.

– Parks. – Ele inclina-se e dá-me um beijo na face. – Bridge. – E remexeu-lhe no cabelo. A Bridget sabia do Christian e de mim quando havia um Christian e eu. Ela, o Henry e a Paili eram os únicos e, mesmo assim, era suficiente para todo o género de problemas.

– Daisy... – Levanto-me e dou-lhe um abraço e ela não me abraça de volta, e

fica ali de pé, rígida como uma tábua.

– Olá. – E dirige-me um sorriso forçado. E é tudo. Só um Olá.

– Sentem-se, sentem-se – digo aos dois, gesticulando para os dois lugares vagos.

Ela olha para mim e para a Bridget.

– Oh, não nos queremos intrometer.

– Oh, não, de modo algum. – E aceno com a mão. – A Bridget é uma péssima companhia. Por favor, imploro-vos.

A Bridget revira os olhos. O Christian funga uma gargalhada, sentando-se.

A Daisy segue o exemplo dele, relutante.

– Conheces a minha irmã? – E aponto para ela.

– Já nos encontrámos algumas vezes... – A Daisy acena com a cabeça. – Olá.

A Bridget diz Olá de volta e depois instalou-se um silêncio terrível e incómodo e eu e o Christian olhamos um para o outro sobre a mesa, e pareceu um olhar carregado. Porque é que parecia carregado?

– Como vai a escola? – pergunto-lhe calorosamente.

A Daisy Haïtes encolhe os ombros.

– Bem.

Eu insisto.

– Estás a gostar?

Ela volta a encolher-se, sobretudo com a boca, desta vez.

– Claro.

Decidi insistir ainda mais.

– Qual é a tua disciplina favorita?

– Procedimentos mortuários.

Eu engulo.

– Fixe.

Tento sorrir. O Christian parece divertido. A Bridget está fascinada.

– É isso... o que... queres fazer? – pergunto, cautelosamente.

Ela olha para mim como se eu fosse uma idiota.

– Não.

– Como está o teu irmão? – pergunto eu.

Ela dirige-me um olhar de desprezo.

– Está bem.

– E os teus pais? – pergunto sem pensar.

– Mortos.

... Como imagino que eu também estarei depois desta conversa. Estou a suar. Estou literalmente a suar. Aperto os lábios.

– Fixe – digo e aceno com a cabeça, nervosa.

A Bridget faz um pio esquisito. Os olhos do Christian arregalam-se de prazer. Eu estou prestes a desmaiar.

– Está bem, está bem – levanto a mão em jeito de escárnio. – Abranda. Não há necessidade de nos inundares com informação.

O Christian ri-se, mas a Daisy manteve-se fria como pedra. A boca da Bridget abriu-se, de espanto. Ela não pode absolutamente acreditar nos seus olhos. Francamente, nem eu. Eu, uma pura maravilha e um prazer absoluto, vestida de Gucci e salpicada de alegria e boa vontade, e estou a ser ignorada.

Solto uma pequena gargalhada.

– Estou tão contente por vocês se terem juntado a nós.

– Eu não queria... – começa ela, levantando-se. – Ele é que me obrigou.

Eu olho para o Christian.

– Ai foi?

– Adeus – diz a Daisy, afastando-se.

Eu franzo o sobrolho, vendo-a afastar-se, e olho para o Christian.

– Qual é o problema dela?

Ele encolhe os ombros.

– Não faço ideia. – E a seguir vai atrás dela.

A Bridget olha para mim.

– Ela sabe de ti.

15:17

Christian H

Isto foi estranho...

Foi?

A sério??

Ela não é muito amigável.

Há guardas prisionais
em Guantanamo Bay
mais amigáveis do que ela.

Hah

Estão mesmo a namorar?

Nah

Mas gostas dela?

Não dessa forma.

Ainda bem.

Ela é um pouco má...



Magnolia

Jantar da Série Completa no Seven Park Place. É um dos meus favoritos, à exceção do papel de parede espalhafatoso. Esta noite, visto uma camisola de lã Intarsia da Gucci, minissaia vermelha de *tweed* com botões da Miu Miu, e uns Marmont de plataforma com a franja embelezada pelo logo da Gucci.

Maquilha-me de uma forma de que sei que o BJ gosta, que é praticamente nenhuma (que ele saiba). Faces ruborizadas e lábios manchados. Ele não se apercebe, mas gosta porque parece que acabei de ter sexo.

Estamos numa mesa redonda, a mesma de sempre, e o Beej está à minha direita. Ele veste *jeans* pretos Amiri Shotgun desfiados, uma *T-shirt* Zenga cinzenta da Fear of God, um *bomber* Teddy Varsity de lã preta Saint Laurent e umas *hi-tops* Converse pretas. Os braços dele estão apoiados nas costas da minha cadeira. Não à minha volta, nas costas da minha cadeira. Não há contacto. Estamos a tocar sem tocar. É assim que nos tocamos a maior parte do tempo, especialmente em público. É difícil passar do que éramos: um amor adolescente desenfreado e incendiado, para o que somos agora: fodido, se bem o conheço.

Mas senti a falta dele. Estou contente por ter o braço dele na minha cadeira. Estou inclinada para ele. Se me inclinasse para trás – o que não farei, mas se o fizesse – estaria encostada a ele.

O jantar corre bem, tudo decorre favoravelmente. E depois uma canção começa a tocar.

Sabes quando ouves alguma coisa e a reconheces, mas não a consegues situar, olhas para o lado, de longe, espreitando de novo para a tua vida passada para encontrar a memória? Eu e o Christian fazemos ambos isto exatamente ao mesmo tempo, o que não passa despercebido ao BJ. Nada sobre mim e o Christian alguma passará.

Foi um acidente. O que aconteceu entre nós. Nunca quis que acontecesse.

Fiquei destroçada quando eu e o Beej acabámos. Não foi um daqueles acidentes em que se abranda para espreitar, era apenas... pura carnificina,

continuar a conduzir, do tipo de acidente de tapar-os-olhos das crianças.

Não foi apenas o que aconteceu, foi a ausência dele e a forma como a minha vida se tinha desenvolvido à volta dele, como costelas à volta de um coração.

Todo o meu mundo ficou desordenado e o facto de termos acabado provocou o tipo de rutura que seria de esperar num grupo de amizades como o nosso. Ele ficou com os rapazes; eu fiquei com os Pês. Mas foi difícil, porque aqueles rapazes tanto eram meus como dele, eu gostava tanto deles há tanto tempo como ele. Ou há mais tempo, em certos casos.

Não tinha apenas acabado de perder o BJ quando não podia estar perto dele, tinha-os perdido a todos.

De qualquer modo, cerca de dez semanas depois de eu e Beej termos acabado, estava eu a tomar o pequeno-almoço sozinha uma manhã no Papillion, o Christian viu-me pela janela, sentou-se comigo, pediu o pequeno-almoço e depois passámos acidentalmente o dia juntos.

Quando me deixou em casa naquela noite, tinha acontecido a coisa mais estranha: percebi que não me tinha sentido triste todo o dia.

Foi inacreditável, na verdade. Desde que eu e o BJ tínhamos acabado, eu tinha ficado destroçada, todo o dia, todos os dias. Depois, passei um dia acidentalmente com o Christian Hemmes, e senti-me um pouco como um ser humano novamente. Como se alguém me tivesse tirado da correia transportadora da minha separação.

Por isso, enviei-lhe uma mensagem no dia seguinte e voltámos a sair juntos. E outra vez, e outra vez.

Não sei em que momento passámos de amigos a mais do que isso; um dia, fomos apanhados pela chuva na Regent Street e corremos para uma cabine telefónica, eu estava gelada e o meu cabelo estava molhado, arruinado e colado à minha cara, e ele estava a rir-se de mim enquanto o afastava para trás, e era como se a sua mão na minha bochecha fosse o impulso de que um de nós estava à espera, porque a sua mão escorregou para trás do meu pescoço e puxou-me na sua direção – os nossos olhos fixaram-se antes de os nossos lábios se tocarem – um tácito «estamos a fazer isto?» –, e então ele beijou-me.

Senti-me culpada quando ele o fez, mas foi bom. Foi um bom beijo. Daqueles que se sentem através de todo o corpo. Gostei e gostei dele, e sabia que provavelmente não devia gostar dele, e sabia que gostar dele teria matado o Beej, e isso fez-me gostar mais dele.

O Christian estava bastante destroçado com tudo isto, o que era bastante óbvio desde o início.

Quanto mais tempo passávamos juntos, mais sério se tornou o problema. Eu, ele e o BJ; o fantasma que nos seguia para todo o lado.

Por vezes, ele tentava justificá-lo – por todas as formas, em como não estávamos a fazer nada errado; eu gostei primeiro do Christian. O BJ roubou-me de debaixo do nariz dele. O BJ traiu-me. Eu e o Christian éramos amigos antes de eu e o BJ sermos amigos – mas, por vezes, as justificações não eram suficientes e ele desistia. Ele borbulhava de culpa, não podia acreditar que andava a curtir comigo – entre todas as pessoas possíveis. Se o BJ soubesse, matava-o. O Christian dizia-me que lamentava e que aquilo tinha de parar e já não nos podíamos ver mais. E, na verdade, acontecia tantas vezes quantas estávamos juntos, praticamente todas as semanas ele acabava; e eu não lutava contra isso, eu apenas punha um episódio do *Outlander*, e ele voltava antes de o episódio acabar.

Foi talvez apenas um mês depois que o BJ e os rapazes descobriram, aquela noite horrível em que o Jonah e o BJ lhe deram uma sova, e o Henry me arrastou para fora do clube, descobrindo no caminho para casa a verdadeira razão pela qual eu e o BJ nos separámos.

O Henry ajudou-nos a andar às escondidas depois disso. Era stressante e intenso e o Christian é tão bonito, tão forte e tão estoico, era curioso para mim, e eu adorava não estar sozinha. Adorava passar todo o meu tempo com alguém, preenchendo o espaço vazio deixado por outra pessoa qualquer.

De qualquer modo, terminámos alguns meses mais tarde.

Foi divertido e terno e eu gostava dele, talvez até o amasse, mas ainda estava completamente apaixonada pelo BJ.

O Christian sabia-o e eu sabia-o, e ele não guarda o lugar de ninguém, disse-me ele, e depois acabou.

Situo a canção ao mesmo tempo que o Christian não disfarça de modo algum o pequeno sorriso que aparece na boca dele e eu noto-o e, infelizmente, exatamente quando o BJ se apercebe e os seus olhos ficam sombrios.

– De que é que estão os dois a sorrir? – E olha para mim e para o Christian.

A mesa muda desconfortavelmente. Eu encolho os ombros.

– De nada.

– De nada, meu. – O Christian bate com a mão. O BJ não diz nada. As suas sobrancelhas estão baixas, os seus olhos vão de mim para o Christian.

– Nada? – repete ele. Os Pês trocam olhares nervosos.

– Sim. – Eu encolho os ombros, sorrindo para ele como se estivesse tranquila, não como se tivesse um bocadinho de medo. Ele olha para mim durante uns longos segundos e depois retira o braço da minha cadeira.

O BJ olha para o Christian, olhos cheios de ressentimento.

– Isso não foi um maldito sorriso de nada, amigo...

– Beej... – E toco-lhe no braço.

O BJ olha-me fixamente e os olhos dele não se mexem.

– Que porra foi esse sorriso?

Ele fica meio paranoico sobre mim e o Christian quando não está sóbrio, e ele não está sóbrio.

– Quando estávamos juntos, fomos até Gwynedd. Estava a chover mesmo a sério. Ficámos atolados na lama. A única coisa em redor em quilómetros era uma tasca de *fish n' chips*, fomos lá para dentro. Estavam a tocar esta música; só isso. – Foi o que o Christian disse, mas houve dois problemas.

Eram os factos crus, com zero carne, e todos sabemos que a carne é a parte mais saborosa.

Nessa noite, dormimos na parte de trás da G Wagon dele e, até hoje, continua a ser uma das noites mais *sexy* da minha vida, e nem sequer tivemos sexo. Na verdade, nunca tivemos sexo. É um pouco revelador, suponho eu. Quase o fizemos, muitas vezes. Mas naquela noite, não sei se éramos nós a dançar lentamente na loja de batatas fritas ou a congelar na traseira do seu carro, o nosso hálito a embaciar as

janelas do carro em que estávamos presos até de manhã, quando chegou a assistência em viagem. Escusado será dizer que ele foi muito criativo.

O outro problema com o que o Christian acabou de dizer é que ele não tirou os olhos de cima de mim uma única vez, enquanto falava. Também não olhou para o BJ. Ele olha de relance para o irmão do seu melhor amigo. Eles próprios não são os melhores amigos esta noite, posso assegurar-te.

– BJ. – Seguro-lhe o braço, e abano-o para que ele olhe para mim. – Foi há tanto tempo...

– Sim, e tu também já ultrapassaste tudo o que eu fiz há séculos atrás, hã?

Eu franzo o sobrolho, abanando a cabeça.

– Isso não é a mesma coisa.

Ele afasta-se da mesa, olhando de mim para o Christian.

– Podem ir-se foder os dois. – Ele olha de volta para mim. – Eu vou tratar disso. – Depois, dirige-se até ao bar.

As minhas mãos estão nas minhas bochechas tanto por stresse como por vergonha. A Paili alcança-me e toca-me na mão.

– Estás bem? – sussurra ela, mas eu não respondo.

Estou a contar os *shots* que ele está a beber de golada. Um, dois, três, quatro.

Quatro. Merda. Eu sei o que acontece a seguir.

Ele leva vinte segundos a escolher uma rapariga. Tinha um cabelo loiro platinado super comprido (provavelmente, extensões de cabelo) e ultra esticado. Batom vermelho profundo. Olhos escuros. Vestido apertado. Ele inclina-se para ela, bêbado e encantado, e eu posso ver nos olhos dela: ela está disposta. Claro que está. Como poderia ela não estar? Bebem outro *shot*, desta vez juntos.

Olho para o Christian, angustiada.

– O que fazes mais tarde? – pergunto-lhe, praticamente a brincar.

Ele olha para mim uma fração mais longa do que devia.

– Vai-te foder – diz ele, zangado. Não estava à espera de que estivesse zangado. Puxo a minha cabeça para trás, surpreendida. – Do tipo, genuinamente, vai-te foder.

Depois, pega na bebida dele, vira-a de uma vez, levanta-se, puxa o telefone e sai. O Jonah suspira, e enfia a mão no cabelo.

O Henry olha para mim.

– Boa.

Eu franzo o sobrolho, confusa. O Perry limpa-se com um guardanapo.

– Foda-se, o *Daily Mail* vai ter um dia atarefado com esta. – A Paili acotovela-o.

Olho para o Beej no bar – toda a sua rotina, é sempre a mesma. Ele aponta para os olhos dela. «Serão reais?», dirá. Mesmo que seja o par de olhos castanhos mais simples que se possa imaginar, ele olha para ele de uma forma que nos faz pensar que está a falar a sério. Então, abana a cabeça, incrédulo. Como podem os olhos ser assim tão bonitos?

Usavas aparelho? Aponta com a cabeça para a boca dela. Mas fá-lo para que olhem para a boca dele, porque assim que olhas para a boca do BJ, estás perdida.

Ele morde o lábio inferior e sorri para ti e, nessa altura, estás feita. Estás a fazer sexo com ele na traseira de um carro ou num cubículo de casa de banho. Não vais conseguir chegar a casa. Não podes esperar tanto tempo. Não tens força de vontade. Ninguém tem força de vontade.

Ele está na altura da sua rotina da mordidela dos lábios, e o meu peito parece-se como se alguém me tivesse sugado todo o ar e pudesse ceder sobre si próprio. Isto não é novidade. Ele fode por aí. É o que ele faz. É por isso que não estamos juntos, ele já fez isto antes, já fez isto um milhão de vezes à minha frente – e nunca me sinto bem, e normalmente sinto que estou a morrer um pouco, mas esta noite sinto-me diferente.

Esta noite, com ele a fazer isso, estando assim, parece assustador. Como se ele estivesse longe? Como se ele estivesse à deriva? Ou talvez eu esteja? E não importa normalmente, estamos ancorados no mesmo porto. Não sei que porto é, mas encontramos-nos sempre lá, mas tenho saudades dele, e os meus olhos estão molhados e antes mesmo de saber realmente o que estou a fazer, estou a caminhar até ele, e depois fico ali parada.

Ele olha para mim, com os olhos raiados de sangue, agora bastante bêbado.

– Parks.

– O que é que estás a fazer?

– Tu sabes o que estou a fazer – diz num tom ofensivo.

– Beej... – e abano a cabeça. – Para.

– Está tudo bem, Parks. – E encolhe os ombros. – Eu e a... – E para. Toca no braço da rapariga. – E a...

– Ivy – responde ela.

– Ivy. – Acena com a cabeça demasiado pesada. – Vamos só tomar mais umas bebidas e pirarmo-nos.

Sacudo a cabeça.

– Não precisas de mais umas bebidas.

– E tu sabes do que eu preciso? – Ele olha-me prolongadamente.

Afasto-lhe algum cabelo da cara, vejo através dele.

– Sim – digo-lhe eu suavemente.

O seu rosto muda um pouco.

– Agora – endireito-me mais, ajeitando o colarinho da camisa dele. – Queres ir para casa com ela – ignoro-a – ou comigo?

Os seus olhos tremeluzem de mim para ela e de volta para mim, depois acena com o queixo sem palavras na minha direção.

– Anda lá. – Levanto-o, e ele fica um pouco tonto. Olho para a nossa mesa, sinalizo que vamos sair, e puxo-o para fora, para a limusine.

– Para casa, por favor, Simon – digo ao meu motorista.

– Sim, menina. – E acena com a cabeça.

O BJ encosta-se ao banco, a olhar pela janela. Eu estou sentada no meio para estar mais perto dele, não porque ele precise de mim, só porque quero. Ele olha para mim, de olhos cansados, com coisas que nunca diria em voz alta se estivesse sóbrio.

– Ele ainda olha para ti como se te quisesse.

Eu abano a cabeça.

– Não, não olha. – Embora eu não saiba, se eu for inteiramente honesta, se isso é inteiramente verdade. O BJ também não acredita.

– Eu não o quero – esclareço.

O Beej olha pela janela durante um ou dois minutos, com pensamentos embriagados.

– Doeu-me quando estavas com ele – diz ele para a janela.

Aproximo-me dele, descanso a minha cabeça no seu ombro.

– Sinto muito. – Ele pega a minha mão na dele, leva-a à boca, beijando-a sem pensar, e mantém-na lá.

Espero que ele a mantenha lá para sempre.

09:42

Paili

Está tudo bem?

Estamos bem.

Penso eu.

Acho que estamos bem?

Parecia que tu & o beej
estavam... juntos ontem
à noite?

Parecia que sim?



Para...

C'um caraças. Achas?

Está mesmo a acontecer?

Hahaha

Não sei. Talvez.

Talvez não? Não sei?



13:02

Jonah

Meu. Que raio aconteceu
ontem à noite?

Nada.

Fui para casa com a Parks.

Depois de ela te ter fodido o engate.

Definitivamente, fodeu-me.

Mano, aquilo eram vibrações
pesadas de casal????

Hah.

Acho que sim.

Vamos ver.

Tu conhece-la. Assusta-se facilmente.

Porque não tentas falar com ela?

E não foder uma qualquer
esta semana?

K obrigado, mãe xx

BJ

Não sei bem o que aconteceu na outra noite comigo e com a Parks, mas parece-me que se passou algo. Ao longo dos anos, já me meti com demasiadas raparigas à frente dela, e ela nunca interveio... Mesmo que eu quisesse, ou esperasse que o fizesse.

Somos ambos teimosos e merdosos.

Não me lembro de quase nada da noite passada. Lembro-me de lhe segurar a mão no banco de trás do carro, no entanto. Um pouco estranho para nós, para ser honesto... Talvez eu pegue na mão dela para a guiar através de uma multidão. E a segure mais alguns segundos do que o necessário, mas estamos mais virados para o toque ao redor do toque. Botões que precisam de ser apertados, botões de punho, fechos que ela não consegue alcançar mesmo que consiga, colares para lhe colocar – é assim que fazemos nos dias de hoje.

Mas isto foi diferente. Era evidente. Ela despiu-me na casa de banho dela. Tirou-me o casaco, levantou-me a camisa por cima da cabeça. Ela engoliu nervosamente, colocou as mãos no meu peito e observou-me durante alguns segundos. Eu devia tê-la beijado. Não sei porque não o fiz. Não queria que ela se afastasse, não queria deixá-la zangada. Adormecemos naquela noite e eu estava a abraçá-la. Eu durmo sempre na cama dela, mas nunca a abraço na cama. E beijei-a na face quando saí de manhã para ir para uma sessão fotográfica, e pareceu-me alguma coisa.

Por tudo isto, senti-me como se fosse alguma coisa.

Assim, quando hoje lhe telefonei e lhe pedi para sair comigo e com os rapazes, espantou-me que ela dissesse que não.

– Oh.

– Estou apenas... estou bastante cansada – disse ela. Ela estava a mentir. Dormimos como bebés. Além disso, ela é uma mentirosa de merda e transparente como vidro. Ela está assustada ou uma merda qualquer.

– Porreiro. – Encolhi os ombros, mesmo que ela não me pudesse ver.

– Vemo-nos mais tarde? – disse ela, com a voz a parecer nervosa.

– Sim, talvez.

– Está bem – disse ela.

– Sim – disse eu, mas o que eu realmente queria dizer é que a amava e que ela estava a dar cabo de mim. Depois, desliguei.

Esta noite, vou sair com a única intenção de ficar com os copos. É o meu *modus operandi*, já todos sabemos isso por esta altura. Os rapazes já estão no Raffles quando lá chego. Acho que se nota na minha cara, seja o que for que se passa com a Parks, porque o Jo olha para mim e diz:

– Oh oh.

– Andas no engate, sócio? – O Henry olha para mim e eu ignoro-o.

E depois as bebidas começam a fluir.

Sabes que há alguns momentos-chave na tua vida que se destacam, como o teu primeiro beijo, e a primeira vez em que te apercebes de que os teus pais também são apenas pessoas, quando ouves «The Scientist» dos Coldplay pela primeira vez, e quando caís e realmente rebentas o joelho, como a tua primeira visita ao hospital, e essa merda toda – encontrar-me com a Parks é um deles para mim.

Ela tinha quatro anos, provavelmente? Veio para uma tarde de brincadeira com o Henry e eu estava a dar pontapés a uma bola no pátio. Não sei como é que ela acabou lá fora, mas assim foi, e estava a observar-me. Ela era minúscula. Perninhas castanhas compridas e quase desalinhas. O seu cabelo era mais leve naquela altura. Cabelinho de criança.

– Tens algum jeito – disse-me ela a poucos metros de distância.

– Obrigado. – E sorri-lhe, satisfeito com a atenção. Dei alguns pontapés que achava fixes para lhe mostrar o quão bom eu era.

– Eu seria provavelmente melhor se quisesse – disse ela.

Ouça, eu tenho irmãs. Nem pensar que eu ia dizer a esta rapariga que ela não podia ser melhor do que eu, mesmo com seis anos de idade, eu sabia que era

verdade. Ela era. De todas as maneiras, em tudo...

– Provavelmente – concordei, pegando na bola e caminhando até ela. – Sou o BJ.

– Eu sou a Magnolia Katherine Juliet Parks. – E fez uma pausa. – O Henry é meu amigo.

– O Henry é meu irmão – disse-lhe eu.

Ela olhou para mim, olhou mesmo para mim.

– Gosto da tua cara.

A Parks não se lembra de dizer isso. Mas eu lembro-me de ela o ter dito. Pôs-me num rumo para a vida.

Fiquei mesmo banzado durante o resto desse dia. Provavelmente, andava a perseguir esse sentimento desde então. E, às vezes, desejava poder voltar atrás no tempo e dizer ao meu pequeno eu para fugir – dizer-lhe que aquela rapariga me iria arruinar, que ela será tudo em que penso, o tempo todo, que ela vai fazer biscoitos, moer o meu coração e usá-lo para os polvilhar, que ela me vai magoar e eu vou magoá-la, e que nunca, mas mesmo nunca na puta da vida, irei esquecê-la. Mas não posso.

E mesmo que pudesse, que partes mudaria eu? As partes em que a tive? Nunca.

Mas esta porra desta velha dança que fazemos. Eu magoo-a, ela magoa-me, eu durmo com uma rapariga, ela namora com outra pessoa – agora, está bem ensaiada. É a minha vez de jogar. Imagine que eu estava acima disto... Imagine que eu ainda não tinha escolhido qual destas raparigas que está na nossa mesa é que vou levar para casa.

Imagina se eu simplesmente ligasse à Parks... e dissesse «estou apaixonado por ti, vamos apenas... resolver isto». Quem me dera ser esse tipo. Mas não sou. Sou o gajo no Raffles com uma mesa cheia de garrafas e rodeada de raparigas que nunca vi antes. A maior parte das raparigas é de fora da cidade, noto eu – uma delas está de olho em mim desde o segundo em que me sentei. Pele pálida, cabelo castanho, grandes olhos azuis. Ela aproxima-se cada vez mais de mim ao longo do tempo e eu estou a beber cada vez mais porque é esse o tipo de noite que isto é.

Assim que ela está ao meu lado, descubro que ela é do Surrey. Fala mais perto de mim do que o necessário, mas está apenas a dar a conhecer as suas intenções. Uma rapariga bonita, na verdade. Bastante chique.

Por isso, fico muito surpreendido quando a Surrey se levanta e praticamente me dá uma *lap dance* no meio de tudo.

Não é a primeira vez que isto acontece, não sou nenhum monge. Só não o esperava de alguém que cheirasse tanto a *sherbet*.

O Jo dirige-me um olhar irónico do seu lugar. Com o rabo na minha cara, a esfregar-se, e a beijar-me o pescoço, beijando-me, os meus olhos estão fechados, não me importo que esteja num clube e que as pessoas possam ver-me, as pessoas já me viram antes – e depois alguém começa a dar-me palmadinhas.

O Jonah. O Jonah está a bater-me no braço. Abro os meus olhos e vejo a Surrey toda corada e percebo que a Parks afinal de contas decidiu vir.

A boca dela está aberta. Ela ficou pálida.

– Foda-se – digo eu e empurro a rapariga de cima de mim e essa é a dica da Magnolia para se mexer.

Ela roda sobre os calcanhares, apressando-se através da multidão, mas eu agarro-lhe o braço, puxando-a de volta para mim.

Sacudo a minha cabeça.

– Parks...

Ela afasta-me, com um olhar arrasado.

– Não me toques.

– Disseste que não vinhas...

– Oh! Claro que sim! – diz ela em voz alta. – Foi falha minha! Por favor, continuem...

– Parks. – Eu suspiro, alcançando-a.

Ela aproxima-se da minha cara, olha-me nos olhos e espeta-me o dedo no peito.

– Metes-me nojo.

Magnolia

Era tarde numa noite de sábado, há cerca de três anos. Ele tinha ido a uma festa. Eu estava doente, penso eu. Por isso é que não estávamos juntos. Ele e o Jo já tinham planeado, ele disse que não ia, mas eu não me importava. Eu estava tão cansada e não queria que ele ficasse doente.

Ele entrou no meu quarto, fechou a porta, andando para trás e para a frente. Nessa altura, já estávamos juntos há mais de cinco anos, nunca o tinha visto assim. Ele parecia estar quase pedrado, mas não de uma forma divertida. Maníaco.

– Parks – começou ele. A sua respiração era estranha. Conseguiu ouvi-la. – Parks. E andava em círculos.

– Que estás a fazer? – Eu franzi o sobrolho.

Ele abanou a cabeça.

– Fiz uma coisa.

– O que queres dizer com isso? – Levantei-me e fui ter com ele. – Estás bem?

– Não é isso que quero dizer... – Ele enfiou a mão no cabelo. – Fiz algo de errado.

– Estás bem? – disse eu. A minha voz estava sumida, muito mais sumida do que eu sabia ser possível, e um buraco começou a crescer no meu estômago, como um buraco de uma dolina a abrir-se no centro de mim.

Consegui perceber o que aí vinha antes de ele dizer.

– Dormi com uma pessoa.

Acho que o meu sangue congelou. Os meus olhos não encontraram os dele. A sua mão estava sobre a sua boca. Parecia que ia ficar maldisposto.

– O quê? – perguntei eu, pestanejando muito. Ele não disse nada. – O que queres dizer com isso? – insisti. Ele olhou para mim, silencioso, com os olhos a implorar-me para não o obrigar a dizê-lo novamente. – Quando? – perguntei em silêncio.

– Agora mesmo. – E chegou-se a mim.

– Agora mesmo? – Afastei-lhe as mãos enquanto tropeçava para trás, afastando-me dele.

– Foi um acidente. – A respiração dele era fraca quando se aproximou de mim.

– Como é que foi um acidente? – gritei, enquanto lhe sondava o rosto, procurando algo familiar para me agarrar.

– Aconteceu, pronto...

Empurrei-o para longe.

– Como? – Gritei; as minhas mãos voaram para me taparem a boca. Não reconheci os sons que vinham da minha garganta. Pareciam de outra pessoa. – Com quem estiveste?

– Estávamos em casa, havia uma festa e, depois, eu estava a beber e...

– Cala-te. – Sacudi a cabeça, insistentemente.

– Nunca quisemos...

– Para com isso! – Atirei-lhe um vaso Lalique cheio de hortênsias que ele tinha trazido ontem para mim. Ele esquivou-se.

Esmagou-se no chão.

– Parks... deixa-me explicar. – Voltou a tentar alcançar-me, os olhos dele estavam molhados.

Eu afastei-me dele.

– Não me toques. És nojento.

A cara dele revelou o seu coração partido e eu corri para a casa de banho, fechando a porta e trancando-a atrás de mim. Fiquei ali dentro a chorar durante quatro horas, e ele sentou-se à porta, a chorar o tempo todo. Ele chorou tanto que acabou por ficar numa espécie de ataque de pânico. A respiração dele ficou ofegante, como se estivesse presa na garganta e não lhe conseguisse chegar ao peito. Como se estivesse a sufocar. Abri-lhe a porta, corri para ele, sentei-me ao colo dele, segurei-lhe o rosto entre as minhas mãos e respirei silenciosamente com ele. Dentro e fora, dentro e fora. Fiz o que ele me fez de todas aquelas vezes em

que tive ataques de pânico em que não gosto de pensar. E a respiração dele acabou por ficar ao ritmo da minha, e os seus olhos não se desviaram dos meus. Tão azuis da vermelhidão do choro.

Que raio de loucura é consolar a pessoa que acabou de te desfazer completamente o coração com uma espingarda. Carnificina por todo o lado, homens abatidos e sangue derramado.

Mas a verdade é que, quando se ama alguém como nós estávamos apaixonados, não importava o que ele me fizesse – ele podia ter-me atropelado com um autocarro, mais ou menos o que ele fez –; inaptamente, ainda assim, eu teria feito tudo o que podia para que ele não sentisse o que estava a sentir.

Durante tantos anos, a dor dele foi a minha dor. Mas essa dor, aquela por que ele chorava na altura, era a minha. Ele estava a chorar as minhas lágrimas, a sentir o que me tinha feito, desfeito pelas suas próprias ações. Ele chorou no meu pescoço e pediu-me desculpa tantas vezes que a palavra perdeu o sentido... a palavra deixou de soar como uma palavra.

Ele abraçou-me com força, com mais força do que penso que alguma vez o tenha feito, e disse-me que fora um erro e que nunca mais voltaria a acontecer, e fora apenas uma vez, e depois tentou beijar-me. Eu recuei e olhei para ele, com a minha cara, muito séria.

– Nós ... – Agarrei-lhe na cara para que me olhasse nos olhos. – Ouve-me... ouve. Nós acabámos. – Corri diretamente para o quarto da Marsaili, e ela trancou a porta atrás de mim. Ela abraçou-me enquanto eu chorava até eu cair num sono que duraria trinta e seis horas.

Já sabes o resto...

A minha devastação pelo que tinha acontecido e pelo que ele fez foi eclipsada pelo quanto sentia falta dele e queria estar perto dele, porque ele é o tipo de pessoa de quem se quer estar perto a qualquer o custo e, acredita – foi a todo o custo. Aprendi a olhá-lo nos olhos novamente, aprendi a não chorar de cada vez que o deixava novamente, aprendi a respirar através dos namoricos com outras pessoas, percebi que ainda conseguíamos falar um com o outro sem usar palavras, e de alguma forma, e depois de todo o derramamento de sangue, encontrei o meu amigo.

É porque sou fraca, acho eu. Era mais fácil ser amiga dele do que não o ser. Demasiado da minha vida, talvez mesmo demasiado, do que sou pode ser rastreado até ele ou a nós.

Tudo o que é maravilhoso, tudo o que é mágico, tudo o que é doloroso, tudo o que é belo e espetacular e miserável e o que me aconteceu, aconteceu com ele.

E eu odeio-o por isso.

Magnolia

Só disse não porque queria pensar. Precisava... Não queria estar num clube e ter de ficar perto de todas aquelas outras raparigas que querem o BJ enquanto eu tentava descobrir como poderia estar com ele novamente, se podia estar com ele novamente, porque a outra noite pareceu-me bastante importante.

Foi o mais perto que chegámos de estar juntos desde que estivemos juntos e foi o mais feliz que me senti em anos e, quando percebi isso, senti medo. Medo de que ele o fizesse de novo, medo de que ele lixasse tudo – e então, quando ele ligou para irmos ao Raffles hoje à noite, eu disse que não, porque não sabia como ficar perto dele depois da outra noite, com o darmos as mãos e ele a abraçar-me para eu dormir e eu a afastar-lhe o cabelo do rosto – e eu não sabia como descobrir o que tudo isso significava no futuro diante dele.

Mas depois, sentada no meu quarto sentindo falta dele, desejando estar com ele, sentindo-me frustrada por ele não estar ali comigo, decidi que a coisa responsável a fazer – a coisa adulta – seria ir procurá-lo e dizer-lhe tudo. Que gosto de segurar as mãos dele, quero continuar a segurar as mãos dele. Que gosto dele a abraçar-me para eu dormir, que foi o melhor que dormi sem medicação em três anos. Que afastar-lhe o cabelo do rosto foi o mais próximo que me senti de alguém desde que acabámos.

Então, vesti o meu minivestido de tricô e decote quadrado rosa-rebuçado da Balmain e as botas acima do joelho de camurça e salto agulha da Casadei e fui de carro até ao Raffles. E chego lá e a primeira coisa que vejo é aquela miúda horrível a esfregar-se em cima dele.

Ele recostado na cadeira, a adorar cada segundo, de olhos fechados, perdido no momento... A segurá-la pela cintura, a agarrar as coxas estúpidas dela. É assim que ele é quando não estou por perto? Foi assim que ele foi na noite em que nos desfez?

Ele vê-me e corre para mim e eu estou cega. Não consigo ver nada, acho que estou a ter um ataque de ansiedade, os limites da minha visão estão a desaparecer.

A música fica mais suave, mas não pode estar mais suave, estamos num clube. Talvez o trovejar nos meus ouvidos esteja a ficar mais alto? Vou ficar maldisposta? Os meus olhos estão molhados?

Então, o mundo fica preto. Fitamo-nos. E esta folha de vidro impenetrável sobe do chão entre nós. Não nos podemos tocar e não podemos falar e não há nada a dizer além de ele gritar pelo vidro que sente a minha falta e eu gritar de volta que também sinto falta dele e ele gritar que lamenta imenso e eu gritar que não é o suficiente. Os nossos rostos estão paralisados no que parece um amor sem esperança, mas não pode ser, porque já não o amo. Não posso.

O momento passa. O vidro desliza para baixo.

– Dás-me nojo – atiro-lhe e corro na direção ao bar, esperando que isso me dê alguma sensação de segurança e o faça mais do que ir-me embora. Se me for embora, ele vai seguir-me até em casa. Se ficar aqui, pelo menos haverá corpos entre nós.

Há sempre corpos entre nós.

Ele fita-me do outro lado da sala, mas eu não o encaro. Os olhos dele parecem tristes. Está completamente bêbado. Observa-me, pega numa garrafa de Patron, arranca a rolha com os dentes, cospe-a para o chão e depois bebe diretamente da garrafa – mantém os braços bem abertos como se dissesse «o que é que vais fazer» e depois cai de costas no sofá atrás dele e a rapariga continua a dançar em cima dele, as suas mãos deslizam dentro da camisa dele, uma camisa Marni de manga curta, amarela e castanha, com um estampado floral. Há demasiados botões desapertados. Quero ir até lá abotoá-los. Não quero que ninguém veja tanto dele além de mim.

Respiro pela boca, pequenos sopros, demasiado superficiais para ajudar, mas a sensação do ar a passar pelos meus lábios distrai-me o suficiente para manter a má respiração sob controlo.

Então, sinto alguém sentar-se ao meu lado.

– Magnolia Parks. – É uma voz que reconheço vagamente, mas não consigo identificar de imediato sem ver. Olho e fico encantada por ver o solteiro mais cobiçado da *Tatler* desde que Harry foi retirado da lista – praticamente dois metros

e dez de altura, olhos azuis glaciais, cabelo loiro sujo penteado para o lado, músculos e ombros sem fim e um sorriso que apenas tem rival no do meu ex-namorado.

– Tom England. – Sorrio para ele, surpreendida.

Além da sua profissão de ser lindo a tempo inteiro, o Tom também é piloto. Quero dizer, claro que é. Não precisa de ser, aliás. Tem biliões de dólares. Apenas gosta de voar. Gosta de ter algo no qual tem de se esforçar. Foi o que Gus me disse, de qualquer maneira.

– O que estás a fazer aqui? – Olho em redor, um pouco admirada.

– Estou a manter-me mais perto de casa durante algum tempo.

Oferece-me um sorriso tenso. A camada superior da sociedade britânica é construída sobre esses sorrisos.

– Como estás? – Faz um gesto caloroso na minha direção.

– Bem – aceno. – Sim, estou bem...

Ele faz uma pausa.

– A sério? Eu vi... – Depois olha para além de mim e acena com o queixo na direção do BJ.

– Oh. – Solto uma risada. – Então, não.

Eu devia estar envergonhada. É embaraçoso que o Tom England tenha visto aquilo, mas não estou. Ele sorri.

– Posso oferecer-te uma bebida?

Aceno uma vez.

– Sabes uma coisa, Tom England? Podes oferecer-me várias.

Ele bate no bar duas vezes para chamar a atenção do empregado.

– Combinado.

O Tom England não frequentou Varley. Acho que foi para Hargrave-Westman. É um pouco mais velho do que eu também. Vinte e nove, talvez? Pode ser trinta.

Todos nós tínhamos uma queda por ele quando éramos miúdos, até mesmo os rapazes, acho. Ele é tão arrojado e tão lindo, é como o verdadeiro príncipe eleito da

Sociedade Londrina. É encantador e inteligente e parece que nos perdemos um pouco com ele? Não tem nada de juvenil, o que é maravilhoso. Muito longe daquilo a que estou habituada com a minha pequena brigada de rapazes perdidos que tomam decisões terríveis, vadias, estúpidas e lamentáveis, o tempo todo. Pelos vistos, o Tom só toma as boas, aposto.

Ele não aparece muito na comunicação social. Tende a ser mais reservado, a evitar as festas que o possam levar a ser fotografado e, por algum motivo, isso torna-o um pouco mais *sexy*.

Estamos numa mesa agora, o Tom e eu. O BJ desapareceu. Deus sabe para onde. Para um cubículo numa casa de banho, provavelmente. Mas ainda consigo ver o Henry e o Jonah, estão a observar-me com atenção. Consigo sentir os olhos deles em cima de mim.

Mais do que o habitual...

O habitual é: o BJ não está por perto, eles estão apenas atentos a tudo.

O anormal é: isto. É como se estivessem a um passo de óculos de visão noturna e de um *drone* de controlo remoto. Encaro os meus velhos amigos, tentando dizer-lhes com os olhos para se irem lixar e deixarem-me em paz, mas eles não falam a mesma linguagem silenciosa que o BJ e eu falamos.

O Tom observa-me por alguns segundos e os seus olhos franzem-se nos cantos.

– Estás a sentir-te melhor? – Pergunta ele enquanto faz girar o *whisky* no copo.

– Ah – digo, pensando em voz alta. – Vai demorar alguns dias para eu tirar aquilo da minha memória.

Ele solta uma risada.

– Sempre foi meio idiota, o Ballentine. – Faz uma pausa. – Adoro-o, bom miúdo.

Mal posso conter a minha alegria por o Tom ter acabado de se referir ao BJ como uma criança. O Beej sempre disse – palavras dele, não minhas – que o Tom England é «o deus». O Beej morreria simplesmente por o Tom England se ter referido a ele como uma criança.

– Mas ele é apenas... um pouco... estúpido. Especialmente contigo. – Ele parece irritado com essa parte.

– Comigo? – Sorrio, sentindo-me terrivelmente importante e poderosa.

– Sim. – Anui com a cabeça.

A miúda de oito anos que o seguiu numa festa no Castelo de Windsor mal se consegue controlar. Ofereço-lhe um pequeno sorriso agradecido.

– Ei. – Ele faz um gesto na direção da porta. – Queres sair daqui? Tomar uma bebida noutro lado?

Aceito rapidamente, confusa. Tento parecer segura e autoconfiante, mas acho que pareço apenas atordoada. O Tom England está a convidar-me para um encontro? Ele pega no meu casaco, abre-o para eu o vestir – tão maravilhoso – e depois agarra-me pela cintura e vira-me para o encarar.

– Espera, só preciso de fazer uma coisa.

Ergue-me então o queixo com a mão e beija-me suavemente. Nem sequer o beijo de volta, estou apenas chocada. Ele inclina-se para mim e sussurra:

– Os rapazes vão dizer-lhe que eu fiz isto.

Depois, pega na minha mão e leva-me dali. Olho para o Jonah e o Henry no meio da multidão e, como previsto, os olhos de ambos estão arregalados. O Henry não consegue acreditar. Levanto a mão para dizer adeus.

Os dois acenam de volta com uma espécie de incerteza paralisada e, então, o Tom puxa-me para a rua.

Olho para ele, esperando mais instruções.

– Alguma sugestão? – Sorri alegremente para mim, com as mãos nos bolsos do casaco. Abano a cabeça. Gosto que ele me diga o que fazer. Ele sorri e acena com a cabeça. – Há um sítio a cerca de dez minutos a pé daqui...

E, então, ele faz aquela coisa incrivelmente *sexy* de homem adulto em que coloca a mão no fundo das minhas costas, mas de modo nenhum no meu rabo, para me conduzir para algum lado. É só por alguns segundos, mas eu absorvo o gesto deliciada, porque a Paili recortou uma foto do Tom da *Tatler* e nós colocámo-la numa colagem de rapazes *sexys* na parede do nosso dormitório, quando estávamos na escola, e agora aqui estou eu a caminho de tomar uma bebida com ele depois de

ver o amor da minha vida a receber uma *lap-dance* daquela miúda rasca, que só posso presumir ser de Surrey pelas sobrelanceiras agressivas que ela ostentava.

– Espera. – Paro, confusa. – Tu disseste a pé?

*

– Nunca te cansas disto? – Pergunta-me, recostando-se na sua cadeira no Barts e passando a mão pelo cabelo.

– Do quê? – Franco a testa.

– Desta... merda? – Ele encolhe os ombros. – Sociedade. Dinheiro?

Abano a cabeça na brincadeira.

– Acho os bens materiais incrivelmente gratificantes.

– É bom saber. – Ele sorri para mim.

– O amor desaparece, as coisas são para sempre.

Dou uma palmadinha animada na minha mala de ombro Devotion em tricô de três mil libras da Dolce & Gabbana. Ele começa a rir.

– Não gosto dos olhos – admito. – *The Sun, LMC, Loose Lips, Daily Mail...* – Aponto para alguém no canto. – Aquele anda a seguir-me há semanas para tentar tirar uma foto má.

– Impossível. Não te poderia tirar uma nem para salvar a vida. – Sorri e depois considera tudo isto. – Sinceramente, não percebo grande parte disto. – Acena com a cabeça na direção do idiota no canto com a lente telescópica.

– Eles acabam por se desvanecer na multidão ao fim de algum tempo. – Encolho os ombros.

Ele dá-me uma palmadinha no braço.

– Como te estás a sentir?

– Na verdade, estou a divertir-me imenso.

Ele recua fingindo-se ofendido.

– Na verdade?

– Bem, considerando como a minha noite começou com o BJ a ser montado pelo próximo membro das Little Mix... as minhas expectativas para a noite

estavam um pouco reduzidas. Mas isto tem sido divertido.

– Então, eu resgatei-as?

– Resgataste-as? – Soltei uma risada tímida. – Estou sentada num bar com o Tom England e antes disso, ele beijou-me num clube para deixar o meu, não sei o que raio ele é, com ciúmes.

Os olhos dele franzem-se divertidos.

– Porque é que continuas a dizer o meu nome completo?

Franzo os lábios.

– Quando éramos miúdas, todas nós tínhamos uma queda por ti. Por ti e pelo Sam. Eu era uma fã do Tom England a 100%, mas a Paili oscilava entre ti e o teu irmão... – Sorrio com a memória. – Vocês pareciam muito maiores do que nós naquela época.

Ele dá-me um olhar.

– Ainda sou muito maior do que tu.

E não sei porque é que aquilo foi uma frase *sexy*, mas foi.

– Houve um verão – digo e começo a corar com a lembrança – em que estávamos todos na Costa Amalfitana ao mesmo tempo que tu, o teu irmão e as raparigas. E eu e a Paili levámos o pequeno Aquariva até à praia de Tordigliano e... – começo a rir. Tenho as faces a arder.

– Oh, Céus...

– Tu e a Erin estavam na praia – faço uma pausa para escolher delicadamente as minhas palavras – a fazer nudismo.

Ele fita-me, divertido.

– É uma maneira educada de o dizer.

– E acho que não ouviste o barco ou não viste o barco, ou simplesmente não te importaste, não sei, e nós ficámos tão envergonhadas por te termos visto, mas ao mesmo tempo... – Desvio o olhar com os olhos exageradamente arregalados e a boca franzida.

Ele começa a rir.

– Foda-se! É embaraçoso.

– Não! – Abano a cabeça. – Foi muito...

– Ilegal? Sujo? Algo que faria chorar a minha mãe?

– Sim, todas essas opções, mas ainda não é a palavra que procuro.

Ele sorri.

– Inspirador! – Decido e ele ri alto, batendo com o punho uma vez na mesa.

– E o que isso inspirou exatamente?

– Oh. – Pestanejei na direção dele. – Aposto que gostavas de saber.

– Sim, gostava. Imenso. – Sorri. Então, o seu rosto muda um pouco. – Pareces mais animada agora. – Ele morde um pimento *padrón*.

– E estou – aceno.

– Então. – Limpa as mãos. – Diz-me: como é estar apaixonada por alguém que te magoa o tempo todo?

Fico completamente abanada por um momento. Pestanejo várias vezes. Solto uma risada perplexa.

– Horrível.

Ele acena com a cabeça, deliberadamente.

– Foi o que pensei. Mas tu também o magoas – diz-me.

Franzo a testa para ele.

– Como é que sabes?

– Um rosto como o teu? – Ele acena com a cabeça. – Foda-se, está a magoar-me agora. Estou apenas aqui sentado, à tua frente, sem história, não estou apaixonado por ti, e tu pareces triste por eu ter dito aquilo e eu quero cortar os pulsos. – Solta uma risada e parece um pouco triste.

Penso por alguns momentos.

– Não confio nele.

Ele concorda.

– Parece-me justo.

– Tive um namorado antes – começo. – Ele era uma espécie de adereço atrás do qual eu me escondia? Como uma barreira, que o BJ não conseguia atravessar

porque havia alguém ali. – Não sei por que lhe estou a contar tudo isto. Nunca o disse em voz alta antes. – E, então, acabámos. Porque ele era uma porcária. E, na verdade, eu era uma porcária.

Ele oferece-me um sorriso triste, como se entendesse.

– Mas agora estou no meio de uma terra de ninguém, sob ataque e sem trincheira.

Ele fita-me longamente. Quero dizer, muito tempo. Dez segundos, pelo menos, e consigo ver as engrenagens a girar na mente dele.

– Eu podia ser a tua trincheira – diz ele por fim.

Encosto-me na cadeira, um pouco surpreendida, e deito-lhe um olhar estranho. Ele encolhe os ombros.

– Até podia.

Olho-o desconfiada.

– Tu podes ter qualquer miúda que quiseses em Londres.

– Sim – considera. – Mas, na verdade, sempre tive um fraquinho por ti. – Eu morro. Ele continua. – E não posso namorar com ninguém agora. Depois do Sam...

– Ele abana a cabeça. – Tenho um monte de merdas para lidar e... estão a acontecer neste momento.

– Oh. – Sinto-me triste por ele. Ele parece triste.

– Seria um péssimo namorado – diz ele, muito sério, mas então os seus olhos animam-se. – Mas dava uma trincheira brutal.

Apoio o queixo na mão, franzindo a testa com curiosidade.

– Estás a falar a sério?

Ele acena.

– E... O quê? – Brinco distraidamente com a minha argola de diamantes Sydney Evan. – Fingimos apenas que estamos juntos? Que gostamos um do outro?

– Sim, como o teu último namorado, só que eu sei o segredo – brinca, sorrindo para mim.

Deito-lhe um olhar desconfiado, como se a ideia não me deixasse muito animada.

– Estás a tentar fazer sexo comigo? – pergunto, meio a brincar.

– Oh – diz ele. – Eu estou, sem dúvida, a tentar fazer sexo contigo. Se fazemos ou não – encolhe os ombros – depende de ti.

Deito-lhe um olhar.

– Eu não sou o tipo de rapariga... de sexo aleatório.

Ele encolhe os ombros.

– Foi o que pensei. Valeu a pena tentar. – Ele cruza os braços sobre o seu peito grande e robusto. – Então, o que dizes? Aceitas uma trincheira sem sexo?

– Tu aceitas? – Rio-me, confusa. Ele acena com a cabeça, sem esforço. – Vais a sítios comigo? – pergunto. Ele acena. – Dás-me a mão? Levas-me às compras?

– Sim e sim.

Pestanejo para ele.

– E beijas-me?

Ele solta uma risada.

– Sim, tenho estado a tentar a noite toda.

– Oh – inclino-me sobre a mesa. – Vou facilitar isso, então.

Ele sorri um pouco enquanto se inclina, roça a boca contra a minha e beija-me suavemente. Surge o *flash* distante de um telefone com câmara algures no restaurante. Ele sorri, as nossas bocas ainda pressionadas uma contra a outra.

Afasto-me um pouco:

– Acho que vai funcionar muito bem.

23:46

Henry

Estás bem?

Ótima!

Hah

Chegaste bem a casa?

...Tu sabes que sim.

Haha

Porque é que não me perguntas
apenas o que estás realmente
a perguntar, seu intrometido.

Foste para casa com ele?

Quem está a perguntar?

Eu.

O teu amigo mais antigo do mundo.

Só tu?

Sim.

Não.

E se o Beej perguntar...?

Eu fui sem dúvida para a cama
com o Tom England.

Duas vezes.

Percebido.

BJ

Acordo e há uma miúda ao meu lado com as sobrancelhas mais loucas que já vi a dormir na minha cama. Serão pintadas? Tatuadas? Mas que porra? Eu estava assim tão bêbado? Nunca deixo as miúdas passarem aqui a noite. Ela ainda está a dormir, portanto, saio da cama como um agente secreto, com medo de a acordar e ter uma conversa sóbria sobre o que raio fizemos ontem à noite e saio silenciosamente do meu quarto, aventurando-me para o andar de cima.

O Sol parece bem alto. Meio-dia, suponho.

– Ei – cantarola o Jonah enquanto eu vou até ao frigorífico, abrindo uma garrafa de água.

– Tivemos uma noite e tanto, não? – diz o meu irmão, sentando-se no sofá. – Como te sentes, rapaz?

Olho irritado para ele, o imbecil bajulador. Solto um grande bocejo e espreguiço-me.

– Enferrujado. – Esfrego a cabeça. – O que aconteceu?

Então, o Jonah e o Henry ficam imóveis, trocando olhares.

– Tu, hum... – O Jonah pigarreia. – Do que te lembras da noite passada?

Esfrego as têmporas com a palma das mãos:

– Cheguei lá, embebedei-me... acho que a miúda lá em baixo me deu uma... uma *lap-dance*? E depois...

O Jonah está a acenar com a cabeça. Até agora, correto, mas o Jo parece estranho. E então lembro-me. O meu rosto paralisa.

– Foda-se. Merda! – Olho de um para o outro. – A Parks.

Henry faz uma expressão desconfortável e depois acena com a cabeça. Tenho as mãos nas faces, sinto que vou vomitar. Consigo ver o rosto dela na minha mente. O quanto a magoei. Como é que a pude magoar daquela maneira outra vez? Gemo, encostando a cara ao banco.

– Hum. – O Jonah pigarreia novamente. – Isso não é tudo.

Viro o rosto sobre o mármore frio, olhando para ele, sem esperança.

– Tu ou eu? – diz o Henry, aproximando-se.

O Jonah abana a cabeça.

– Tudo tu, meu amigo...

O Henry respira fundo e pensa por um segundo.

– Beej – começa. – Lembras-te do Tom England?

– Sim! – Animo-me. Uma espécie de lenda. Provavelmente um dos tipos mais porreiros do planeta. – O que tem? – Entro em pânico. – Oh, porra... não lhe dei um soco ou uma merda dessas, pois não?

(– Ainda não – suspira o Jonah baixinho.)

– Bem – diz o Henry, coçando o queixo –, a Magnolia deixou o Raffles ontem à noite com ele.

– O quê? – Franzo os lábios, confuso. – Ele deu-lhe uma boleia?

(– Uma viagem do caraças, talvez? – Sussurra o Henry para o Jo.)

O Jonah mantém a boca bem apertada.

– Hum – cantarola o Jonah, de modo estridente. – Acho que não. Eles, hum, saíram... juntos.

– Não, mas tipo... ele só a deixou em casa. – Encolho os ombros. – Ele tem uma namorada.

– A Erin? – O Henry franze a testa e abana a cabeça. – Beej, eles acabaram há um ano.

– Espera... – Pestanejo. – Então, vocês estão a dizer que ele e a Parks saíram... juntos. Juntos, juntos? – Não computa. O Tom England. Somos amigos.

O Henry deita-me um olhar e abana a cabeça.

– Ele beijou-a, Beej.

Olho para o Jonah.

– O quê?

O Jonah encolhe-se e acena.

– Que tipo de beijo? – pergunto, em pânico.

– Ah, do pior tipo, com certeza. – O Hen faz uma careta. – Afetuoso.

– Porra! – Grito. O Jonah acena com a cabeça, compreendendo. – Vocês estão a dizer-me que ontem à noite, depois de eu ter lixado tudo, a miúda dos meus sonhos foi para casa com o homem com quem fantasia em voz alta desde os nove anos? – Fito-os, incrédulo.

– Quero dizer, ele está... bem, em forma. – O Jonah assente. – Ele estava na lista dela, certo? Na lista dos bónus grátis?

Encaro-o sem expressão.

– Desculpa. – Coça a nuca. – Não sei porque é que... Esquece. Ele é um cabrão...

– Porra! – Grito novamente. – Merda! Porra. Porra!

O Henry semicerra os olhos para mim.

– Estás a ter um ataque?

– Porque é que não a impediste? – Pergunto-lhe com um olhar desesperado.

– Certo, sim. – Ele acena. – Ei, Magnolia, eu sei que tu e o Beej partilharam um momento mesmo terno na outra noite e depois acabaste de o ver a ser vigorosamente roçado por uma gaja qualquer, mas faz-me um grande favor e não vás para casa com o tipo mais *sexy* de Inglaterra.

– Henry! – Rujo. Tenho as mãos a agarrar com força o cabelo. Estou a suar.

– Beej – o Jonah toca-me no braço –, vai ficar tudo bem.

– Não sei. – O Henry encolhe os ombros. – Ele tem razão. A Parks e o England? Até que faz sentido.

– Foda-se – grito novamente.

E então a Surrey aparece.

– Hum... – Ela recua nervosamente.

Olho para ela de olhos arregalados.

– Merda!

– Estás b...

Abano a cabeça para ela. Não tenho mais palavras no meu vocabulário. Não, contudo, é a resposta. O Henry solta uma risada apaziguadora e apologética.

– Olá. Eu sou o Henry; este é o meu irmão. Acabou de descobrir que ontem à noite a miúda dos sonhos dele foi para casa com o homem dos sonhos dela e está a demorar um minuto para processar...

Eu pontapeio o frigorífico. Digo «filho da puta». E pontapeio de novo.

– Hum. – Ela pestaneja, olhando para mim. É provável que esteja principalmente preocupada consigo mesma. – Oh. Posso... Posso... fazer alguma coisa?

O Henry assente.

– Ires-te embora, provavelmente? Sim...

– Mas eu... – começa a Surrey.

– Escuta – o Henry oferece-lhe um sorriso de desculpas –, ele tem o teu número? – Faz uma pausa. – Não interessa, ele não te vai ligar. Está a um palavrão de usurpar o Samuel L. Jackson...

Eu grito «foda-se» de novo. O Jonah ri-se um pouco, a tentar não rir, acho. Não estou a tentar ser engraçado. Sinto-me como se tivesse a mente está a derreter. Este é o meu pesadelo. A Parks e o Tom England? O meu verdadeiro pesadelo. Porque funciona. Faz sentido. Eles fazem sentido. Mais do que nós fazemos sentido. Ele nunca a lixou, nunca a magoou. Tem o registo limpo.

E é mais velho do que eu, é um maldito piloto, parece-se com a porra do Thor... Enfio as mãos na boca.

A Surrey já se foi embora. O Henry aproxima-se.

– O que vais fazer? – pergunta casualmente, como se o céu não estivesse a cair.

– Ela foi até ao clube. – Olho para eles. – Disse-me que não ia e depois foi.

– E então tu vieste-te – diz o Henry e fita-me divertido. – Mas de uma forma diferente.

Olho para ele.

– Pergunto-me se o England se veio? – pondera o Henry, só para me irritar.

Atiro-lhe a minha garrafa de água.

– Porra! Isto não tem graça!

O Jonah deita um olhar ao Henry.

– Tem alguma graça. – O Henry encolhe os ombros.

– Hen... – O Jonah acena na minha direção, como se eu não os pudesse ver.

– O que foi? – O Henry encolhe os ombros. – É irónico. Porque o BJ voltou para casa com a Anti-Parks e a Parks foi para casa com o BJ Deluxe.

Esfrego as mãos no rosto, enervado.

O Henry coloca de novo uma expressão pensativa.

– Ei, e se ela disse que não porque estava apenas a pensar sobre as coisas por um minuto e depois decidiu ir porque queria, tipo, voltar ou alguma merda e tu, porque és um idiota...

– Henry... – diz o Jonah, fitando-o.

– Porque és um idiota – diz o Henry mais alto.

Ele gosta mais da Parks do que de mim a maior parte do tempo. É a sua amiga mais antiga... Nunca me perdoou por a ter traído.

– ... deixas cair as calças à primeira sugestão de problemas.

O Jonah gesticula na minha direção, olhando para o nada.

– Como é que isso ajuda?

O Henry encolhe os ombros, igualmente otimista e ambivalente.

– Escuta – o Jonah olha para mim. – A Parks não é assim. Ela não ia dormir com ele só porque te viu... – Ele deixa a frase em aberto. Parece desconfortável. – Tu sabes.

Eu fito-o, esperando por mais.

– Vai falar com ela.

BJ

Conduzo até lá. Gosto de conduzir. Não tenho oportunidade de conduzir para muitos sítios porque os carros em Londres são irritantes como o caraças. Mas tenho um pequeno Chiron Sport «110 ANS Bugatti» e é bom levá-lo a dar uma volta quando posso.

A viagem parece três vezes mais longa do que realmente é e sou como um porco o caminho todo enquanto me pergunto se o Jo terá razão. Acho que tem. A Parks não dorme com qualquer um. Ela não é assim. Pergunto-me por alguns instantes como seria entrar no quarto dela e ver outro homem lá, na cama. Odeio a ideia. Afasto-a.

Entro na casa de Holland Park. Tenho uma chave. Não digo a ninguém que estou ali. Não tenho tempo para as mãos errantes da Bushka dela hoje, só preciso de a ver. Entro de rompante no quarto dela. Ela está deitada na cama, ainda debaixo das cobertas – sozinha, graças a Deus – a fitar o teto. Ela olha para mim. Tem o cabelo numa desordem ridiculamente *sexy*, a boca toda corada como fica de manhã, sem maquilhagem. Porra. Aquela cara. Eu faria qualquer coisa por aquela cara.

Ela franze a testa quando me vê.

– Como está o tempo aí, Parks?

Ela fita-me nos olhos, pestaneja algumas vezes e depois olha novamente para o teto. Completamente gélida. Merda. Isto é mau.

Aquela é a nossa pergunta. Ela nunca deixa de responder.

Vou até à cama e sento-me na beira.

– Olá.

– Oh! – Ela ergue-se um pouco. – Que simpático da parte daquela miúda tirar a língua da tua boca o tempo suficiente para me vires dar os bom dias.

– Parks...

Ela olha para mim e consigo ver que esteve a chorar um pouco. Estão

vidrados, aqueles olhos dela. Extra tom de joia ou alguma treta dessas, pelos quais tenho a certeza de que já me apaixonei um milhão de vezes e vou apaixonar-me de novo, porque, olhem para ela. Não é justo que façam isso, é incapacitante. O que dizer? O que posso dizer?

– Estás bem? – Pergunto um pouco hesitante. Ela olha para mim. Não, é a resposta óbvia.

– Sim – diz ela, com o nariz empinado. Desvia o olhar. – Ótima.

– Não pareces ótima.

– Porque é que não estaria bem? Porque te vi praticamente a fornicar em público com uma gaja rançosa com uma saia da coleção de outono de 2017 da Prada, a qual, se te lembras, parecia que tinha um conceito de estilo baseado apenas no «Thrift Shop» de Mackelmore...

Tento não sorrir para ela porque sei que está a falar muito a sério.

– Já estou habituada – diz ela e encolhe os ombros modestamente.

Eu suspiro.

– Tu foste ao clube?

Ela desvia o olhar novamente.

– Por mim? – pergunto.

Ela fita-me longamente. No interior do seu olhar está a chorar e a gritar e a bater-me. Mas não diz nada, não faz nada, nem sequer se mexe e depois diz:

– Eu saí com o Tom England.

– Eu soube. – Aceno, friamente. – Como foi?

– Vamos sair de novo hoje à noite.

Merda.

– O que estás a fazer? – Franzo a testa.

– Vou sair com o Tom England.

– Não, tu sabes o que quero dizer; o que estás a fazer?

Ela desvia o olhar.

– Porque é que foste ao Raffles ontem à noite? – pressiono.

Os olhos dela parecem tristes e receio que o Henry possa ter razão.

– Não importa. – Ela encolhe os ombros. – Estou com o Tom agora.

– Tu não estás com o Tom. – Reviro os olhos. Ela é ridícula. – Vocês saíram juntos uma vez. Não marques a cerimónia ainda.

Ela sai da cama – não está praticamente a usar nada; um minúsculo pijama amarelo-bebé – e começa a fingir que faz algumas tarefas pelo quarto. Não gosta que a desmascarem e eu adoro fazê-lo. Sento-me na cama e ela aproxima-se e empurra-me para a poder fazer. Fazê-la corretamente. Querem saber quantas vezes a Magnolia Parks fez a sua própria cama desde que saiu do colégio interno? Um total geral de zero. Pode puxar o edredão de vez em quando, referindo-se a isso como um dia de trabalho duro ou algo assim, mas aqui está ela a fazer a cama com a precisão de um oftalmologista e a determinação de um atleta olímpico apenas para ter um motivo para me tocar enquanto me puxa para sair dali.

Fico ali a olhar para ela, de braços cruzados sobre o peito, a esforçar-me para não olhar para o rabo dela enquanto ela se curva com aquelas cuecas rendadas que sei que são da La Perla porque as comprei para ela. Sinto-me aliviado por ela a ter vestidas. Se me odiasse de verdade, ela não as teria vestido. É assim que sei que ainda não terminámos.

Ela nunca devolveu o meu anel.

Temos os anéis de sinete da família um do outro desde que éramos crianças. Dei-lhe o meu no dia em que me formei em Varley; algo para se recordar de mim, acho que disse, ou alguma coisa desse género. É engraçado pensar nisso agora; eu estava sem dúvida a marcar o meu território. Mas ela usava-o em todo o lado. Nunca o tirava. Nesse mesmo Natal, ela deu-me o anel da sua família.

Lembro-me de o abrir e olhar para ela – ela poderia ter-me dado um chocolate e eu teria achado que era o melhor presente do mundo, mas o anel, que ela teve de pedir ao pai – era tão pesado.

– Estás a pedir-me em casamento, Parks? – Semicerrei os olhos para ela na brincadeira.

– Ainda não. – Ela sorriu.

– Um dia? – perguntei, erguendo as sobrancelhas.

– As raparigas não pedem. – Ela franziu a testa, ofendida.

– Mas eu posso? – disse eu.

– Tu podes. – Ela assentiu, decidida.

– Vou pedir. – Acenei com a cabeça serenamente.

Ela nunca o devolveu, nem sequer depois de eu a trair. Tirou-o do dedo. Agora usa-o num fio extra comprido em volta do pescoço que ninguém consegue ver, mas eu sei que está lá. Vejo-o algumas vezes antes de ela entrar no chuveiro. A Magnolia veste outro robe felpudo de aparência ridícula.

– Nós estamos, a propósito – diz ela por cima do ombro. – Juntos.

– Tretas.

Ela atira-me o telefone e no ecrã está um exclusivo da *Loose Lips*.

ALERTA DE NOVO CASAL.

Um novo casal na cidade! Está a ser relatado que o atraente bilionário Thomas England foi arrebatado pela inefável e ridiculamente bela Magnolia Parks.

Estejam atentos a este espaço!

– E depois? – Encolho os ombros, mas sinto o peito a ficar apertado. – Toda a gente diz porcarias sobre nós o tempo todo. Não as torna verdadeiras.

– Sim – ela aproxima-se, tirando-me o telefone da mão. A mão dela paira sobre a minha, roçando nela. – Só que desta vez não são porcarias.

Encaro-a.

– Que raio estás a fazer?

– Obviamente, não sei o que queres dizer – diz ela com o nariz empinado, portanto, sabe sem dúvida exatamente o que quero dizer.

– Eu lixei tudo! Aconteceu, simplesmente! Foi estúpido! Mas...

– Sabes como é perder-te como te perdi? – interrompe ela baixinho. Olha para mim e depois desvia os olhos. – Naquelas primeiras semanas depois do que aconteceu e de nós termos acabado, de todas as vezes que eu fechava os olhos, via-te com outra rapariga. Todas as raparigas. Todas as raparigas do mundo, exceto a minha irmã e a Paili, todas as raparigas pelas quais passávamos na rua, todas as

empregadas de bar que olhavam para ti por mais tempo do que o necessário, todas as empregadas de mesa que te fitavam enquanto lhes davas o teu cartão, a miúda que trabalha no Saint Laurent, as antigas colegas de Varley, as raparigas das sessões fotográficas que fizestes; era uma super montagem de ti e delas em todas as formas e posições que a minha mente conseguia imaginar, tentando perceber o que raios elas faziam por ti que eu não podia fazer. Porque eu teria feito qualquer coisa por ti...

Os olhos dela estão demasiado pesados para eu os conseguir fitar mais. Sinto-me maldisposto.

– E eu achei que sabias disso. E acho que sabias? Não sabias? Com certeza que sabias.

Ela está à procura de uma resposta que não posso dar.

– Todo este tempo achei que era eu, era algo errado comigo, alguma deficiência em mim, algo que eu não te podia dar, mas agora, tendo-te visto, tendo visto como és quando eu não estou lá, não sou eu. – A voz dela suaviza-se. – Não sou eu, és tu. Tu és apenas... um vadio.

Diz aquilo com uma execução perfeita e cara séria.

Olho furioso para ela.

– Retira o que disseste.

– Porquê? – Encolhe os ombros com insolência. – O que é que vais fazer? Ir para a cama com outra? Lixar-me? Fazer com que eu pareça uma palerma completa? – Engole em seco e recompõe-se. – Já fizeste isso.

– Parks. – Seguro-a pelos pulsos.

– Larga-me. – Ela puxa as mãos, lutando contra mim.

– Não.

– Larga-me.

– Não posso. – O meu peito parece estar a arfar.

Ela empurra-me para longe e eu fito-a com os olhos desfeitos.

– Acho que é altura de saíres, Beej – diz uma voz baixa da porta. A Bridget está ali, na ombreira, a observar de sobranceiras cerradas.

Solto uma gargalhada incrédula e saio pela porta do quarto da rapariga que amo, passando pela irmã e descendo as escadas o mais rápido que posso.

– Isto já está a cansar, não achas? – diz a Bridge atrás de mim.

Paro a meio do caminho e olho para trás.

– Os namoros em série da tua irmã? – zombo. – Sim.

Ela acena com a cabeça.

– E também tu a ires para a cama com tudo o que mexe só para a magoares...

Já está estafado a esta altura.

Eu abano a cabeça.

– Eu nunca faria nada para a magoar.

– Não gozes comigo. – Ela está irritada. – Ninguém precisa de tanto sexo como o que tu tens feito e mesmo que precise, o que não precisa, aliás, porque se precisasse seria um viciado. És um viciado?

Ela deita-me um longo olhar que me faz sentir desconfortável comigo mesmo.

– Mas digamos, só por hipótese, que precisavas mesmo. Não tens de lhe dizer de todas as vezes que o fazes. Tu dizes-lhe para a magoar. – Ela cruza os braços sobre o peito. – Tu fazes sexo com outras pessoas e contas-lhe porque, quando o fazes, ela fica triste e ela ficar triste por causa disso valida os teus sentimentos por ela. Ela ainda se importa. Não ficaria triste se não se importasse. Ela está triste por eu dormir com outras pessoas e, portanto, ainda sente algo por mim. Tu fazes isso para te sentires próximo dela.

Olho de sobrolho franzido para ela, em partes iguais irritado e confrontado.

– Eu não preciso de uma aula de psicologia, Bridge.

– Não, Beej. – Ela fita-me com um olhar incisivo. – Tu precisas de um terapeuta.

Magnolia

Estou deitada na cama alguns dias mais tarde, ainda um pouco em choque pelos acontecimentos dos últimos dias. Na outra noite, saí de casa a pensar que talvez, possivelmente, potencialmente, hipoteticamente, fosse recomeçar as coisas com o BJ, mas, de alguma forma, cheguei a casa várias horas depois com um novo namorado falso. O falso namorado novo não impede que o buraco ardente no meu peito veja o BJ assim com alguém. Já o vi beijar outras raparigas antes, tocar noutras raparigas antes, mas aquela pareceu diferente. Aquela foi quase exatamente como imaginei o que aconteceu há três anos e agora vi-o com os meus próprios olhos. Ele de olhos fechados, cabeça para trás, a mão na cintura dela, pescoço todo esticado e exposto – essa é a parte que me abala. Não sei porquê.

O namoro falso com o Tom England não faz com que aquilo pare de girar continuamente na minha mente, roendo-me por dentro, mas o namoro falso com o Tom England vai nivelar a situação.

Eu não durmo com qualquer um. Não julgo as raparigas que o fazem, é apenas – ainda é importante para mim. Eu só estive com o BJ. Nem sequer com o Christian. Já fiz outras coisas, namorei com muitos rapazes desde o BJ, mas nunca senti que isso era o mais certo para mim. Nunca o quis fazer com mais ninguém. E também não descobri como ultrapassar esse sentimento. A sensação de que é algo apenas para eu e ele.

Desço as escadas para ir tomar o pequeno-almoço e descubro um corpo extra à mesa. A nossa pequena vizinha, Sullivan Van Schoor – muito bonita, com cerca de catorze anos de idade. Cabelo loiro, pele morena, olhos azuis. É originária da África do Sul, mas está aqui desde os três anos de idade. O pai é um banqueiro comercial implacável com um olhar muito intenso, como os homens sul-africanos costumam ter. É um pai muito interventivo e ela dá muito trabalho – portanto, ainda bem para ele e boa sorte.

– Bem – diz a Mars, enviando-me um olhar. – Olha quem decidiu finalmente agradecer-nos com a sua presença.

Ofereço-lhe um sorriso sem entusiasmo e vou sentar-me ao lado da minha irmã. Não esperava visitas, mas, felizmente, costumo ter uma aparência fantástica. Acordo muito bem. Acredito que seja uma combinação da quantidade de álcool que consumo que me conserva, bem como o facto de viver uma vida bastante livre de stresse que requer pouco ou nenhum trabalho manual. Estou a usar o pijama Mimi Martine com estampado floral em *jacquard* de cetim da Morgan Lane, que me deixa ainda mais morena e, portanto, ainda mais bonita. Pestanejo para a Louisa, uma das nossas empregadas, enquanto ela me serve o chá.

– Sully. – Faço questão de lhe oferecer um sorriso extra deslumbrante porque a mãe dela disse-me que a Sullivan me segue no Instagram e acha que eu sou, tipo, «totalmente fantástica». – O que estás a fazer aqui?

– Os pais da Sullivan foram para a África do Sul de repente – conta-me a Marsaili. – Emergência familiar.

Ela sorri agradavelmente para mim.

– Os filhos... da irmã... do meu pai... são capazes de ter engravidado a mesma rapariga.

– Oh. – Inclino-me, intrigada. – Mantém-me atualizada sobre isso! Parece entusiasmante.

– Ela vai ficar connosco por alguns dias – diz-me a Marsaili, passando a compota ao meu pai, embora ele não tenha pedido.

– Nada de BJ esta manhã? – Pergunta a minha mãe, alegremente.

Abano a cabeça, recatadamente.

– Oh. – Ela parece desapontada. – Onde é que ele está?

Sullivan olha para mim, à espera da minha resposta. Provavelmente, esperava vê-lo aqui esta manhã – e sinceramente, também eu –, mas aqui estamos nós, amiga...

– Como é que posso saber? – Pego num morango.

A minha irmã dá-me um sorriso rabugento.

– Porque tens espiões.

– Não tenho nada. – Franzo a testa. Mas não seria ótimo se tivesse?

– Você andam a discutir, querida? – pergunta a minha mãe, inclinando a cabeça.

Eu suspiro, irritada.

– Se queres saber, sim.

– Oh. – A Mars suspira com falsa empatia. – Que pena.

O meu pai lança-lhe um olhar divertido. A Marsaili costumava adorar o BJ. Imenso. Costumava expulsá-lo do meu quarto com uma colher de pau, quando vínhamos para casa da escola aos fins de semana, mas adorava-o. Adorava o modo como ele me amava. Ela confiava nele; não me deixava ir a lado nenhum a menos que o BJ estivesse lá. Toda a disparidade é agora um pouco devastadora.

O fusível dela em relação a ele é minúsculo. Isso costumava irritá-lo; ele passou uma eternidade a tentar reconquistá-la, comprando-lhe flores todos os dias durante meses. Uma vez, ele entregou-lhe um ramo de rosas e ela colocou-as de imediato no lixo. Acho que ele parou de tentar depois disso.

Eu nunca lhe disse que ele me traiu. Mas suspeito que ela sabe de qualquer maneira.

– Magnolia – começa ela –, o filho de uma amiga minha vem para a cidade. Pensei que seria bom se lhe mostrasses os lugares?

Olho para ela, confusa.

– Isso é alguma brincadeira?

Ela franze a testa.

– Não.

– Oh. – Franzo a testa. – Então, não. – Faço-lhe um sorriso.

O meu pai levanta os olhos.

– Por favor? – Faz beicinho. – Por tudo o que faço por ti?

Deito-lhe um olhar confuso.

– Sim, mas foste contratada para isso?

A minha mãe abafa uma gargalhada.

– Magnolia – começa o meu pai –, seria bom...

– Oh, Harley. – Chamo-o assim só para o irritar. – Eu queria poder fazer isso, mas acho que o meu namorado não ia achar correto.

– Namorado? – repete a Mars, franzindo a testa. (– Não digas BJ, não digas BJ. – Murmura ela em voz baixa.)

– Não é ele. – Giro os olhos com impaciência. – Um namorado diferente.

– Quantos é que tens? – pergunta a minha irmã e atiro-lhe um olhar.

– Que namorado? – pergunta a Bushka, franzindo a testa do outro lado da mesa. Ela grita-o tão alto e com uma ignorância tão imprudente das normas sociais que não posso deixar de sorrir.

– O Tom England – grito de volta. É desnecessário gritar, mas vale a pena anunciá-lo. O meu pai ergue os olhos do telefone, intrigado.

A Bridge olha para mim com os olhos semicerrados.

– Estás a namorar o Tom England?

Olho irritada para ela.

– O que queres dizer com esse «Estás»? Sim, estou. Eu mesma. Com quem mais é que ele ia namorar?

– Não sei. – A minha irmã encolhe inutilmente os ombros. – Tipo, com a Kate Middleton.

Encaro-a inexpressivamente por um segundo.

– Hum, acho que ela está comprometida, Fridge...

– O Tom England? – intervém o meu pai. – O amigo do Gus?

Aceno afirmativamente.

– Irmão morto?

Deito-lhe um olhar.

– Bilionário, filantropo, piloto, super lindo, mas, tudo bem, usa «irmão morto» como etiqueta mental.

– O Gus não disse nada?

Lanço-lhe um sorriso breve.

– Ele não sabe.

– Quem é o Tom England? – A Sullivan franze a testa.

– Ele era para a minha geração o que o BJ é para a tua – digo-lhe sabiamente.

– E tu andas com os dois? – A expressão carrancuda dela aprofunda-se.

– Sim! Quero dizer... foda-se...

– Magnolia – suspira a Marsaili. – Não digas foda-se.

Fito-a com um ar desafiador.

– Ебать.

– Não o digas em russo, também. – Ela revira os olhos. – Bom, desculpa, só para esclarecer, o mesmo Tom England que seguiste como uma estudante apaixonada durante um fim de semana inteiro em Ascot?

– O mesmo. – Atiro-lhe um olhar como o do gato que apanhou o canário da gaiola dourada.

A Mars recosta-se na cadeira como se não soubesse bem o que fazer com a informação.

– Caramba – diz e suspira. – O BJ deve estar a passar-se.

O meu pai sorri, satisfeito.

– Hum? – Finjo confusão. – Quem é esse?

A Marsaili revira os olhos.

– O BJ Ballentine? – começa a Bridge. – Assim desta altura? – Acena com a mão no ar. – Cabelo lindo. Bela boca? O amor da tua vida?

– Não me diz nada – cantarolo.

– Diz-se que és capaz de ter perdido a virgindade com ele na parte de trás do Maserati do pai?

O nosso pai olha para mim, com a cabeça inclinada para trás e os olhos arregalados.

– O que disseste?

– Ela está a brincar! – Olho irritada para a minha irmã. Atiro-lhe uma uva quando ninguém está a ver. – Claro que ela está a brincar! – Abano rapidamente a cabeça. – Harley, eu nunca faria isso. Nunca. Nem pensar.

Ele lança-me um olhar intensamente sofredor antes de se virar para Bridge.

– Qual deles?

Belisco subtilmente a minha irmã por baixo da mesa para a calar, mas não funciona.

– O branco com o teto preto.

– Não o meu MC20! – exclama ele, magoado.

A Sullivan Van Schoor está a observar tudo, de olhos a brilhar deleitada.

– Eu não faria isso! Não fiz! Ela está a brincar! – Olho para ela furiosa, beliscando-a com mais força. – Ela está a brincar! Não tem muita graça, todos nós sabemos. Tem um *timing* cómico péssimo. – Dou-lhe uma cotovelada.

– Estou a brincar – diz ela com relutância.

Marsaili observa-nos com os olhos semicerrados e desconfiados.

O consenso, aliás, é que não perdi a virgindade na parte de trás do Maserati do meu pai. Houve discutivelmente um indício de penetração, mas o BJ estava tão preocupado com o facto de a Marsaili poder aparecer e ver-nos que não parava de estragar tudo, portanto, esperámos e essa é uma história diferente para um dia diferente.

– O Tom England. Uau. – A minha mãe recosta-se, perdida em pensamentos.
– A mãe dele é um pouco chata, não é?

– A Charlotte England? – Pestanejo. – Quero dizer... não? Acho que é apenas uma mãe... normal? Faz almoços, organiza eventos de caridade, faz um pouco de jardinagem, tem um par de cãesinhos aos quais se dedica demasiado...

A minha mãe olha-me com desconfiança.

– Parece chata.

– Em vez de, digamos, ligar para a filha mais velha às três da manhã porque está trancada num estábulo com a marquesa de Milford Haven.

A minha mãe aponta para si mesma.

– Nada chata.

A Bushka grita do outro lado novamente.

– O Tom England é Tom England como eu sou Bushka Rússia?

– Não. – A Bridget sorri gentilmente para ela. – Isso é o apelido dele.

– Ele é muito britânico, contudo – digo.

– É quase como um príncipe – acrescenta a minha mãe.

– Como o *Purple Rain*? – indaga a Bushka.

Ficamos todos em silêncio.

– Sim. – Aceno. Às vezes é mais fácil. – Seja como for – olho para a Marsaili.

– Tenho um namorado agora e é recente. Não gostava de agitar as águas...

– Claro. – A Mars revira os olhos. – Quem é que iria querer perturbar o Artista Anteriormente Conhecido Como Prince?

– Açúcar, menina? – pergunta-me Louisa, para o chá.

– Não, tudo bem. – Sorrio-lhe.

– Ela precisa de dois – diz-lhe a Marsaili e eu franzo o sobrolho para ela.

– Não preciso nada – digo, fazendo beicinho. – Não é um dia para dois cubos de açúcar.

– Estás zangada com o BJ – recorda-me a Marsaili, mas receio que nem sequer todos os cubos de açúcar do mundo nos possam consertar.

Aceno afirmativamente.

– Mas tenho o Tom England agora e acredito que todo o açúcar do mundo reside nos seus...

– Não digas lábios, não digas lábios – entoa a minha irmã baixinho.

Deito-lhe um olhar.

– No dedo mindinho. Ele beija de modo excelente, contudo.

O meu pai geme.

– Porque é que tu e o BJ Ballentine estão zangados? – pergunta a Sullivan de repente.

Toda a minha família fica paralisada; talvez porque somos britânicos e nunca falamos sobre os nossos sentimentos? Talvez porque é uma pergunta mal-educada?

– Hum. – Pestanejo. Acho que a zanga chegou aos jornais. – Porquê?

– Eu sei que vocês discutem muito – diz-me ela.

– Bem. – Inclino a cabeça, considerando. – Não, não diria muito...

– Vocês são sempre fotografados a rosnar um para o outro em público.

– Certo, bem, sim – aceno – ele consegue ser irritante.

– Tenho a cronologia do vosso relacionamento aqui no meu telefone. – Ela mostra-ma. – A *Loose Lips* fez um artigo sobre isso.

– Ó meu Deus – diz a Mars baixinho.

– Posso ter uma cópia disso? – pergunta o meu pai.

Estendo a mão para o telefone e a Bridge e eu olhamos para ele. Fotos minhas e do BJ tiradas dos nossos Instagrams e de momentos em que não sabíamos que estávamos a ser observados, algumas fotos de paparazzi – muitos encontros. Algumas delas são realmente precisas. Estão errados sobre a data do nosso rompimento, errados sobre o motivo. Acham que sou eu. Eu nunca teria acabado se ele não me tivesse forçado a isso.

Nem tudo é verdade. Nem tudo é mentira também.

– Muitas discussões – reitera a Sullivan.

– Sim. – Ergo os olhos para ela, distraída. – Muitas.

Ela suspira, frustrada. É uma miúda do Queen's College. Os níveis de confiança dela são altíssimos.

– Então – insiste ela – há uma razão?

O meu rosto vacila um pouco.

– É só porque a *Loose Lips* está a fazer um concurso; quem enviar o rumor mais suculento ganha uma Chanel 19 Flapbag em *pied-de-poule* multicolorido. Já a tenho em preto, por isso o meu pai não a vai comprar, mas eu preciso dela. – Ela faz-me uns olhos de cachorrinho abandonado.

Suspiro. Qualquer coisa pela Chanel, certo? É praticamente caridade atirar-lhe uma migalha aqui. Não consigo imaginar como me sentiria se alguém me impedisse impiedosamente de ter produtos Chanel.

Além disso, ainda estou no nível 5 de fúria com o BJ pelo que aconteceu no outro dia e existem apenas 5 níveis.

– Ele traiu-me – anuncio. Provavelmente não deveria ter falado, é o que penso

assim que o digo.

A Sully fica de boca aberta.

– Há muito tempo atrás – esclareço para o meu prato de ovos. Não consigo encontrar os olhos de ninguém. – Mas foi por isso que nos zangámos.

– Quando? – A minha mãe pestaneja, parecendo um pouco triste.

Deito-lhe um olhar.

– Quando acabámos.

Ela franze a testa.

– E isso foi quando?

A Marsaili revira os olhos para ela, irritada por a minha mãe não saber a resposta.

– Quando ela tinha dezanove anos.

A Sullivan está a escrever rapidamente no seu telefone quando olha para cima. Está radiante e diz:

– Bem, agora é que vou mesmo ganhar a mala.

10:34

Marsaili

O Tom England.

Mal posso acreditar.

Eu sei!

Divertido, certo?

Muito.

Só que... Estou curiosa.

Nunca disseste que andavas
a sair com o Tom England.

E depois?

Depois, nada.

Só que a última vez que o Tom
England te passou um guardanapo

quase escreveste uma ode
sobre o assunto.



Ando muito reservada ultimamente.

Há dois dias, apesar da minha
insistência em contrário, partilhaste
uma história muito gráfica sobre ti
e o teu ex-brinquedo num barco
no Lago Como.

Eu fiz isso por ti!

Porque não há grande coisa
a acontecer na tua vida.

Tipo, quando foi a última
vez que fizeste sexo?

Quando foi a última vez que tu
fizeste sexo?

Marsaili, isso é
terrivelmente rude.

Que vulgar.

E não lhe chames brinquedo.

BJ

– Queres um pouco? – pergunta-me a rapariga com quem estou. Cabelo loiro, olhos castanhos, boca grande, provavelmente grande de mais. De Bath.

– Hum? – Olho para ela, sem prestar muita atenção. Estamos no clube do Jo, Hampton Haus. Todos os funcionários se vestem como se fossem dos Hamptons e todas as empregadas de mesa estão super em forma. É um dos cerca de dez locais que os irmãos Hemmes possuem, facto pelo qual me sinto grato porque não tenho de mentir à Parks sobre o que eles fazem. Posso apenas desviar a pergunta.

– Vou só à casa de banho dar uma snifadela. – Ela sorri-me. – Queres um pouco?

Abano a cabeça.

– Não uso essa merda.

A Bath parece surpreendida. Talvez seja surpreendente. Eu gosto disso – gosto demasiado até. A Bath olha para mim de modo estranho, com uns olhos um pouco redondos de mais e ansiosos de mais, como costumam ser os olhos das miúdas festeiras.

– É que pareces ser o tipo de alguém que... usaria. Sabes?

Encolho os ombros. Ela não está errada.

– Costumava usar.

– Mas já não?

Abano a cabeça, um pouco aborrecido com todas as perguntas. O que é que ela é, o caraças do Piers Morgan?

– Porquê?

Porra, reviro os olhos um pouco.

– Prometi a uma pessoa. – É tudo que lhe digo.

– Quem? – Ela solta uma risada. – A tua mãe?

E, então, fico irritado.

– Nã, apenas à miúda que amo.

Aquilo deixa-a atordoada, tal como quero.

– A miúda que amas? – repete.

– Sim – aceno, voltando a ficar aborrecido. – Vai meter a tua linha. Estarei aqui quando voltares.

Pego no telefone e vejo as minhas mensagens para ver se a Parks me mandou algum SMS. Não o fez. Verifico o telefone para ter a certeza de que tenho rede. Tenho. Porra.

Então, vou ao Instagram no caso de ela decidir enviar-me uma DM, responder a uma história ou alguma merda – os relacionamentos são tão lixados hoje em dia, com todos os meios que existem para conversarmos uns com os outros. Não que estejamos a namorar. Não estamos a namorar. Ela está a namorar outra pessoa. «A namorar.»

Estou a dissecar a validade da Parks e do Tom England há cerca de quarenta segundos quando percebo que os comentários no meu Instagram estão a explodir e as minhas DMs estão a abarrotar...

Quero dizer, tenho sempre muito de ambas as coisas, mas isto é de doidos.

Abro a minha foto mais recente e há centenas de pessoas a comentar 
 e um monte de merdas tipo não acredito que fizeste isso, não a mereces, alguns idiotas a dizer vai-te lixar morre. Estou confuso e então faço o que nunca devemos fazer:

Procuro-me no Google.

E então vejo.

*

Uma fonte pessoal próxima confirma a VERDADEIRA razão por trás do rompimento público mais confuso e prolongado da história – BJ Ballentine traiu Magnolia Parks.

*

Porra. Acho que vou vomitar. Sinto-me tonto. Não consigo ver bem por um instante.

– Estás bem? – pergunta o empregado do bar. Aceno que sim. Não estou. Sou capaz de desmaiar.

– O que se passa? – O Jonah está de repente ali, de sobrancelhas cerradas. – Tomaste alguma coisa?

Abano a cabeça. Ligeiramente. Mostro-lhe o meu telefone.

– Porra. – Ele pestaneja de olhos arregalados. – Diz com quem?

Abano a cabeça. Outra onda de náusea atinge-me como um semirreboque.

O Jonah inclina-se sobre o bar, pega numa garrafa de tequila e entrega-ma. Bebo alguns goles. Grandes. Sinto-me estranho, como se estivesse a andar debaixo de água num sonho. O que, curiosamente, foi como me senti na noite em que a traí, enquanto estava a acontecer... Uma caminhada em câmara lenta em direção a algo que não queria fazer, mas que tinha de fazer e era como se a minha cabeça estivesse acima da água e o resto de mim debaixo dela e eu ia a andar contra a corrente para o fazer. A cada toque, cada aperto, cada beijo, cada movimento, a corrente inteira do universo dizia-me para não o fazer e eu fi-lo de qualquer maneira. E agora não é apenas ela que sabe, mas toda a gente sabe que não só perdi a miúda que todos sabemos que amo, como a perdi e é tudo culpa minha.

Vou para o escritório do Jo. Abro a porta. Uma miúda sai de cima do Christian no sofá. Demora um segundo para os meus olhos se ajustarem.

Daisy Haites. Parece que aquele encontro a que ele a levou há algum tempo atrás correu bem...

Ela é muito *sexy*. Muito perigosa. Não é uma miúda com quem eu me metesse. O irmão dela é mais perigoso do que os Hemmes.

A boca dela parece cor-de-rosa e um pouco manchada.

– Ele está bem? – pergunta a Daisy, olhando para mim, de cabeça inclinada.

Sento-me. Tomo outro gole. Ela aproxima-se e semicerra os olhos para mim. Estudante de medicina, segundo ano. O que é que a minha pulsação lhe vai dizer que eu ainda não saiba? O meu coração vive fora do meu peito em Holland Park e acabou simplesmente de ir parar aos braços do solteiro mais cobiçado de Inglaterra.

– Já todos sabem. – Jonah olha para o Christian.

– Sabem o quê? – pergunta o Christian de modo agourento. Acho que tenho alguns esqueletos a esta altura. Pode ser qualquer um deles.

O Jo acena na minha direção como se eu não o pudesse ver.

– Ele. A traição.

– Tu traíste a Magnolia? – A Daisy pestaneja de olhos arregalados enquanto me sente a pulsação. – 150 BPM – diz ela ao Jonah e depois acrescenta: – Ele tem ataques de pânico?

O Jonah não responde.

– Merda! – O Christian suspira e vem sentar-se ao meu lado. – Quem contou? – Pergunta ele ao Jonah, que abana a cabeça.

– Certo, bem. – O Christian olha de mim para o Jonah. – Quem sabe?

– Só nós todos. – O Jo encolhe os ombros. – O nosso grupo.

– Nenhum de nós faria isso – diz Christian, contando pelos dedos. – Não o Hen. O Perry não. A Pails obviamente que não.

– Porquê? – pergunta o Jonah, talvez rápido de mais.

– Porque ela morre de medo de irritar a Magnolia.

– A Bridget não diria nada – digo-lhes.

– A Taura sabe? – Pergunta o Jonah.

Abano a cabeça.

A Daisy está a observar-me, olhando para as minhas pupilas. Levanta-se, com as mãos na cintura. Volta-se para o Christian.

– Provavelmente, foi ela mesma.

– O quê? – Pestanejo.

– Provavelmente, foi ela mesma – diz ela, como se não tivesse acabado de enviar um míssil mesmo para o meio da minha vida. – Irritaste-a ultimamente?

– Se ele a irritou ultimamente? – troça o Jonah alegremente, mas contém-se. – Não é a altura, desculpa.

Faço uma careta.

– Sim, talvez... mas ela não faria isso.

– Faria sim... – Christina acena, ponderando o assunto.

Franzo o sobrolho para ele quando ele diz aquilo. Não é a minha intenção; é apenas o modo como ele o diz, como se soubesse, como se a conhecesse como eu a conheço. Toda aquela merda entre eles e a raiva que isso me causa percorre-me e depois atinge-me como um piano: tu destruístes-a primeiro.

– Vai-te lixar. – O Jonah revira os olhos. – Ela não o faria.

Esfrego a cara quando penso nos olhos dela naquela noite em que me viu. Vermelhos, vítreos, uma dor demasiado profunda para eu conseguir alcançar.

– Talvez tenha feito? – Olho para o Jonah, um pouco apavorado.

O Jo pega na tequila e toma um longo gole.

– Bem. Merda.

Magnolia

Levo um dos carros até à cidade para me encontrar com o Tom.

Ele está no exterior da Cartier na New Bond Street. Tem a *T-shirt* Jil Sanders de riscas horizontais em cores neutras, calças Brunello Cucinelli de algodão tingido em azul-marinho e sapatilhas All Star Chuck Taylor versão bota em bege. Mesmo quando o aspeto dele parece casual o suficiente para estar praticamente a lavar janelas, ele é um sonho que se tornou realidade. Abre-me a porta do carro e sorri para mim enquanto me ajuda a sair. Eu estou adorável: cardigã de lã extra largo da Jil Sander com um vestido em xadrez da Miu Miu (ambos azul-marinho), sapatos de tira em cabedal preto da Proenza Schouler e meias brancas quase até ao joelho da Fendi.

Ficamos ali parados na rua por breves segundos, a olhar um para o outro, e, então, cada um de nós solta uma risada estranha e breve. Ele parece um pouco nervoso. O Tom England parece nervoso.

Ele inclina a cabeça, tentando perceber o que se passa.

– Será que nos devemos beijar?

Nunca tive um namorado falso antes que soubesse que era falso no início do nosso relacionamento, portanto, não sei.

– Provavelmente. – Aceno, insegura. – De certeza? Sim. De certeza.

É rápido e estranho e desajeitado e engraçado e ele lança-me um longo olhar e depois começamos os dois a rir outra vez. O riso dele é maravilhoso. Vem do fundo da garganta, fazendo com que todo o peso que ele transporta na testa se desvaneça um pouco.

O riso torna tudo mais fácil, como se quebrasse a tensão, apagando os nós de estranheza entre nós. Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas novamente, conduzindo-me pela rua.

– Então, vamos fazer compras hoje? – Olho para ele. É realmente muito alto. Um metro e noventa, talvez?

Ele concorda.

– Acho que talvez precise de um guarda-roupa totalmente novo.

– Onde está o teu guarda-roupa antigo?

– Em casa do Sam.

Eu apenas aceno.

– Está bem. – Agarro-me ao braço dele porque não sei o que mais fazer. – Um guarda-roupa totalmente novo, então.

– Preparada para a tarefa?

– Nascida para a tarefa – aceno, resolutamente.

Seguimos para a Burberry porque alguém com a constituição e a coloração de Tom deve usar quase exclusivamente tons neutros e azul-marinho. Vasculho as prateleiras, tirando peças para ele – a camisola de caxemira ajustada com o logótipo bordado, a camisola de lã merino em xadrez, as calças em sarja de algodão justas – tento não escolher nada que escolheria para o BJ, tento ao máximo não memorizar as coisas que provavelmente voltarei cá para lhe comprar na próxima semana, quando o odiar um pouco menos.

Eles não se parecem, de qualquer maneira. Além disso, os estilos do Tom e do BJ são completamente diferentes.

O estilo do Tom é... Burberry, quando o Christopher Bailey estava ao comando. O estilo do BJ é Burberry, na era Riccardo Tisci, se entendes o que quero dizer? Claro que sim.

Noto duas raparigas – talvez com cerca de dezassete anos – que têm estado perto de nós desde que estacionei. Seguiram-nos até à loja e estão nervosamente a aproximar-se cada vez mais de mim.

(– Pergunta tu. – Não, tu. – Não! – Está bem.)

– Desculpa? – guincha uma delas. Olho para elas, sorrindo o mais calorosamente que consigo. Tom observa, curioso.

– Podemos tirar uma foto contigo? – pergunta a outra.

– Sim, claro – aceno. – É claro.

Não sei porquê. Nunca percebi realmente porque é que as pessoas querem

fotos comigo, no entanto, coloco-me ao lado delas. Eles entregam o telefone ao Tom, o que é hilariante, e ele tira algumas fotos. Elas estão prestes a ir-se embora quando a primeira rapariga se vira.

– Onde está o BJ?

O Tom olha para mim divertido e eu respiro fundo, inspirando e expirando pelo nariz mais alto do que devia – é terrivelmente grosseiro da minha parte –, e ofereço-lhes um sorriso despreocupado.

– Não tenho a certeza, mas este é o meu namorado. Tom. – Gesticulo na direção dele.

– Oh. Olá. – Ela ri-se nervosamente e depois apressa-se a sair.

(– Eles acabaram? – Eu disse-te! Eu sabia! – Ele está sem ninguém! – Ela nunca está sem ninguém!)

Olho para o Tom apreensivamente e reviro os olhos, tentando não dar importância. Ele cruza os braços sobre o peito, divertido.

– Isto acontece muito?

– Oh – murmuro e hesito por um instante. – O que é muito?

Ele franze a boca displicentemente.

– Uma vez por dia?

Semicerro os olhos para ele.

– A minha resposta vai afetar o estado do nosso... – olho em volta e sussurro – relacionamento falso?

Ele baixa-se um pouco (muito) e sussurra de volta.

– Não.

Endireito-me e sorrio para ele.

– Então, sim.

Ele ri-se e prende-me umas madeixas de cabelo atrás das orelhas, olhando para mim de um modo que, se eu não soubesse que era falso, poderia ter feito o meu coração disparar, mas o meu coração está bem, obrigado. Talvez apenas um murmúrio.

Vamos até aos provadores e eu espero do lado de fora enquanto ele

experimenta as roupas.

Ele sai com as calças de algodão justas em azul-marinho e o polo de mangas compridas em lã merino *camel* com o detalhe das riscas icônicas. Tão *sexy*.

– Estou dentro, a propósito – diz ele enquanto puxo o polo em redor do corpo dele, entalando-o nas calças, desentalando-o e voltando a entalá-lo.

– Dentro do quê? – Olho para ele.

Ele volta a colocar uma madeixa de cabelo atrás da minha orelha.

– Disto. Nós.

– O nós a fingir? – Sorrio.

Ele reprime um sorriso.

– Contra ventos e tempestades.

Eu viro-o para inspecionar a parte de trás das calças.

– Ainda bem que o dizes, porque suponho que os dois estejam a caminho.

– Supões? – diz ele, inclinado sobre mim, a olhar para baixo.

Sinto a respiração um pouco presa no peito.

– Sim. – Expiro, pego no *hoodie* de algodão com o painel de xadrez *Vintage* e enfio-o nas mãos dele, fechando a porta rapidamente porque as minhas faces estão a ficar rosadas. Aquele *hoodie* era talvez demasiado o género de algo que o BJ usaria? Seja como for.

– E porquê? – diz o Tom do outro lado da porta.

– Porque o BJ é louco quando se trata de mim.

– Oh. – Ele ri-se. – Excelente.

Ele abre a porta e mostra-me o *hoodie*. Não combina com o Tom, mas é perfeito para o BJ. Abano a cabeça e ele tira-o. Ali mesmo. À minha frente. Despe-o simplesmente – e, meu Deus do Céu.

Ele é uma obra-prima. Uma perfeita obra-prima. Podia pousar nu para revistas. Engulo em seco, desviando o olhar.

Ele olha para mim, perplexo.

– Qual é o problema?

– Nada. – Pestanejo, fascinada de repente pela carpete cor de café nos provadores.

– Vou ficar com um olho negro por causa disto? – pergunta ele com uma gargalhada.

Ergo o olhar fazendo uma careta.

– Provavelmente.

Ele aproxima-se de mim, baixa-se para ficarmos à mesma altura e roça os lábios nos meus.

– Vale a pena.

BJ

Finjo que foi por acaso quando eu e o Jo entramos no Bellamy's para um almoço descontraído. Finjo que não sei que é onde ela está sempre às terças-feiras à hora de almoço.

– Ei – exclama o Jonah quando as vê. A Parks e a Paili. Olha rapidamente para mim, parecendo divertido. – Qual era a probabilidade?

A Parks ergue os olhos para mim, furiosa. Mas acho que consigo ver nos olhos dela que está aliviada por me ver. Não contente, mas aliviada. Sei que se sente assim porque eu sinto o mesmo.

O Jonah senta-se na mesa ao lado da delas, a sorrir estupidamente. A Magnolia revira os olhos para nós os dois. A Paili sorri desconfortavelmente naquele modo de amiga extremamente leal.

– Disseste-lhes que vínhamos para cá? – pergunta a Parks, enquanto mexe na gola da sua camisa azul.

– Não. – A Paili franze a testa, acenando com a cabeça na minha direção. – Ele persegue-te.

– Não, não persegue. – O Jonah abana a cabeça e sinto-me grato por ele me defender. – Pôs apenas um *chip* de vigilância na pulseira que comprou para ti.

Aceno o meu dedo do meio para ele sem entusiasmo e ele encolhe os ombros, de olhos no menu e não em mim. Encaro-a por um segundo e depois franzo a testa.

– Vestiste umas calças?

Ela franze o sobrolho para mim.

– São as calças Fumato. Max Mara.

– Mas são calças – digo-lhe.

– Porra. – O Jo abana a cabeça. – Partiste-a. Onde está o botão de reiniciar?

Lanço-lhe um olhar. Quem me dera saber, irmão.

Observo a Parks com atenção, ela está deliberadamente a evitar olhar para

mim. Bato com o meu punho cerrado na boca algumas vezes enquanto olho para ela.

– Queria falar contigo – digo eu por fim.

Ela levanta os olhos do menu que está a fingir que lê. Tem os olhos arregalados, as sobrancelhas erguidas. Está à espera.

Fito-a por mais alguns segundos.

– Contaste aos jornais que eu te traí?

O Jonah faz um som estranho no fundo da garganta, a Paili mexe-se desconfortavelmente, evitando os olhos de todos.

– Se eu contei? – repete a Parks. – Não, não contei. – Pausa prolongada. – No entanto, será que conheço uma miúda de quinze anos que precisava urgentemente de uma mala da Chanel específica, a qual lhe foi trágica e barbaramente recusada, e que podia aproveitar essa informação para adquirir a referida mala? – Ela encolhe os ombros inocentemente. – Talvez.

Enfio a mão no cabelo, sem conseguir acreditar. Porra do caraças. Ela está assim tão zangada? Tento não me sentir traído. Eu traí-a, de facto. É direito dela, acho. Não a obriguei a manter isto em segredo todos estes anos, mas ela fê-lo. Achei que ela o fizera por mim, mas será que o fez por si mesma? Esfrego a nuca, olho para o empregado, peço um Negroni extra forte e olho de volta para a idiota por quem estou apaixonado.

– Tu manchaste o meu nome por causa de uma mala Chanel?

– Oh, Beej... – Ela solta uma gargalhada despreocupada cheia de preocupações. – O teu nome já está manchado há muito tempo e isso não teve nada que ver comigo.

Tento não demonstrar que aquilo me magoou. Olho para ela, com o maxilar cerrado.

– Há uma fotografia tua a apalpares uma Kardashian. – Ela fita-me de modo incisivo. – E não é nenhuma das boas.

Ela está a ser uma pestezinha e eu não quero sorrir, mas sorrio um pouco. Abano a cabeça para disfarçar.

– Vá lá, Parks – gemo. – O Hen não fala comigo. A minha mãe não fala

comigo.

– Bem. – A Parks dá-me um sorriso breve. – Já somos três!

Lanço um olhar à Parks.

– A Bridget falou com a Al, portanto, ela também não está a falar comigo.

A Allison é a minha irmã quatro anos mais nova e, por algum motivo, o facto de ela não falar comigo apazigua um pouco a Parks.

Ela olha para mim pelo canto do olho.

– E a Madeline?

A segunda mais nova por três anos. Inclino a minha cabeça, inquieto.

– Nunca gostou muito de ti.

E com aquilo perco-a de novo. É o nariz no ar, o menu erguido bem alto, o corpo inclinado para longe de mim.

– Magnolia – gemo. – Já se passaram quatro dias, não podemos a...

O menu bate com força na mesa.

– Magnolia?

As sobrancelhas dela erguem-se.

(– Oh, oh – sussurra Jonah baixinho.)

Nunca a chamo assim. Não sei porquê? Nunca o fiz, a menos que esteja irritado com ela.

Insisto teimosamente.

– É o teu nome.

– Oh... – Ela cruza os braços sobre o peito e eu já estou a revirar os olhos para ela. – Bem, Baxter-James David Hamish Ballentine...

(– Merda – gemo baixinho. Encontro o olhar do Jo, ele está a tentar controlar-se.)

– Desculpa por não ser capaz de processar instantaneamente a imagem hedionda imposta às minhas retinas na outra noite – diz ela. – Desculpa por ficar um pouco perturbada por te ver num êxtase sexual...

– És ridícula – interrompo eu. – És uma pessoa ridíc...

Ela fala por cima de mim.

– No abraço erótico...

– Ó meu Deus – respiro pelo nariz, controlando-me.

A Paili tem as mãos a cobrir a boca. Não consigo perceber se ela está divertida ou horrorizada. Também não sei dizer se estou alguma das duas coisas.

– ... as garras venéreas da vadia a roçar-se.

– Porque é que te importas com isso, Parks? – pergunta o Jonah, acenando com o queixo para ela enquanto se inclina para frente.

– Perdão? – Ela pestaneja na direção dele.

– Porque... é que... te importas? – O meu melhor amigo encolhe os ombros, erguendo as sobrancelhas. – Se és apenas amiga do Beej, se não há sentimentos – gesticula para ela –, que é a tua frase oficial das festas, não te devias importar.

Ela fita o Jonah, furiosamente, na verdade. Eu não gostava de ser o Jonah agora. Os olhos dela estão a atirar adagas invisíveis, envoltas em granadas, contra ele. Dura cerca de cinco segundos, este estranho impasse entre eles. Ela não vai admitir nada e ele não vai admitir nada em meu nome. Tudo o que um deles pode fazer é recuar e, conhecendo-o, não será o Jonah.

E então ela endireita os ombros.

– Muito bem. – Encolhe os ombros. – Não me importo.

– Porque vocês são apenas amigos, certo? – esclarece o Jonah.

Ela semicerra os olhos.

– Certo.

– Então, porque é que isso te chatearia?

Ela dá-lhe um sorriso tenso.

– Exatamente.

– Apenas amigos – diz ele.

– Apenas amigos. – Ela acena em resposta.

Mas não olha para mim quando o diz e eu fico satisfeito, porque posso ver pelo modo como ela pestaneja que toda esta merda está a magoá-la e eu não

consigo olhar para ela quando ela está a ser magoada.

Deito um olhar rápido a Parks; não sei se estou aliviado ou nervoso.

– Então, estamos... bem?

– Estamos... fenomenais. – Ela acena com a cabeça, mas os seus olhos ainda parecem zangados.

Esfrego a língua nos dentes.

– Excelente.

– Excelente. – Ela oferece-me um sorriso tenso.

– Excelente. – O Jonah sorri, olhando entre nós e depois bate palmas ruidosamente. – Então, jantar Série Completa neste fim de semana? Eu reservo o Le Gavroche.

– Perfeito. – A Paili sorri, ansiosa para desviar as atenções do que raio está a acontecer.

– Mal posso esperar. – A Parks sorri, mas não com os olhos. – Eu levo o Tom.

Respiro, exasperado.

– Claro que levas.

Ela olha furiosamente para mim.

– Problema?

– Nenhum, Amiga. – Deito-lhe um olhar. – E, como não sou uma criança, não levo ninguém – digo ao Jonah.

A Parks olha para mim.

– No entanto, não é de surpreender que o facto de não lebares ninguém para jantar, ainda assim, de alguma forma, não impeça que alguém se venha... embora contigo... mais tarde. – Ela oferece-me um sorriso exagerado e o Jonah ronca para dentro do copo.

Está realmente furiosa. Mordo o meu lábio inferior, não lhe querendo dar a satisfação de uma gargalhada. Olho para ela, abanando a cabeça. Ela atira o cabelo sobre o ombro, devolvendo o meu olhar, não sorrindo, mas amolecendo ainda assim. E então eu vejo aquele fio comprido em volta do pescoço dela, aquele que ela não gostava que eu visse, mas quer que eu veja, e todas as nuvens desaparecem

de volta da minha cabeça.

Ela vê-me a olhar para ele e ajusta o vestido rapidamente. Não posso deixar de sorrir. Ela olha pela janela, mas eu consigo ver os seus meios sorrisos a um quilómetro de distância.

Magnolia

Planeio as coisas de modo a chegarmos quinze minutos após o início da nossa reserva, porque quero que toda a sala nos veja quando entrarmos e, caramba, eles veem. O Tom traz uma *T-shirt* branca lisa Sandro Paris, o blusão em xadrez reversível da Burberry, as calças Gucci de popelina de algodão afuniladas em índigo e os Vans Old Skool em caqui e branco. Eu – o minivestido em *jacquard* de seda e cetim franzido com estampado floral da Magda Butrym, o casaco vermelho-vivo trespassado em caxemira e mistura de lã de Saint Laurent e os sapatos de salto de 105 mm com laço da Aquazzura para combinar. Todos os olhos estão virados para nós – exceto os do BJ – quando o Tom e eu entramos no Le Gavroche de mãos dadas.

O facto de o BJ não olhar é intencional. A intenção dele é enfurecer-me. Está a funcionar.

– England. – O Henry levanta-se para lhe apertar a mão.

O Jonah segue-o. O Christian limita-se a acenar para o Tom. O BJ levanta-se e abraça-o.

– Bacano – diz, batendo-lhe no braço. – É bom ver-te. – Olha para mim e acena com a cabeça. – Parks.

Está lindo. Não sei porque é que ele parece tão lindo. Tudo o que ele tem vestido são os *jeans* elásticos justos MX1, pretos, desgastados e com painéis de couro da Amiri, a camisola preta em jerséi de algodão com logótipo da Givenchy e uns Vans pretos.

Uma roupa nada especial, na verdade. Mas, ainda assim, o meu coração dispara.

O Tom puxa a cadeira para mim e acomoda-me. A Paili murmura, ó meu Deus, na minha direção.

Eu devolvo o olhar dela, eu sei.

Aponto para os P's.

– Conheces o Perry e a Paili?

O Tom abana a cabeça e depois aperta-lhes as mãos.

– Mas ouvi falar muito sobre vocês os dois.

Ele senta-se, recosta-se na cadeira; é o homem mais confiante da sala e está numa mesa cheia de homens que podiam ser, respetivamente, megalomaniacos, narcisistas e lendas do sexo, portanto, isso diz realmente alguma coisa.

Ele abre a carta de vinhos e aponta para o Latour 2005.

– Este é aquele de que te falei.

Atiro o cabelo sobre os ombros.

– Ah, percebi.

O Tom pede o vinho e é um deleite jovial com o chefe de sala, algo que é geralmente o forte do BJ, e este parece chateado. Está a evitar olhar para mim.

– Então. – O Perry inclina-se. – Têm de nos contar; como é que isso aconteceu?

O Tom estica o braço à minha volta e dá-me um olhar carinhoso e uma pequena e dissimulada piscadela.

– Bem, na verdade, eu estava no pior encontro da minha vida na outra noite. Acabei a saída cedo, fui encontrar-me com o Gus no Raffles e, quando entrei, vi-a no bar. Parecia ter os olhos um pouco vidrados...

Toca-me gentilmente no rosto. Ele é uma trincheira muito boa. Entretanto, o BJ não está a gostar da história. Está amuado e mal-humorado e murmura coisas baixinho para o Jonah, o qual lhe dá ocasionalmente cotoveladas da maneira mais subtil possível. O Tom finge que não percebe (ou realmente não percebe porque é um adulto).

– Tomámos umas bebidas, eu ganhei alguma coragem e então beijei-a. Para ser sincero, sempre me senti um pouco atraído por ela, mas ela estava sempre... preocupada com outro. – Os olhos dele desviam-se para o BJ, só para o irritar. – Simplesmente, tudo se alinhou naquela noite. – Oferece ao Perry um sorriso agradável.

O BJ está a ganhar coragem para alguma coisa, posso vê-lo nos olhos dele.

E então.

– Mas tu tens trinta e ela tem vinte e dois – diz o BJ. – Então, quando tinhas vinte e três anos e ela quinze, estavas interessado nela?

– Cala-te – sussurra o Henry, parecendo envergonhado.

– Não – o BJ encolhe os ombros inocentemente. – Só estou a dizer... É um pouco estranho.

– Tu apalpaste-a pela primeira vez quando ela tinha catorze anos, meu – anuncia o Jonah.

As minhas mãos voam para as minhas faces.

– Jonah!

– O que foi? – Ele franze a testa para mim. – Estou a ajudar.

Franzo o sobrolho para ele.

– Estás?

O Christian ri-se, divertido. O Tom deita um olhar longo e sério ao Beej e diz.

– Desde que ela alcançou a maioridade. – Faz uma pausa, para dar outro olhar ao BJ. – Sempre me senti atraído por ela.

– Mas tinhas uma namorada então – diz-lhe o BJ, no caso de ele se ter esquecido. – Portanto, mais uma vez, era um pouco impróprio...

– Sim, claro, talvez. Mas, desculpa – o Tom faz uma pausa –, tu não a traíste?

O Jonah faz um som no fundo da garganta e o Christian está agora a rir à gargalhada.

O BJ olha para mim, com os olhos cheios de culpa, pesaroso, triste. Aperta a boca e acena com a cabeça uma vez.

– Então! – Diz o Jonah em voz alta, tomando as rédeas da conversa e conduzindo-a para águas mais seguras. – Como é ser um piloto hoje em dia?

O Tom passa a mão pelo cabelo.

– Sim, é bom. Divertido. É sempre divertido. Nunca deixa de ser divertido pilotar um avião, sabes? – Então, olha para mim. – Falando nisso, fui colocado numa viagem às Américas a seguir, daqui a alguns dias. – Queres vir?

Sorrio para ele e os meus olhos encontram os do BJ, que me está a observar com muita atenção. O rosto dele parece um pouco assustado e eu quero estender a mão e tocar-lhe no rosto, mas não posso, portanto, toco no braço do Tom.

– Gostava de poder, mas tenho uma coisa de trabalho a que não posso faltar.

O Tom acena com a cabeça, compreensivo, e o BJ faz um sorriso.

– Então – o Tom olha para todos nós –, vocês são todos amigos da secundária?

Eu aceno.

Ele aponta para mim e para a Paili.

– Colegas de dormitório?

– Sim – a Paili acena, fazendo um gesto entre nós. – Mas somos amigas desde o primeiro ano.

O Tom abana a cabeça, um pouco fascinado.

– Gostava de ter ido para um colégio interno. A minha mãe nunca nos quis mandar embora.

– Oh, fofo... – Esfrego-lhe o braço com um afeto sarcástico. – Que terrível a tua mãe vos amar tanto que vos quis manter perto.

Ele revira os olhos na brincadeira.

– Sempre me pareceu divertido – diz.

– Era – diz o BJ, olhando apenas para mim.

As minhas faces ficam quentes.

– Foi-nos dada uma quantidade bizarra de independência numa idade muito jovem – diz-lhe o Perry.

– Que se transformou em codependência. – A Paili ri-se.

O Jonah encolhe os ombros.

– Vocês estão enfiadas nos bolsos uma da outra o tempo todo.

– Temos de estar, na verdade. Porque estamos tão desconectados das nossas famílias que criamos a nossa própria miscelânea de família – digo-lhe.

– Os pais da Parks esqueceram-se do aniversário dos dezasseis anos dela – diz

o Christian, acenando com o queixo para mim.

O Tom parece horrorizado.

– Não?

Era verdade. Foi triste e fiquei destroçada, porque até a Marsaili se esqueceu, o que não era nada o estilo dela. A Bridge lembrou-se, claro, e quando chegámos à escola, o BJ e a Paili tinham executado um plano de redenção: o Jonah conseguiu o jato da família Hemmes (os pais dele eram sempre os que faziam menos perguntas), enfiaram-se todos na limusina onde os meus pais nos mandavam para a escola e voámos para Paris.

Nem sequer consigo imaginar como devíamos parecer ridículos, nós os sete com as nossas mochilas da escola e os nossos uniformes, na entrada do Le Bristol.

O Beej endireitou os ombros e caminhou de imediato para a rececionista.

– Reserva para Ballentine. Três quartos.

O olhar da mulher desviou-se do BJ para todos nós atrás dele.

– Vocês... hum, vocês têm um adulto convosco? – perguntou ela, com sotaque francês.

– Não. – O BJ sorriu para ela, encolhendo os ombros.

– Hum. – Ela olhou em redor.

O BJ fez deslizar o seu cartão Coutts World Silk na direção dela.

– Isto é seu? – Ela pegou-lhe, inspecionando-o.

– Está a dizer que não pareço o tipo de pessoa que tem um cartão do Coutts? – perguntou ele, dando-lhe um sorriso brincalhão.

Ela olhou para ele um pouco como se ele fosse um besouro – o que nunca acontecia, porque ele era um sonho naquela época, portanto, ela provavelmente não gostava de homens.

– Não, acho que parece uma criança – disse ela.

– Tome, use o meu então. – Apresentei-lhe o meu cartão AMEX Centurion, mas o BJ afastou-o com uma palmada.

– Posso pagar em dinheiro, se preferir? – disse-lhe ele.

A mulher olhou-nos com ceticismo por alguns segundos, depois pestanejou e

começou a digitar no computador.

– Ballentine. – Ela pronunciou Bally-Tin. – Hum, você pediu... – Ela estalou a língua pensativa. – Duas suítes júnior e a suíte le Saint-Honoré... *oui*?

– *Oui* – assentiu ele.

Ela passou o cartão dele e depois ergueu os olhos e sorriu para nós o mais calorosamente que conseguiu.

– *Bienvenue à Paris.*

Eles amontoaram-se todos na nossa cama naquela noite. Chorei um pouco, lágrimas de alegria e tristeza.

– Os pais são uma merda, Parks... – O Christian abanou a cabeça, passando-me uma taça de champanhe.

– Merda do tipo de se esquecerem dos dezasseis anos da primogénita? – perguntei, erguendo as sobrancelhas.

– Todos os nossos pais nos mandaram para um colégio interno – recordou-me a Paili. – São todos uma merda.

– Os nossos pais já não falam – acrescentou o Jonah, olhando para o Christian de modo um pouco desconfortável. – Não o fazem... não desde... – A voz dele sumiu.

Não desde que a irmã deles se afogara cinco anos antes. O Beej e o Jonah fitaram-se, de rostos sombrios. Ela estava debaixo de água na piscina da família há mais de quinze minutos quando a encontraram. Eles mergulharam e puxaram-na para cima. O Jonah estava demasiado perturbado, o BJ tentou reanimá-la, mas ela morreu.

O Beej e o Jonah já eram melhores amigos antes de aquilo acontecer, mas depois disso tornaram-se irmãos.

– Eles não conseguem falar. – O Christian despejou a taça de champanhe antes de continuar. – Se o fizerem, só se culpam um ao outro.

– A mãe está bem, ela ainda está mais ou menos normal, tipo – o Jonah encolheu os ombros – louca; comprou um polvo na semana passada, mas está bem o suficiente, ainda sai de casa. Mas o pai...

O Christian franziu os lábios.

– Ele fica apenas sentado a olhar para as fotos da Rem no escritório.

– Os meus pais ainda acham que sou hétero – disse o Perry. – Não lhes posso contar. – Acrescentou ele antes que pudéssemos dizer alguma coisa: – O meu tio é gay. O meu pai recusa-se a falar com ele.

– Tu és filho deles – lembrou-lhe a Paili gentilmente.

– Não quero que ele olhe para mim como olha para o meu tio.

O BJ deu-lhe uma palmada no braço pesaroso.

Os meus olhos desviaram-se a seguir para o Henry, mas ele olhou para o Beej.

– Hum. – Soltou uma risada. – Não sei, os nossos pais são ótimos...

– Bem. – O Christian revirou os olhos. – Vão-se lixar, então...

O Hen e o Beej riram-se.

– A minha mãe anda um bocado vadia ultimamente – anunciou a Paili, desanimada. – Mas só com homens mais novos.

– Quão mais novos? – perguntou o Christian.

– Tipo, universidade. Primeiro ano. – Ela suspirou.

– A tua mãe é bem boazona. – O Jonah encolheu os ombros. – Achas que eu podia ter hipóteses?

A Paili acertou-lhe na cabeça com um travesseiro antes de encolher os ombros.

– E não vejo o meu pai há uma eternidade. Ele mudou-se para Berlim com a sua nova família.

Lembro-me de olhar para o grupo de pessoas reunidas à minha frente, empilhadas na minha cama num quarto de hotel em Paris, para onde fugira com o meu namorado, e pensar que talvez eles fossem o que uma família realmente é. Talvez eles tenham sido a minha família desde sempre. Talvez tenham sido estas pessoas que me criaram este tempo todo.

Foi o Christian Hemmes, numa escada, quando eu tinha treze anos, quem me disse o que o sexo realmente era. Não era apenas rebolar debaixo dos lençóis aos

beijos.

Foi o Jonah, nesse mesmo ano, quem primeiro me deu álcool e depois cuidou de mim a noite toda enquanto eu vomitava.

Foi o Perry, quando finalmente se assumiu perante os pais, quem me ensinou a ter orgulho em quem sou, não importa o que isso seja.

Foi com o Henry que aprendi sobre a confiança e como é ter um irmão. A Paili ensinou-me a ser altruísta (um trabalho em progresso) e a estar presente para as pessoas que amamos.

E foi o BJ quem me ajudou a ser destemida, segura e esperançosa, tudo ao mesmo tempo, e, por fim, foi o BJ quem me despojou dessas coisas também, um dia, quando chegou a casa a cheirar a almíscar e flor de laranjeira.

O Tom lança-me um olhar triste no Le Gavroche.

– Não acredito que se tenham esquecido do teu aniversário. – É querido o facto de isso lhe parecer uma ideia completamente estranha.

O BJ olha para mim, com um olhar demasiado suave para esta mesa.

– Nós tratámos dela.

O Tom oferece-lhe um pequeno sorriso que talvez tenha as sementes de uma gratidão genuína.

*

– Gosto dos teus amigos – diz o Tom a caminho de casa mais tarde naquela noite. – É especial aquilo que vocês têm.

Aceno, sentindo-me orgulhosa deles.

– Até o BJ? – Pergunto.

– Até o BJ. – Ele concorda. – O Hemmes mais jovem tem alguma queda por ti? Estava a olhar muito para ti...

Agito as mãos porque não consigo lidar com isso agora.

– Ele é apenas observador.

O Tom solta uma pequena risada. Olha para mim.

– Então, como é que a trincheira está a correr para ti?

– Saíste-te muito bem.

– Sim? – Ele sorri.

Dou-lhe um beijo na face quando paramos.

– Sim.

00:14

Parks

Olá

Ei

Como está o tempo, Beej?

Melhor agora.

Boa noite BJ.

Boa noite Parks x

BJ

Estou à espera dela na rua ao pé do trabalho, encostado ao capô do meu carro.

O Tom está algures no estrangeiro. Fiz o Henry descobrir junto da Parks se ele estava realmente fora e está. Ainda bem, caramba. Sinto falta dela. Preciso de um minuto com ela.

Ela sai a conversar com uma rapariga do escritório e, durante dois segundos inteiros, antes que ela me veja, observo-a. Um vestidinho de verão verde vivo com mangas balão, a combinar com uns sapatos de salto com tiras que fazem com que as pernas dela pareçam ter quilómetros. A amiga dela vê-me primeiro e dá uma cotovelada nela. A Parks ergue os olhos. Os nossos olhos cruzam e talvez o mundo inteiro se encaixe quando ela pestaneja, não sei.

– Ei. – Aceno com o queixo para ela.

– Ei. – Ela aproxima-se mim, mais do que é necessário. – O que estás a fazer aqui? – pergunta ela, como se até há quinze dias eu não a fosse buscar todos os dias em que ela vinha ao escritório.

– Pensei que te podias sentir sozinha. – Ela deita-me um olhar que me faz soltar uma risada. – Queres uma boleia?

Ela franze os lábios.

– Acho que o meu carro já está aqui...

– Então, manda-o para casa – digo eu e encolho os ombros. Ela pensa por um minuto, e eu adoro como a boca dela fica quando ela o faz. Então, ela acena com a cabeça e eu abro-lhe a porta do carro.

Conduzimos através da hora de ponta Londres e nunca me senti tão feliz por ver mil carros engarrafados. Ela é minha por pelo menos uma hora. Ela tira os sapatos. Não faria isso com o Tom, disse eu sei. Só se desfaz perto de mim.

– Ainda zangada comigo? – Pergunto, olhando para ela.

– Não – diz ela, olhando para a frente. E eu pergunto-me se ela está a dizer a verdade. Menos zangada, mais triste? É muito pior.

– Precisas de reiniciar? – pergunto, observando-a de perto.

Ela encara-me.

– Provavelmente.

– Vamos a isso, então. – Aceno para ela. – Quantos segundos?

– Quinze.

– Foda-se... – Sopro. – Tu nunca passaste dos doze. – Um sorriso atravessa-lhe o rosto. – Quinze será – aceito.

Estamos no meio do trânsito parado. Aumento o som da música. *Say You Will*. Kygo. Ela vira o corpo todo para ficar de frente para mim e encolhe as pernas debaixo do rabo.

Eu imito-a.

– Preparada?

Ela acena com a cabeça.

– Começa.

Fazemos isto desde que estávamos na escola. Depois de cada briga, olhamos nos olhos um do outro durante dez segundos, mais ou menos, não sei porquê. Acho que ela viu isso na *Oprah*. Mas funciona.

Especialmente com ela. Eu acho bastante difícil ficar muito tempo zangado com ela de qualquer maneira, mas ela consegue guardar rancor por tempo indeterminado. Contudo, quando fazemos isso, vejo tudo derreter e desaparecer nela.

E aqui tenho-a no meu carro, presa no trânsito interminável, e posso ficar apenas a fitá-la, sem remorsos, durante quinze segundos. Os meus pensamentos são quase sempre os mesmos.

Um... dois... Caramba, ela é linda. Esse é o meu primeiro pensamento de todas as vezes que fazemos isto. É estupidamente linda. Não posso acreditar que me ame.

As pálpebras dela estremecem, ela pestaneja sempre mais quando fazemos isto.

Três... Quatro... Não sei se ainda é verdade. Será que ainda me ama? Não

sei. Costumava achar que sim. Às vezes ainda acho. Mas talvez isso não importe, porque talvez não seja possível voltarmos atrás depois de estragarmos tudo, como eu fiz.

Ela inclina a cabeça para o lado, só faz isso quando quer algo de mim.

Cinco... Seis... Não sei como lhe pude fazer aquilo. Não sei. Não sei qual era o meu problema ou sequer como aconteceu. Simplesmente, aconteceu. E depois, enquanto estava a acontecer, parecia pior parar. Mas eu não a queria magoar. Não tinha nada que ver com ela.

Ela apoia o cotovelo na consola central, o queixo encostado à mão. Os olhos dela não se desviam dos meus e o meu coração cai doze metros.

Sete... Oito... Será que alguma vez vamos ultrapassar isto? Será que poderíamos funcionar de novo? Seria diferente. Eu estou diferente agora. Acho que funcionaria. Acho que podíamos fazer com que funcionasse.

Consigo ver o nó dentro dela a começar a soltar-se à medida que o rosto dela começa a relaxar.

Nove... Dez... Olhem para a boca dela. Foda-se. Adoro a boca dela. É um pouco alucinado para mim estar a viver sem aquela boca na minha há três anos.

Ela consegue ver-me a observar a boca dela e os seus lábios começam a contorcer-se num sorriso.

Onze... Doze... Lembro-me da primeira vez que a fiz sorrir. Parecia uma conquista tão importante quando eu era criança. Ainda parece uma conquista importante agora.

Mesmo que o sorriso dela não tenha rompido totalmente a superfície, é tarde de mais. Os olhos dela denunciam-na, sempre o fizeram. Um olhar e eles dizem-me tudo o que preciso de saber.

Trêze... Catorze... Ela nunca precisou de quinze segundos disto antes, isto é terreno novo. Céus, quero beijá-la.

E acho que ela também me quer beijar. Os olhos dela desviam-se dos meus para a minha boca – é contra as regras, não devemos quebrar o contacto visual, mas eu não quero dizer nada porque quero que ela me beije – as nossas cabeças estão tão próximas, uns míseros centímetros, talvez, entre nós e consigo sentir o

perfume dela. Ela cheira exatamente como sempre cheirou, usa o mesmo perfume desde os catorze anos. Gypsy Water. Espero que nunca o mude. Sempre que ela sai do banho e o põe, eu abraço-a às vezes. Ela resiste-me porque fica estranha em relação a isso agora, como se pudéssemos dormir na mesma cama e ela pudesse tocar no meu rosto quando pensa que estou a dormir, mas se eu quiser abraçá-la à luz do Sol e com as luzes acesas ela passa-se. Mas, às vezes, eu faço-o na mesma e então o cheiro passa para mim e consigo sentir o cheiro dela em mim o dia todo, como costumava sentir antes de estragar tudo.

Quinze. Ela conquistou-me no primeiro segundo.

Ela dá-me um pequeno sorriso e depois volta a olhar pela janela.

– Como está o tempo, Parks? – Pergunto, olhando em frente.

Estão uns calorosos 21°. Quase nenhuma nuvem no céu.

Ela olha para mim pelo canto do olho.

– Está muito bom agora, mas ouvi dizer que pode chover mais tarde.

– Oh? –Franzo a testa para ela.

Ela acena com a cabeça, fitando a estrada.

– É um tempo péssimo para conduzir. És capaz de ter de ficar.

Reprimo um sorriso.

– A segurança primeiro.

Magnolia

O BJ fica praticamente o tempo todo que o Tom está na América. Nada acontece, mas acho que nunca acontece nada. Ficamos apenas em minha casa, a ver documentários da *National Geographic*. Às vezes na minha cama. Às vezes na sala de cinema.

Na verdade, a sala de cinema apresenta algumas complexidades, sendo a maior de todas o facto de ter de inventar maneiras novas e criativas, todas as vezes que vamos lá, sobre porque é que o Beej e eu só nos podemos sentar no assento aconchegante, embora haja várias outras opções. Essas desculpas variam de «Acho que há uma abelha naquele lugar» a «Não, esse não, acabou de ser estofado novamente».

Não preciso de uma desculpa para ele se sentar ao meu lado – ele sentar-se-ia onde quer que eu lhe dissesse, eu sei. A desculpa é para mim.

O *National Geographic* é o auge do romance para nós – uma tradição dos tempos antigos do nosso relacionamento, desde a primeira noite em que dormimos juntos. Da maneira verdadeira pela qual as pessoas dormem juntas.

Foi tudo incrivelmente planeado, a nossa primeira vez. O que é engraçado agora, quando penso nisso, porque agora que estou mais velha, o sexo espontâneo parece muito mais emocionante – não que eu tenha feito muito nos últimos três anos –, mas naquela noite, do modo como ele planeou as coisas – parecia tudo tão romântico e tão sério na época. Acho que era.

Após o falhanço do Maserati e de uma primeira vez desastrosa véspera de Ano Novo em Mykonos (não perguntem), tudo precisava de ser perfeito, disse ele. Foi inflexível em relação a isso, a todo o romance da coisa, a preparação, tudo ia ser perfeito. Eu não me importava muito com o modo como acontecia porque só o queria a ele. Nunca quisera ninguém antes, na verdade. Nunca sentira verdadeiramente o desejo antes. Mas quando o sentimos, sentimos mesmo, e como é que eu poderia não o ter sentido com o BJ Ballentine? Era como se alguém acendesse uma luz numa cave cheia de ursos famintos; era assim que eu ficava

sempre que o BJ entrava na sala. Era como se alguém tivesse acendido um fósforo na minha barriga, havia sempre um calor crescente debaixo da minha pele. Eu tê-lo-ia feito antes, se ele tivesse deixado.

Éramos apenas bebês, na verdade. A fazer coisas de adultos com uns corações do tamanho do Texas e uma luxúria tão profunda como a Fossa das Marianas. Éramos demasiado jovens, acho. Quando penso nisso agora. A Bridget diz que éramos, que eu transferi a minha dependência paterna para ele e fixei-me. Não é culpa minha, pois não? Não fui eu que me enviei para um colégio interno com a avançada idade de onze anos. Não pedi para ter pais ridículos que preferiam andar de iate com o Jay Z em vez de passarem fins de semana em casa comigo e com a minha irmã. O que é que eu devia fazer? Não me apegar desproporcionalmente ao rapaz mais perfeito do mundo?

Enfim.

Ele reservou-nos a Suíte Knightsbridge no Mandarin Oriental.

Houve tantas vezes em que nós quase – quase, quase, mas nunca totalmente. Tantas vezes em que poderia ter acontecido organicamente, mas foi tão planeado... tão discutido. Eu e a Paili fomos às compras para o evento.

Foi a primeira vez para mim e para o BJ, o que é estranho, não achas? Era algo imensamente importante para ele na altura, mas agora ele dorme com qualquer uma.

Combinámos encontrar-nos no hotel às oito. Não jantei (obrigada, Cosmo Girl!) e lembro-me de entrar na receção a usar a roupa interior mais *sexy* e desconfortável que se possa imaginar debaixo do meu minivestido Calvin Klein branco e a transportar a minha mala de fim de semana. Ele estava sentado lá num sofá, na receção, a ler *Mataram a Cotovia* pela bilionésima vez.

Cabelo puxado para trás, lábios franzidos, o polegar frouxamente entalado entre os dentes superiores e inferiores, a pensar. Concentrado. Então, viu-me. Primeiro, um sorriso apareceu-lhe no rosto, e depois vi-o engolir em seco nervosamente. Ele pegou-me na mão e depois puxou-me para ele.

– Olá – disse ele para o meu cabelo.

– Olá – disse eu, mal fitando os olhos dele antes de começar a corar. O meu

desconforto deixou-o à vontade por algum motivo, deu-lhe um propósito para ser corajoso, e a boca dele contorceu-se num sorriso quando me pegou na mão, levando-me para o nosso quarto.

Ele roubara algumas garrafas de Moët da adega dos pais em casa. Não é o meu perfil de sabor favorito no que diz respeito a champanhe, mas será para sempre a bebida mais especial do mundo para mim porque a bebemos naquela noite. Ficámos rapidamente tocados porque estávamos muito nervosos, acho.

Vestimos os nossos robes e ficámos muito longe um do outro durante algum tempo, fingindo displicência em relação ao que estava a acontecer, coisa que nenhum de nós tinha reconhecido desde que tínhamos chegado ali.

– Eu trouxe o Uno – disse-lhe eu, enquanto vasculhava no meu saco Marc Jacobs.

Ele olhou para mim durante alguns segundos e depois um sorriso explodiu-lhe no rosto.

– Sim? – Estendeu a mão para pegar nas cartas. – À melhor de três? – perguntou e, quando eu acenei com a cabeça, as nossas mãos tocaram-se e houve uma faísca como quando pomos a bateria de um carro a trabalhar. As nossas mãos a tocarem-se impulsionaram-nos e depois foi como se algo lhe tivesse passado pela mente, talvez o champanhe tivesse finalmente tido efeito, e ele puxou-me para si, tão confiante como sempre, com uma mão no meu rosto e a outra no fundo das minhas costas, e conduziu-me até à cama de costas, como se já fosse um profissional, e deitou-me.

Eu nunca antes sentira a luxúria ser satisfeita. Lembro-me de como ele era pesado em cima de mim. Por muito tempo, equiparei essa sensação a segurança. Ele deitado em cima de mim como a colcha perfeita, até ele se deitar assim em cima de outra pessoa e mudar tudo.

Ele diz que eu falei o tempo todo. Conversa nervosa sobre os gressinhos serem um alimento seriamente subestimado e o quanto gosto da cor lilás, porque realça os meus olhos. Ele ainda me provoca com isso. Porque, aparentemente, eu não falei nervosamente apenas no início, eu falei nervosamente o tempo todo, mesmo quando me vim. Ele diz que, em vez de um daqueles gemidos de clímax de estrela pornográfica, houve um breve segundo de silêncio – algumas respirações

vacilantes da minha parte, enquanto me acalmava, um engolir em seco nervoso e, de seguida, com as faces coradas e o coração mais cheio do mundo, eu disse: «É couve-de-bruxelas, não couves-de-bruxelas, sabias? Não é um nome plural. É um nome composto. Singular. Até haver várias. Acreditas nisso?»

E ele segurou-me com força contra ele, rindo baixinho enquanto o seu corpo estremecia involuntariamente dentro do meu.

Lembro-me de que, a certa altura, ele afastou o rosto do meu, todos suados, pegajosos e ofegantes, os corpos presos e entrelaçados.

– Espera, as abelhas estão realmente a morrer, então? – disse ele, parecendo intrigado.

– Sim, tipo, mesmo assustadoramente rápido. – Acenei com sinceridade.

E ele pressionou a testa suada contra a minha e riu-se. E eu senti o riso dele por todo o meu corpo.

Depois disso, passámos a noite emaranhados, a pesquisar abelhas no Google e a ver documentários sobre elas e acho que esse depois, na cama com as abelhas e ele, é uma das minhas memórias favoritas.

É para onde estamos constantemente a tentar voltar, acho. Para aquele lugar antes de nos termos começado a matar para que os nossos corações permanecessem vivos.

E é no meio de um desses devaneios que o Tom England entra no meu quarto e encontra o meu ex-namorado na minha cama, sem camisa, vestindo apenas as calças de fato de treino pretas e *camel* afuniladas em veludo de seda e cetim estampado com acabamento em tela da Gucci e um par de meias Anonymous ISM.

O Tom detém-se à porta por alguns segundos, observando o ambiente, e depois dá mais alguns passos. É estranho, na verdade. Fica tudo ali em suspenso, parado no tempo. E eu não sei o que nada significa. O que é que os segundos significam, o que vai acontecer depois de passarem. Consigo sentir o ambiente mudar instantaneamente para tenso, mas não consigo identificar a razão.

Parece que estamos a fazer algo de errado. Talvez o BJ pense que estamos. Mas eu também sinto o mesmo do Tom. Ainda estou paralisada, a olhar para ele, e na minha visão periférica posso ver o BJ, boquiaberto, como se tivesse sido

apanhado com as mãos dentro das calças ou algo assim.

Parece terrivelmente pouco inteligente.

Saio da minha cama como um raio, tal como o Beej.

– Tom! – Lanço-me na direção dele. Ele agarra-me de modo um tanto hesitante.

O BJ apressa-se, enfiando os seus chinelos Dezi Bear da Ralph Lauren no saco de fim de semana e agarrando um *hoodie* da Celiné que nem sequer veste.

– Adeusinho, Parks. – Faz o possível para não sorrir de orelha a orelha. Passa pelo Tom, junta as mãos como se estivessem sujas e faz uma estranha reverência de «obrigado». – Até logo, meu – diz o Beej a caminho da porta.

O Tom não diz nada, apenas olha para ele. Espera alguns segundos, observando-me apenas. Parecem mais longos do que os segundos de uma pessoa normal e a sensação não é diferente de sermos enviados ao gabinete do diretor quando somos crianças.

Ele fecha a porta. Respira fundo algumas vezes e olha para mim pelo canto dos olhos.

– Dormiste com ele?

– Não, bem, sim – admito. – Mas não.

Ele não fica muito entusiasmado com a minha súbita queda para a semântica. Cerra o maxilar.

– Fizeste sexo com ele?

– Não! – Abano rapidamente a cabeça.

Ele atira-me um olhar. Não acredita em mim. Porque é que acreditaria? O BJ estava meio despido. Eu estou de pijama. E esse está prestes a ser o meu próximo ponto:

– Achas que eu usaria isto se estivesse a tentar seduzir alguém?

Aponto para o meu pijama Gisele estampado, o branco com os coraçõezinhos cor-de-rosa estampados da Eberjey.

– Não. – Ele luta contra um sorriso. – Mas imagino que não terias de te esforçar muito para seduzir alguém; podias estar a usar uma cortina de chuveiro e

ele ia continuar a querer dormir contigo.

Ele está com ciúmes? Parece com ciúmes. A cana do nariz do Tom England fica rosada quando ele está com ciúmes, acho. É bastante engraçado. Franzo os lábios.

– Não dormi.

Os olhos dele semicerram-se e ele encolhe os ombros como se não se importasse.

– Ouve, tudo bem se dormiste, porque isto é... tu sabes, nós somos...

Não gosto de o ver a debater-se. Faz com que eu sinta o peito apertado.

– Nós não dormimos juntos – abano a cabeça enquanto lhe toco no braço, tentando acalmá-lo. – Prometo.

Ele acena com a cabeça uma vez.

– Porque é que ele estava na tua cama, então?

Franzo a testa perante a pergunta.

– Ele está sempre na minha cama.

– O quê? – Ele pestaneja algumas vezes.

– Ele dorme na minha cama o tempo todo. – Encolho os ombros. – Mas é só dormir!

Ele pestaneja mais.

– Ele dorme na tua cama o tempo todo, mas vocês não estão a dormir... juntos?

– Correto. – Aceno.

– Tu dormes na tua cama com o teu ex-namorado o tempo todo, mas vocês não estão a dormir juntos? – clarifica.

– Correto. – Aceno novamente.

– Isso é lixado.

Recuo, afrontada.

– Desculpa?

Ele ri-se.

– Isso é tão... completamente lixado.

– Não, não é. – Sinto as faces quentes, mas estou contente pode ele se estar a rir. O Tom England triste não é algo que eu queira que aconteça comigo.

Ele deita-me um olhar que é igualmente divertido e confuso.

– Isso é estranho – diz ele, abanando a cabeça. – Tu és estranha. Isso é uma coisa estranha de se fazer...

– Ah, pronto, está bem – reviro os olhos – como se tu fosses perfeito, és assim... tens esse... és tão... com o teu... – Merda. – O teu cabelo está penteado de forma estranha.

Ele enfia a mão no cabelo com um sorriso armado. Muito arrogante. Muito sexy. O Tom cai de costas na minha cama, a olhar para o teto. Deito-me de barriga para baixo virada para ele. Ele olha para mim e volta a ficar sério.

– Eu não quero parecer estúpido – diz-me. – Não me faças parecer estúpido, está bem?

– Estamos num relacionamento falso para eu enterrar os meus sentimentos pelo meu ex-namorado. Estamos a ser estúpidos.

As faces dele fazem aquela coisa de novo. A coisa ciumenta.

– Garante-me apenas que ninguém te vê a seres estúpida com ele – diz ele. Vira-se para mim, beija-me na face, despenteia-me o cabelo e sai.

Despenteia-me o cabelo!

Como se eu fosse a porra de um Labradoodle!

Observo-o sair, irritada e, ainda assim, levemente excitada.

Vou sugerir-lo à minha mãe como nome para a sua próxima fragrância.

15:32

BJ

Vejo-te logo à noite?

Sim xx

Estás bem?

Sim!

O tempo não está bom?

Céu limpo, Parks

Prometes?

Vejo-te e ao Tom daqui a pouco xx

BJ

A Gala da Exposição de Flores de Chelsea da Real Sociedade de Horticultura é provavelmente o evento de floricultura mais pretensioso do planeta. É frequentado pela família real, por celebridades e por pessoas como nós. O bilhete custa cerca de 800 libras – não é muito no esquema geral das coisas, mas dói um pouco porque paguei 800 libras para ver ao amor de minha vida girar pela porra do jardim com outro gajo. A Taura pediu-me para ir com ela, mas eu disse que não. Já estou de castigo com a Parks e isso seria provavelmente forçar as coisas um pouco longe de mais. Além disso, é o evento social da temporada favorito dela, portanto, não o quero estragar.

Eu ir com a Tausie não deveria estragar tudo para ela, porque não foi com ela que trai a Parks, embora a Magnolia não acredite nisso. Não há nada entre mim e a Sax de qualquer maneira. Já não existe há alguns meses.

Ela anda sem dúvida a dormir com o Jonah e, além disso, acho que vi uma pequena faísca estranha entre ela e o Hen no outro dia? Não sei.

Eu chego tarde. A Parks chega mais tarde. O Tom vem pendurado no braço dela, parecendo cada vez mais confortável a segurá-la a cada instante e eu pergunto-me – em pânico por um segundo – talvez eles tenham feito sexo.

O facto de a Magnolia não ter feito sexo com mais ninguém é um alívio para mim e o meu próprio pesadelo pessoal. Um alívio porque há algo nisso a torna ainda minha. Mais minha do que de qualquer outra pessoa, de qualquer maneira. E um pesadelo porque ela tem o aspeto que tem. De vestido ou de pijama, não importa. Ela parece-me igual. Olhos que vejo sempre que fecho os meus.

Ela está com um vestido que parece uma pintura em aguarela, verde e cor-de-rosa e a porra do lilás – fê-lo de propósito e parece perfeita e eu tenho a sensação estranha de que talvez ela vá lixar o meu coração com aquele vestido esta noite ou algo assim.

Ela encontra os meus olhos do outro lado da sala, segurando-me como as nossas mãos não podem.

– Olá – murmura ela.

Eu ofereço-lhe um pequeno sorriso e ela desvia o olhar. As suas faces ficam ligeiramente rosadas. Acalma-me por um segundo, o facto de ainda lhe conseguir fazer isso. Obrigar o corpo dela a fazer o que eu quero com um olhar. Fico onde estou porque sei que ela virá ter comigo. Imanes. É o que os rapazes dizem sobre nós. Às vezes somos o mesmo polo, outras vezes somos opostos, mas movemo-nos um ao outro. Repelindo-nos, atraindo-nos. Devias ter ouvido o Jonah no dia em que pensou nessa metáfora, como se tivesse ganhado a porra de um Pulitzer.

Ela aproxima-se, fazendo parecer que é o Tom que a traz, mas não é. Ninguém consegue manobrar uma sala como a Magnolia Parks. O que é engraçado e irritante, porque acho que ela nem sequer sabe que o faz. Quando estávamos juntos, eu não me importava que todos os olhos estivessem sempre nela porque os olhos dela estavam sempre em mim. Desde que acabámos, no entanto, corrói-me por dentro vê-la numa sala, porque ela não o nota. Fica inquieta em relação a mim com velhinhas, empregadas de mesa e raparigas ao acaso em bares, mas eu não o ignoro, eu sei que está a acontecer. A Parks, por outro lado, não faz a mais pequena ideia.

Lembro-me de estar sentado em frente dela há alguns meses. Estávamos num pequeno café numa pequena cidade algures, longe, num daqueles passeios que fazemos, e todos estavam a olhar para ela. Toda a gente. E ela estava a examinar o menu completamente absorta. Nem sequer percebeu até ver a expressão do meu rosto – algures perto de um terror divertido (não que eu achasse praticamente toda a população de Rye assim tão ameaçadora).

– O que foi? – pestanejou ela.

Atirei-lhe um pequeno sorriso.

– Estão todos a observar-te.

– Sim, bem. – Ela endireitou-se mais na cadeira. – Estou a usar um casaco *vintage* Chanel em *pied-de-poule* debruado a pele de 1977.

– Sim. – Soltei uma risada para a minha cerveja. – É para isso que eles estão a olhar.

– Beej.

Sorri para mim, inclina a cabeça para o lado, pisca muito os olhos.

– Parks.

Beijo-lhe a face o mais perto que posso da boca sem passar dos limites e ela revira os olhos num falso protesto silencioso.

– Ballentine. – O Tom agarra-me pelos ombros, sorrindo. – Estás ótimo, meu.

Ele agarra-me o queixo com a mão, sorrindo de modo brincalhão, mas é um movimento de poder e deixa-me atordoado, porque se alguém me fizesse isso seria uma briga imediata, mas o Tom England? Não sei. Não sei como é que a porra deste tipo estúpido, que parece um pirata e um deus grego, me pode fazer sentir no topo do mundo e um idiota de cinco anos ao mesmo tempo. Palermo.

– Esse fato é brutal – diz-me ele, e posso ver que está a ser sincero. Só para piorar a situação.

A Parks olha para mim por um instante.

– Tom Ford. Casaco de *smoking* de lã elástica e corte justo com acabamento em cetim.

O Tom olha para ela, depois para mim, depois de volta para ela.

– Compraste-o para ele?

Ela tira uma taça de champanhe da bandeja de um empregado próximo e bebe um gole, aborrecida.

– Não.

Dou o meu melhor para controlar o meu divertimento.

– É uma cena dela. – Encolho os ombros. – Sempre foi.

O Tom olha para ela, confuso.

– Tu simplesmente... sabes... o que as pessoas têm vestido?

Ela acena com a cabeça uma vez.

– Sim.

– O que é que eu tenho vestido? – pergunta ele.

Ela olha para ele por alguns segundos.

– Casaco de *smoking* em veludo de algodão bege e corte ajustado com

acabamento em gorgorão, com as... – Ela semicerra os olhos. Fá-lo girar à frente dela. – Calças de sarja de algodão com pinças da Prada. – Aponta para os sapatos. – John Lobb, sapatos Oxford de couro Prestige Becketts.

O Tom solta uma risada e aponta para uma senhora que passa por nós usando um vestido preto comprido coberto de brilhos e com ombros estranhos.

– Ela?

– Alex Perry, o vestido de veludo brilhante Houston.

– Ela? – Aponta para uma rapariga com um vestido preto sem mangas ou alças. Pontos dourados.

– Vestido midi em tule, franzido, sem alças, padrão de bolinhas e lantejoulas. Marchessa Notte. – Ela mal olha para esse. – Eu tenho-o.

Tom aponta para uma senhora do outro lado da sala num quimono estranho coberto de criaturas da floresta ou uma treta dessas.

Ela semicerra os olhos para ele.

– Lanvin, vestido midi de seda estampada, assimétrico, desfiado.

Tom solta uma risada divertida.

– É como se ela fosse uma espécie de... sobredotada em roupa?

– Por falar nisso... – Ela olha de um para o outro. – O que é que achamos da Taura Sax com o vestido midi com apliques florais da Marchessa Notte na gala do Chelsea? Um pouco literal, não?

Olho para o vestido dela. É bonito o suficiente, suponho. A Taura vê-nos aos três a olhar para ela e acena com algum desconforto. Sinto uma pontada de culpa. Ofereço-lhe um aceno de cabeça. Ela tentou sempre ser simpática com a Parks, mas a Parks não consegue ultrapassar o facto de ela me ter visto nu. É justo, suponho.

– Eu gosto – encolho os ombros.

A Parks revira os olhos.

– Claro.

– Quero dizer, a sério, vestimos o quê a seguir? – Ela olha de mim para o Tom. – *Xadrez e tartan* no Natal?

Deito um olhar à Parks.

– Tu usaste xadrez no dia de Natal do ano passado... e usaste *tartan* na véspera de Natal... Disseste que era inspirado.

Ela olha para mim de queixo um pouco caído e olhos semicerrados.

– És o quê? Algum tipo de sábio em moda festiva? Vai-te lixar. – Ela agarra a mão do Tom, puxando-o para longe.

– Até logo, meu. – Ele atira-me um sorriso divertido e algo nesse sorriso corta-me até aos ossos. Como se ele percebesse que ela está a ser irritante como o caracas. Como se a percebesse.

Ela está irritada porque eu defendi a Taura.

Provavelmente não o devia ter feito, provavelmente não valeu a pena.

Vou pagá-lo mais tarde com a Parks, mas eu e a Taurs somos amigos agora. Não podia deixá-la entalada. O Henry vê-me e aproxima-se com a Taura.

– Vocês estavam a falar de mim? – pergunta ela.

– Oh, o quê? – Finjo ignorância. – Não, a Parks estava apenas a dizer que gostou do teu vestido.

– Sim, está bem – escarnece o Henry.

A Taura dá-lhe uma palmada no braço.

– Estás bem? – pergunta ela, acenado na direção da Parks.

– Sim – troço. – Porque é que não estaria?

– Porque provavelmente a Parks vai ser virada do avesso pelo bilionário mais *sexy* do mundo mais logo?

– Henry! – pestaneja a Taura.

Deito um olhar ao meu irmão. Mais magoado do que gostaria de estar, mais zangado também. Exalo, irritado. Dirijo-me ao bar.

Se mais alguém falasse assim sobre a Parks eu limpava o chão com ele, mas o Henry faz isso porque a adora e eles são como irmãos. Além disso, ele gosta de me irritar e nada me irrita mais do que enfiarem-me pela goela abaixo que, na verdade, a Parks não é minha agora.

O Henry ficou zangado comigo por aquilo, pelo que eu fiz. E revela-o de

maneiras estranhas de vez em quando. Comentários passivo-agressivos, comentários agressivo-agressivos, colocando-me imagens do meu pior pesadelo na cabeça numa festa ao ar livre, sabes – merdas dessas. Peço um *whisky* no bar, bebo-o de um trago e depois peço um Negroni. O Jonah senta-se ao meu lado.

– Olá. – Ele dá-me um olhar cauteloso. – Estás bem?

Tomo outro gole.

– Ele está só a brincar, meu... – O Jo abana a cabeça. – A Parks não poderia ser virada do avesso, ela é tão flexível como um palito.

Deito-lhe um olhar, porque não estou com paciência esta noite. Ele franze a testa.

– O que se passa contigo?

Olho para ela do outro lado da sala.

– Achas que a estou a perder?

O Jonah fita-me durante alguns segundos, como se nunca tivesse cogitado essa possibilidade. E então, talvez, acontece o pior. Acho que o vejo no rosto dele. Ele também se pergunta se estou.

Porque ela está ali, com o Tom, com os pais dele – o Andrew e a Charlotte England, boa gente, gente simpática, gente rica, gente que tem um filho que não a anda a lixar há três anos. E a Parks é o tipo de rapariga que os pais sonham que os seus filhos escolham – é a personificação de um pão com mel e eles estão a devorá-la.

E eu estou a vê-la com ele, as mãos dela no peito dele, a rir enquanto lhes conta alguma coisa, os olhos de todos nela, e tudo bem porque há algo de magnânimo nela que faz com que nos aproximemos, mas eles são os pais dele.

Porque é que ela está com os pais dele? Ela nunca conhece os pais. E todos os rapazes com quem ela namorou até agora, se lhes tocava era a olhar para mim; se os abraçava, abraçava-os a fitar-me nos olhos. Mas agora está a tocar no peito dele e está a olhar para ele e eles estão a rir e acho que são um casal de verdade porque ela não me fita uma única vez.

Então, o Tom ergue o rosto dela para ele com um dedo – ele é tão estiloso, odeio-o – e beija-a. Nunca os vi beijarem-se antes. É estranho o sentimento que

isso me dá. A princípio, nada. Apenas... nada... e depois é como se alguém me arrancasse a porra do braço com um machado. Nada e depois tudo. Tudo a sangrar por todo o lado, a morrer aqui mesmo numa cama de peónias, com o amor da minha vida do outro lado da sala com um homem que não sou eu, que, na verdade, talvez seja finalmente digno dela, e o sangramento começa a parecer muito real. Aquela coisa no cérebro que faz tocar um alarme de não estares bem? Está a tocar. Eu não estou bem. Sinto-me como se tivesse caído num buraco. Sem borda onde me agarrar, sem fim à vista, o rabo no estômago, o estômago na garganta, o coração na mão de uma rapariga que está a segurar a mão de outra pessoa – apenas uma espécie de queda eterna, a porra de uma queda suspensa para sempre, que é mais ou menos o que estar apaixonado por ela neste momento parece, de qualquer maneira.

Agarro o Jo com urgência.

– Tens alguma coca? – digo baixinho.

O Jonah franze a testa.

– O quê?

Não vacilo.

– Tens alguma?

– Beej... – Ele segue o meu olhar, vê o problema. Parece nervoso. – Isto não é boa ideia... é um pouco reativa...

Eu aceno uma vez.

– Sim.

– Tu prometeste-lhe – recorda-me ele.

– Sim. – Encolho os ombros. – Já quebrei promessas que lhe fiz antes, portanto...

– Sim, mas com esta ela vai-se importar. – Ele abana a cabeça.

– Jo, olha para ela... – Observo-a. A cabeça dela está apoiada no braço dele, estão a posar para uma foto. – Ela está feliz. – E o meu coração está a desfazer-se ali mesmo no meu rosto.

O Jonah começa a levar-me para longe.

– Vá, vamos sair daqui...

Recuso a mover-me.

– Tens alguma ou não?

– Sim. – Ele dá-me um olhar relutante. – Tenho.

Aceno em direção à casa de banho. Vou à frente e o meu melhor amigo segue-me, arrastando os pés. Entro num cubículo. Ele segue-me. Entrega-me o saquinho com um grande suspiro e olhos pesados, mas os olhos estão pesados em todo o lado esta noite, portanto, que se lixe. Não uso há quase dois anos, não desde que lhe prometi que não o faria.

Meto só uma linha e é tudo o que preciso para aliviar o stresse. O Jonah observa-me enquanto o faço, desaprovador. Não concorda. É um hipócrita do caraças, ele, enquanto chefe de um gangue e tudo, mas suponho que não foi ele quem teve uma *overdose*...

Ele arranca-me a bebida da mão.

– Acabou-se o álcool esta noite.

Encolho os ombros.

– Não preciso.

Enfio as mãos no cabelo, já a sentir-me melhor e volto para a festa. Vejo a Vanna Ripley do outro lado da sala. Cabelo puxado para trás, vestido decotado, olhos de gata. Eu gosto da Vanna Ripley. É incrivelmente *sexy*. Uma atriz terrível, e ela sabe-o, sem dúvida. No entanto, isso faz dela uma campeã no quarto. E ela gosta mais de mim do que eu mereço. Acho que somos uma espécie de amigos agora.

De qualquer modo, acho que vou fodê-la.

01:05

BJ

Não me consegui despedir
antes de sair esta noite.

Adeus

?

Estás bem?

Parecias meio bêbedo quando saí.

Sim de boam

A sério?

Snm

Sim

OK.

Ei parsk come stá teu namordo

O que estás a fazer?

Nasa

Stou vem

Podes atender o telefone?

Stou com alguem

Eu também estou com alguém.

Nã fo isso o que quis diser

Eu sei o que quiseste dizer.

O qué que quis dzer. Então?

Para com isso.

Stás zagda cmigo ?

Etás zangad comigo

Sim.

Mas liga-me quando chegares
a casa de qualquer maneira.

Não vou pa cass este note

Perfeito.

14.06

Parks

Porra.

Porra, porra

Desculpa

Eu estava bêbado

Claramente...

Desculpa.

Com quem é que foste para casa?

Queres realmente saber?

Sim

Vanna

Ripley?

Sim.

Certo.

Excelente.

Parks?

O que foi?

Desculpa.

Foi só bebida, certo?

Tu, ontem à noite? Foi apenas álcool.

Alguns Negronis a mais...

OK

As melhores 



Magnolia

O Tom não me vem buscar para jantar com a família dele esta noite; ele disse que não conseguia ir da casa dele à minha e até lá a tempo e, por um instante, aquilo soou-me estranho, mas então lembrei-me que, primeiro, ele não é meu namorado a sério e, segundo, há toda a probabilidade do mundo de eu estar a ser excessivamente sensível apenas porque o BJ dormiu com uma celebridade menor uma noite na semana passada e eu sinto-me um pouco mal por causa disso.

A Vanna Ripley não é tão bonita como eu, mas é uma excelente atriz e uma louca na cama, de acordo com o Christian, que me disse muito mais do que era exigido ou solicitado.

De qualquer forma, apanho um carro para o Mandarin Oriental, o que me faz sentir um pouco como se estivesse a trair o BJ porque este é o nosso hotel e acho que ele morreria um pouco se soubesse que estou aqui com o Tom, porque eu também morreria se ele trouxesse outra pessoa para aqui. A sugestão não foi minha, contudo. O Heston Blumenthal é um amigo da Charlotte e o seu *chef* favorito em todo o mundo, portanto, com sorte não serei fotografada aqui e o Beej nem precisa de saber.

Além disso, lembro a mim mesma, *o BJ traiu-te mesmo*.

Enquanto estavas em casa doente com uma gripe, o amor da tua vida teve relações sexuais com penetração, numa festa, na antiga casa dele, numa banheira sem água, com alguém que cheirava a almíscar e flor de laranjeira e... angélica (acho?) e, portanto, se sentes vontade de ir a um Jantar de Heston no hotel onde perdeste a tua virgindade com ele há quase sete anos, deves poder ir, porque ele desistiu dos direitos sobre o Mandarin quando desistiu de ti.

Esta é a conversa incentivadora que dou a mim mesma enquanto me dirijo até à mesa já ocupada dos England.

Uso algo seguro e certo de me favorecer perante os pais – a blusa Miu Miu recortada com gola debruada, a saia rodada da Prada com logótipo e o cardigã de caxemira com decote em V da Versace. Adorável, mas conservador.

Não sei porque estou nervosa, ou porque me preocupo em os impressionar. E não é como se eu já não os conhecesse antes – claro que sim, centenas de vezes desde que era criança, mas agora que já não sou uma criança e o Tom England é meu namorado falso com pais verdadeiros que, aparentemente estou decidida a encantar com os meus olhos de diamante e a minha humildade.

Na verdade, nem sequer tinha pensado que a Clara England estaria presente – que horrível da minha parte, é claro que estaria. Só porque o marido dela morreu isso não significa que ela deixou de ser uma England, eu é que de certo modo me esqueci que ela era. Ela tem vinte e seis anos, acho. Imaginem ter vinte e seis anos e ser viúva.

Eles casaram muito novos, ela e o Sam. Assim que saíram da escola. Bastante estranho para alguém da nossa posição; houve muita especulação de que ela estaria grávida. Mas acho que não estava. Eles não tiveram filhos.

O Tom levanta-se quando me aproximo da mesa.

Blusão de aviador de camurça bege da Gucci a combinar com os *jeans* Steady Eddie II justos e afunilados orgânicos e elásticos da Nudie, acompanhados pelas sapatilhas de cabedal preto Converse Chuck Taylor All Star 70s. Está lindo e pergunto-me quando é que isso vai passar – aquela sensação de miúda de escola com o coração derretido que sinto sempre que ele me olha nos olhos. Aconteceu quando eu tinha sete anos e ele quinze e ele me deu um guardanapo no Castelo de Windsor durante uma festa e aconteceu agora mesmo quando ele não fez nada além de pestanejar ao olhar para mim.

Ele deixa o seu lugar, aproxima-se de mim e segura-me o rosto com uma das suas mãos. E depois beija-me um pouco mais profundamente do que eu gostaria que ele fizesse diante dos pais porque eu quero que eles gostem de mim e me levem a sério, embora tecnicamente eu não esteja a levar o filho deles a sério, mas as impressões são tudo! Ele pega-me na mão, levando-me até à mesa.

Beijos britânicos educados na face de ambos os pais, mas um abraço caloroso da Clara que eu não sinto que mereça.

– É maravilhoso que te possas juntar a nós. – Ela sorri para mim.

– Estamos simplesmente encantados em relação a ti e ao Tom, Magnolia –

diz-me a Charlotte.

– Sim – concorda o Andrew. – É maravilhoso. Há algum tempo que não o víamos tão feliz.

– Embora... Posso perguntar? – Clara interrompe, olhando para o Tom por alguns segundos antes de olhar para mim – E perdoa-me se isto for inconveniente – ela olha rapidamente para o Tom. – Pensei que ainda estavas a namorar com o BJ Ballentine.

– Ah. – Abano a cabeça uma vez e solto uma gargalhada desconfortável. – Não. Mas é um erro habitual, ainda somos próximos.

O Tom coloca o braço à minha volta e, por um segundo, parece um escudo, como se me estivesse a proteger dos olhos curiosos da sua família e os olhos deles estão curiosos – como os da maioria das pessoas quando se trata do BJ e eu, com o nosso amor que é como um espetáculo –, mas então reparo no rosto do Tom; o maxilar cerrado, as sobrancelhas baixas, nada terno ou protetor, e pergunto-me se talvez eu o esteja a proteger de algo que desconheço.

– E diz-me – pergunta a Clara com um sorriso, mas está a sorrir para o Tom, não para mim, embora as perguntas sejam para mim. – Como é que tu e o Tom se conheceram?

O Tom deita-lhe um olhar.

– Nós conhecemo-nos há anos.

A Clara cede com uma inclinação da cabeça e retira a pergunta.

– Claro, não, apenas não sabia que vocês andavam a passar tempo juntos.

Andrew assente.

– Nem nós, na verdade, mas foi uma descoberta bem-vinda.

Ofereço-lhe um sorriso agradecido, tagarelo sobre aquela noite, deixando de fora a parte sobre o BJ e a *lap-dance* e trocando o clube por um restaurante para o tornar um pouco mais simpático para os pais.

O Tom não tirou o braço dos meus ombros. E também não olhou nenhuma vez para mim.

– E és a editora de lazer da *Tatler*? – O Andrew acena, respondendo à sua

própria pergunta.

– Sou, sim.

– Como é que conseguiste esse emprego?

– Bem, eu tenho muita experiência em lazer, mas também – ofereço-lhe um sorriso brincalhão – foi com uma pitada de nepotismo flagrante.

Ele ri-se com vontade.

– Vais dizer-me que o Albert Read é o teu padrinho?

– É apenas um bom amigo da minha mãe. – Sorrio para ele como se ele fosse tonto. – O Elton John é o meu padrinho.

Aquilo chama a atenção do meu falso namorado. Finalmente.

– Não acredito! A sério?

– Thomas. – Pestaneja a mãe dele.

– Elton John? – Ele está boquiaberto.

– Hum. – Aceno.

– O Elton John – esclarece Clara.

– Não, o outro. – Reviro os olhos sarcasticamente. – Sim, ele mesmo.

O Tom solta uma risada.

– Como. Porquê?

– Bem, estávamos em 1997 e o meu pai estava a trabalhar com o George Martin na altura, era uma espécie de seu protegido. E ele estava a fazer a mistura para o relançamento de «Candle in the Wind» quando a minha mãe ficou grávida de mim. E o Elton andava muito por ali e simplesmente aconteceu.

– Ele é um padrinho muito próximo? – Pergunta a Clara, inclinando-se sobre a mesa, fascinada.

– Sim, bastante! Sim. – Aceno. – Veio a todas as minhas festas de aniversário. Atira-se escandalosamente aos Ballentine...

– Bem, não o posso culpar – interrompe a Clara. – Qual foi o melhor presente que ele já te deu? – pergunta ela de queixo na mão.

– Quando fiz dezoito anos comprou-me um castelo do século xii na Aquitânia.

Na verdade – reconsidero –, quando fiz vinte e um anos comprou-me um colar de diamantes de dez quilates de que gosto bastante.

– Oh. Adorava vê-lo um dia – diz a Charlotte, sorrindo para mim.

Antes que a nossa comida chegue, peço licença para ir à casa de banho das senhoras e a Clara vem comigo. Não sei porque é que as mulheres vão juntas à casa de banho, eu prefiro ir sozinha. Não achas que é mais difícil fazer xixi se alguém estiver a ouvir?

Quando saio do cubículo, acho que ela está à minha espera no lavatório, a retocar-se ao espelho. Lavo as mãos e seco-as lentamente. É desconfortável.

Não é como se eu fosse retocar a maquilhagem – sigo uma rotina de cuidados com a pele de quinze passos e o meu rosto praticamente não tem poros. Ainda assim, entro na charada. Aplico um pouco de cor nos lábios, como se os meus lábios não tivessem esta cor sozinhos.

A Clara olha-me através do espelho durante alguns segundos, perdida em pensamentos.

– Desculpa se disse o que não devia antes – diz ela.

– Sobre o BJ? – esclareço. Ela acena com a cabeça e eu encolho os ombros. – Não faz mal. – A verdade é que não faz. Fico sempre contente por ter uma desculpa para falar sobre ele.

– Vocês estiveram juntos quanto tempo?

Não tenho a intenção de o fazer, mas suspiro.

– Começámos a namorar quando eu tinha catorze anos.

Um sorriso triste percorre-lhe o rosto.

– Tenho vinte e dois agora – digo antes que ela pergunte.

– Isso é muito tempo.

– Mas, obviamente, já não estamos juntos.

– Certo. – Ela acena com a cabeça uma vez. – Quando é que acabaram?

– Há três anos.

Ela continua a acenar com a cabeça.

– Porquê?

Franzo os meus lábios, curiosa.

– Não lê os jornais?

Ela abana a cabeça, o que faz com que goste ainda mais dela. O clique da tampa do meu batom Hourglass Confession, Ultra Slim, High Intensity ecoa pela casa de banho.

– Ele traiu-me.

– Oh, merda. – Ela suspira. – Desculpa... – Abana a cabeça, desviando o olhar.

Parece perturbada.

Será que tem os olhos marejados?

– Estás bem? – pergunto, observando-a com cautela.

Ela funga uma risada.

– Não quero ser intrometida, mas vocês os dois sempre me fizeram lembrar eu e o Sam.

Algo naquilo faz com que simpatize mais com ela.

– A sério?

Ela acena com a cabeça.

– Tão jovens quando se apaixonaram, todos emaranhados um no outro. – É claro no seu rosto o quanto ela sente falta dele e, então, ela olha-me nos olhos, muito séria. – Existem coisas piores, sabes, do que ser traída...

Sustento o seu olhar.

– Como morrer?

Ela acena novamente com a cabeça.

– Como morrer.

Ela pressiona as mãos contra as têmporas.

– Ouçam-me só, a dar conselhos não solicitados sobre relacionamentos à pobre namorada encurralada do irmão do Sam numa casa de banho. – Ela abana a cabeça para si mesma. – Perdi a noção.

– Não. – Abano a cabeça, mas isso sou eu apenas a tentar tirar da cabeça,

mais uma vez, a ideia do BJ morrer.

Não sei o que faria. Não sei como seria o mundo sem ele.

O meu coração parte-se por esta rapariga; se o Sam England era o BJ dela e agora ele partiu de uma forma que não deixa nenhuma esperança distante de talvez voltarmos a ficar bem, de resolvermos tudo um dia, quando ele parar de dormir com tudo o que mexe e eu conseguir aguentar a ideia de confiar nele novamente, então, ela deve ser apenas o invólucro de uma pessoa e os ossos do seu coração devem estar completamente partidos.

Juntamo-nos a eles na mesa e, uma vez sentadas, o Tom beija-me novamente e, de novo, é mais do que o necessário.

E é só quando ele se afasta que vejo a Clara a observar a boca dele na minha e, dentro dos olhos dela, observo um ciúme peculiar florescer que acho que nem ela entende, porque eu posso garantir que não entendo. Olho para o Tom e para a Clara e há algo ali. Uma espécie de peso. E se eu tivesse olhos que pudessem ver coisas invisíveis talvez encontrasse uma corrente pesada entre ele e ela que os prende –, mas os meus olhos não conseguem ver isso.

Eles conseguem, no entanto, ver os olhos do Tom – que finalmente encontram os meus. E ele parece, bem, não parece um veado encandeado por uns faróis, mas sim mais um cordeiro preso nos espinhos. E não sei o que é, mas sei que não sou idiota e sei que acabei de apanhar algo entre eles. Tento encontrar os olhos dele, dar-lhe uma oportunidade de acalmar a minha mente. Não sei por que estou enervada, para ser sincera, mas, de repente, sinto-me estranha. No limite? Exposta, de certo modo.

E, então, a nossa comida chega.

Depois de a conta ser paga, os England seniores levantam-se, prontos para se irem embora.

– Queres que te leve de volta a Holland Park? – pergunta-me o Tom. Aceno com a cabeça, sorrindo para ele, aliviada por ter um minuto sozinha.

– Oh – suspira o Clara. – Estava à espera de poder apanhar uma boleia?

– Oh – diz o Tom.

E então há uma pausa estranha. Olho para ele à espera de que surjam mais

palavras. Os olhos dele fitam os meus e então ocorre-me: ele está à espera de que eu diga que não precisa de me levar a casa. Não lhe ofereço essa saída.

– Eu podia deixar-vos às duas em casa – diz ele. – Holland Park não é muito longe e depois posso levar-te até à casa da Rosie.

Ela acena com a cabeça, fazendo um pequeno sorriso, aplacada.

Semicerco os olhos.

– Não. Está tudo bem. Eu tenho um carro aqui. Esqueci-me.

– Não te importas? – pergunta o Tom, talvez um pouco ansioso de mais.

– Também não me pudeste ir buscar, lembras-te?

Ele desvia os olhos dos meus, culpado.

Olho para os pais dele.

– Obrigada pelo jantar, foi encantador.

Viro-me para a Clara e ofereço-lhe um olhar subtil.

– Coisas piores.

A expressão do rosto dela desmorona. O Tom inclina-se para me beijar, mas eu esquivo-me, oferecendo-lhe a face.

– Eu ligo-te – diz-me ele.

Olho para ele por cima do ombro.

– Hum.

Não sei porque é que aquilo me deixou triste. Mas deixou; até chorei, no carro a caminho de casa.

Vou diretamente para o meu quarto, evitando toda a minha família, mas principalmente a minha irmã e a Marsaili, porque não tenho muita vontade de explicar os meus sentimentos que nem para mim mesmo consigo explicar. Tomo banho e tiro uma camisola da gaveta do BJ – o *hoodie* Ralph Lauren com o ursinho estampado. Fica folgado nele e a nadar em mim. Tem o cheiro dele e a sensação dele e eu só me quero sentir perto dele porque não entendo o que aconteceu antes e odeio não perceber as coisas, mas consigo quase sempre entender o BJ.

E, então, o meu telefone toca. É o Tom. Não atendo. Ele toca novamente.

Tom England

Atende.

Não.

Estou aqui fora.

Olho pela janela e ele está na rua. Ao lado do carro, a olhar para mim, com o telefone na orelha e a acenar com a mão para eu descer.

Murmuro as palavras «Vai-te embora», mas ele apenas acena mais e continua a ligar-me.

Reviro os olhos e desço as escadas.

Meias Gucci, chinelos e a camisola, é tudo o que estou a usar – nunca pareci tão descuidada em toda a minha vida. Fecho a porta da frente em silêncio porque estou convencida de que a minha irmã está a ouvir por perto e suspeito que ela já suspeita que o Tom e eu somos uma variante de fingimento, mas não quero que ela tenha a certeza.

Ele puxa a manga da camisola Mastermind e os seus olhos examinam-me.

– Isso é teu?

Ofereço-lhe um olhar frustrado.

– Não.

Ele funga uma risada.

– Ele está lá em cima, então?

– Não. –Franzo a testa indignada. – Não a posso usar?

Agora é ele que franze a testa.

– Claro que podes, é só...

– Não me faças parecer estúpido – interrompo. – Isso foi o que me disseste na semana passada, para não te fazer parecer estúpido, e depois levas-me a jantar com a tua família, enquanto deixas de fora uma informação incrivelmente crucial.

– E qual é? – Ele parece desafiador, mas engole em seco, nervoso.

– Tu também precisas de uma trincheira. – Ele evita o meu olhar. – Ela é a

mulher do teu irmão...

– É complicado...

– A sério, ninguém diria – interrompo. – Eu não vou fazer jogos psicológicos com uma viúva em sofrimento.

O maxilar dele fica tenso e ele abana a cabeça.

– Tu não estás... nós não somos...

– Então, o que é que estamos a fazer? – Olho para ele, de olhos arregalados e impacientes. Ele inspira profundamente, o que faz o seu peito largo arfar um pouco. Sopra o ar pela boca como se houvesse uma vela que não consigo ver. Está branco como um fantasma.

– Estou apaixonado por ela.

– Tom! – Grito ligeiramente e tenho a certeza de que o branco em redor dos meus olhos está à vista. – Ela sabe?

O rosto dele contrai-se de uma forma estranha.

– Nós beijámo-nos.

O meu rosto fica perplexo.

– Tom!

Não posso acreditar. Estou a olhar para ele como se ele me tivesse dito que tem um campo de trabalho escravo na cave. Estou a pestanejar imenso.

– Não foi esta noite – esclarece, franzindo o sobrolho, e tenho de admitir que estou um pouco aliviada. Porque é que estou aliviada? – Foi uma semana antes de nós... – ele hesita. – Tu sabes. Aconteceu, acho? – Abana a cabeça. – Eu precisava de me distrair disso.

Céus, apetece-me um Martini. Sopro o ar pela boca e olho para ele de olhos semicerrados.

– Foi só um beijo?

Algo no rosto dele muda. É a primeira vez que o vejo parecer um pouco assustado.

– Preciso que seja.

Aceno uma vez, processando. Cruzo os braços sobre o peito e sento-me no

degrau da frente.

– Como é que aconteceu?

Ele suspira.

– É complicado.

Fito-o irritada.

– Então, descomplica para mim.

Os olhos dele imploram.

– Não posso. Confias em mim?

– Não – encolho os ombros. – Não particularmente. – É mentira. Sei-o assim que o digo. O Tom England é de confiança e eu confio nele. Bastante, na verdade. Mas quero magoá-lo por algum motivo.

E magoo, consigo ver isso por um instante no rosto dele.

– Está bem. – Diz ele acenando com a cabeça algumas vezes, já sem me encarar.

Eu pressiono as mãos contra os olhos e suspiro.

– Queres parar... – ele faz uma pausa. – Isto?

Mantenho as mãos no rosto enquanto respondo.

– Não.

– Não? – Ele parece surpreendido.

Olho para ele.

– Não.

– Porquê «não»?

A verdadeira resposta é porque não gostei da expressão que lhe surgiu no rosto antes. Não gosto de ver o Tom com um ar um pouco assustado, faz com que os pequenos guardas no meu coração fiquem atentos.

Mas, em vez disso, digo.

– Porque ainda preciso de uma trincheira.

– Certo. – Ele acena com a cabeça uma vez. – Mas... nós estamos bem? – Ele procura os meus olhos quando pergunta, está verdadeiramente preocupado. Reviro

os olhos.

– Acho que sim – digo, olhando para longe de modo petulante só porque gosto de ter os homens ao meu serviço.

Ele senta-se no degrau ao meu lado.

– Compro-te um par de sapatos amanhã?

Olho para ele.

– Vais comprar-me três.

O Tom abre um sorriso.

– Está bem.

– Está bem. – Aceno com a cabeça, olhando para a rua.

Ele segue o meu olhar e fica ali por um minuto.

É bom, o ar entre nós. E sinto-me segura ao lado dele ali, o que me parece curioso porque só me senti realmente segura perto de uma pessoa antes. E quando começo a descascar as camadas disso e o que pode significar, o Tom recosta-se no degrau e olha para cima. Sob a escuridão do céu de hoje à noite, o seu cabelo loiro puxado para trás parece muito mais escuro do que realmente é, mas, de alguma forma, os seus olhos parecem mais claros. Mais azuis e mais límpidos. Talvez um pouco como se um peso tivesse desaparecido.

Ele olha para mim durante alguns segundos.

– Ficaste com ciúmes? – pergunta. – Quando descobriste que a beijei?

Sinto-me envergonhada por ele ter notado e fico grata por estar escuro, portanto, a cor das minhas faces não é visível.

– Sim – digo às estrelas. – Mas não deves interpretar nada nisso; sou bastante possessiva e conhecida por ser péssima a partilhar.

Ele solta uma risada.

– É bom saber.

BJ

A Parks aceitou a Vanna melhor do que eu pensava.

Não sei se isso é bom ou mau sinal, mas fiquei contente por ela me pedir para ir com ela avaliar um novo hotel para a edição de lazer.

Um sítio novo do qual nunca ouvi falar – Farnham House? Perto da baía de St. Ives, acho. Ela apareceu simplesmente à minha porta. É por isso que não deixo as miúdas dormirem aqui depois. Ela tem uma chave, mas nunca a usa. Acho que tem medo de o fazer, no caso de estar a acontecer algo do outro lado da porta que ela não quer ver. É justo. É provavelmente mais seguro para ela bater, de qualquer maneira.

Abri a porta e conheço aquele rosto como a palma da minha mão; ela estava nervosa em relação a alguma coisa. Não sei o quê e não sei porquê, mas fiquei contente por ela ter vindo ter comigo.

– Oi – sorri para ela enquanto me afastava da porta para a deixar entrar.

– Estás livre? – perguntou ela. – Durante os próximos dias?

A resposta: por acaso, não. Eu tinha uma sessão fotográfica naquela tarde e devia ir sair com uma modelo americana no dia seguinte, mas com aquele rosto à minha frente fiquei tão livre como a porra de um pássaro. Acenei com a cabeça.

– Posso estar.

– Achas que me podes levar até à Cornualha? – sugeriu ela. – Em trabalho.

Inclinei a cabeça, curioso:

– Não queres que o Tom te leve?

– Não. – Ela abanou um pouco a cabeça. – Não quero.

Os nossos olhares cruzaram-se e senti que ela está a tentar alcançar-me, como se pensasse que eu estava longe, mas não estava. Aquilo puxou por um fio estranho na minha cabeça, porque o facto de ela estar assim, de sentir uma distância entre nós que não vinha de mim, significava que vinha dela.

– Conduzo eu ou conduzes tu?

– Eu trouxe o Mullsane – disse ela –, mas conduz tu. Gosto mais quando tu conduzes.

Puxei-a para dentro do meu apartamento.

– Dá-me cinco minutos, vou fazer a mala.

*

Ela deixa-me conduzir e eu adoro conduzir pela M3 com ela. Levei-a por esta autoestrada um bilião de vezes e parece sempre que estamos a voltar ao que costumávamos ser.

A família dela tem uma casa em Dartmouth que é especial para nós. Vamos lá às vezes. Não muitas. Às vezes, contudo.

Estas estradas fazem-me lembrar dela, daquela noite, de tudo o que aconteceu. Suspiro mais alto do que pretendo, tentando afastar a memória com a respiração. Ela olha para mim e eu sei que ela sabe. Ela tira-me o telefone do colo, muda a música para «I'll Be Seeing You» e olha pela janela. Ela sabe. Ela conhece-me sempre e eu conheço-a sempre e provavelmente não é saudável e é capaz de ser lixado porque não é só eu não conseguir esquecê-la, é que mesmo que conseguisse descobrir como o fazer não o faria, de qualquer forma.

Porque os olhos dela neste momento, completamente expostos e pesados da mesma forma que os meus estão, ancoram-nos ao fundo do mar de qualquer que seja a merda que somos, fomos e seremos. E eu pergunto-me como é o amor para as outras pessoas... Será o amor para os outros uma troca sem palavras e um milhão de memórias que te lixam até aos ossos?

Ela anima-se um pouco quando passamos por Plymouth. De lá, é cerca de uma hora e meia de carro até Toms Holidays e eu estou apenas feliz por passar este tempo com ela.

Mais ninguém, nada de olhares indiscretos, nada de ouvidos estranhos à escuta, nada de namorados – apenas eu e ela e mãos a tocarem-se e olhos errantes a recalibrarem-nos de volta aos bons velhos tempos.

– Eu sou uma rapariga de ideias – diz ela.

Deito-lhe um olhar.

– És?

Ela franze a testa, indignada.

– Obviamente.

– Tudo bem, então, atira aí uma...

Ela vira-se para mim dobrando as pernas morenas debaixo do rabo e pigarreia. Pausa dramática.

– Titanic: O Parque Aquático.

Abano a cabeça.

– Absolutamente nunca.

– O quê? – Ela franze a testa, perfeitamente irritada. – Porquê?

Observo-a pelo canto do olho e encolho os ombros como se estivesse a fazer uma sugestão ligeira.

– Talvez seja um pouco insensível?

– Para quem? – Ela pestaneja. – O James Cameron? Não te preocupes, ele é um amigo...

– Não...

– Pronto, está bem – ela admite. – Estivemos sentados ao lado um do outro num banquete de estado até ele pedir para mudar de lugar, mas acho que não teve que ver comigo. Acho que foi porque ele estava mesmo debaixo de uma saída de ar. Imagina, sentarem o James Cameron debaixo da porra de uma saída de ar. Alguém perdeu o emprego naquela noite!

Estou a fazer o possível para me controlar, para não rir. Ela não gosta quando me rio dela. É uma aptidão que demorou anos a ser aperfeiçoada e roubou-me provavelmente alguns dias de vida. Deixo passar alguns segundos antes de lhe perguntar com cuidado:

– Falaste-lhe da tua ideia do parque aquático?

Ela está novamente a franzir a testa.

– Sim?

A minha boca contrai-se.

– Ele mudou de lugar por tua causa.

A Parks faz uma pausa, pensando nisso.

– Achas que me vai roubar a ideia?

– Tenho a certeza de que não. – Abano a cabeça.

Ela semicerra os olhos.

– Tens a certeza?

Aceno uma vez.

– Porquê?

Solto uma risada que soa como um suspiro e não combina com o quão feliz estou por estar apenas na palhaçada com ela.

– Porque seria como alguém fazer um parque espacial com o tema da Apollo 11. Ou um parque de aviação da Amelia Earhart.

Ela fita-me durante longos segundos e acho que finalmente percebeu.

– Merda! Beej, isso é brilhante! Inspirado! Um parque temático de desastres! Ficaríamos ricos!

Estou a rir agora.

– Nós somos ricos.

– ... Mais ricos – acrescenta ela.

Entramos no recinto da Farnham House.

O edifício parece um castelo francês. Pedras antigas, arenito talvez? Telhado de ardósia, janelas enormes.

– É simpático. – Olho para ela enquanto atiro as chaves para o empregado com uma piscadela de olho. Depois, aceno na direção de um carro. Parece familiar.
– Parece o carro do teu pai.

Ela olha para o Quattroporte GTS GranSport preto.

– HP1977? – Olha para mim, confusa. – É o carro dele.

Eu franzo ligeiramente a testa.

– Sabes uma coisa? Há alguns meses, ele pediu uma recomendação de um hotel que fosse discreto para uma viagem de trabalho próxima. Acho que era com o

Post Malone.

– O teu pai está lá dentro com o Post Malone? – Pestanejo e depois aceno na direção da porta. – Vamos procurá-los.

Quero fazer uma pausa aqui por um instante para dizer o seguinte: a Parks e eu tivemos experiências de infância muito diferentes.

A minha mãe é a melhor mãe: cinco filhos, não católica.

Cinco filhos porque adora crianças, a grande maluca. Ela chorou quando nos mandou para o colégio interno, mas isso era apenas o que famílias como a nossa faziam. E o meu pai... Temos um relacionamento um pouco mais complicado porque acho que ele pensa que eu sou um desapontamento – a desperdiçar a minha vida – e tem provavelmente razão, não sei, mas nunca pensei que não me amasse. A Parks, contudo... A infância dela e da Bridget foi completamente salpicada por ocorrências estranhas, onde as fizeram sentir que eram imposições.

Como o facto de os pais delas as terem tido porque sentiram que deviam tê-las e não porque as queriam. E não digo que não as amem. Eles amam. Vi a mãe dela lutar por ela uma vez – apenas uma vez –, mas foi uma vez em que era importante. E o pai dela... Quando a Parks e eu começámos a dormir juntos, o meu pai ficou furioso. Foi até à casa dela, entrou de rompante e eu escondi-me debaixo da cama dela. A Marsaili protegeu-nos, mentiu – disse que eu tinha ido para casa do Jonah. O pai da Parks não lhe disse nada a ela, mas puxou-me de lado mais tarde, naquela noite.

– Eu matava-te se fosse preciso – disse-me.

Mas eles são distantes. Ela poderia andar a traficar cocaína que eles não fariam ideia. Estavam ambos sempre noutra planeta. Faziam um monte de porcarias, como esquecerem-se de aniversários, irem de férias no Natal sem as miúdas, desaparecerem durante algumas semanas, não atenderem o telefone – todas aquelas tretas de pais de merda. Podias perguntar à Parks e ela dir-te-ia, de certeza, que a única razão pela qual é uma pessoa vagamente funcional (e, dependendo do dia, acho que todos podemos concordar que há vários graus na sua funcionalidade) é por causa da Marsaili.

Então, entramos no hotel e vamos até à receção – a Parks fala e eu luto contra

a vontade de dar um encosto no tipo do *check-in* que está atrás do balcão, porque ele está a olhar para ela como se eu não estivesse mesmo ali. Mas ela não nota. Nunca nota. Mantenho-me atrás dela mais perto do que se estivéssemos em Londres. Ela não se afasta de mim, nunca se afasta quando as pessoas não nos podem ver.

É por isso que adoramos as vilas inglesas tranquilas. Ninguém liga um chavo para quem somos e eu posso tocar-lhe na cintura sem que uma foto acabe no *The Sun* e posso descansar o queixo no topo da cabeça dela, enquanto o idiota atrás do balcão de *check-in* evita os meus olhos por namoriscar com a minha miúda.

– Temos uma suíte com duas camas ou uma com cama de casal. Qual é a vossa preferência?

Semicerro os meus olhos para o Check-In.

– O que é que achas, amigo?

A boca dele contrai-se e ele começa a digitar.

Os quartos ainda estão a ser arrumados, provavelmente demorarão mais uma hora, diz – de certeza que isto é algum tipo de gesto de poder do Check-In, a tentar atrasar-nos de fazermos todo o sexo que não vamos fazer, de qualquer maneira.

Vamos ao bar enquanto esperamos.

Tenho ambas as mãos nos ombros dela e estou a conduzi-la através da porta e ela está a rir e a sorrir quando, de repente, para.

Sigo o olhar dela até ao canto mais distante do bar.

O pai dela... e Marsaili?

Ela franze a testa.

– Isto é estranho.

E aquilo não faz sentido para ela porque não faria sentido, porque a Parks não é assim, não está programada para pensar sobre o submundo das emoções e porque colocou a Marsaili num pedestal durante toda a vida, como o único adulto que não a desapontou. E sinto que preciso de a tirar dali, que preciso de evitar que ela veja o que está prestes a ver...

– Anda – agarro a mão dela, puxando-a para trás. – Devíamos ir ver o quarto.

– Não. – Ela puxa a mão. – O que é que eles estão a fazer aqui?

E assim que faz a pergunta, ela obtém a resposta quando eles se inclinam sobre a mesa e se beijam naquele modo nojento e terno com que os velhos se beijam.

O queixo dela bate no chão.

– Parks – agarro-lhe o pulso –, anda.

Ela vira-se para olhar para mim e os olhos dela estão arregalados de surpresa e de outra coisa, algo que não consigo identificar. Um pouco como magoada, mas pior.

Aperto-lhe a mão.

– Acho que é melhor irmos.

– De modo nenhum. – Ela abana a cabeça, gira nos calcanhares e avança para eles.

– Bem! – A Parks bate palmas. – O que é que temos aqui?

– Merda – diz o pai dela, levantando-se com relutância.

– Magnolia! – A Marsaili levanta-se de um pulo e a cor desaparece-lhe do rosto.

A Parks olha para os dois por alguns segundos.

– Quero dizer, uau.

– Querida... – começa o Harley.

Ela levanta a mão para o calar.

– Quero dizer, a sério, uau.

– Magnolia – começa a Marsaili, desviando o olhar dela para mim, como se eu lhe pudesse atirar uma boia de salvação. – Eu posso explicar...

– Podes? – A Magnolia pestaneja com jovialidade. – Por favor, vai em frente.

O Harley abana a cabeça, dando um passo à frente.

– Querida, escuta...

Ela olha para ele, gesticulando.

– Tu a fazeres isto... tudo bem. Não me interessa. Andas a foder as miúdas

dos vídeos de *rap* há anos.

Ele puxa a cabeça para trás, indignado. É um tipo grande, o pai dela, um metro e oitenta e sete, provavelmente. Talvez dois centímetros mais baixo do que eu. Mas sólido como uma rocha. Estilo de gladiador. Já o vi treinar com o Dwayne Johnson e conseguir acompanhar. Ela, a Parks, tem cerca de um metro e setenta e dois, pernas de Bambi, boca grande e olhos combativos e é incapaz de recuar diante de um conflito com este homem.

Sempre me perguntei se teria de lutar com ele um dia. Pergunto-me se hoje será o dia.

– Desculpa? – Ele rosna para ela.

– Achas que eu não sabia o que estavas a fazer com aquela miúda com quem estavas no Britannia Row quando eu entrei na cabine de som? Eu tinha treze anos. – Ela abana a cabeça. – Eu espero estas merdas de ti, Harley, mas tu? – Ela olha para a Marsaili e, discretamente, eu adoro o modo como a minha Parks se transformou num pequeno dragão. – Arrogante, a olhar de cima para o resto de nós, a fazer sermões toda hipócrita sobre ele – ela faz um gesto na minha direção – e os erros dele e como o comportamento dele é imperdoável, enquanto andavas a foder o meu pai casado o tempo todo?

O rosto da Marsaili desmorona. Eu comprimo os lábios.

– Magnolia... – O Harley coloca-se entre elas. – Já chega.

– Há quanto tempo? – Pergunta a Parks, ignorando-o.

O pai dela fita-a, irritado, e eu cerro os punhos.

– Seis anos – diz a Marsaili, rapidamente.

Perante aquilo até eu fico de boca aberta.

– Seis anos – repete a Magnolia lentamente.

Algo no ar entre elas muda... Muda de choque e talvez um pouco de traição para... não sei... Estou a observar os olhos da Parks e conheço todas as suas cores e todos os seus indícios e a minha melhor aposta aqui é... que eles estão a exibir algum tipo de tristeza?

A Parks parece demasiado ferida para que o sentimento seja apenas raiva.

A Mars e a Parks fitam-se e há uma troca a acontecer entre os seus olhares. Os olhos da Mars estão suplicantes e os da Parks estão apenas destroçados, mas elas não desviam o olhar, estão presas.

E eu gostava de poder sintonizar o que elas estão a dizer, porque sinto que talvez seja sobre mim?

A Magnolia aponta um dedo fraco à mulher que a amou a vida toda e não diz nada durante alguns segundos pesados.

– Nunca mais fales comigo – diz-lhe.

E, então, agarra na minha mão e puxa-me de volta para o carro.

BJ

Entramos no carro e vamo-nos embora. Limitamo-nos a conduzir durante algum tempo em silêncio. Ela tem o peito a arfar. Estou a observá-la com atenção à espera das lágrimas. Elas virão, agora ou mais tarde, ainda não consigo dizer com meu foco dividido entre ela e a estrada, mas ela vai chorar e eu vou fazê-la sentir-se melhor.

– Onde queres que te leve, Parks?

Ela olha para mim, um pouco atordoada. Encolhe os ombros.

– Não estamos longe de St. Ives?

Ela acena com a cabeça. Olha pela janela.

O Carbis Bay and Spa Hotel é onde aterramos. Consigo-nos o melhor quarto possível em cima da hora e depois levo-a para lá. Quantas vezes, desde que acabámos, é que pensei em pegar na mão da Parks e levá-la para um quarto de hotel? Não sei. Mais de um milhão, na boa.

Mas o rosto dela está desfeito. Tudo nela está, de certo modo. Acho que ela acabou de ver a sua heroína cair num inferno de fogo.

Desde que a conheço, a Parks tem a Mars num pedestal. Não me costumava incomodar, porque quando éramos mais novos ela amava-me como se eu também fosse dela, mas depois do que aconteceu – o que é estranho agora, pensando no contexto de tudo isto – talvez fosse algo demasiado próximo? Como se se visse ao espelho ou algo assim.

Seis anos.

O caso deve ter começado quando a Parks tinha quinze ou dezasseis anos e é um pensamento estranho porque a Marsaili era fenomenal. Nos fins de semana em casa, vindos da escola, quando chegávamos bêbados das festas, ela pegava em nós e levava-nos ao McDonald's. Ela e a minha mãe tinham um acordo que achavam que nós não sabíamos, mas era uma política de não fazer perguntas se isso significasse que voltávamos para casa em segurança. Significava que ligávamos

sempre a uma delas. Quase sempre, de qualquer modo.

Ela costumava expulsar-me da cama da Parks com uma colher de pau – dando-me palmadas nodosas, essas coisas. Olhando para trás, agora que somos adultos, há um monte de merdas que a Parks e eu fizemos quando éramos miúdos das quais não podemos acreditar que escapámos impunes. Os pais da Magnolia não se ralavam um chavo. A mãe dela levou-a ao médico para a pôr a tomar a pílula cerca de um mês depois de começarmos. Não tenho a certeza, mas acho que a Parks não foi uma gravidez planeada. Foi isso que percebi ao longo dos anos. Foi emergindo com o tempo e com conversas impróprias que não deviam ter acontecido à nossa frente, mas aconteceram de qualquer maneira, porque eles eram assim, emocionalmente negligentes.

Pergunto-me se a mãe dela sabe. Pergunto-me o que acontecerá à Bushka.

Sento a Magnolia na cama e puxo uma cadeira para me sentar diante dela.

– Do que é que precisas, Parks? Diz-me o que for que precisares.

Então, ela estende a mão e toca nas minhas. Tem o rosto estranho – um pouco indeciso? Triste.

– Desculpa – diz-me e a voz falha-lhe um pouco.

O meu coração cai no precipício e não sei porquê.

– Porquê?

– Nada. – E, então, ela abana a cabeça. – Beej?

Olho para ela.

– Sabes aquela noite em que tiveste uma *overdose*? Não o fizeste de propósito, pois não?

– O quê? – Recuo. – Não. Porque é que tu...? Não.

Ela acena com a cabeça. Parece muito frágil.

– Foi por minha causa?

Suspiro enquanto olho para o teto. Respiro profundamente.

– Parks, não há muita coisa em mim que não tenha que ver contigo. – Olho para ela por um segundo e depois volto a erguer os olhos para o teto. – Mas eu não me estava a tentar matar, se é isso que estás a perguntar.

– Está bem. – Ela acena com a cabeça.

Depois, pressiona as mãos contra os olhos, abana novamente a cabeça e levanta-se.

– Preciso de um banho.

Ela levanta-se e começa a andar para lá e depois para sem olhar para trás.

– Vens?

Levanto-me sem dizer nada e sigo-a para a casa de banho. Não interpretem nada nisto. Ela faz isto desde sempre. Não gosta de ficar sozinha na casa de banho. Não gosta de ficar sozinha com os seus pensamentos. O cérebro dela fica barulhento no chuveiro. Eu sento-me na beira da banheira e olho para as minhas mãos – faço o possível para não espreitar pelo canto dos olhos para a ver despir-se.

Mas espreito e ela está a ver-me a vê-la. Os nossos olhos encontram-se e ela olha para mim, talvez como se me quisesse até. Depois, engole em seco e entra no chuveiro.

Os meus dedos estão brancos enquanto agarro os joelhos para me acalmar – controlar o quanto a amo e todas as coisas que gostaria de poder fazer em relação a isso.

A água corre e eu espero um minuto.

– Estás a aceitar isto muito mal – digo-lhe.

– E como é que devia aceitar? – responde ela.

Levanto-me e aproximo-me do chuveiro.

– Não sei.

– Pois. – Ela parece sentir-se justificada.

– No que é que estás a evitar pensar aí dentro?

– Hum? – Murmura ela, mas eu consigo perceber que ela ouviu.

A casa de banho está cheia de vapor agora. As janelas estão embaciadas. Encosto-me a elas.

– O que se passa, Parks? – Cruzo os braços sobre o peito.

Ela está de pé debaixo da água; esta está a correr sobre ela como eu gostaria que as minhas mãos estivessem. Ela suspira.

– Ela disse-me uma coisa uma vez.

– E o que aconteceu?

Ela olha para mim, com os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

– Eu ouvi.

Magnolia

– Onde está o Beej? – pergunta a Bridget, encostando-se à ombreira da porta antes de entrar e sentar-se na minha cama.

Preciso de todo o meu autocontrole para não gritar de alegria por ela estar a usar uma das roupas que separei para ela. Um cardigã de *mohair* às riscas com as calças de fato de treino com o pormenor das listas (ambos da Marni), a combinar com os chinelos com logótipo da Isabela Marant. Todas as noites, eu separo opções de roupas para ela usar no dia seguinte – um trabalho um pouco ingrato, mas alguém tem de o fazer, caso contrário, eu teria uma irmã que usa Birkenstocks que não são as edições especiais da Proenza Schouler.

– Onde está o Beej? – pergunta ela enquanto eu atiro outro biquíni para dentro da minha mala Chelsea Garden Globe Trotter.

– No Angler. – Olho rapidamente para ela. – É o jantar do aniversário de casamento dos pais dele.

– Tu não foste? – Ela franze a testa.

Deito-lhe um olhar.

– É um pouco de mais neste momento, não achas? Além disso – encolho os ombros – a Lil teria passado a noite inteira preocupada. Eu teria arruinado o jantar para eles.

A Lily Ballentine acaba de ser oficialmente elevada a adulto número 1 na minha vida desde o último dia.

Escrevi isso num cartão, bem como «Desculpa, Hamish, és o número 2», e enviei-o pelo BJ para o jantar onde eu deveria estar com todos – o jantar ao qual ele me tentou obrigar a ir, o jantar ao qual ele também tentou faltar, porque «Tudo o que precisas, Parks.» Foi o que ele me disse. É o que ele me diz sempre.

– Acho que é uma boa ideia – diz-me ela.

Deito-lhe uma olhadela por cima do ombro.

– O quê?

– Isto – ela acena para a mala que estou a fazer –, tu ires-te embora.

Viro-lhe outra vez as costas.

– Para onde é vais?

– Monemvasia.

– Com? – pergunta ela, deixando a frase em aberto.

Olho para ela e não tenho vontade de responder, porque ela sabe com quem, portanto, em vez disso, semicerro os olhos.

– Tu sabias?

Ela respira fundo.

– Suspeitava...

– E não me disseste! – Pestanejo, horrorizada.

– Não, eu sei. – Ela suspira. – É que tive a sensação estranha de que não ias aceitar muito bem.

Deito-lhe um olhar enquanto dobro a mesma blusa curta com estampado de rosas da Miu Miu que acabei de dobrar há pouco, porque não estou realmente a prestar atenção.

– Achas que a mãe sabe?

– Acho que a mãe anda há um ano a namorar com um francês todo jeitoso, à espera do que suponho seja um divórcio pendente.

– Que porra! – Rosno. – Desde quando é que nos tornámos todos tão descontraindo em relação à infidelidade?

O rosto dela suaviza-se.

– Não nos tornámos, Magnolia, é só que... é diferente. Acho que eles nunca se amaram verdadeiramente.

– Então, porque é que se casaram? – pergunto, de sobrancelhas erguidas.

A boca dela franze-se um pouco e ela aponta com cuidado para mim. Reviro os olhos porque não pode ser verdade. O Elton ter-me-ia contado.

Ouve-se uma pancada na minha porta e não me viro para ver quem é porque sei pelo modo com a pancada soa.

Duas pancadas leves em rápida sucessão usando apenas o nó do dedo indicador e ela nunca espera por autorização para entrar.

– Posso falar contigo um instante, Magnolia? – pergunta a Marsaili.

Olho para ela sem expressão.

– Não.

Ela está a usar um vestido Valentino midi de gola subida em crepe de seda às bolinhas, e nunca costumava usar vestidos Valentino. Ela não se interessava por vestidos Valentino antes, então, porque é que se interessa agora?

– Magnolia, olha...

– Eu disse-te para nunca mais falares comigo – interrompo.

A expressão no rosto dela estremece um pouco, divertida, e odeio-a por isso.

– Achaste que eu ia ligar a essa exigência ridícula?

Reviro os olhos perante a insolência dela.

Não é de admirar que se tenha tornado tão arrogante ultimamente, considerando que andava a comer o meu pai.

– Ouve, Magnolia – começa ela de novo, avançando na minha direção.

O matraquear dos seus sapatos sensatos de camurça pretos e salto quadrado de Gianvito Rossi deixa-me ainda mais furiosa.

– Isso está a parecer ser cada vez menos sobre o teu pai e eu e cada vez mais sobre ti, de alguma forma.

– De alguma forma? – repito, pestanejando muito. – De alguma forma?

Ela respira fundo, preparando-se, eu acho, o que é inteligente da parte dela porque eu sinto que a água acabou de recuar da costa da minha razão, tal como acontece imediatamente antes de um tsunami.

– Tu sabias – aponto para ela – quando eu tinha vinte anos, que o BJ e eu íamos ficar juntos novamente, sabias que era isso que eu queria, mais do que tudo. E, sabendo disso, disseste-me que ele era um traidor e que era mau e que não eu podia confiar nele outra vez e...

Ela abana a cabeça, rejeitando a minha afirmação.

– Não me responsabilizes pelas decisões que tomaste sozinha depois de

receberes alguns conselhos...

– Sozinha? – Pestanejo. – Conselhos? – Deixo escapar um pequeno suspiro de descrença. – Conselhos da treta hipócritas e manipuladores da pessoa em quem eu mais confiava no mundo, que me disse que o rapaz que eu amo só me iria magoar, que isso era tudo de que ele era capaz porque me traiu uma vez. E, o tempo todo, estavas a ter um caso com o meu pai...

– Magnolia...

– Ele quase morreu – digo baixinho, sem intenção.

Sai porque acho que a culpa é dela. Mesmo que ela não saiba o que aconteceu, a culpa é dela. Dela e dos seus conselhos de merda que me fizeram sentir que nunca mais poderia ficar com ele e que também não devia querer estar com ele. Portanto, comecei a namorar o Reid de repente, completamente de repente, e o BJ foi tão apanhado de surpresa e ficou tão abalado com isso que, bem, tu sabes o que aconteceu... ela não sabe, mas tu sabes.

O rosto da Marsaili vacila.

– O quê?

– Odeio-te – sussurro.

– Magnolia...

– Sai daqui.

Aponto para a porta onde o Tom se encontra. Ele bate de modo apreensivo, observando-me com atenção. A Marsaili chora enquanto se afasta rapidamente. O Tom dá um passo para o lado, deixando a Marsaili passar, e depois vira os olhos para mim.

– Acabei de saber a notícia.

– A notícia? – repete a Bridget. – Já se sabe, então?

O Tom caminha na minha direção.

– Estás bem?

O rosto dele está super sério e eu gostava que a Bridget não estivesse aqui, porque é provavelmente um indício claro o facto de ele não me estar a abraçar nem a beijar e sim a ser super britânico com os braços cruzados sobre o peito.

– Acho que sim – encolho os ombros.

– Quando é que descobriste?

– Ontem – digo-lhe.

– Não ligaste – diz ele, e eu pergunto-me se ele parece um pouco surpreendido.

Olho timidamente para a Bridget, à espera de que ela vá embora, mas ela não vai.

Franzo os lábios.

– Estava com o BJ.

Ele acena com a cabeça uma vez.

– Claro que estavas.

Aquilo parece-me uma resposta estranha, considerando como as coisas ficaram na última vez, com ele apaixonado pela mulher do irmão morto e tudo o mais.

Ele indica com a cabeça a mala meio cheia em cima da minha cama.

– Vais para algum lado?

– Hum. – Aceno. – Estou a pensar em sair daqui por algum tempo. Esperar que a imprensa se acalme um pouco? Que tudo passe...

Ele acena.

– Estou convidado desta vez?

Fico confusa por um segundo.

– Claro?

O Tom olha para a Bridge e depois novamente para mim.

– O BJ vai?

A Bridget olha do Tom para mim como se estivesse a ver uma partida de ténis.

– Quero dizer... – Prendo uma madeixa de cabelo atrás das orelhas. – Foi ideia dele.

O rosto do Tom fica estranho, entre o divertido e o irritado.

– Claro que foi.

Atiro o biquíni em lurex elástico com blocos de cores da Oséree para a mala enquanto olho para ele.

– Não precisas de vir se não quiseres.

A expressão no rosto dele vacila novamente.

– Preferes que não vá?

– Não – digo mais depressa do que planeio.

– ... Não, não queres que eu vá? – esclarece ele.

– Não. – Abano a cabeça. – Quero.

A Bridget olha de um para o outro, com a cabeça inclinada para o lado, fascinada.

– Uau.

Olho para ela e reviro os olhos.

– Eu levo o Gus – diz o Tom. – Usamos o nosso avião. Eu levo-nos.

E quando estou prestes a meditar sobre as maravilhas de ter um namorado falso que é piloto, algo acontece e acontece muito rapidamente. Ouve-se um som alto – uma espécie de estrondo – e ouço o Harley Parks rosnar o meu nome como nunca o rosnou antes. Então, o meu pai entra no meu quarto, passando pelo Tom. Os olhos dele estão endoidecidos e ele tem um telefone no ouvido e outro na mão, o qual aponta para mim, ameaçadoramente...

– Contaste à imprensa? – ruge ele, debruçado sobre mim. – Foste tu?

Pestanejo para ele. A minha expressão é impassível, mas sinto-me um pouco assustada por dentro porque nunca o vi assim.

– Foste tu, caralho? – grita ele mais alto. Não gosto do modo como ele diz a palavra «caralho». É terrivelmente furioso.

– Não sei do que estás a falar – digo-lhe calmamente.

As narinas dele dilatam-se e ele abana a cabeça.

– Sabes sim, porra.

Ajeito a saia do meu minivestido em *jacquard* de seda às bolinhas com

cristais embutidos da Miu Miu e ofereço um sorriso tenso ao meu pai.

– Tenho a certeza de que não sei do que estás a falar.

– Está em todos os noticiários – rosna ele.

– A tua infidelidade, queres dizer? – esclareço com doçura. Ele não responde, mas tem os dentes cerrados. – Oh, Céus. – Encolho os ombros delicadamente.

O meu pai aproxima-se de mim com o maxilar tenso e os punhos cerrados.

– Juro por Deus, Magnolia, se tu contaste, eu vou...

– Vai o quê? – diz o Tom, colocando-se entre nós e empurrando o meu pai um pouco para trás. O meu pai é um homem bastante grande, para ser sincera, mas o Tom é maior. Os olhos dele estão ferozes, tem o maxilar contraído e o seu rosto não está para brincadeiras. – Termine a frase – desafia-o o Tom, olhando para ele.

Não sei qual teria sido o fim daquela frase. O meu pai nunca me ameaçou antes, nunca ficou assim tão furioso antes, nunca pareceu querer bater-me e muito menos matar-me, nem sequer quando divulguei acidentalmente uma música de Kendrick Lamar num vídeo do Instagram.

– Sabes de quem é a casa onde estás? – pergunta o meu pai, endireitando-se.

– Sei, sim. – O Tom acena com a cabeça, friamente. – Mas acho que podia provavelmente limpar o chão consigo em qualquer lado.

– Muito bem, campeão – rosna o Harley e faz um sorriso maldoso. – Queres experimentar?

– Não particularmente. – O Tom abana a cabeça e começa a enrolar as mangas. – Mas faço-o.

– Ok. – O Harley sorri e talvez seja um pouco sinistro e talvez eu me sinta mais nervosa do que alguém gosta de se sentir em relação ao seu próprio pai. – Não me importava de pôr um England a sangrar – diz o meu pai antes de empurrar o Tom para trás, para cima de mim.

É como um efeito dominó: o Tom cai em cima de mim, eu caio em cima da mesinha de cabeceira e o meu abajur cai no chão.

O meu pai parece que viu um fantasma. O Tom parece capaz de matar alguém. E a minha mão está a sangrar, mas só um pouco. Não é profundo.

– Magnolia – diz o meu pai e a sua voz soa bastante diferente de repente. – Querida, eu...

O Tom empurra o Harley para longe, agressivo.

– Dê mais um passo se se atreve – diz e depois levanta-me do chão.

– O que se passa aqui? – A Marsaili entra a correr.

A Bridget dá-me um pano para a minha mão.

O Tom inclina a cabeça na direção da minha mala.

– Esta está pronta?

Aceno, um pouco atordoada.

A minha irmã tira o meu passaporte da minha mesa de cabeceira tombada e entrega-mo e depois beija-me a face. O Tom pega na minha mala, levantando-a da cama como se fosse um prato de papel, embora pese mais de trinta quilos, agarra-me na minha mão boa e conduz-me até à porta.

Estamos no carro dele. Cinzento-escuro, um Range Rover SV Autobiography. Ele está a segurar o volante com bastante força com uma das mãos, enquanto com a outra está a roer distraidamente o dedo indicador. O Tom olha para mim.

– Ele já agiu assim antes?

– Não. – Abano a cabeça. – Nunca.

Ele continua a conduzir.

– Onde vamos?

Ele observa a estrada por alguns segundos. O seu rosto parece tenso. Se fosse um MacBook teria o arco-íris da morte a girar no rosto.

– Onde está o BJ? – Ele olha para mim.

– No aniversário de casamento dos pais dele.

– Onde? – Diz ele de modo incisivo.

Franzo um pouco a testa, confusa.

– No Angler.

Ele acena com a cabeça uma vez.

– Vamos para o Angler.

20:32

Tom England

Vamos a caminho de ti agora.

O quê?

Porquê?

Está tudo bem?

Grande discussão com o Harley

Foi mau

Oh, merda. Ok.

Ela está bem?

No Angler, sim?

Sim. South Place Hotel.

BJ

Estou à espera do lado de fora antes de eles chegarem. Sinto-me um pouco enjoado com tudo isto – seja o que for que isto é... Que ela teve numa discussão e eu não estava lá. Devia ter estado. Ainda bem que o Tom estava lá – mais ou menos. Mas até isso faz-me sentir mal. Porque é que ele estava lá quando eu não estava? Só a deixei em casa há algumas horas e ele foi logo para lá?

O carro dele para. Não é um Bentley.

Nem um Rolls, nem um Lambo, nem um Porsche. É um Range Rover e incomoda-me ele ser tão despretensioso. É um SV Autobiography cinzento, que é um carro de 140 mil libras que se parece muito com um carro de 35 mil libras. É preciso ter-se uma arrogância do caraças para comprar um carro de aparência normal que é quatro vezes o preço do modelo normal.

A Parks abre a porta do lado do passageiro, salta para fora e corre diretamente para os meus braços. Seguro-a contra mim – o rosto dela no meu peito, as minhas mãos no cabelo dela – e pressiono a boca contra o topo da cabeça dela. O Tom England está parado ao lado do seu carro, de testa franzida enquanto nos observa. Sinto uma pontada de pena dele – gostava de lhe poder dizer que ele não está a fazer nada de errado, que a culpa não é dele, nós é que somos assim.

Não sei porque é que ele a trouxe até mim.

E, então, noto o sangue.

– Que raio aconteceu? – Agarro a mão dela.

Ela abana a cabeça.

– Nada, é só um corte.

– O que aconteceu? – pergunto mais alto e com mais clareza, enquanto olho dela para o Tom. – O teu pai fez isto? – Inspecciono a mão dela. Provavelmente não precisa de mais do que um penso pequeno, mas não a largo.

– Foi um acidente – diz ela com os olhos pesados e assim.

Ela mentir-me-ia se isso significasse que eu não iria fazer nada de estúpido,

portanto, olho para o Tom de sobrelanceiras erguidas, perguntando sem perguntar. Ele acena com a cabeça e caminha na nossa direção. Sinceramente? Porra para ele. Por ser tão porreiro e tão calmo e por levar a namorada ao ex-namorado no meio de uma crise ligeira e não agir como um idiota inseguro, mesmo quando a Parks tem o rosto enfiado no meu peito como agora.

– Então, o que aconteceu, meu? – pergunto, abanando a cabeça.

– O pai dela entrou a gritar... – Ele deita-me um olhar. – A gritar mesmo...

Franzo o sobrolho.

– Porquê?

O Tom encolhe os ombros com uma careta.

– Está nas notícias.

Afasto-me e olho para ela nos meus braços.

– Foste tu?

Ela não diz nada, mas faz-me uns olhos tipo Bambi... Foi ela, então. Ah. Não há inferno pior do que a Magnolia Parks desprezada. Toco-lhe no queixo.

– Linda menina.

O Tom muda de posição.

– Estás bem? – Aceno para ele.

Ele encolhe os ombros, sem dar importância.

– Tudo bem, sim; foram só uns empurrões.

Aceno com a cabeça e olho para a Parks.

– O que é que ele te disse?

O Tom abana ligeiramente a cabeça.

– Ameaçou-a um pouco.

– Não! – Franzo o sobrolho, olhando do Tom para a Parks. – O Harley fez isso?

O Tom acena com a cabeça.

– Mas que porra! – Franzo a testa. – Foda-se, ainda bem que nos vamos embora...

Ela afasta-se e olha para mim.

– Em relação a isso. – Ela oferece-me um sorriso rápido. – O Tom vai connosco.

– Oh – digo e depois acrescento um sorriso. Juro que vejo a boca dele mover-se, divertido. – Excelente. Isso é... Sim. Boa.

– Podemos levar o meu avião... – oferece ele.

Encolho os ombros.

– Eu tenho um avião, ela tem um avião. Todos nós temos aviões...

– Sim. – A Parks olha para mim. – No entanto, ele é o único que tem licença para nos levar até lá pessoalmente.

– Certo, então. – Concorro descontraidamente, enquanto amaldiçoo a porra do dia em que não fui para a escola de aviação.

Eu podia ser um piloto se quisesse.

O Tom afasta-se em direção ao seu carro.

– Partimos amanhã à tarde – diz ele, o imbecil lisonjeiro. – Farnborough. – Ele aponta para mim e diz uma frase que odeio mais do que qualquer outra coisa que alguém já me tenha dito antes: – Cuida dela.

Magnolia

São quase quatro horas de voo de Londres a Monemvasia, a pequena cidade insular na costa leste da região do Peloponeso, na Grécia. Está ligada à ilha principal apenas por uma pequena ponte, portanto, como é óbvio, não tem aeroporto. Habitualmente, fica a seis horas de carro de Atenas. Contudo, numa reviravolta terrivelmente conveniente, o Tom é um England e piloto, portanto, não sei porque é que não comecei a namorar com ele antes. Oh, esperem, sei sim. Duas letras, boca fenomenal, fiquei na cama dele ontem à noite, chorei na curva do pescoço dele a manhã toda...

Percebi que o Tom me ter levado até ele deixou o Beej um pouco confuso. Na verdade, também me confundiu um pouco a mim, para ser sincera. O Tom foi tão calmo, tão rápido na minha defesa, tão corajoso perante o meu pai e tão descontraído em relação a deixar-me com o BJ porque achou que seria o melhor para mim...

Quero dizer, quem é que faz isso?

Eu teria de estar com uma moça do caraças para o levar até à Clara, qualquer que fosse o motivo, e ele é apenas a minha trincheira. É isso, suponho. Somos apenas o esconderijo um do outro até a tempestade passar e ser seguro sair. O meu tempo com o Tom está provavelmente a chegar ao fim, acho, mas só o facto de pensar nisso faz com que a minha pele formigue um pouco. Não gosto da ideia de já não estarmos na vida um do outro. Acho que nos tornámos um pouco próximos com todo este fingimento.

Acho que para mim está a passar – a tempestade BJ. Se é que alguma vez foi uma tempestade. Talvez fosse mais como uma pessoa bêbada que tropeça num noticiário que está a dar uma previsão do tempo convincente, ainda que factualmente imprecisa, sobre uma monção mortal completamente horrível. Então, a pessoa esconde-se e esconde-se e esconde-se e esconde-se, esperando que a tempestade passe, quando não havia nenhuma tempestade.

Talvez não houvesse nenhuma tempestade com o BJ.

Talvez todas as formas pelas quais ele me magoou até agora tenham sido porque eu o magoei, e talvez agora seja diferente porque posso confiar nele?

Estamos todos ali, na recepção do Kinsterna. É um dos meus hotéis favoritos, na verdade. É uma mansão bizantina restaurada que desce por uma colina em direção ao mar. Já estive aqui antes com a minha irmã. Foi por isso que o BJ o escolheu, porque ele queria vir comigo da última vez, mas acho que dormiu com a Taura ou algo assim e, então, eu trouxe a Bridget em vez dele. É um pequeno grupo divertido. Eu, o Beej, o Tom, a Paili, o Henry, o Gus, o Perry e o Christian. Nada do Jonah por causa de uma coisa de trabalho – espero que da variedade legal, mas nunca se pode ter a certeza.

– Queremos oito quartos – diz o Beej à mulher na recepção, enfiando as mãos nos bolsos das suas calças de fato de treino tingidas Bassike Karamatsu.

– Na verdade, são só sete, meu – diz-lhe o Tom.

– Oh – diz o BJ e vira-se para nós. Então, olha para mim. – Vais partilhar com a Pails?

– Hum. – Olho rapidamente para o Tom e depois aceno com a cabeça.

– Oh. – O BJ pestaneja. – Vocês vão partilhar um quarto? Vocês os dois?

Aperto os meus lábios com força. O Christian está a observar, provavelmente um pouco divertido de mais.

– Está bem – diz ele e acena com a cabeça. Acena muito. – Claro que vão. Vocês são namorado e... – os olhos do BJ prendem os meus – namorada.

Continua a abanar a cabeça.

– Duas camas?

O Tom parece ligeiramente satisfeito.

– Uma de casal está ótimo.

O maxilar do BJ fica tenso.

– Uma de casal está ótimo. – Acena. – Sim. Claro que sim. Camas grandes... muito... espaço com...

– Ah, porra. – O Henry afasta-o com um empurrão e começa a falar com a senhora. – Sete quartos, por favor. E pode talvez pôr algum Xanax no dele?

O Tom vai organizar a nossa bagagem e o BJ fica ali por perto, a observar-me atentamente.

– Já dormiste com ele? – Pergunta de olhos semicerrados.

Franzo a testa, abanando a cabeça.

– Estás a falar de dormir ou sexo? – esclarece ele, coisa que provavelmente mais ninguém no planeta precisaria de esclarecer, mas nós sim.

Ofereço-lhe um encolher de ombros fraco.

– Nenhuma das duas coisas.

Ele acena com a cabeça, pensando.

– Mas vais ser tu e ele. Numa cama. Num quarto. Sozinhos. Juntos.

– BJ – interrompo.

Ele ignora-me.

– E eu vou estar num... quarto diferente. Numa cama, também. Mas tu vais estar na... cama dele?

Os olhos dele prendem os meus e parecem tensos e enervados.

Aceno com a cabeça uma vez, com cuidado.

– Acho que sim?

– Está bem. – Ele acena. – Sim, isso é... – Ele acena com a cabeça novamente.

– Ok.

Franzo a boca.

– Certo.

– O quarto está pronto. – O Tom chama-me.

Olho para ele e aceno.

– Estou a ir.

Olho para trás, para o BJ, e vejo o coração dele inteiro em carne viva no rosto dele e quero fazê-lo sentir-se melhor, consertar as coisas, acabar com tudo..., mas não sei como. Poderia dizer-lhe apenas que era tudo um ardis, acho, mas hoje quando o BJ e eu chegámos ao aeroporto de Farnborough o Tom aproximou-se desconfiado, pôs-me a mão no rosto e deu-me um beijo do caraças. E eu comecei

a perguntar-me... quanto do ardil é que ainda sobrava?

Afasto-me alguns metros antes de parar e virar-me. O Beej está a observar-me e os olhos dele estão mais arregalados e pesados do que ele gostaria que alguém além de mim os visse. O Tom também me está a observar, mas não me importo tanto.

– Queres fazer alguma coisa amanhã? – digo para o BJ.

O Beej pestaneja algumas vezes.

– O quê?

Regresso para junto dele. Nem meio metro entre nós, talvez.

– Queres fazer alguma coisa amanhã? Comigo. – Pausa. – Apenas eu.

O BJ olha para além de mim, para o Tom, e depois novamente para mim.

– E o England?

Abano a cabeça.

– Não te preocupes com o England.

– Está bem. – Ele acena uma vez com a cabeça. Sorri um pouco. – O que é que vamos fazer?

– Ah, vai-te lixar. – Reviro os olhos um pouco indignada por o ter praticamente convidado para sair e ele ter a audácia de assumir que eu também iria organizar tudo. – Tenho de fazer tudo? Planeia tu mesmo.

Ele ri-se enquanto me afasto.

O Tom está à minha espera.

– Estás bem? – pergunta ele com um sorriso caloroso.

Aceno afirmativamente.

– Ele está bem?

A minha boca contrai-se enquanto olho para ele.

– Provavelmente, já estive melhor.

O Tom funga uma risada.

– Pobre coitado.

– Eu vou passar o dia com ele amanhã... Há problema? – E pergunto-me se a

veja ali por um segundo. É minúscula, quase impercetível, mas talvez haja uma nuvem de ciúmes a passar pelo rosto dele. Está ali por um segundo e desaparece no seguinte.

Então, o Tom encolhe os ombros com indiferença.

– Claro que está tudo bem. Não precisas de confirmar.

Aceno com a cabeça e ofereço-lhe um sorriso que me parece falso e forçado.

– Eu sei o que sou para ti – acrescenta ele como uma reflexão posterior.

Faço uma pausa e olho para ele.

– E o que eu sou para ti.

Ele acena com a cabeça uma vez.

– Certo.

Eu aceno em resposta.

– Certo.

– Estamos a terminar, não estamos? – pergunta o Tom depois de me observar por alguns segundos.

– Talvez. – Não me comprometo porque, por algum motivo, não me sinto totalmente pronta para me comprometer com a resposta. Provavelmente, estou apenas com medo de ficar sozinha de novo. – Não sei.

O rosto do Tom é difícil de ler, as emoções são um pouco ilegíveis nele e acho isso frustrante. Nunca me preocupei em ler as emoções dos homens com quem saí antes, exceto o BJ e o Christian, e sabia como os ler a eles porque os conheço desde sempre. Mas o Tom – que quero desesperadamente ler, que morreria para entender e para ouvir a sua mente e os seus pensamentos secretos sobre mim –, o Tom, para mim, fala como se fosse do Condado de Kerry com legendas em espanhol.

Acho que está irritado. Esse é o meu melhor palpite, a julgar pela forma como as sobrancelhas dele estão neste momento.

– O que é que não sabes? Vais voltar para ele.

– Vou? – pestanejo.

O sobrolho franzido aprofunda-se.

– Não vais?

– Eu... – Encolho os ombros, apenas.

– É o que queres – diz-me ele.

Aceno.

– Suponho que sim.

Ele acena com a cabeça novamente.

– Certo.

Eu aceno em resposta.

– Certo.

Mas não tenho a certeza se está tudo realmente certo.

BJ

Ela convidou-me para sair. Acho. Certo? Em frente do Tom. A sério, pensei que ia pirar quando o England disse um quarto e uma cama, mas depois ela convidou-me para sair?

Passei a tarde a planear o encontro com o Henry, que demonstrou grande paciência com tudo isto.

– Estou desejoso que esta saga termine. – Foi o seu motivo para o seu nível de investimento pessoal, mas, na verdade, acho apenas que ele nos ama.

Ama-me a mim e ama-a a ela e adora-nos juntos, tal como o resto da minha família. Eu fico menos descontrolado quando estou com ela. Mais enraizado. É estranho, eu sei, porque ela é a pessoa menos enraizada em toda a porra da Commonwealth, mas ela provoca simplesmente algo em mim. Não sei o quê.

Descemos as escadas para o restaurante, o de comida requintada. Eu prefiro sair para comer qualquer coisa, para ser sincero, mas a Parks adora um restaurante de hotel e ela é uma presença muito dominadora nas férias.

Automeada Capitã das Atividades, automeada Capitã da Cozinha (palavras dela, não minhas) e, em geral, Grã-Senhora Imperatriz das Férias (palavras minhas, não dela).

Ela já está lá em baixo com o Tom quando o Hen e eu chegamos. Mesa circular. Sento-me do outro lado dela e faço o possível para não olhar para a barriga dela com aquele top-sutiã Dolce & Gabbana que ela está a usar e que eu comprei só para os meus olhos verem. O resto do grupo chega aos poucos, com o Lorcs a ser o último a sentar-se porque está sempre atrasado para tudo, mas especialmente atrasado para as coisas onde quer fazer uma entrada, como com o Gus Waterhouse, por exemplo. Este é espetacular, a propósito. Ouvimos as suas histórias a noite toda. Elas são engraçadas e ridículas e ele adora o que faz e o pai da Parks é um doido nelas todas. Ainda o quero matar pelo que aconteceu no outro dia, mas as histórias sobre ele são engraçadas como o caraças.

– Não posso acreditar nessa cena do teu pai, Parks – diz o Gus por fim.

– A sério? – Ela pestaneja. – Tu não podes acreditar? – Ela deita-lhe um olhar. – Aquela vez em que tu e eu fomos almoçar e ele ficou no estúdio para uma «reunião» e quando voltámos havia uma atriz péssima a sair do prédio com o batom todo esborratado?

– Não – ele abana a cabeça. – Nisso posso acreditar, o que não posso acreditar é que ele tenha sido descarado o suficiente para ser apanhado, em público, com a tua ama...

Abano a cabeça, ponderando o que ele disse.

– Apanhado? Denunciado pela filha vingativa? É difícil de dizer.

Ela deita-me um olhar.

O Tom olha para a Parks.

– Porque é que tens uma ama?

Ela olha para ele, confusa.

– Hum?

Ele encolhe os ombros.

– É que tu... tens vinte e três anos.

Bem perguntado, Tom. Pergunta absolutamente válida. Eu mesmo questioneei isso um milhão de vezes ao longo dos anos. Por que raio é que a Parks precisava de uma ama quando estávamos no colégio interno a maior parte do tempo? Porque é que a Parks precisava de uma ama quando acabou o secundário e a Bridget estava num colégio interno? Porque é que a Parks precisava de uma ama quando a ama nunca cozinhava, limpava ou executava qualquer tarefa doméstica... que soubéssemos. Em retrospectiva, pode concluir-se que, na verdade, algumas tarefas foram... executadas, mas o seu valor doméstico pode ser debatido a esta altura.

– Quero dizer... Eu tenho vinte e dois – ela corrige-o e eu sinto-me aliviado por um instante porque ele não pode gostar assim tanto dela se nem sequer sabe quantos anos ela tem. – Mas sim, é uma pergunta sólida, Tommy. Porque é que eu tenho uma ama?

– Bem, quero dizer, acho que sabemos a resposta agora. – O Henry faz uma careta. – E é complicada, na melhor das hipóteses.

– Ah, deixa-te disso. – O Perry revira os olhos. – Ela parece-se com a Kate Winslet. Não é nada de estranho... Quero dizer, a mulher não se sabe vestir uma porra, mas esteve trancada no álbum de punhetas do Jonah durante anos.

O queixo da Parks cai no chão e o Jonah vai ficar muito feliz por não estar aqui, porque o que o Lorcs acabou de dizer é completamente verdade e o Jo morreria de vergonha por causa disso neste momento.

A Paili cruza os braços sobre o peito e inclina-se.

– Lembras-te de há cerca de um ano estarmos num evento, algo para a tua mãe, e termos ido à casa de banho e a Marsaili sair da casa de banho dos deficientes toda corada.

– Ó meu Deus! – A Parks inclina-se para trás.

Ela continua:

– E tu disseste: «Parece que ela acabou de ter um orgasmo». E a tua mãe andava a perguntar pelo teu pai. Aposto que eles estavam a foder na casa de banho.

Sufoco uma risada.

O Henry lança-me um olhar.

– Como se tu pudesses falar, meu. Já tiveste imensos orgasmos em casas de banho para deficientes.

– Ei – zombo eu. – Não é apenas nas dos deficientes, é em todas, eu não discrimino.

O Tom ri-se e eu tento chamar a atenção da Parks, para me certificar de que aquilo não a magoou muito, mas ela não me deixa descobrir.

O Perry ergue o seu copo de vinho.

– Nunca, mas nunca tive um orgasmo em público. – E todos os rapazes à mesa bebem. Eu, o Tom, o Henry, o Christian, o Lorcs e o Gus.

O Christian ri-se e acena com o queixo para mim.

– É melhor beberes esse copo inteiro, meu.

Ignoro-o, tentando reconquistar a Parks.

– E tu – diz o Christian, olhando para a Parks do outro lado da mesa – devias ter bebido um gole.

Ela pestaneja e inclina a cabeça para trás em surpresa.

– Desculpa?

A parte de trás do meu pescoço fica quente. O Tom também fica hirto.

– Todos nós sabemos que tiveste um orgasmo em público uma vez – diz ele para a mesa e eu franzo a testa para ele.

Será que sabemos todos?

– Vocês todos sabem? – repete ela, fitando-o com os olhos arregalados.

O Christian acena com a cabeça.

– Sim.

– Cala-te – sussurra a Paili para ele, baixinho.

– Bem, não tive. – Ela empina o nariz, portanto, teve.

Ele encolhe os ombros, indiferente.

– Só que tiveste.

– Eu nunca... – Ela tem as faces coradas. – Isso é tão indecente.

– Sim – zomba ele. – Estavas mesmo focada nas conveniências sociais na altura. – Ele deita-lhe um olhar e consigo ver que está um pouco bêbado. Ele gosta de a antagonizar um pouco quando está bêbado. Nunca lhe corre muito bem.

Ele não desvia o olhar dela.

– O bar em Paris. Tu e ele. – O Christian aponta para mim com o queixo e apetece-me bater-lhe por isso. – No canto de trás. A mão dele. Debaixo de uma mesa.

Foda-se. Ele não está errado, aquilo aconteceu. Pouco habitual nela ter-me sequer deixado. Foi uma noite muito boa.

Sinto a Parks ficar tensa ao meu lado – espero ser só eu a perceber porque eu e ela somos especiais, notamos essas coisas um no outro.

– Christian. – A Paili tenta dissipar a tensão crescente e revira os olhos com desdém. – Como é que tu poderias saber?

E então, olhando diretamente para os olhos da Magnolia, ele diz:

– Porque eu sei como ela fica quando está a ter um orgasmo.

O Henry fica boquiaberto a olhar para ele.

– Que porra é essa, meu?

Eu abano a cabeça, boca contraída.

– Detesto isso...

O Tom está a olhar para a mesa.

– Também não posso dizer que seja fã...

A Paili não pode acreditar, os olhos do Perry estão prestes a cair das órbitas e o Gus está a observar com um fascínio curioso. Eu devia bater no Christian por aquilo, provavelmente. Sei que devia. Se fosse qualquer outra pessoa fá-lo-ia. Mas também me sinto furioso com ela. A culpa não é dela, eu sei. Mas, pensando bem, foi ela quem teve um orgasmo com o meu melhor amigo, portanto.

A Magnolia está paralisada, a olhar para a mesa. Há um maldita tensão estranha entre eu nunca querer que ela se sinta como o Christian a fez sentir agora – completamente exposta e envergonhada e essa merda toda –, mas também não me querer lembrar nunca do que aconteceu entre ela e ele. E quando eles me obrigam a pensar nisso, as regras parecem voar pela janela e isso faz de mim um pedaço de merda, provavelmente, mas não tenho nenhuma vontade de a defender naquele momento.

Afasto-me da mesa.

– Vou buscar uma bebida...

O Tom olha para o Christian.

– Sim, eu vou contigo.

O England e eu chegamos ao bar. Sopro o ar pela boca. Peço duas doses de Casamigos Repasado e deslizo uma na direção dele. Bebo silenciosamente.

O Tom encara-me por alguns segundos.

– Que merda foi aquela?

Olho para trás, por cima do ombro, e evito fitar os olhos da Magnolia enquanto ela me observa a mim e ao England, nervosa.

– Eles namoraram.

O Tom recua surpreso.

– Certo. Quando?

Inclino a cabeça, pensando.

– Não muito depois de nós acabarmos.

– Uau. – Ele pestaneja muito.

– Sim. – Fito o Christian, rangendo o maxilar. – Uau.

Passam-se alguns minutos antes de a Parks se aproximar de nós, cautelosamente.

O Tom oferece-lhe um sorriso fraco.

– Estás bem?

E merda para ele por ser um tipo melhor do que eu ao perguntar-lhe aquilo. Eu devia ter-lho perguntado, mas ainda estou lixado com ela por tudo. E, de qualquer maneira, ele não a ama como eu.

Ela acena com a cabeça, mas é pouco convincente na melhor das hipóteses.

– Queres que eu lhe bata? – ofereço, querendo ser um tipo tão porreiro como o Tom.

Ela funga uma risada.

– Sim. – Mas então franze a testa para mim. – Não. Era uma piada. Por favor, não.

Dou-lhe um olhar.

– Ele merecia.

Ela encolhe os ombros.

– Ele só está bêbado. Sabes como ele fica.

– O quê? – zomba o Tom. – Amargo e beligerante?

– Idiota – sugere a Magnolia.

A Parks parece exausta e eu aceno com o queixo para ela.

– Devias ir para a cama. Grande dia amanhã...

– Sim? – Ela sorri para mim.

Aceno uma vez. Olho para o Tom, tentando não me encolher.

– Obrigado por me emprestares a tua namorada amanhã.

Ele funga uma risada e engole em seco.

– Claro, meu. Certifica-te apenas que a trazes de volta inteira.

Então, ele coloca o braço em volta do pescoço dela, como eu faço, e leva-a para o quarto deles. Ela olha para trás, para mim. Dou-lhe uma pequena piscadela.

Ela parece cansada de um modo diferente agora, mas sorri para mim de qualquer forma.

23:54

Christian

Porque é que disseste aquilo?

Porque é verdade, Magnolia.

Que parte?

Tudo.

Tu tiveste e eu sei.

Estás a tentar magoar-me?

Não.

Estás a tentar magoá-lo?

Qual deles, Parks?

Uau.

Tu e a Daisy discutiram?

Vai-te lixar.

Oh, isso é tão engraçado...

Tinha a impressão de que
já o tinhas feito.

Magnolia

Estou deitada à beira da piscina. O Tom foi correr. O BJ ainda não acordou. O Gus está ao meu lado, mas tem os fones nos ouvido e não me está a prestar atenção, o que significa que o meu novo top de biquíni Sole em algodão mil-raias, bordado, em triângulo e alça única da Marysia, que combinei com a cueca reversível recortada Broadway, está a ser completamente desperdiçado no homem *gay* desatento ao meu lado.

Uma sombra cai sobre mim e, com um olho aberto, olho para cima.

O Christian Hemmes está a olhar para mim. Está vestido com a camisa Palm Angels preta e branca de manga curta com logótipo toda aberta e calções de banho Balmain com cordão. Tem a cara tão séria como sempre. Sobrancelhas franzidas. Maxilar cerrado, mas ele está sempre com o maxilar cerrado.

– Porque é que tens sempre o rosto tão sério o tempo todo? – perguntei-lhe uma vez quando estávamos juntos e ele segurou-me o queixo entre os dedos e, por um segundo, todo o seu rosto se iluminou.

– É um assunto sério, amar-te.

Mas essa não era a razão – mesmo naquela época eu sabia disso. É o que quer que seja que ele faz. Todas as coisas que estes rapazes escondem de mim, todos os boatos sobre os Hemmes que eles acham que eu não sei, todos os rumores que são verdadeiros – é por isso que ele está sério.

O Christian toca-me suavemente com o dedo grande do pé, apontando para a espreguiçadeira ao meu lado.

– Posso-me sentar aqui?

– Ah, claro. – Aceno com a mão de modo desinteressado. – No entanto, é melhor teres cuidado, pois sou conhecida por ter orgasmos espontâneos em público. Ah, espera, não, tu sabes qual é o aspeto deles. Não vais ter problemas.

Ele vira a cabeça para o céu e suspira.

– Não sejas cabra.

Olho para ele de sobrelance arqueadas.

– Perdão?

Ele vira-se para mim.

– Desculpa.

Deito-lhe um olhar incisivo, cruzando os braços sobre o peito.

– Acho bem.

Ele grunhe, recostando-se na espreguiçadeira. Observo-o por alguns segundos e, então, abano a cabeça.

– Porque é que fizeste aquilo?

Ele enfia as mãos nos cabelos enquanto cerra o maxilar.

– Não sei.

Sabe sim, e eu também. Estes pequenos surtos dele não são nada de novo. Ele nunca me perdoou realmente. Pode ter sido ele quem acabou, mas a culpa foi minha e ele culpa-me por isso desde então.

– É divertido – encolhe os ombros – lixar-te a cabeça.

– Oh. – Aceno com a cabeça, de olhos arregalados. – Excelente.

Ele dá-me uma olhadela.

– Tu sabes o que eu quero dizer.

Olho para ele.

– Não, Christian, não sei. Não gosto de lixar a cabeça às pessoas.

– A sério? – Pestaneja. Eu inclino a cabeça e ele fita-me, um pouco incrédulo.
– Tu não gostas de lixar a cabeça às pessoas? – As sobrelance dele estão erguidas, os olhos escurecidos e eu consigo dizer, antes de ele começar, que ele está prestes a atacar novamente. – Tu namoraste, tipo, cinco gajos nos últimos dois anos e meio, não contando comigo, e não estavas a lixar-lhes a cabeça?

Abro a boca para falar, mas ele interrompe-me.

– Tu andavas a brincar comigo.

– Não, não andava...

– Então, o que é que estavas a fazer? – Pergunta ele, sentando-se e girando as

pernas para me encarar.

Semicerrou os olhos.

– Tu sabes o que eu estava a fazer.

– Não. – Ele abana a cabeça. – Eu sei o que eu estava a fazer. – Ele dá-me um olhar que me dá vontade de chorar. – Tu... não faço a mínima ideia.

Desvio o olhar, cansada. Não consigo vencer esta luta.

– Já acabaste?

– Não. – Ele abana a cabeça de modo desafiador. – E o Tom?

Reviro os olhos, cruzando os braços.

– O que tem o Tom?

– Estás ou não estás com ele?

Deixo escapar uma risada melancólica, abanando a cabeça. Eu devia simplesmente mentir. Já não sei qual é a resposta a esta altura.

– E o que é que tu tens que ver com isso?

A cabeça do Christian recua.

– O que é que eu tenho que ver com isso? – As sobrancelhas dele erguem-se.
– A sério?

Os meus olhos são duas fendas agora.

– Sim, a sério.

Ele projeta o maxilar.

– És uma bela peste, Parks. Sabes disso?

– Qual é o teu problema? – Encaro-o. – Eu não fiz nada.

Ele solta uma risada vazia e desvia o olhar de mim e isso faz-me sentir estranhamente culpada e exposta, mas acho que a culpa é dele, não minha.

Ele levanta-se, abanando a cabeça.

– É engraçado, acho que a única pessoa que pensas que não estás a lixar é o Beej, mas estás. Andas a foder-lhe a cabeça e ele anda a foder a tua. Ele também anda simplesmente a foder tudo. Toda a gente, o tempo t...

– Devias ir-te embora, meu – diz o Gus, levantando-se.

– Devia? – O Christian sorri.

– Sim. – O Gus acena com a cabeça. – Falas muito sobre ela, armado em grande homem, quando o teu irmão não está aqui para ter pôr na linha.

O Christian funga uma risada seca, desviando o olhar porque o que o Gus disse está carregado de verdade.

– Vai. – O Gus acena com o queixo na direção oposta de nós. – Pisga-te daqui e acalma-te.

O Christian não olha para mim enquanto se afasta. Eu viro-me e olho para o Gus que se eleva acima de mim.

Ele senta-se novamente, observando-me com atenção por alguns segundos.

– Estás bem?

– Oh, sim. – Fungo e abano a cabeça porque na verdade não estou, ainda que a minha boca diga o contrário. – Ele está furioso comigo há cerca de dois anos, portanto... não é novidade.

Ele acena com a cabeça algumas vezes, olhando para a piscina.

É tão dramático aqui, com os olivais que se estendem até à praia, a qual entra pelo mar Egeu. É um tipo de drama muito mais agradável do que a minha vida amorosa, a qual também é dramática e está provavelmente cheia de coisas que eu deveria ter feito de modo diferente, com oceanos de medos e arrependimentos tão profundos que rivalizariam com o Challenger.

– Então – diz o Gus –, quantos homens aqui estão apaixonados por ti? – Ele olha para mim. – Pelas minhas contas, são três.

Reprimo um sorriso.

– Essa é a tua maneira de me dizeres que não estás apaixonado por mim, Gus?

Ele passa a língua pelos dentes, divertido.

– Eu e o outro *gay* somos imunes, e o irmão também. O Irmão Ballentine, não o Irmão do Chefe de Gangues. O Irmão do Chefe de Gangues...

– Acho que eles não gostam desse termo – interrompo.

Ele encolhe os ombros, indiferente.

– Provavelmente, não se deviam ter tornado chefes de gangues, então. –

Pausa. – Ele gosta de ti, sim?

– Não sei. – Encolho os ombros, recatadamente.

Ele fita-me.

– Sabes, sim.

Coço o queixo enquanto semicerro os olhos para ele antes de responder com cuidado.

– Já me perguntei.

O Gus considera a minha resposta.

– Ele sabe?

Franzo os lábios.

– Quem?

Ele deita-me um olhar.

– Qualquer um dos que tu gostas.

Inspiro de modo controlado e depois expiro.

– O Tom perguntou-me sobre isso... Eu disfarcei. E suspeito que o BJ tenha de o ignorar a todo o custo para que o nosso grupo funcione... mais ou menos.

– E tu? – Ele acena com a cabeça para mim. – O que é que sentes por ele?

– Pelo Christian? – Faço uma pausa. A pergunta pesa-me no peito por um momento e a verdade borbulha dentro de mim como uma lata de Fanta sacudida. – Eu amei-o em tempos. – Nunca disse isto a ninguém além do Christian. Não sei porque é que estou aqui a dizê-lo ao August Waterhouse. Encolho os ombros. – Apenas nunca o amei tanto como ao BJ.

– Já amaste alguma coisa tanto como ao BJ?

Mexo-me com desconforto e evito cuidadosamente os olhos dele, enquanto observo as paisagens maravilhosas em meu redor. Como o Egeu está azul hoje!

– Eu sei sobre o Tom, a propósito – diz-me o Gus enquanto me observa. – O que vocês estão a fazer...

Olho para ele, franzindo a testa.

– Nós combinámos que não contávamos a ninguém!

Ele funga uma risada.

– Ele não me contou.

Oh, merda.

Acho que o Gus vê a expressão no meu rosto. Ele agita a mão para a dispersar.

– Por favor. O Tom beija a Clossy, o que presumo que tu saibas, certo? – Ele não espera pela minha resposta. – E, então, uma semana depois, do nada, ele está a namorar com a miúda mais famosa de Londres, que por acaso tem um historial de namoros em série, está recentemente solteira e nunca cortou os laços com o ex? É suposto pensarmos que é uma coincidência?

Franzo a testa para ele.

– Como é que sabes sobre a Clara e o Tom?

Ele encolhe os ombros.

– Apanhei-os juntos.

Algo naquilo faz-me sentir estranha.

Algo no facto de alguém ver o Tom tocar na Clara torna a situação mais real do que antes, quando era uma coisa que aconteceu uma vez, de uma forma teórica, algo que o Tom me contou e que eu nunca contaria a ninguém. O facto de alguém os apanhar dá vida à situação de uma forma que não gosto muito. Eu quero que seja algo abstrato, em 2D, no papel. Como a Dora de Picasso. Verdadeiro, mas distante, real, mas não realmente.

O Tom a tocar noutra pessoa não me devia fazer sentir estranha, eu sei. A minha boca não devia ficar seca, as minhas mãos não deviam ficar húmidas e o meu ritmo cardíaco devia estar regular.

O ponto é esse. Estamos a fazer isto porque cada um de nós gosta de tocar noutras pessoas e não o devíamos fazer, portanto, estamos aqui. É por isso que chegámos a onde chegámos. Contudo, neste momento, aquilo que estou a sentir é ciúmes.

Sinto a respiração mais pesada do que gostaria. Espero que o Gus não perceba.

– O plano é excelente – diz-me ele, abanando a cabeça. Sinto-me feliz e aliviada por ter atirado areia para os olhos dele.

– Há apenas uma grande falha. – Ele olha para mim.

– Oh?

– Ele está a apaixonar-se por ti e tu por ele.

Foda-se. Estou? Estamos? Não sei. Contudo, não quero de modo nenhum que ele saiba que não sei, portanto faço um som de *pffft*.

O Gus ignora-me.

– Tu está a apaixonar-te por ele, ele está claramente interessado em ti e, ao mesmo tempo, tu ainda estás apaixonada pelo BJ e o Tommy ainda está apaixonado pela Closs. Então, isto está a preparar-se para ser... – Ele bate palmas uma vez. – Horrível! Mesmo muito mau. Um desastre iconoclasta, titânico, até.

Olho com irritação para ele.

– Tu és... um grande sabichão.

– Eu sei. – Ele encolhe os ombros enquanto coloca os óculos escuros. – Horrível, não é?

– Estás errado, a propósito – digo-lhe.

– Estou? – Diz ele, sem se incomodar sequer em olhar para mim. – Porque parece-me que não estou.

– Bem, estás.

Ele dá-me um grande sorriso com as sobrancelhas erguidas.

– Veremos quando voltares do teu encontro com o teu ex-namorado e fores para a tua suíte romântica no hotel romântico, que partilhas com o teu namorado atual, que é supostamente falso, mas cada vez menos a cada segundo, atrevo-me a dizer...

Reviro os olhos.

– ... que diz que não se importa que vás passar o dia com o teu ex-namorado, mas que está neste momento a correr uma meia-maratona «só por diversão».

Encolho os ombros sem dar importância.

– E depois? Ele gosta de correr...

– O Tom detesta correr.

Ele não tira os olhos do livro *This is Going to Hurt*, de Adam Kay.

Respiro de modo audível.

– Isso não significa que é por minha causa.

– Ah, vai-te lixar. – O Gus revira os olhos. – Estes tipos estão todos malucos por tua causa.

Franzo a testa.

– Isso não é um elogio.

Ele levanta as sobrancelhas e deita-me uma olhadela.

– Não o disse como se fosse.

BJ

Estou nervoso como o caraças, o que é uma loucura; já passei mais tempo com a Parks do que com qualquer outra pessoa no planeta. Nós crescemos juntos. Ela já me viu nu; eu já a vi nua. Ela viu-me cair, partir ossos, viu-me chorar, vomitar em cima de mim mesmo, com uma *overdose* – ela já me viu no meu pior e eu já a levei a um milhão de encontros ao longo das nossas vidas e, ainda assim, estou a suar em bica por causa deste.

Porque acho que é muito importante. Não sei, ainda não conversámos sobre isso. Mas parece uma mudança. Como um «Vento de Leste», para citar a minha outra miúda favorita.

Tipo talvez... não sei... talvez estejamos a acontecer... outra vez? Foi estranho tentar planear isto para ela – estamos na porra da Grécia, voámos até cá no jato privado do namorado piloto dela. Quando éramos bebés, levei-a a Espanha no nosso avião privado para o nosso primeiro encontro a sério. Há algumas semanas, levei-a às compras na Avenue Montaigne porque me apeteceu. Ela acha que a Evian sabe a mijo, mas é «boa o suficiente para lavar a cara num aperto». O Elton John deu-lhe praticamente a porra do Diamante Hope no aniversário dela no ano passado...

Luxo não basta. Luxo é o habitual para ela.

E o que quer que isto seja – o que quer que esteja para acontecer – é uma janela finita, eu sei.

Como se o universo tivesse acabado de me dar a máquina do tempo pela qual rezei todo este tempo e me estivessem a dar outra oportunidade. E é um tiro difícil.

Tenho de pôr o desastre em que nos tornámos a fazer ricochete na luz cintilante do que éramos e a aterrar no que poderíamos ser novamente. Com ambos os olhos fechados e uma mão atrás das costas.

Esta é a minha última jogada e tem de funcionar.

Estou à espera dela na receção. Ela está atrasada. Sempre. Então, pego no

meu livro e leio algumas páginas até que um par de pernas compridas aparece à minha frente.

Ela tira-me o livro da mão e vira-o. *O Príncipezinho*.

– Estás a ler isto de novo?

Tem o cabelo solto, a pele muito morena e os olhos muito brilhantes. Tem um *top* que só usa nas férias com um biquíni lilás por baixo. Aceno com a cabeça, tentando não sorrir para ela como um puto porque adoro vê-la de lilás.

– Leio-o todos os anos.

– Eu sei – diz ela pestanejando, irritada. – O que é que te está a dizer desta vez?

– Que fui domado.

– Por quem? – Ela pestaneja e eu sei que ela sabe.

Olho para ela, com um olhar mais firme do que o meu coração se sente.

– Por ti.

As faces dela ficam coradas e eu fungo, divertido e satisfeito. Levanto-me.

– Vamos.

E, então... paro de repente.

– Estás a usar ganga? – Não posso acreditar.

Conheço-a há quase vinte anos e nunca a vi com um par de *jeans* na vida. É um tecido de «trabalhadores», diz ela.

– Calções de ganga, ainda por cima. Com buracos. – Ela sorri, orgulhosa. – Gostas?

Sinto-me constrangido por um segundo, sinto as minhas faces ficarem coradas.

– Gosto de ti com qualquer coisa – digo-lhe e ela parece eufórica, portanto, eu sinto-me eufórico. Caminho alguns passos à frente dela e depois viro-me. – Também gosto de ti sem nada...

Ela engole em seco, segue-me e alcança-me depois de uma pequena corrida.

Gosto da sensação dela a correr atrás de mim.

Equilibra a desigualdade do campo de jogo por um segundo e meio.

Ela segue-me até à rua e entramos na parte de trás de um carro que está à nossa espera. Ela desliza para o assento do meio; eu subo para o seu lado. Ela está nervosa. Consigo senti-lo nela, um campo elétrico de energia ansiosa.

Ela está a olhar para frente, contorcendo a boca para o nada. Ou para tudo, talvez? Gosto quando ela se sente assim, gosto de conseguir fazê-la sentir-se assim.

– Estás bem? – pergunto, olhando para ela.

Ela olha para mim e acena com a cabeça.

– Estás nervosa?

Ela faz uma pausa, engole em seco. Acena novamente e eu lanço-lhe um pequeno sorriso.

– Eu também.

Aquilo deixa-a contente. Ela puxa pela gola da minha camisa preta. Esta tem flores vermelhas e cor-de-rosa e folhas de palmeira. Comprei-a na semana passada, enquanto pensava nela a despir-ma.

– Gucci? – pergunta ela, mas já o sabe. Eu aceno, tentando ter estilo. – Preto e verde, popelina com um estampado de sonhos. – Ela esfrega o material entre os dedos. – Mistura de viscose e seda.

Não faço ideia. Ela podia estar a falar em russo. Não faço ideia do que raio está a dizer, mas o que sei é que o dedo indicador e o polegar dela deslizam por baixo da minha camisa e ficam ali – a mão dela no meu peito.

Engulo em seco, olhando para ela. Os seus olhos não se movem, permanecem fixos nos meus. A mão dela também não se move e eu devia beijá-la. Eu sei que devia beijá-la. Quantas vezes é que não a vou beijar, perguntas tu – é uma pergunta justa e a resposta é difícil de definir.

Penso em beijar a Magnolia Parks mais do que penso em qualquer outra coisa no mundo, literalmente. É o meu pensamento preferido quando a minha mente tem um minuto de sobra.

Beijos reais que aconteceram, beijos hipotéticos que poderiam ter acontecido, beijos que deviam ter acontecido, beijos completamente fabricados e que flutuam simplesmente na minha mente quando estou à espera de um café. Pensei em beijá-

la tantas vezes desde a última vez que a beijei que, aqui, agora, quando provavelmente poderia, não consigo.

Porque há demasiado em jogo. Não posso apressar isto. Não posso perder o controlo. Não posso pensar com a pila. Hoje tenho de temperar o quanto a amo. Baixar o lume para um fervilhar saudável.

Ela pode tocar no meu peito, já o faz quando bebe de mais de qualquer maneira. Metade das vezes em que dormimos na mesma cama eu acordo a meio da noite com ela aconchegada contra mim e nunca falámos sobre isso. Nem sei se ela sabe que o faz e não lhe quero contar se não souber porque não quero que pare.

Ensinei-me a viver dentro das paredes dos nossos toques estranhos – é disfuncional como o caraças, eu sei –, mas se estar com ela era heroína, o que temos agora é metadona. Não é a mesma porcaria, mas mantém os monstros longe.

Se a beijar, estou perdido. Estou perdido de qualquer maneira.

O carro para e saímos para um cais. Há um Rivamare à espera na ponta. Não é exatamente o mesmo barco de antes, é mais novo e mais sofisticado, mas funciona, consigo vê-lo nos olhos dela.

É talvez egoísta, admito. Foi apenas o meu dia favorito de toda a minha vida.

Não vou fazer sexo com ela no barco – prometo. Mas não ficaria chateado se ela se lembrasse daquela vez no barco e tentasse fazer sexo comigo...

Mas, na verdade, só quero ficar sozinho com ela algures. Não interessa onde. Vamos entrar no barco. Tenho mantimentos para o dia. Há algumas praias que o Henry e eu encontrámos. Tudo isso é periférico em relação a ela e eu.

Subo para o barco primeiro, pego na mão dela e puxo-a comigo. Os nossos olhos fitam-se. Aquela parede de vidro que ela põe sempre entre nós não aparece. Ela não me larga a mão.

Engulo em seco, pigarreio e largo a mão dela. Ela não fica magoada por eu o fazer – os seus olhos suavizam-se –, acho que ela acha engraçado.

Dirijo-me ao leme do barco.

– Achas que te vou cozinhar e comer? – diz ela atrás de mim.

Olho para trás e abano a cabeça, sorrindo.

– Não, apenas lixar-me.

Ela prende uma madeixa de cabelo atrás das orelhas e coloca-se ao meu lado. Desabotoa os calções, tira-os e chuta-os para longe. Não desvia os olhos de mim enquanto o faz.

Humedeço o meu lábio inferior, deito-lhe um olhar e acelero pelo mar.

Paramos um pouco ao largo de uma pequena praia – Drymiskos ou algo assim, acho? Areia branca, água da cor dos olhos dela e mais ninguém no espaço de vários quilómetros. Ela está a comer um pouco de queijo porque tem sempre o apetite de um pássaro, exceto quando está bêbada e, então, tem o apetite de um monstro marinho.

Ela olha para mim.

– Então, é este o teu grande encontro? Um barco, charcutaria e champanhe? – Encolhe os ombros. – Um pouco básico...

Abano a cabeça.

– Um barco, charcutaria, champanhe e a tua coisa favorita no mundo...

Ela ergue as sobrancelhas esperando pela revelação.

– Ah, sim?

Aponto para mim mesmo. Ela revira os olhos.

– Não sou? – pergunto, esticando o queixo.

Ela sustenta o meu olhar e bebe o champanhe. Estende o copo para eu a servir.

– Sou – digo-lhe.

Ela revira os olhos novamente, mas aproxima-se mais de mim.

– Então, isto é um encontro? – pergunto, inclinando a cabeça para ela.

– Não é?

Encolho os ombros, mais tímido do que gostaria de estar.

– Não falámos sobre isso.

– Quero dizer – abana a cabeça, considerando tudo –, não é um grande encontro.

– Ei – atiro-lhe um figo e ela ri-se.

Ela está feliz, consigo perceber. Come o figo que lhe atirei e limpa a boca com a mão.

– Como é que o Tom se sente em relação a nós num possível encontro? – pergunto, genuinamente curioso.

Ela inspira, solta o ar e franze a boca.

– Ele é um pouco mais velho do que nós...

– Não do que eu – interrompo para esclarecer.

– Ele tem trinta e um.

– Eu tenho vinte e cinco – recordo-a. – Não é muito mais velho.

Ela revira os olhos, mas não discute comigo.

– Na verdade, acho que neste ponto o que ele gostaria mesmo era que eu percebesse o que existe... entre nós.

E não posso deixar de revirar os olhos, porque, porra para ele. A sério. E digo-o com sinceridade. Porra para ele por ser um homem às direitas, lendário, que é altruísta, atencioso e amável, e porra para ele por me fazer parecer um idiota no meu próprio encontro com a miúda que talvez estejamos ambos a namorar, mas que eu amo mais.

– Tu costumavas gostar dele – recorda-me ela gentilmente.

Solto uma risada, divertido.

– Ainda gosto dele, o sacana bajulador. – Abano a cabeça, pensando. – Era muito melhor quando tu só saías com falhados.

Ela acena com a cabeça.

– O Tom não é um fracasso.

E aquilo incomoda-me um pouco, mas é em cima das minhas pernas que as pernas dela estão descontraidamente apoiadas, desculpa, England.

O nosso dia decorre assim. Dentro e fora de água, a beber um bom vinho e a comer um bom queijo. Se eu fechar os olhos, poderíamos estar juntos, ser aquilo que éramos antes, nalgum lugar distante, ainda declaradamente apaixonados e pertencendo um ao outro. Ela e eu aproximamo-nos cada vez mais, as razões para

nos tocarmos caem no esquecimento e começamos a tocar-nos só porque sim. Eu seguro-a pela cintura, prendo-lhe o cabelo atrás das orelhas, apoio o meu queixo na cabeça dela. As nossas mãos tocam-se, estamos sentados tão próximo que ela está quase em cima de mim. Vamos ficar juntos novamente, tenho a certeza da trajetória agora. Ela ama-me, quer estar comigo, consigo ver que quer. Estou a vê-la escalar os muros que construiu em seu redor, a derrubar os velhos bloqueios, à procura de um lugar seguro para descansar. Ela tem a cabeça no meu colo enquanto olha para cima e, então, pergunta-me a pior coisa.

– Beej?

– Hum – digo, olhando para ela.

– Porque é que o fizeste?

Pestanejo algumas vezes. Eu sei o que ela está a perguntar. Não sei como responder.

– Trair-te, queres dizer? – esclareço sem motivo.

Dói-me dizer aquilo. Dói-lhe ouvi-lo. Eu devia ter previsto isto. Foda-se, porque é que marquei um encontro com tanto tempo de conversa? É claro que ela ia falar nisto.

Será que vai perguntar com quem outra vez? Odeio quando ela me pergunta com quem. A relação dela com a Taura já está em frangalhos e acho que não importa – não importa quantas vezes lhe diga que não foi com ela, porque a Parks não acredita, e não importa, porque acabou.

A Parks fita-me nos olhos.

– Porque tu amavas-me, eu sei que amavas...

Aceno com a cabeça. Eu amava, ela tem razão. Não parei de a amar.

– E quanto mais penso nisso, mais tenho a certeza de que não o farias sem um motivo...

– Parks... – Abano a cabeça. Sinto-me maldisposto.

– Eu sei que não o farias – insiste ela.

Sinto-me tonto.

– Então, qual foi o motivo? – Os olhos dela parecem desesperados.

– Eu estava bêbado – digo-lhe.

Ela abana a cabeça, insatisfeita.

– Isso não é uma razão.

Encolho os ombros, desesperado.

– É sim.

Ela abana a cabeça, inflexível. Está sentada agora, de frente para mim.

– Não, tu já tinhas estado bêbado em festas antes sem mim; nunca terias sequer olhado para outra miúda. Teve de haver outra coisa.

Levanto um ombro, à laia de desculpa.

– Não houve...

Ela abana a cabeça.

– Não, estás a mentir-me.

– Não estou.

Estou sim.

– Estás sim...

– Não estou... – Insisto porque não posso.

Gostava de poder, mas não posso.

– Beej... – Ela procura os meus olhos. – Preciso de perceber porque é que fizeste o que fizeste para o poder processar adequadamente e ultrapassá-lo, para que não me mate para sempre, para não te atirar isso à cara para sempre. E sei que tu nunca me magoarias só porque sim, portanto, diz-me, por favor. – A voz dela soa baixinho e acho que ela me está a matar. – Porquê?

Humedeço o meu lábio superior e não a consigo olhar nos olhos porque sei o que estou prestes a fazer. Sei como isto a vai magoar, afundá-la como uma bola de bilhar.

Mas digo-o na mesma.

– Porque quis.

Aquilo atinge-a como eu sabia que iria atingir.

É como uma flecha no centro dela e eu observo como isso a muda ali mesmo,

no local. Como se eu tivesse acabado de deixar cair uma pedra no meio de um lago e agora tenho de ver as ondas emanarem dela.

Ela encolhe o estômago com o golpe, de ombros curvados. Os seus olhos desviam-se dos meus; o rosto dela desmorona-se e ela vira-se de costas para mim.

Muralhas levantadas, armadura vestida, espada em punho.

– Leva-me de volta – diz ela para a água. – Agora.

– Parks... – Estendo a mão para ela, mas ela sacode-me com tanta violência que me deixa atordoado.

– Agora – exige ela em alto e bom som.

E, com aquilo, a janela finita fecha-se.

A máquina do tempo que o universo me deu incendeia-se e desmorona sobre si mesma.

O tiro difícil falha. O desastre do que nos tornámos passa velozmente pelo que éramos, gira algumas vezes em volta do ralo do que poderíamos ser e depois inclina-se para o lado e cai exatamente onde não queremos estar.

Lixei a minha última jogada.

E isto não funcionou de modo nenhum.

Magnolia

Estou humilhada. Completamente, completamente, totalmente, totalmente humilhada. Os limites da minha visão escureceram assim que ele disse aquilo: porque quis.

Senti o meu peito ficar apertado. A minha respiração desregulou-se. Acho que tive um ataque de pânico. Acho que ele tentou ajudar-me... E eu afastei-o, acho? Acho que o arranhei quando lutei com ele para não me tocar.

Não me lembro, na verdade. Tudo parece um pesadelo estranho agora. Lembro-me de que me sentei na outra ponta do barco, o mais longe possível dele até voltarmos para o cais.

Sentei-me à frente, no banco do passageiro do carro, no regresso para casa. O carro parou na entrada do hotel e lembro-me de o BJ chamar o meu nome quando eu abri a porta e fugi a correr dele o mais depressa que pude.

Parecia que os meus olhos estavam a sangrar e o meu coração parecia que ia cair.

E é com aqueles olhos e aquele ar de destroçamento absoluto que irrompo pelo quarto.

O Tom está na varanda. Vinho tinto – ele gosta de tinto, eu gosto de branco. O BJ bebe o que quer que eu goste de beber, mas o Tom bebe um de cada.

Ele deita-me uma olhadela e em dois passos cruza a distância. Tem as sobrancelhas franzidas e os seus olhos brilham com uma preocupação que contém demasiada gentileza para mim neste momento. É como a versão de contacto visual de um estranho amável com uma excelente franja a perguntar se estás bem no meio da loja da Cartier, quinze dias depois de o teu namorado te ter traído, e tu teres começado a chorar de modo tão incontrollável e histérico que nem sequer consegues responder à Emma Thompson e, então, ela abraça-te apenas e acaricia-te o cabelo – é esse o tipo de olhar que o Tom me dá agora.

Isso, mas mais. Ele está preocupado comigo, dá para perceber. Está triste por

mim e quer magoar o BJ. Não percebe o que aconteceu. Precisa de fazer com que eu me sinta melhor.

E, em retrospectiva, quando eu olhar para trás para este momento daqui a algum tempo, é aqui que vou marcar – anotar, vincar o momento na minha mente – que isto, aqui mesmo, é quando a estrutura molecular de quem o Tom England é para mim vai começar a mudar.

Não em breve, ao jantar, quando ele quase lutar com o BJ, não quando ele se colocar à minha frente, protegendo-me do rapaz que me partiu, parte e continua a partir o coração, incapaz de aprender e de ser treinado, não mais tarde esta noite, quando eu o puxar para o nosso quarto de hotel com mãos apressadas e uma mente ansiosa por esquecer e fazer sexo com ele, mas aqui, agora, com os olhos dele em mim, assim, vendo as fendas na minha expressão antes de eu as ver, antecipando-as com as mãos no meu rosto, tentando recompor-me, mas sem conseguir.

– Ei, ei, ei – diz ele, tentando impedir-me de chorar. – O que é que aconteceu?
Não respondo, apenas choro.

– Magnolia? – pergunta ele, mas, mais uma vez, eu não respondo, portanto, ele segura-me. Enquanto eu choro por outro homem. Homem não, rapaz. O BJ não é um homem. Na realidade, é apenas um rapaz.

O Tom afasta-se, procurando os meus olhos. Usa ambos os polegares para me limpar as lágrimas. Faz uma careta.

– O encontro não correu como planeado?

Consigo abanar a cabeça e ele acena apenas com enquanto me abraça – envolve-me como um manto, segurando-me contra ele até o tremor no meu peito parar.

Há coisas que eu devia dizer.

Devo-lhe mais informações, mas não lhas quero dar por receio do que elas dizem sobre mim – quão dispensável sou até para a pessoa que pensei que me amava mais do que todos os outros.

Porque quis.

O Tom abana a cabeça.

– Eu disse-te que ele era um idiota.

Eu aceno.

– Ele deixou-te assim tão triste? – diz. Não é realmente uma pergunta, é mais uma declaração apenas. Uma aceitação da verdade que ele não compreende realmente e, francamente, nem eu.

– Eu dou cabo dele, se quiseres.

– Quero – digo-lhe, impassível.

Ele ri-se e eu fungo uma risada e o modo como que ele olha para mim, o sorriso que me dá, faz-me imaginar – que se eu fosse capaz de escolher, capaz de ler a mente dele de todas as formas em que não sou – que talvez, para ele, seja neste momento que eu começo a ser outra coisa, pelo menos de uma forma da qual ele está consciente.

O sorriso atravessa-lhe todo o rosto, enrugando-o, mas é a razão pela qual ele me dá aquele sorriso que me emociona, o modo como ele fica feliz por me ter feito sentir melhor por um segundo. Consigo ver nele uma necessidade cada vez maior de tornar as coisas melhores para mim, de me livrar de tudo o que há de mau na minha vida. Vi um vislumbre disso nele naquele dia com o meu pai, mas aqui está agora, a florescer para uma espécie de plenitude, a passar de uma preferência para uma necessidade. Para ele ficar totalmente bem agora eu também tenho de estar.

É uma mudança peculiar e sem palavras que acontece entre nós, algo que é indefinível e desconhecido para mim.

Será que tenho sentimentos por este homem? Ou será que ele acabou de ser promovido ao meu lugar mais seguro? Será que essas duas coisas podem ser mutuamente exclusivas? Não sei. Não sei se tenho e não sei se podem. O que sei, contudo, é que me sinto mais segura nos braços dele do que fora deles.

E sei que ele cheira a manhãs de domingo. Lentas, fáceis, descomplicadas. Como café fresco. Toalhas novas e um quarto inundado de luz. Musgo de carvalho, pachuli, bergamota, lavanda. E se o Tom cheira a uma manhã de domingo, então, o BJ cheira a uma noite de sábado passada nas urgências – não penses no BJ – e eu adorava não continuar a estar nas urgências.

Ele acena com a cabeça na direção da porta.

– Pago-te uma bebida?

Ofereço-lhe um pequeno sorriso.

– Podes pagar-me várias.

*

Descemos para o bar e tomamos algumas bebidas. Não muitas, apenas o suficiente para me acalmar e, neste momento, eu preciso de me acalmar.

Há um conforto entre mim e o Tom que me agrada.

Há também um conforto entre mim e o BJ – não penses no BJ –, mas é diferente agora, porque esse conforto está todo contaminado por infidelidades e confiança traída e corações partidos e anos de ressentimentos e um salgueiro sobre o qual não falamos.

– Então – diz o Tom, acenando com o queixo para mim –, beijaste-o?

Franzo a testa para ele, abanando a cabeça.

– Não.

Ele solta uma risada, incrédulo.

– Não?

A minha boca contorce-se num quase sorriso.

– Nós não nos podemos... beijar – digo-lhe.

O Tom semicerra os olhos para mim, intrigado e talvez um pouco melindrado. Mas não podemos. Eu e o Beej somos paixão contida e escolhas conscientes a tentar preservar o pouquinho de nós que ainda nos resta. Somos cavalos selvagens a correr pela encosta de um penhasco. Não há galope, nem trote suave no amor. Somos o *Homem de Rio Nevado* a galopar pela face do penhasco, caindo em direção ao inevitável. Não podemos ir devagar. O peso de nós é demasiado grande. A gravidade chama-nos, conspira contra nós...

– É uma situação do tipo Pringles? – pergunta ele. Fito-o interrogativamente.

– Quando comesas, não consegues parar? – sugere ele, e eu rio-me.

E, mais uma vez, ele fica satisfeito por eu o fazer.

Ficamos ali mais ou menos uma hora e, quando vamos a sair do bar, o BJ aparece à esquina.

O Henry e o Christian estão com ele. O Hen parece tenso.

O BJ está bêbado, consigo vê-lo no rosto dele antes de sentir o cheiro no seu hálito – o que consigo.

Ele faz um sorriso de desdém enquanto abana a cabeça para mim.

– Clássico.

Desvio o olhar, ignorando-o.

– Zangamo-nos durante um segundo e meio e tu corres logo para outra pessoa...

– Calma – sussurra o Christian baixinho para o amigo, mas o Beej apenas olha irritado para ele.

– Ela não é fácil, pois não, England? – O BJ olha para o Tom, que apenas abana a cabeça.

– Parece que bebeste demasiado, meu. Porque é que não vais dar uma volta? – diz-lhe o Tom.

O BJ abana a cabeça e as suas narinas dilatam-se um pouco enquanto ele franze a testa.

– Não quero dar uma volta... Quero falar sobre como a Parks não é fácil...

Ele ainda nem disse nada e eu já me sinto como se tivesse levado um estalo.

– É pudica – começa o BJ.

– Para – diz-lhe o Tom.

O Beej ignora-o.

– É super complicada. Mímadada...

– Para – diz o Tom outra vez, endireitando os ombros.

– Não sabe o que porra quer... – continua o Beej.

– Eu disse para parares. – O Tom abana a cabeça, de maxilar cerrado, e eu fico com uma sensação de nervosismo no estômago.

– É infantil, egoísta...

E, então, o Tom empurra-o. É um grande empurrão. O Beej tropeça um pouco, mas fica contente por ter um motivo para deixar as mãos falarem por ele e, então, atira-se ao Tom, mas o Christian puxa o BJ para trás e o Henry põe-se à

frente dele.

– Que merda estás a fazer, meu?

O BJ abana a cabeça e liberta-se, aproximando-se de mim a apontar o dedo.

– Que merda estás a fazer, Parks?

Os nossos rostos estão próximos. Acho que não temos dez centímetros entre nós. Ele ainda está a usar a camisa que usava quando enfiei a minha mão por baixo dela no carro, no início do dia, antes de ele estragar tudo de novo. Porque quis?

Encolho ligeiramente os ombros, mantendo os nossos rostos próximos.

– Oh, eu só estou a fazer o que quero – digo-lhe com um pequeno aceno de cabeça. O tom com que o digo surpreende-me. É tão caprichoso que é cortante. Fito os olhos do rapaz que amo e odeio. – Eu quero estar aqui. Quero sair com o Tom, é isso que eu quero...

O maxilar do BJ fica tenso e os seus olhos parecem feridos quando ele abana a cabeça.

– Só dizes tretas – cospe ele e eu empurro o rosto dele para longe do meu com a mão.

– Sai da minha frente.

Ele agarra-me os pulsos e segura-os com força e eu não quero que ele os solte porque tenho medo do que pode acontecer quando ele o fizer.

– Ah, é isso que queres agora? – grita ele e estamos a regredir.

Todos em nosso redor podem vê-lo. As baías estão a cair. Já passámos por isto antes uma ou duas vezes, quando estamos mesmo mal. Quando eu descobri sobre a Taura. Quando ele descobriu sobre o Christian. Quando tudo o que resta de nos amarmos um ao outro é odiarmo-nos um ao outro.

O Tom puxa-me para trás dele, arrancando-me das mãos do BJ, o que só faz com que o BJ resista ainda mais enquanto os rapazes o arrastam para trás, para longe de mim.

Os rostos dos rapazes e do Tom, de todos, apresentam uma mistura de choque silencioso e horror mudo, observando enquanto nós nos rasgamos um ao outro.

– Que porra queres de mim, Parks? Sabes, ao menos? – grita o BJ para mim,

novamente.

Abano a cabeça; não consigo ver bem.

– Não quero ter nada que ver contigo – digo-lhe. É mentira.

– O mesmo para ti – atira-me ele.

– Perfeito.

Uma mentira.

Ele aponta com um dedo para mim e os olhos dele parecem semicerrados e húmidos.

– Estou farto das tuas merdas.

Uma mentira. Dele, desta vez.

As minhas sobrancelhas erguem-se enquanto eu aceno.

– Então, porque é que não me deixas em paz?

Não é isso que quero. Outra mentira. Todas estas mentiras que não nos conseguimos impedir de atirar um contra o outro como loucos.

As sobrancelhas dele erguem-se.

– É isso que queres?

– Sim!

Grito e parece um trovão... Ecoa pelas montanhas antigas em nosso redor e os filósofos gregos que escreveram odes líricas sobre o amor verdadeiro e almas gémeas viram-se nos seus túmulos enquanto tento pela bilionésima vez separar-me do meu.

O Tom coloca-se com muita firmeza entre mim e o BJ, protegendo-me completamente.

Nunca ninguém me protegeu do BJ antes. Suponho que nunca ninguém precisou.

O Tom parece triste, na verdade. Não comigo, por mim. Pelo BJ.

Ele abana a cabeça.

– Bacano, podes simplesmente bazar daqui?

BJ

Estou de volta ao meu quarto. Não me lembro de como aqui cheguei. Empurrado pelo meu irmão, talvez? Arrastado pelo Christian? Um dos dois.

Estou de pé na casa de banho. O reflexo que encontro é estranho. Eu, mas não eu.

Eu, mas fodido.

Odeio discutir com ela. Fazemo-lo demasiado bem, melhor do que qualquer um que eu já tenha visto. Não éramos assim quando estávamos juntos, quase nunca discutíamos quando estávamos juntos.

A Marsaili costumava dizer algo sobre como o amor pode azedar como o leite e depois transforma-se em ódio. Talvez tenhamos deixado o nosso amor de fora.

Tenho os olhos húmidos. A minha mão está a tremer – levo o punho à boca e empurro-o com força suficiente para ferir o interior do lábio contra os dentes da frente. Um. Só um. É tudo o que me vou conceder.

Sai mutilado e sufocado. Rápido.

Parece preso no meu peito. Pressiono as palmas das mãos contra os olhos e respiro fundo, grandes inspirações até o meu peito desacelerar.

Ajuda um pouco, mas não o suficiente – não o suficiente para que os meus ombros deixem de se arrastar atrás da minha respiração.

Enfio a mão no meu saco de produtos de higiene e tiro um tipo diferente de saco. Corto uma linha com o meu cartão Centurion, porque o titânio esmaga-a melhor. Enrolo uma nota de 100 euros e snifo-a.

A seguir, aperto o nariz, esfrego-o duas vezes e inspiro. Snifo mais outra. Atiro um pouco de água para a cara e limpo debaixo do meu nariz, só para garantir. Depois, vou à procura dos rapazes.

Eles estão sentados no bar e eu sento-me ao lado deles. O Henry e o Christian são a sua própria versão de mim e do Jonah e, tenho de dizer, não gosto de estar aqui sem ele.

Quando estou em apuros, ninguém me protege como o Jo. Ele teria atirado o England ao chão esta noite. Talvez não. Merda.

Talvez eu tenha exagerado?

O Christian levanta a mão e faz contacto visual com a empregada. É bonita. Pele morena. Olhos castanhos que consigo ver daqui. Sobrancelhas grandes, mas daquelas do tipo *miúda sexy*. Ele aponta para mim, indicando-lhe para me trazer uma bebida.

O Henry olha para mim com uma careta.

– Estás bem?

Solto uma risada.

– Sim, porque é que não estaria?

A expressão nos seus rostos vacila. Eles trocam olhares.

– Não sei. – O Henry encolhe os ombros, fazendo-se de tolo. – Acabaste de ter a discussão mais horrível da tua vida com a *miúda* que amas desde os seis anos, mas sim, claro. Estás bem.

– Nós discutimos o tempo todo.

O Christian pestaneja.

– Daquela maneira?

Solto uma risada.

– Estás a ser dramático...

O Henry olha para mim de modo estranho.

– Beej, ela empurrou-te a cara com a mão. Quero dizer, foi sublime, embaraçoso para ti, mas, tipo, verdadeiramente espetacular para todos nós.

Rio-me de novo.

A empregada grega *sexy* traz uma rodada de bebidas para nós os três e quando me entrega o copo as nossas mãos roçam-se. Olho para ela e ela dá-me um ligeiro sorriso.

Vai-se embora.

Observo-a a afastar-se e solto o ar pela boca enquanto observo o rabo dela

naquela saia preta pregueada que ela está a usar.

A Parks saberia a marca, o modelo e a porra da referência – não penses nela. Na verdade, provavelmente não saberia porque a Magnolia só conhece as marcas que se vendem no Harrods. Nada de lojas baratas ou poliéster no vocabulário dela.

Ainda assim, há muito com que trabalhar com uma saia como aquela...

Engulo a minha bebida de um trago. Roubo a do Henry.

O Christian semicerra os olhos enquanto me observa.

– O que se passa contigo?

– Nada. – Ofereço-lhe olhar desinteressado.

Ele observa-me durante mais alguns segundos e depois inclina-se para mim e agarra-me o queixo com a mão. Dou-lhe uma palmada, mas o Christian vence todas as lutas que quer, portanto, empurra-me para trás e agarra-me novamente, inclinando os meus olhos para a luz. Ele expira pelo nariz, parecendo irritado. Abana a cabeça, ainda a segurar-me pelo queixo.

– Eh, que se lixe. – Larga-me a cabeça com um empurrão. – Estou fora, rapazes...

– O que foi? – O Henry pestaneja. – Porquê?

O Christian morde o lábio inferior e aponta para mim, o maldito queixinhas.

– Ele tomou alguma merda.

O Henry solta uma risada. Apenas uma.

– Não, não tomou. – Ele fita-me. Pestaneja. – Tomaste? – Pestaneja novamente. – Tomaste?

Faço um som estranho. É desdenhoso e incriminador ao mesmo tempo.

O Christian empurra a mesa, levanta-se e ergue as mãos, lavando-as do assunto.

– Vamos mesmo fingir que ires embora não tem nada que ver com a Magnolia? – Grito para ele.

Ele não se vira, mas levanta a mão e mostra-me o dedo médio, continuando a andar.

O Henry observa-me.

– Esqueci-me de que só dizes merda quando estás drogado.

– Não digo nada.

Ele acena com o queixo na direção do Christian.

– O que foi aquilo, então?

Deito-lhe um olhar.

– Disse alguma mentira?

Apanhei-o, eu sei que sim. E ele também sabe. Baixa a cabeça e expira. Eu tento não o pôr no meio das minhas merdas com o Christian. Ele odeia tudo isto e eu percebo-o porque também odeio esta treta toda. Odeio que tenha acontecido, odeio que ele o tenha feito, odeio ter lutado com ele num beco por ela e ninguém ter saído vencedor naquela noite. Odeio tudo isso.

– O que estás a fazer, Beej? – pergunta o Henry com uma voz mais suave. Encolho os ombros. Neste momento, não me importo. – Ela vai-te matar.

Tento conter dentro do peito o quão esfarrapado me sinto quando lhe respondo.

– Ela já o fez.

O Henry levanta-se. Parece zangado. Ou triste, talvez? Olha para mim por alguns segundos e eu sinto que estou a falhar com ele enquanto irmão mais velho. Não me sinto como o irmão mais velho com muita frequência. Ele é mais responsável. Não faz tanta merda. Está na universidade. Nunca se sente como o meu irmãozinho, apenas se sente como o Irmão. Mas agora, pelo modo como ele está a olhar para mim, consigo sentir que o estou a desapontar.

Ele derruba a bebida quase cheia à minha frente. Esta espalha-se pela mesa.

Empurro-me para trás, irritado, olhando para ele como se ele tivesse enlouquecido.

– Que porr...

– Precisas de te endireitar, Beej. – O meu irmão aponta para mim.

Depois, vira-se para a empregada, aponta para mim e faz deslizar um dedo sobre a sua garganta.

– Acabou para ele – grita para a rapariga. Então, afasta-se também.

Fico ali sentado, a olhar para o nada. Demoro alguns minutos para perceber que a empregada está parada, a observar-me.

Aponto para ela e chamo-a com o dedo. Ela aproxima-se lentamente. Não há ninguém por perto.

A Empregada coloca-se à minha frente, olhando para baixo durante alguns segundos – e, na verdade, a Empregada é estupidamente *sexy*. Ela pestaneja algumas vezes e depois inclina-se, pega-me na mão, puxa-me para cima e leva-me na direção da casa de banho.

Assim que estamos no corredor, a Empregada empurra-me contra a parede; ela quer isto mais do que eu. O que eu quero é difícil de descrever exatamente porque encontra-se algures entre precisar disto mais do que qualquer outra coisa e não o querer de modo nenhum. Talvez ela também tenha feito merda hoje.

A Empregada mete rapidamente as mãos na massa. Apressa-se a desabotoar-me as calças e ainda nem chegámos à casa de banho.

A boca dela está faminta por mim, todo eu, e não se compromete com um único local. Ela desabotoa-me a camisa, a que comprei para a Parks – não penses na Parks – e beija-me o peito. O mesmo peito contra o qual a Parks passou o dia encostada. Porra, ela é meu pior hábito.

As minhas mãos estão debaixo da saia dela, as duas enfiadas dentro das bochechas das suas cuecas.

Belo rabo. Apalpável.

Ela levanta uma perna, enrolando-a à minha volta, e eu pergunto-me se vamos sequer chegar ao cubículo.

Os lábios da Empregada percorrem-me e a minha mente começa a vaguear para a Parks, tal como sempre faz. Aquela mesma lembrança, aquele barco, ela no lago, o biquíni lilás – Céus, adoro vê-la de lilás – e então penso, foda-se, não.

Não vou pensar nela.

Vou pensar na Empregada, que é *sexy* como o caraças, com as mãos enfiadas nas minhas calças.

Portanto, abro os olhos e obrigo-me a olhar para a miúda que estou prestes a foder e então...

Vejo-a.

No fim do corredor.

De olhos vidrados. O lábio inferior a tremer. O coração nas mãos, o meu no bolso dela.

Com as mãos apertadas à sua frente, parecendo ter cerca de cinco anos como se estivesse a ver o seu pesadelo a desenrolar-se à sua frente.

Os nossos olhos encontram-se.

Ela vira-se...

Eu empurro a Empregada para longe de mim.

– Não! Não, não, não, não, não...

A Parks corre. Eu corro atrás dela, mas ela é rápida e eu perco-a quando ela vira uma esquina.

Magnolia

Voltei para ir buscar um gancho de cabelo. Deixei-o na casa de banho quando entrei para ver se os meus lábios ainda estavam no tom de cor-de-rosa necessário para tornar os meus olhos mais brilhantes. Tirei o gancho para o ajustar e depois esqueci-me de voltar a pô-lo. Normalmente, não voltaria para ir buscar um gancho de cabelo, mas fi-lo porque é um gancho de duas mil libras em ouro branco incrustado de diamantes da Suzanne Kalan e estou a tentar ser financeiramente mais poupada hoje em dia, portanto, a coisa mais económica a fazer seria voltar e, pelo menos, procurar o gancho perdido antes de encomendar um novo no Net-a-Porter.

Então, voltei à casa de banho.

O Tom ofereceu-se para vir, mas eu disse que não, que estava tudo bem – só demorava um minuto.

Nunca fica mais fácil ver o BJ assim. Nem sei o que vi. Eles poderiam estar de facto a fazer sexo, tanto quanto sei.

As mãos dele estavam a agarrar o rabo dela. A agarrá-lo mesmo. As pontas dos dedos do BJ estavam marcadas na carne do traseiro dela.

E o lábio inferior dela – que era enorme, a propósito – estava a subir pelo peito dele como se ela estivesse a lamber sal. E as mãos dela não estavam à vista.

A cabeça dele estava encostada à parede e ele tinha os olhos fechados, com o pescoço todo exposto, de músculos tensos, e eu lembro-me de quando ele se costumava inclinar assim connosco e não sei no que ele estava a pensar, mas de certeza que não era em mim. Não sei quanto tempo fiquei ali. Podem ter sido segundos, podem ter sido minutos. Até que ele me viu e, então, eu fugi.

Não gosto nada de correr, sempre me pareceu uma coisa bastante prosaica, mas sou mais rápida do que ele. Sempre fui. Ele diz que é um desperdício. Eu digo que não é uma aptidão pela qual eu tenha qualquer interesse ou apreço. Até esta noite, quando precisei.

Corro de volta para o meu quarto, abro a porta, fecho-a com estrondo e encosto-me a ela. Cerro os olhos com força, tentando controlar-me.

O Tom ergue os olhos do sofá.

– Estás a chorar? – pergunta ele, pondo-se de pé. – Outra vez?

Limpo as lágrimas do rosto e luto por uma maneira de parar de me sentir como se estivesse a cair num poço.

Não sei o que estou a fazer.

Pensei muito pouco sobre isto.

Nada, na verdade.

Só que quando o Tom se levanta, franzindo a testa, com a sua preocupação por mim estampada no rosto, a forma como ele se levanta, a largura dos seus ombros, tudo nele indica segurança e neste momento eu não... já não me sinto segura. E gostava de me sentir.

Caminho até ele, agindo de modo muito mais confiante e convicto do que me estou a sentir. Coloco os meus braços em redor do pescoço dele e puxo-lhe a cabeça para baixo. Nunca fiz isto antes. Pergunto-me se me vou sentir como uma estranha quando nos beijarmos, como a miúda que estava a beijar o BJ, mas não sinto. Quando beijo o Tom, sinto-me como eu.

Uma versão perdida de mim. Talvez uma versão com uma concussão. Mas ainda sou eu.

O beijo começa lento, mas eu beijo-o mais e com mais profundidade e sinto o franzir da testa dele na minha boca. Ele está confuso.

– O que estás a fazer? – diz ele para a minha boca, mas não realmente decidido a afastar-se completamente.

Recuo e olho para ele.

– No dia em que decidimos entrar na trincheira tu dissesse que estavas, sem dúvida, a tentar fazer sexo comigo; ainda queres fazer sexo comigo?

Ele exala todo o ar contido no peito, como se eu tivesse feito uma pergunta capciosa, e o queixo dele fica um pouco frouxo.

– Sim.

– Muito bem, então. – Aceno, voltando a encostar-me a ele.

Ele engole em seco uma vez, enquanto recua ligeiramente.

– Isto... parece uma má ideia.

Ele diz aquilo, mas as suas mãos não deixam a minha cintura. Pelo contrário, talvez me segurem com mais força.

– Não é – digo-lhe, fitando-o com olhos teimosos.

Uma carranca surge no rosto dele.

– Quanto disto tem que ver com o BJ?

Faço uma pausa, pestanejo duas vezes e engulo em seco uma.

– Isso importa para ti?

Ele pensa por um momento, respirando de modo mais sonoro do que o normal, quase ofegante, e fazendo um ligeiro beicinho com a boca. Depois, abana a cabeça.

– Não. – E então beija-me como se tivesse o meu rosto num torno.

Estou a andar para trás, mas os meus pés já não estão no chão.

Desabotoo-lhe a camisa em popelina de algodão Cocoon extra larga, amarrotada e com o logótipo bordado da Balenciaga. Seis botões. Tropeço no terceiro – o peito dele parece-me como se estivesse a passar a mão sobre uma tablete Cadbury.

Respiro. Avalio-me. Nunca fiz isto com mais ninguém. Apenas o BJ. Não penses no BJ. Preciso de mudar isso.

O BJ provavelmente já o fez com centenas de raparigas a esta altura? Centenas? Não sei. E aqui estou eu, ainda a guardar-me, para... ele? Talvez? Mas para quê? Para mudar?

Acho, talvez, que ele já mudou e acho, talvez, que não gosto disso.

Quando o vejo com outras raparigas, fico... Bem, em primeiro lugar, fico confusa em relação a porque é que as pessoas gostam tanto de pornografia, porque, até agora, os meus dois encontros com o erotismo só me deram vontade de arrancar os olhos. Mas quando vejo o Beej com outras raparigas também sinto uma absoluta certeza de que, na verdade, não o conheço.

Estou a flutuar na minha mente. Estou a flutuar mentalmente. A esquivar-me da situação completa em que me coloquei. É um mecanismo de enfrentamento, provavelmente. Provavelmente, não estou pronta para fazer isto.

Provavelmente, isto vai ser um erro.

Provavelmente, ainda preciso de fazer isto, mesmo assim.

Concentra-te, Parks.

O Tom deita-me na cama e paira sobre mim, de cabeça inclinada, a olhar para baixo. Está apoiado numa mão, enquanto com a outra desliza a alça do meu minivestido Aya em *voile* de algodão, com franzido e camadas, estampado floral e detalhes de nós da Loveshackfancy do ombro.

O dedo dele demora-se sobre a minha pele e fico surpreendida com quão fácil é manter o BJ sob controlo na minha mente de cada vez que o Tom me toca com as mãos.

– Tens uns olhos muito lindos – digo-lhe.

Ele sorri para mim, um pouco divertido. Faz deslizar a outra alça. Volta a olhar para mim e prende-me uma madeixa de cabelo atrás das orelhas.

– Tu não és egoísta – diz-me. – Ou infantil.

Ofereço-lhe um pequeno sorriso agradecido enquanto tento não chorar de novo.

– E acho que sabes o que queres. – Ele acena para si mesmo.

Engulo em seco quando a mão dele desliza pela minha perna, passa lentamente sobre o meu rabo e pousa na minha cintura, segurando-me com força. Ele abana a cabeça.

– Não és mimada... – Então, ele oferece-me um olhar avaliador. – Mas tenho de dizer, ao fim de alguns meses, que és um pouco complicada...

Começo a rir e, em vez de o rosto dele se iluminar, como costuma acontecer quando eu me rio, ele fica sério. Puxa o meu vestido para baixo e despe-o do meu corpo e as suas mãos percorrem-me enquanto o faz. Depois, volta a subir para ficar ao nível do meu rosto.

Os olhos dele vão dos meus para a minha boca, para os meus olhos e para a

minha boca e, então, eu puxo-o para baixo, para cima de mim, porque preciso de não ser mais do BJ e isto vai separar-me dele de uma vez por todas.

Aquilo funciona quase como um pontapé inicial. Ele rebola, colocando-me cima dele. Eu desabotoo-lhe as calças e ele tira-as. As minhas mãos estão ocupadas, assim como as dele...

Passou tanto tempo desde que fiz isto – quando foi a última vez que fiz isto? Não penses nisso. Não penses nele. Ele rebola novamente. Ele por cima, eu por baixo. Gosto mais assim.

Há algo tão fundamentalmente reconfortante em estar tão perto de outra pessoa, talvez seja por isso que o sexo casual é uma coisa tão importante. O corpo dele no meu, como um colete, a proteger-me de todas as coisas que eu estaria a sentir neste momento, mas que não posso porque a boca dele está onde o meu sutiã estava há um segundo. E é difícil concentrar-me em qualquer outra coisa além da tarefa em mãos depois de a tarefa começar, não achas?

As mãos dele vão para o meu cabelo. Os beijos dele são grandes, profundos, placas tectónicas a moverem-se e ainda nem chegamos à parte principal.

E a parte principal dele é grande.

Dói, mais do que me lembro. Mas é um tipo de dor boa, sabes o que quero dizer? Uma dor muscular profunda. Uma dor à qual nos entregamos, em vez de fugirmos. Como um nó no ombro que empurrámos contra a mão que o desfaz. E lembro-me desta sensação com o BJ – diferente, contudo, porque ninguém conhece o meu corpo como o BJ. Os nossos corpos cresceram juntos.

E pergunto-me se algum dia me vou voltar a sentir assim com outra pessoa. Pergunto-me se o BJ já se sentiu? Ou se é uma coisa única na vida? Quantos amores temos na vida? Já não sei – o meu coração está a bater tão depressa agora e a represa está a encher – e há diversos tipos de amor neste mundo e o meu está a matar-me, acho. E, ainda assim, é o rosto dele na minha mente – mesmo com o rosto perfeito do Tom e o seu cabelo dourado caindo sobre os seus olhos, que são tão azuis que até as safiras se espantam. Mesmo com o Tom aqui, a minha mente volta para o BJ. A tarefa em mãos falha em manter a minha mente longe dele e eu odeio o que isso diz sobre mim, sobre ele e sobre nós, porque talvez eu nunca seja livre.

E, sabes uma coisa, não sequer são coisas *sexy*. É ele a escovar os dentes na minha casa de banho – com a escova de dentes a sair-lhe da boca enquanto tenta espreitar-me no chuveiro. Ele a gritar comigo de todas as vezes que derrubo a minha garrafa de água no meio da noite. O modo como ele abraça a Bushka por trás como se fossem um casal no baile de finalistas. Os Vans dele junto à minha cama.

E toda esta merda deixa-me desfeita, porque a minha mente continua a divagar para o BJ, tal como o meu coração continua amarrado a ele, e eu pergunto-me se a mente do Tom está a divagar para a Clara e pergunto-me o que raio estamos a fazer –, mas é tarde de mais para parar, não posso parar e nem sei se quero, quando penso na maneira como as mãos do BJ estavam a agarrar o rabo daquela outra rapariga, porque costumava haver um tempo nas nossas vidas em que ele não agarrava mais ninguém assim a não ser eu.

O Tom pressiona-se mais em mim, puxa-me para mais perto dele, e eu estou a pensar no BJ deitado do meu lado da cama, eu a discutir com ele para ele me tocar e abraçar e ficar com o mesmo sorriso que tem sempre que o faz. Estou a pensar no modo como os *jeans* dele lhe assentam no corpo, como as suas Calvins aparecem sempre, não importa que cinto eu ou a mãe dele lhe compremos. O Tom é muito bom nisto, acho. Gostava de poder concentrar-me no que está a acontecer com o meu corpo, mas a minha mente não me deixa. Estou a pensar na boca do BJ quando ele fala, porque a maneira como os seus lábios se movem é como uma espécie de poesia antiga e sem palavras. Estou a pensar no rosto dele à luz do Sol, nos pontos dourados nos seus olhos verdes. Estou a contar as tatuagens que o Beej tem no corpo, que ninguém vê porque estão bastante escondidas, mas a maioria delas é declaradamente sobre mim.

Uma magnólia – peito.

O ano do meu nascimento – dobra interna do cotovelo, braço direito.

O ano do nascimento dele – ao lado do meu.

National Geographic – no antebraço.

As minhas costas começam a arquear.

Uma abelha – mão esquerda.

Outra abelha – ombro direito.

Uma carta Uno Reverse – gémeos da perna esquerda.

Um veado – braço esquerdo.

O Tom pressiona a minha mão contra a cama.

«Billie» – ao longo de uma costela, lado esquerdo.

Um guarda-sol – braço esquerdo.

As coordenadas de Dartmouth – dobra interna do cotovelo, braço esquerdo.

A data em que nos beijámos pela primeira vez – ao longo do polegar esquerdo.

A minha respiração está acelerada. Vou-me soltar em breve.

Um lilás – dedo médio esquerdo.

A data em que dormimos juntos pela primeira vez – antebraço esquerdo.

«Em todos os belos dias de verão» – antebraço direito.

«Se alguém ama uma flor» – antebraço direito.

O Tom empurra-se mais fundo e a minha respiração torna-se irregular.

Um penso – parte superior da coxa esquerda.

Sinto o calor da respiração dele no meu pescoço quando ele roça os lábios pelos meus e gostava de poder ver a mente dele para saber se está tão confuso como eu estou neste momento.

Um malmequer – polegar direito.

O crescendo do sexo sempre me fascinou, a subida em direção ao final. E estamos a subir, estamos quase no pico, consigo senti-lo – vejo-o no rosto dele – e somos muito bons nisto, afinal. Considerando todas as coisas, como eu não estar a pensar no Tom England, o que é uma loucura porque é o Tom England. Sabem o que quero dizer?

Ventos de Leste – peito.

O pescoço do Tom arqueia-se para trás tal como o do BJ com aquela rapariga no corredor.

O Urso Paddington – braço direito.

Consigo sentir a minha respiração a esvair-se, a ser sugada, enquanto os meus pés se pressionam contra o colchão, à procura de algo para me firmar.

O Maserati M – pé direito.

E, então, um som mínimo escapa da minha boca e a minha cabeça cai para trás no travesseiro, subitamente sem tensão. O Tom cai em cima de mim. O peito dele está a arfar, tal como o meu. Gosto da sensação dele suado em cima de mim.

E estou tão confusa sobre o que isso significa. Como acabei de me vir enquanto contava as tatuagens do meu ex-namorado, mas não quero que o Tom England saia de cima de mim? O que é que isso significa?

O que é que isso diz sobre mim?

Acho que diz apenas que estou danificada.

Não funcionou, aliás. Não separou nada. Pelo contrário, apenas me ligou a outra pessoa.

A vigésima segunda tatuagem do BJ? O DeLorean de *Regresso ao Futuro*.

O que é que eu fiz?

BJ

Não sei o que esperava de uma pancada na porta do meu quarto de hotel às duas da manhã, mas não era a Magnolia Parks.

Não depois de como ela ficou quando me viu. Não depois de como falámos um para o outro antes. Mas ali estava ela, do outro lado do postigo. A segurar o próprio braço e a usar uma camisola que me roubou cerca de quarenta segundos depois de eu a ter comprado na Gucci. Tem o sobrolho franzido, com um novo tipo de tristeza na face que acho que nunca vi nela antes.

Abro a porta e basta um olhar para ela e nada mais me interessa. Pergunto-me se seremos sempre assim. Será que somos aquele tipo de pessoas que encontram sempre um caminho de volta um para o outro, não importa o que aconteça? Provavelmente.

Somos a figura de proa em madeira esculpida na proa de um velho navio que se afunda.

Saio para o corredor e fecho a porta atrás de mim.

– O que aconteceu?

Envolvo-a num abraço.

Ela afasta-se e olha para mim e não sei o que a denuncia – os seus olhos, o cheiro dele nela.

Ela não precisa de dizer nada. Eu sei.

Estremeço um pouco. Em voz alta. Ela ouve-me, eu sei, porque se encosta com mais força ao meu peito quando o faço.

– Oh. – É tudo o que digo. Aceno com a cabeça uma vez. Seguro-a com mais força.

Foda-se, é uma queimadura sólida.

É isto que lhe tenho feito todos estes anos? É assim que o peito dela se sente? Porque parece que tenho uma queimadura de carpete dentro do peito. Este estranho afundamento lento como se as minhas costelas estivessem a desabar sobre si

mesmas e talvez eu a esteja finalmente a perder.

Talvez o navio não esteja ainda a afundar-se, talvez já esteja afundado. Talvez estejamos no fundo do mar agora. Talvez a madeira do navio esteja a começar a apodrecer e já nem sequer todas as âncoras do mundo nos possam salvar.

– Estás bem?

Pergunto-lhe porque não sei o que mais dizer. Ela apenas chora mais. Seguro-a contra mim, com as mãos no cabelo dela, e finjo não perceber que este foi claramente puxado e despenteado por outra pessoa.

O que é que estamos a fazer? Além de nos magoarmos um ao outro. Já não sei o que estamos a fazer. Porque eu amo-a de uma forma definitiva. De uma forma meio lixada, imbatível, impossível de superar, que vai vencer sempre, não importa o que aconteça –, mas consigo sentir o cheiro dele nela e podia fazê-lo. É provável que o faça mais tarde.

– Desculpa – ela mal diz, num tom abafado contra o meu peito.

Inclino o queixo dela para cima, para me fitar.

– Desculpa, também.

Ela pestaneja algumas vezes e os olhos dela lembram-me os pingos de chuva nas folhas em manhãs frias.

– Odeio-te – diz ela, engolindo em seco.

– Sim. – Aceno. – Também me odeio um pouco.

Ela afasta-se para olhar para mim e seguro-lhe o rosto com ambas as mãos – olhos pesados e claros, aquela boca corada dela com aquelas bochechas que ficam sempre rosadas quando estou com ela. A pele cor de caramelo, a mão que seguro desde os quinze anos, as curvas do corpo dela que se encaixam em mim como se fôssemos esculpidos da mesma pedra. Como é que a vou esquecer?

Não vou. Não posso. Não conseguiria.

Ela segura a minha mão contra a sua face, não a largando, não querendo saber o que vem a seguir para nós quando o fizer. Acho que já nenhum de nós sabe. Costumávamos saber, acho.

Eu achava que sim, pelo menos. Antes, todos os caminhos levavam a casa em

Tobermory – uma vida tranquila numa cidade costeira no Norte, porque uma noite tivemos uma luxúria imparável e uma sensação beligerante de destemor e teríamos envelhecido ali. Adormecermos abraçados no sofá, deixar as cortinas abertas e afogar-me na luz matinal de a amar todos os dias. E é o que devíamos ter feito, mas então aquele dia aconteceu. Provavelmente, devia tê-lo feito de qualquer maneira. Devia tê-la puxado para longe, para a vida que ambos queríamos, mas não o fiz. Se o tivesse feito, não estaríamos aqui.

E, então, a porta do meu quarto abre-se e a Empregada preenche a ombreira, vestida com a minha *T-shirt* e nada mais. A Magnolia imobiliza-se nos meus braços e eu fecho os olhos com força, como se a Empregada pudesse desaparecer se eu os apertasse o suficiente, mas ela não desaparece e eu sei o que vem a seguir.

Preparo-me para isso.

É um empurrão desta vez. Ela empurra-me com uma força louca, mas eu sabia que ia acontecer e tinha os pés plantados no chão – com o empurrão, a Parks move-se mais do que eu e o seu pequeno corpo ressalta contra a parede do corredor atrás dela, fazendo-a tropeçar.

Faço menção de a agarrar, mas ela dá-me uma palmada nas mãos, olhando para mim como um animal que levou um pontapé.

– Parks... – Estendo a mão para ela novamente.

Ela afasta-se de mim.

– Não...

– Magnolia... – Chamo-a, mas ela já desapareceu.

05:23

Parks

Ei

Como está o tempo, Parks.

Lixado.

Magnolia

Vou para o quarto da Paili depois daquilo e choro na cama dela durante algumas horas. Ela chora comigo. É uma boa amiga. Paciente. É uma daquelas pessoas que são muito boas a importarem-se com as coisas com as quais as pessoas que amam se importam. Ela chorou comigo na noite em que o BJ me traiu. Chorou comigo na noite em que comecei a namorar com o Reid. Esteve presente durante tudo. Não fala muito.

Mas o que poderia dizer, de qualquer maneira?

Depois do Tom, eu devia ter ido ter com ela e não com o BJ, mas não consegui evitar.

Na verdade, nem sequer foi muito consciente, eu ir ter com o BJ. Estava acordada, a olhar para o teto com o coração a martelar, enquanto o Tom dormia pacificamente ao meu lado; e vou dizê-lo aqui porque é pertinente – o Tom England é realmente algo de espetacular. O facto de eu estar a pensar no BJ antes não é, de modo nenhum, um comentário sobre o Tom. É o resíduo de um hábito que tive durante metade da minha vida e que não sei como quebrar. Eu gostava de ter pensado no Tom. Devia ter pensado no Tom. Enquanto ele estava ali deitado ao meu lado, a dormir, perguntei-me se o deveria acordar para tentarmos de novo, para eu só poder pensar no Tom desta vez, mas, em vez disso, dei por mim a ir ter com o BJ e acho que isso diz tudo.

Diz que estou presa.

Ele é a Lua e eu sou as marés. Quando a rapariga saiu do quarto dele, a maré estava baixa. Empurrou-me para fora e para longe.

Ele olhou para mim, com os olhos familiarmente arregalados. Tal como ficam de todas as vezes que nos perdemos, que já não sei quantas são a esta altura.

Muitas.

O Tom estava a dormir quando saí para ir ter com o BJ. Ele tem o sono pesado, descobri nesta viagem. Eu passo a vida a derrubar a minha garrafa de água

e ele nunca acorda, embora o barulho pareça um gongo chinês de todas as vezes que o faço. Ele ainda estava a dormir quando voltei para a nossa cama, algumas horas depois. Continuou a dormir durante horas.

Eu continuei sem dormir.

*

De manhã, tomo um banho demorado e esfrego a pele com força, tentando lavar todos os erros que estou a cometer, mas não funciona. Coloco as roupas mais confortáveis que tenho comigo – o cardigã Vetements extralargo com vários botões e os calções e top curto Loulou Studio canelados numa mistura de caxemira.

Peço o pequeno-almoço no quarto para nós os dois e levo-o para a varanda para não o acordar, mas acordo. Ele pestaneja, acordando, e oferece-me um meio sorriso cansado – e algo atinge-me no estômago como um soco. Surpreende-me. Uma espécie de desejo?

Ele levanta-se da cama e vem ter comigo. Está a usar apenas uns boxers pretos Tom Ford e sinto o desejo breve e inexplicável de o lambar, mas só por um segundo. Depois, o desejo desaparece porque não é elegante.

Tenho as pernas apoiadas na cadeira à minha frente e o Tom pega nelas, senta-se e depois coloca-as em cima dele.

E é uma imagem estranha de familiaridade – as minhas pernas esticadas em cima dele, quase nu, e ele a semicerrar os olhos para mim sob o Sol matinal grego – e sinto outra sensação agitar-se no meu estômago. Engulo em seco receando que as minhas bochechas possam denunciar algo que nem sequer eu entendo completamente ainda.

Ele fita-me por alguns segundos, todo estoico e escultural.

– Foste vê-lo depois – diz finalmente. Não é uma pergunta, não é uma acusação. É apenas uma observação.

Os meus olhos desviam-se dos dele, envergonhados.

– Só por um minuto.

Ele acena com a cabeça e os seus olhos também já não fitam os meus.

– Porquê?

Franzo os meus lábios. Não tinha a certeza de quando é que isto iria acontecer, mas presumi que poderia acabar por surgir e sabia que ele não ia ficar entusiasmado. Respiro fundo e expiro pelo nariz.

– Eu nunca dormi com mais ninguém além dele.

O Tom pestaneja algumas vezes e recua a cabeça em surpresa.

Mais algumas piscadelas e depois...

– Foda-se. Magnolia!

Ofereço-lhe um sorriso tenso e agito a mão.

– Não é importante.

Ele agarra as minhas pernas e puxa-me, a mim e à cadeira onde estou sentada, para ele. Estamos próximos e os meus membros estão agora espalhados em cima dele como uma pilha de pauzinhos de Mikado. Não me mexo. Fico contente por ser uma pilha de pauzinhos em cima dele.

Ele fita-me.

– É, sim.

É sim. Ele tem razão. Mas já o fizemos e agora está feito, portanto, encolho os ombros.

– Sim, bem. Eu precisava que não fosse, portanto...

As mãos do Tom rodeiam os meus tornozelos e ele aperta-os.

– Porque é que não me contaste?

Abraço os meus joelhos.

– Porque sabia que não o farias.

Ele deita-me um olhar nada impressionado, quase repreensivo, coisa que, por algum motivo, acho muito *sexy*. Problemas paternais, provavelmente.

– Isso é ser desonesta – diz ele.

– Não – corrijo-o. – É ser omissa. – Enuncio a última palavra.

Ele revira os olhos, um pouco divertido, e depois acena com o queixo para mim.

– Então, foste vê-lo?

Aceno com a cabeça algumas vezes e sou incapaz de o fitar novamente nos olhos. Ele sabe que eu amo o BJ. Sabe mais sobre mim e o Beej do que a maioria das pessoas a esta altura, portanto, porque é que estou tão envergonhada por o Tom saber que o fui ver?

– Sim – aceno. – Sim, e ele estava com outra pessoa.

Talvez seja por isso.

– Porra. – O Tom deixa cair a cabeça para trás exasperado, mas as suas mãos em torno dos meus tornozelos apertam-me com mais força. – Vocês os dois são...

– ...,fodidos. – Concordo. – Sim, eu sei.

Ele olha para mim, tentando dissecar o que o Beej e eu – uma tarefa impossível, posso garantir-lhe aqui e agora, na qual falhará miseravelmente, tal como o incontável número de pessoas antes dele. Porque o BJ e eu somos inquantificáveis. São os matizes de todas as formas pelas quais nos amamos, nos amámos e nos continuamos a amar acidentalmente, e são as complexidades dos fios que tecemos juntos, e são os segredos que sabemos um do outro, e é aquele coração partido que partilhamos.

– Porquê? – pergunta ele por fim, semicerrando os olhos. – Porque é que vocês são assim?

Eu adorava dizer-lhe, adorava dizer-lhe de um modo que fizesse sentido, mas não posso, portanto, não digo.

Em vez disso, ofereço-lhe um encolher de ombros fraco.

– Eu... nós apaixonámo-nos muito jovens, acho... e agora não sabemos estar um sem o outro.

O BJ e eu... Acho que somos como um fio de ouro todo emaranhado. Não é impossível de desfazer, mas parece que é. Às vezes, conseguimos que o nó se desfaça sozinho, mas isso não acontece com muita frequência. Na maioria das vezes, temos de abrir o fecho ou partir o fio para que os nós se desfaçam.

– Vocês são como o Sam e a Closs. – O Tom acena para si mesmo e parece um pouco triste. – Porra – acrescenta em voz baixa como uma reflexão tardia.

– Desculpa – digo-lhe e sinto-me como se fosse chorar.

– Não. – Ele abana a cabeça, esfregando o meu tornozelo sem pensar. – Eu é

que peço desculpa. Se te pudesse descolar dele, fazia-o.

O meu coração cai-me dentro do peito e eu suspiro em vez de formular uma frase. Há coisas a dizer, muitas, na verdade. Mas são todas contraditórias.

Sim, eu amo o BJ. E não, não sei como parar. Mas, por favor, não me deixes. Não quero que me deixes. Eu sentiria medo sem ti. Tu não deixas que eu me sinta sozinha. E estou preocupada porque talvez o Gus tenha razão.

Estas são as coisas que eu diria se pudesse, mas elas ficam-me presas na garganta.

Ele tira-me o café das mãos e toma um grande gole.

– Então – diz o Tom de sobrancelhas franzidas enquanto olha para mim. – Onde é que isso nos deixa?

– Referente às trincheiras, queres dizer? – Esclareço, enquanto estendo a mão e limpo um pouco da espuma do *cappuccino* do lábio superior dele. A minha mão paira. As faces dele ficam rosadas.

O Tom pigarreia.

– Sim...

– Não sei – digo e faço uma expressão displicente, quase só usando as sobrancelhas. – Onde queres que isso nos deixe?

– Bem, eu ainda preciso de uma trincheira. – Ele olha para mim. – Tu ainda precisas de uma trincheira. Ainda estamos ambos à espera de que os nossos sentimentos passem. – Ele encolhe os ombros. – Mais vale esperarmos que passem juntos.

Concordo com a cabeça e sinto uma estranha onda de endorfinas. Sinto-me um pouco tonta por continuar a poder fingir ser do Tom. E ainda mais tonta por não ter de enfrentar o BJ sem a minha própria versão de uma AK-47.

O Tom acena com a cabeça em direção à cama.

– Provavelmente, não devíamos fazer aquilo outra vez...

– Oh. – Aceno. Acho que o meu rosto não esconda bem a minha decepção. – Não, não, acho que não...

Ele semicerra os olhos para mim, divertido, e o seu rosto luta contra um

sorriso. Ele está ligeiramente satisfeito.

Ponho o nariz no ar e olho para ele.

– Não seria o fim do mundo se o fizéssemos – acrescento como uma ressalva, porque há que algo me magoa por dentro perante a ideia de aquilo estar completamente fora de questão.

Os olhos dele suavizam-se e ele acena com a cabeça uma vez, inclinando-se para mim.

– Ouve, podemos fazê-lo de novo, sempre que quiseres. Eu só... Acho que não o querias fazer ontem à noite. Acho que achaste que tinhas de o fazer. – Ele abana a cabeça. – Não precisavas.

– Eu sei – digo-lhe de nariz no ar.

– Pareces tão triste – diz ele com uma risada fraca e um pouco confusa e depois o rosto dele muda ligeiramente. – Não te quero deixar triste.

– Não o fizeste – digo-lhe.

– Eu sei! – Ele pestaneja. – Tu fizeste. Mas tornaste-me cúmplice.

Eu concordo.

– Desculpa.

Ele semicerra os olhos para mim, um pouco brincalhão.

– Este é um excelente exemplo de seres complicada.

BJ

Lixado. Foi o que ela disse. É o que eu sou. O que nós somos, acho.

Ainda assim, nada me poderia ter preparado totalmente para o modo como me iria sentir ao ver a Parks virar a esquina da recepção com o único outro homem com quem esteve além de mim. E eis a porra do ponto fulcral – eles estão diferentes agora. Consigo vê-lo neles.

O sexo é especial para ela. Ela não o teria feito se não quisesse, mesmo que o tenha feito um pouco para me atingir; ela já me atingiu mil vezes de um milhão de maneiras e nunca fez sexo com ninguém além de mim, exceto o Tom...

É diferente com o Tom. Mesmo que ela ainda não o perceba.

– Ei. – O Henry sorri-lhes porque não sabe.

A Magnolia sorri fracamente para ele e ele olha para mim, confuso. O Perry e o Gus trocam olhares interrogativos. O Tom sussurra algo para a Parks e prende-lhe uma madeixa de cabelo atrás das orelhas – está muito familiarizado com ela agora; toca nela como se ela fosse dele – e depois vai falar com a recepção. Eu procuro os olhos dela, mas ela não encontra os meus de propósito. A Pails corre para ela, entrelaçando o seu braço no dela, como se se usasse para proteger a Parks de mim.

Tento não parecer muito magoado, mas estou. Estou a morrer por dentro. O Christian olha de mim para a Parks, de sobrancelhas baixas. Lendo a sala.

Acho que ele sabe.

O Tom regressa para junto da Parks. Olha para mim, mal me dá um aceno com o queixo e depois coloca preguiçosamente o braço em volta dela. Aquilo magoa. A casualidade com que ele a toca. E depois ela estende a mão e segura distraidamente dois dos dedos dele com a sua mão inteira – e eles ficam simplesmente ali... assim... como um casal. Como um casal de verdade. Com sentimentos reais e sexo real entre eles.

A intimidade silenciosa que decorre entre eles mesmo à minha frente faz-me

sentir como se alguém me tivesse acabado de me arrancar a porra da alma com uma concha da sopa e eu viro-me porque não consigo olhar.

O Henry percebe e franze a testa.

– Estás bem?

Aceno rapidamente porque é óbvio que estou a mentir.

– Volto num segundo – digo-lhe.

Corro para a casa de banho. Snifo uma linha. Volto a sair. Tento chamar a atenção dela, mas ela não me atira uma linha. Nada, é tudo o que ela me dá. E nada dela é alguma coisa porque nada entre nós é anormal e algo nisso faz-me sentir um pouco melhor.

O nosso carro chega; é uma limusine. O Tom leva-a até ao carro – ela fica calada durante toda a viagem. Acho que não disse uma única palavra a ninguém. Nem sequer quando as pessoas falam com ela. O Tom responde ou a Paili. E ele não lhe larga a mão. Eles estão o quê? Colados com supercola?

Chegamos ao aeródromo. O meu peito está apertado e a minha miúda parece muito distante.

Enquanto eles estão a descarregar o carro, coloco-me ao lado dela.

– Podemos conversar? – pergunto, baixinho.

Ela inclina a cabeça na minha direção, mas os seus olhos não encontram os meus.

– Não.

Então, afasta-se, de volta para o Tom. O meu rosto vacila enquanto a vejo novamente com ele. Ela não é a Parks confortável com ele, não é a Parks normal, não está a falar, ou a brincar, ou a ser engraçada ou inteligente; não é nada disso perto dele hoje – ela está ferida. É a Parks ferida perto dele e isso é capaz de ser ainda pior. Porque a única outra pessoa com quem ela alguma vez esteve tão exposta sou eu.

Observo-os e sinto-me como se estivesse a ver a minha própria vida num acidente de viação. Começamos a embarcar no avião do England. Sento-me atrás, no mesmo lugar em que me sentei na vinda, e deixo o lugar ao meu lado livre, esperando que ela se sente ao meu lado outra vez. Não é o estilo dela deixar pontas

soltas, não lhe faz bem ao cérebro. Então, fico ali sentado, à espera que ela entre no avião, na expectativa de atrair a atenção dela para a chamar para o pé de mim –, mas quando ela embarca o Tom tem as mãos na cintura dela.

Ele acena com a cabeça em direção ao *cockpit*. Ela assente e segue-o e eles fecham a porta. Nem sequer consigo ver o interior.

O Henry solta um longo assobio. A Paili dá-lhe uma cotovelada.

Ela tinha razão. O tempo está lixado.

10:12

Christian

Ei

O que se passa contigo e o Beej?

Não sei do que falas.

Mentirosa

Ele disse alguma coisa?

Não

Ele também não diz nada
sobre isso.

O que aconteceu?

Nada

Diz-me

Tivemos uma grande discussão, só isso.

...?

Vi-o com uma rapariga

?

Vi-o mesmo

Do género... 

O quê?

Mesmo?

Acho que sim. Não sei.

Eu fugi.

Para onde?

Para o Tom

Eu estava lá

Eu sei.

Podias ter vindo ter comigo.

Eu sei.

Mas não podia.

Podes vir sempre ter comigo.

Devias saber disso.

Eu sei.

Obrigada xxxx

xx

Magnolia

O Tom insiste em deixar-me em casa depois do voo. Aterrámos em Luton desta vez. A menos de uma hora de carro a esta hora do dia. Eu disse que não era preciso, mas ele veio mesmo assim. Depois da nossa conversa ao pequeno-almoço, ele tornou-se uma espécie de cão de guarda engraçado e automeado. Não me deixou sozinha uma única vez e não me largou a mão.

Não sei se foi apenas por causa do que aconteceu com o BJ e de eu estar triste ou se foi por outro motivo – porque, deixando de lado as trincheiras, senti um tipo peculiar de alívio por estar a segurar a mão do Tom de qualquer maneira.

Quando ele me disse para me ir sentar com ele no *cockpit*, eu sabia que isso iria magoar Beej, portanto, fi-lo. E tinha razão. Vi-o sentado no fundo do avião, à espera que eu me sentasse ao lado dele – não o fiz.

Parte de mim queria fazê-lo, contudo. Acho que parte de mim vai sempre querer fazê-lo. Parece hipócrita, eu sei – eu estar com tanta raiva dele por dormir com outra pessoa quando eu também dormi. Não sei porque é que tenho esta sensação de peso em redor do meu pescoço – um pouco como se estivesse a sufocar – e porque é que sinto que ele me traiu, mas eu não o traí.

Ou talvez sinta que o traí, mas talvez tivesse de o fazer?

O lugar vago ao lado do BJ era para mim, isso era óbvio nos olhos dele, embora eu não tivesse olhado para ele – não precisava, podia sentir os olhos dele em cima de mim, à minha espera, desejando que eu fosse.

E, então, fui para o *cockpit* com o Tom.

E parte de mim esperava que o Beej sentisse o que eu sinto sempre que o vejo com as mãos noutras raparigas, esperava que isso o consumisse enquanto voávamos – o que será que estava a acontecer por trás da porta fechada?

O que aconteceu foi termos curtido.

– Posso estar aqui? – perguntei, quando ele fechou a porta do *cockpit* atrás de nós.

Ele deu-me um olhar.

– Eu sou o piloto.

– Não me convidaste para aqui da última vez.

– Vi o Ballentine na parte de trás do avião com o lugar vazio ao lado – disse ele. – Pareces-me o tipo de miúda que se sente impotente perante um lugar na parte de atrás com o amor da tua vida.

– Desculpa. – Pestanejei, indignada. – Só fico impotente diante da Gucci.

Ele fungou uma risada.

– Vai para lá, então.

– Não – disse eu de nariz no ar. – Acho que estou melhor aqui, mas é só porque ele está vestido de cinzento e eu adoro cinzento e ele sabe disso, portanto, fez de propósito.

Ele olhou para si mesmo. Vestia com uma *T-shirt* Tom Ford branca lisa.

– O que achas do branco?

Pousei os olhos nele e estava a provocá-lo. Eu sabia que estava, mas é divertido provocar o Tom England.

– Não é mau.

Ele sorriu para mim com os olhos semicerrados e uma boca que não dizia nada e, ao mesmo tempo, dizia muitas coisas.

Sentei-me na cadeira do copiloto. Provocámo-nos mais. O Tom mostrou-me o que fazer, todos os botões que tinham de ser pressionados, e explicou-me todos os passos da descolagem enquanto levantávamos voo. Depois, quando estávamos no ar, perguntou-me se eu queria pilotar.

– Talvez? – Olhei para ele, nervosamente.

Ele bateu com a mão no colo.

– Ah, percebo. – Revirei os olhos e ele riu-se.

Ele mordeu o lábio inferior.

– Anda – disse.

Aproximei-me cautelosamente dele, observando-o, divertida. Ele puxou-me

para o colo dele e posicionou-me de modo a ficar em posição de pilotagem, envolvendo-me com os braços e segurando as minhas mãos sobre a manete do avião. Apoiou o queixo no meu ombro, pilotando o avião através das minhas mãos – eu não estava a fazer nada, sabia que não estava, mas também não me movi porque gostava da sensação do Tom England contra mim.

Sentia-me como se estivesse perdida no mar e ele era o pedaço salvador de madeira flutuante ao qual eu me podia agarrar.

A respiração dele no meu pescoço arrepiava-me a pele, portanto, virei-me, movendo rapidamente os meus olhos dos dele para a sua boca e de novo para cima.

Ele faz uma coisa com a boca, o Tom England – e é incrivelmente *sexy* – é quase um sorriso sem dentes, praticamente um sorrisinho, mas nada presunçoso. Ele faz isso quando quer alguma coisa ou está a ser espirituoso e, na minha opinião, naquele momento, ele não estava a ser abertamente espirituoso, logo, queria algo e o que o Tom England queria era eu.

Ele engoliu em seco.

Então, rocei a minha boca contra a dele. Rápida e cuidadosa e mais tímida do que gostaria de estar.

Não sei por que o fiz. Não é muito o meu estilo, na verdade. Apenas quis fazê-lo.

Ele sorriu, talvez surpreendido, mas definitivamente satisfeito, e depois inclinou-se de novo, com a boca a pairar sobre a minha, perto o suficiente para eu poder sentir o toque antes do toque e a minha respiração me deixar com os joelhos fracos. Então, os nossos lábios tocaram-se, devagar a princípio e depois nada devagar, apressados, com o tempo a passar por nós e através de nós.

Ele virou-me para eu ficar de frente para ele e depois estávamos a beijar-nos. Ficámos a beijar-nos até atingirmos um poço de ar e o avião cair alguns metros. Eu quase voei para o teto, mas ele agarrou-me e estava a rir e depois pediu desculpas a todos pelo altifalante, dizendo-lhes que a sua copiloto era um pouco perturbadora e nada atenta no terreno da aviação.

Não sei se ele disse aquilo por mim ou por ele mesmo, mas esperei que magoasse o BJ de qualquer maneira.

Parámos de nos beijar depois disso e ele ficou sentado na sua cadeira e eu na minha, mas de vez em quando ele olhava para mim pelo canto do olho e as suas narinas dilatavam-se um pouco e ele tentava não sorrir. Então, eu começava a rir e depois ele começava a rir e acho que ele se tornou um dos meus melhores amigos.

*

Há um camião de mudanças diante da minha casa quando chego. Olho para o Tom, confusa. Entramos e estamos ali há apenas 4,5 segundos quando a minha irmã se atira para os meus braços.

– Graças a Deus – exclama ela. – Isto tem sido uma casa de doidos.

– Oh? – Pestanejo. – Porquê? O que aconteceu?

A Bridget afasta-se, pressionando as mãos contra as têmporas. Está a usar o cardigã castanho e amarelo com riscas horizontais e logótipo da Miu Miu que deixei pendurado no armário dela e coloca as mãos nas ancas – olha de mim para o Tom.

– Tudo. – Abana a cabeça. – Tudo!

Aceno impacientemente com as mãos, esperando por mais informações. O BJT ter-me-ia criticado por agir assim com a Bridge.

– Bem, a mãe vai sair de casa – começa ela e eu reviro os olhos.

Uau.

– Está bem.

– Eles vão-se divorciar.

Caramba. Aceno.

– Está bem.

– A Mars vem para cá.

Franzo a testa.

– Ela já vive aqui.

A Bridge dá-me um olhar.

– Para o quarto dele.

Franzo o rosto e faço um som de «blhec».

O Tom olha para mim e aquele sorriso dele está solidamente reprimido, mas o BJ ter-me-ia tapado a boca para me calar.

– Eu ouvi isso – diz a Marsaili, aparecendo. – Magnolia...

Ela faz menção de me beijar e eu esquivo-me. Não é apenas para ser petulante (embora seja), mas porque não somos pessoas beijadoras. Não éramos antes de ela ter um caso com o meu pai. Não somos agora que ela tem.

– Maravilhoso... – Ela pigarreia. – Ainda a agir como uma criança, estou a ver. – Ela acena para ele. – Olá, Tom.

Ele dá-lhe um sorriso breve.

– Marsaili.

A minha mãe sai da sala de estar empunhando uma espada carolíngia do século xii.

– Isso é meu! – grita o meu pai. – Isso é meu, põe isso onde estava.

– Vou levá-la – diz-lhe ela.

– Tu odiavas essa espada, disseste que era um desperdício de dinheiro!

– Sim, mas vê só, tu adoras desperdiçar dinheiro, não é querido? – A minha mãe pestaneja para ele. – Aquela terceira mamoplastia de aumento que fiz foi dinheiro deitado à rua, não foi? Dinheiro atirado para o lixo! Nem sequer olhaste para elas uma única vez.

– Mãe, não digas «mamoplastia de aumento» diante do Tom England – diz-lhe a Bridget.

O Tom lança um olhar divertido à Bridge.

– Oh! – Ela olha para nós. – Tom! Magnolia, que surpresa.

– Será que é? – Franco a testa.

– Olá. – O Tom sorri desconfortavelmente.

Abano um pouco a cabeça, considerando.

– Quero dizer, eu moro aqui, afinal...

– E eu não – diz ela com um aceno indelicado.

Subo alguns degraus, sentindo que gostaria de ficar mais alta do que o resto

da sala, só que ainda não sou mais alta do que o Tom.

Fito a minha mãe por alguns segundos.

– Estás a usar um vestido de baile?

Ela olha para si mesma. Tem um vestido preto de mangas balão, numa mistura de algodão e renda, da Dolce & Gabbana.

– Sim.

– Porquê?

– Este é o meu vestido de baile para mudanças.

– Prático. – A minha irmã acena com a cabeça de modo apreciativo.

– Bem, eu ia usá-lo na nossa cerimónia de renovação dos votos. – Ela lança um olhar perigoso ao meu pai. – Mas esse plano está no lixo, agora.

– Eu nunca te pedi para voltares a casar comigo – diz-lhe ele, sem cerimónias.

– Harley... – A Marsaili dá-lhe uma palmada no braço.

Deito-lhe uma olhadela.

– É um momento um pouco estranho para te meteres...

E, por um instante, desejo que o BJ estivesse aqui. Ele é tão bom quando as coisas descarrilam desta maneira. É tão bom a acalmar a estupidez da minha família.

A minha mãe cruza os braços sobre o peito.

– Ela tem razão, Harley, os nossos votos podem ter ido às favas, mas não há razão para os teus modos também irem.

Olho apenas para a minha irmã.

– Detesto isto.

Ela devolve-me o olhar.

– Bem-vinda a casa.

– Bem... – Olho para eles todos com uma careta. – Vou subir e procurar um empreiteiro para isolar acusticamente as paredes do meu quarto.

A Marsaili revira os olhos.

– Já fizemos sexo aqui antes.

Enfio rapidamente os dedos nos ouvidos.

– Lalalalalalalala.

– Marsaili. – O meu pai deita-lhe um olhar.

Ela parece irritada.

– Ela não nos ouviu antes...

– E também não vou ouvir agora – grito.

– Isola também o meu, está bem? – diz-me a Bridge, e eu aponto para ela e pisco-lhe o olho.

Viro-me para subir as escadas, com o Tom atrás de mim.

– Na verdade, querida – o meu pai dá um passo na minha direção –, posso falar contigo a sós por um instante?

Paro e olho para ele. O Tom coloca-se à minha frente.

– Não.

O maxilar do meu pai fica tenso. Ele está irritado, mas também um pouco triste.

– Não? – diz a Mars, incrédula. O Tom abana a cabeça, indiferente. – Ouve, Tom – suspira a Marsaili. – É muito, muito querido que sejas tão protetor da Magnolia, mas ela pode ficar perfeitamente bem sozinha com o pai e, francamente, isto não é da tua conta, portanto...

Abano a cabeça.

– Não fales assim com ele.

– Magnolia, com todo o respeito, o Tom é novo aqui e está a envolver-se nos nossos assuntos familiares...

– Tu já não és da minha família. – Abano a cabeça apontando para ela. – E ele – aponto para ele – é o meu namorado.

O Tom olha para mim e sorri só com o canto da boca e, por um segundo, talvez, parece não ser apenas o meu namorado falso.

– Bem – suspira a Marsaili –, lamento que te sintas assim, Magnolia. Eu sempre te tratei como a minha própria filha...

– Oh! – Aceno, pensando sobre aquilo. – É por isso que tens estado a foder o meu pai este tempo todo?

O meu pai suspira com um gemido baixo.

– Vá lá, querida...

– Não sei o que vocês querem de mim. – Olho de um para o outro. – A minha aprovação? Não a vão ter.

– Querida. – O meu pai aproxima-se de mim. – Há muito tempo que não estou apaixonado pela tua mãe.

– Tudo bem – aceno. – Tudo bem, não tenho nenhum problema com isso. O que me incomoda é o ato covarde de trair. Coisa que tu fazes. – Aponto para ele. – Tu traís, eu sei que o fazes. Mas com ela? – Aponto para a Mars. – Que era nossa? O único adulto que nos amou, cuidou de nós e nos criou... Tinhas de a arruinar?

– Magnolia – diz a Mars, abanando a cabeça. A voz dela soa um pouco alta e esperançosa. – Eu não estou arruinada, estou apenas...

– És uma hipócrita – digo-lhe.

BJ

Foi alguns dias antes de eu ir a casa dela – e foram uns dias longos. Não me saio bem com dias longos e também não me saio assim tão bem sem a Parks. Tenho a mania de preencher os espaços que ela deixa com coisas de merda, foi o que Henry me disse ontem à noite, quando levei para casa uma miúda de Madrid.

Não que a miúda fosse uma merda. Era simpática, *sexy*. Estava noiva – o que é um pouco lixado, acho, mas não é problema meu. Não voltei a pensar nisso depois de algumas linhas.

A Parks não me mandou nenhuma mensagem e isso é estranho. Estranho para nós. Sempre fizemos esta coisa em que, se há algo de errado entre nós, um dos dois cede e tenta restaurar o equilíbrio. Eu mando-lhe uma mensagem com uma abelha. Ela envia-me um artigo da *Nat Geo*. Nenhum de nós fez isso desta vez e estou com algum medo de pensar no que isso pode significar.

Paro do lado de fora da porta do quarto dela e escuto. A Bridge está com ela.

– Vestido estúpido – declara a Bridget. O som de uma página a ser virada. – Vestido estúpido. Vestido estúpido. – Páginas viradas. – Vestido estúpido.

A Magnolia tosse.

– Tens a cabeça cortada...

Aquilo faz-me sorrir. Ela diz aquilo porque o meu pai o faz. É um provérbio irlandês.

– Isso é Valentino no seu melhor.

– Continua a ser estúpido. E este também.

– Eu tenho esse. – A Parks parece irritada.

– Então, é muito estúpido – diz a Bridget, e eu consigo imaginar a expressão no seu rosto.

Fungo uma risada enquanto as ouço. Sinto falta das duas, reconhecidamente de maneiras muito diferentes, mas sinto a falta delas e sei que a conversa delas pode durar para sempre, portanto, viro a esquina. Bato à porta e fico na ombreira.

A Parks ergue os olhos da cama. Pestaneja algumas vezes. Engole em seco. O seu rosto perfeito apresenta uma mistura equilibrada de alívio e nervosismo. Os nossos olhos fitam-se por alguns segundos. Ela põe a mão sobre o pequeno fio com um B que está a usar e que eu lhe comprei. Um bom sinal.

– Posso entrar? – Pergunto.

O rosto dela vacila.

– Nunca perguntaste antes se podias entrar...

Encolho os ombros, enfiando as mãos nos bolsos.

– Nunca senti que precisava.

A Magnolia e eu fitamo-nos e só houve duas vezes nas nossas vidas em que aconteceu uma merda assim tão grande entre nós. Quando a traí. E da outra vez em que estraguei mesmo tudo escalei a janela dela às 23h para pedir desculpas, numa noite de escola, inventei o plano Tobermory e beijei-a até o Sol nascer.

Mas não tenho balões e não a posso beijar.

A Parks faz um gesto estranho com a mão, dizendo-me para entrar. É permissivo e desdenhoso ao mesmo tempo. A Bridget solta um assobio longo e baixo e toma um gole de seu café, observando-nos com atenção.

– Pronto – diz a Magnolia e revira os olhos. – Podes pirar-te agora?

– Mal-educada – sopra a Bridget enquanto rebola para fora da cama. Passa por mim, põe-se na ponta dos pés e beija-me a face.

– Sinto saudades tuas, besouro – diz ela, espetando-me o dedo no estômago enquanto sai.

A Parks senta-se na beira da cama, abraçando os joelhos contra o corpo. Eu fico diante dela e cruzo os braços sobre o peito.

– Ei.

Ela funga uma pequena risada e encolhe os ombros.

– Ei.

– Não ligaste.

Ela fita-me com irritação.

– Nem tu.

– Tu tens um namorado.

– E tu tinhas as mãos muito ocupadas...

Semicerrou ligeiramente os olhos. Ela é esgotante.

– Tu fugiste de mim – digo-lhe.

– Sim. – Ela acena com a cabeça, de nariz empinado.

– E depois fizeste sexo com ele – digo.

Ela acena lentamente com a cabeça uma vez.

– Sim.

Os nossos olhos encontram-se e o rosto dela fica triste. Ou pensativo? Merda. Espero que seja triste. Quero discutir com ela, sentir a proximidade que sinto quando discutimos – quando dizemos coisas que não devíamos e vamos longe de mais e, na outra noite, quando ela empurrou o meu rosto, aquilo desfez-me e fez-me voar ao mesmo tempo, porque ela só me pode odiar como me odeia porque me ama como me ama.

– Estás bem? – pergunto.

Uma pequena risada estrangulada sai da boca dela.

– Não sei.

Não está.

A mente dela está tão agitada que até o consigo ver – parece um livro de Richard Scarry.

– Estás triste? – Pergunto.

Ela torce as mãos.

– Estou muitas coisas.

Quero estender a mão, tocar no rosto dela. Puxá-la para mim, abraçá-la com força... Tê-lo-ia feito há uma semana, mas agora não tenho a certeza se posso. Ela parece demasiado distante para eu a consertar. Sei porquê e sou capaz de me passar se pensar demasiado nisso.

– Gostas dele? – pergunto, e a minha voz é baixa. – A sério?

Ela solta uma exclamação de troça, puxa pelo brinco – um par que lhe

comprei na última vez que estive em Nova Iorque. Pequenas argolas de diamante. Não sei de que marca. Ela saberia.

– Não sei o que queres dizer – diz ela por fim.

Deito-lhe um olhar.

– Sabes sim... – Mas ela limita-se a olhar para mim, pestanejando. – Porra. – Pressiono os punhos contra os olhos.

Ela levanta-se e agarra-me os pulsos, procurando os meus olhos. Encontra-os e não diz nada. Olha apenas para mim, parecendo um pouco assustada. Prendo-lhe o cabelo atrás da orelha porque a mão dela no meu pulso diz que ainda posso.

Abano a cabeça à miúda dos meus sonhos.

– O que raio se passa connosco?

– Não sei. – Ela suspira. – Tu sabes?

Aquilo irrita-me e eu afasto-me dela, carrancudo.

– Como é que posso saber o que se passa, porra; és tu quem tem as cartas todas nas mãos.

Ela respira profundamente e olha para mim.

– Bem, isso não é verdade, pois não, Beej? Porque és tu quem está a reter informações que têm o potencial de tornar as coisas diferentes do que são...

Aquilo atinge-me de modo diferente e pergunto-me se é verdade... Se eu lhe contasse será que ela o iria ultrapassar?

– Será que isso mudaria as coisas?

Ela endireita os ombros de modo desafiador.

– Acho que sim.

Foda-se.

Mas não posso. Então, insisto.

Enfio as mãos no cabelo.

– Eu dei-te uma resposta.

A expressão no rosto dela é como se eu lhe tivesse batido. Ela engole em seco e os seus olhos ficam vidrados.

– Se essa é a tua resposta, então, aqui está a minha: estamos acabados.

É como se alguém me atingisse no estômago com uma vara.

A boca dela contorce-se e o brilho nos olhos dela transborda um pouco. Aquilo lixa-me mais do que a ela, porque ela não consegue ver o próprio rosto quando está a chorar, mas eu consigo. Aqueles olhos esmeralda. Eu venderia o meu fígado no mercado negro para a impedir de chorar, venderia tudo o que tenho, arrancaria o meu coração do peito – mas acho que já o fiz.

Abano a cabeça para ela, tentando acalmar a respiração.

– Não estás a falar a sério.

Ela limpa cuidadosamente as lágrimas do rosto e depois olha para mim com uma expressão orgulhosa e um olhar ressentido.

– Não. Não estou. – Limpa a garganta. – E odeio-te por isso.

16:42

Jonah

Ei

O que se passa contigo e a Parks?

Alguma alegria?

Não sei, meu. É uma
confusão do caralho.

Ela gosta dele.

Mesmo?

Acho que sim

Merda

Sim

Vai correr bem, meu.

És tu e a Parks. Vocês
resolvem sempre.

Sim

Mas tu estás bem, certo?

Os rapazes disseram que estavas
a dar-lhe um pouco na Grécia

Não, estou bem.

Ok.

As pessoas que estão
bem não costumam
drogar-se sozinhas.

Só... para que conste.

Certo, sim. Bom ponto.

Ei, como vai esse sindicato
do crime que geres?

Vai bem, amigo. Stresse elevado,
mas sim. Não estou a dar-lhe sozinho
no meu quarto de hotel, por isso...

Magnolia

Chego a casa depois de um longo (mais ou menos) dia no escritório (almoço) e encontro o carro do Tom em frente da casa. Ele não está no meu quarto, nem na sala de estar, nem no salão, nem na outra sala, nem na biblioteca, portanto, começo a questionar se ele não terá talvez apenas estacionado ali e ido dar uma volta no parque.

E, então, ouço a Paili a rir na cozinha.

Entro na cozinha e o Tom, a Paili e a minha irmã olham para mim.

– O que se passa? – Olho alegremente de um para os outros, alisando a saia do meu minivestido em veludo verde-escuro Leona da Khaïtes.

– O Tom está a ensinar-nos a fazer um Martini – diz a Paili.

– E a pedir um – acrescenta a Bridget.

– Ah, está? – Sorrio para ele e ele pousa um pote de azeitonas na mesa, aproxima-se de mim e dá-me uma piscadela disfarçada antes de me beijar.

– Está sim – diz enquanto se afasta.

Está tão bonito. Camisola de algodão canelado amarelo abelha com pespontos contrastantes e calças afuniladas com pregas e cordões em linho e algodão, ambas da Brunello Cucinelli.

– Como foi o teu dia hoje? – Ele volta para o pé da minha irmã e da minha melhor amiga e observa o trabalho delas. – É uma ou três azeitonas, Bridge. Nunca duas.

Ela acena obedientemente com a cabeça. Aceno, observando-o, enquanto as minhas bochechas ficam rosadas. Porque é que ele é tão boa pessoa?

– Tive um almoço de trabalho com a Kitty Spencer...

– Um almoço de trabalho? – pestaneja a Bridget. – O que faz ela na secção de lazer da *Tatler*?

– Bem, foi um almoço durante o horário de trabalho, portanto...

A minha irmã ri-se.

– Paili – o Tom gesticula na direção do frigorífico –, podes tirar os copos do frigorífico?

Ela obedece.

– Bem, agora... – Ele olha para os ingredientes à sua frente. Gin, vermute, azeitonas. – Sujo? – Ele olha para a Bridge e a Pails.

– Imundo! – declara a Bridget, encantada. Então, abana a cabeça. – Estou a brincar. Sempre quis dizer isso.

– Vem cá. – O Tom chama-me para junto deles com um aceno. – Também deves aprender.

– Toda a gente devia saber fazer um Martini sujo – diz a Paili, e consigo ver que ela está apenas a repetir o que Tom disse e acho isso cativante. Sento-me no banco ao lado dele.

– O máximo de gelo possível no copo, por favor, Bridge – diz-lhe ele e ela acena com a cabeça, empilhando os cubos de gelo.

A Paili passa-lhe a colher e ele começa a mexer. Está encaixado no meio de nós e isso afeta-me de uma forma que não consigo entender. É um suspiro de alívio e um nervoso na barriga ao mesmo tempo.

– Não agitado? – pergunto, pestanejando para afastar as partes mais confusas da minha mente.

Ele abana a cabeça.

– Queremos que seja suave – diz a Bridge com orgulho e consigo ver que ela gosta dele, o que me faz gostar ainda mais dele.

– Linda menina – diz o Tom e acena com aprovação. – Vamos mexer durante quase... – Ele para e olha para a Paili.

– Um minuto! – Ela sorri.

– Muito bem. – Ele acena.

Ele serve um Martini a cada uma de nós e a Bridge coloca as suas azeitonas como guarnição.

– Tará! – cantarola ela, gesticulando para as azeitonas.

Eles aplaudem-se, mas eu olho para o Tom com olhos desconfiados.

– Vieste até aqui para ensinares a minha irmã e a minha melhor amiga a fazer um Martini?

– Não. – Ele passa a mão pelo cabelo. – Vim cá para te convidar para um encontro.

Tomo um gole, divertida.

– ... Já estamos a namorar.

Ele abana a cabeça e pega-me na mão, puxando-me para fora do banco e para longe, onde as meninas não nos podem ouvir.

– Assunto de trincheira, infelizmente – diz ele.

– Ah.

– Aniversário da Clossy.

Aceno.

– Está bem.

– Então, estás livre na quarta-feira?

Aceno novamente.

– Estarei.

O rosto dele parece tenso por um segundo.

– Acho que ela anda a sair com alguém.

Pestanejo algumas vezes.

– Oh.

A expressão do rosto dele muda de tensa para frustrada.

– Talvez. Não sei...

Seguro-lhe o braço e procuro-lhe os olhos.

– Estás bem?

Ele dá-me um sorriso tenso.

– Podes usar um vestido que faça com que todos fiquem a olhar para ti?

– E não ficam já? – Pestanejo na brincadeira.

Ele exclama «hah» enquanto me beija a face.

– Obrigado.

19:13

Paili

Querida, então tu e o Tom
estão do tipo... juntos.

Pails, estamos a namorar
há meses.

Sim, mas tu estavas a «namorar»...

E agora estás a NAMORAR

Isso é porque estamos
JUNTOS.

 Sabes o que eu quero dizer.

Não sei, não.

Como está o Beej.

Não sei.

Bem.

Deixámos as coisas num ponto
estranho no outro dia.

Ele vai reconsiderar.

Fá-lo sempre contigo  .



Só para que conste, vocês os dois
também estão JUNTOS.



22:26

Christian

Ei x

Oi xx

Pergunta...

Sim?

O Beej anda a foder muito por aí?

Hah

O Beej anda sempre a foder por aí

Mas quanto?

Vá lá

Não me faças responder a isso

Certo.

Assim tão mau?

Eu não disse porra nenhuma.

BJ

– Simpático da tua parte apareceres para tomar ar, rapaz – diz o Jonah, acenando com o queixo para mim.

Tem os olhos um pouco escurecidos. Anda um pouco distante comigo, acha que ando a dar-lhe demasiado. Por si só, isso é capaz de significar alguma coisa, não sei? Quero dizer, o Jo não é de modo nenhum um monge.

Na verdade, acho que ele gosta da Taura Sax ultimamente. O que talvez seja um pouco merdoso, porque acho que o Henry também gosta da Taura (com alguma relutância)? É provavelmente por isso que o Jo anda um pouco irritado. Anda a fodê-la, sem dúvida. O Henry sabe disso e não parece importar-se e acho que a Taura talvez esteja intrigada por o Henry não se importar? Não tenho a certeza. É uma confusão. Eles acham que eu e a Parks somos uma confusão, mas eles estão a armar a sua própria.

É certo que tem sido uma semana difícil. Bebi estupidamente, fodi até ficar dormente. Não perguntem pelo pó. Posso admiti-lo, ando um pouco descontrolado desde a última vez que vi a Parks, mas é assim que ajo quando as coisas ficam uma merda entre nós.

Normalmente, no espaço de quinze dias, ela estaria a mandar-me SMS com uma emergência falsa, como um pneu furado ou que acha que há alguém em casa dela a tentar matá-la. E eu iria ter com ela, salvá-la-ia e nós carregaríamos no botão de reinício e ficaríamos bem.

Mas ela não ligou. Nem sequer mandou mensagens.

– Tu e a Parks já se resolveram? – Pergunta o Jo enquanto eu me sento na bancada a comer cereais secos da caixa.

– Não... – Mastigo com a boca cheia de Frosted Shreddies.

– Viste-a?

– Não.

– Ligaste-lhe?

Franzo o sobrolho para ele.

– Vai-te lixar.

– Mandaste-lhe mensagens?

Atiro-lhe com os cereais e, sem hesitar, ele pega num telecomando e atira-mo, acertando-me mesmo no peito com uma precisão terrível.

Malditos chefes de gangues...

– Mas que porra, meu? – Geme ele.

Deito-lhe um olhar.

– Ela gosta do Tom.

– Sim e porque é que será? Tu estás a enfardar cereais às três da tarde de uma terça-feira e ele provavelmente está a voar com ela para Barcelona neste exato momento...

– Eu tenho um avião. – Esfrego os meus olhos cansados enquanto olho para ele. – Tu tens um avião. Ela também. Não é nada de especial, todos nós temos aviões.

Ele revira os olhos.

– E qual é a cena de ele lhe chamar Parks? Não achas isso estranho?

– Ele chamar-lhe «Parks»? – Repete o Jonah, franzindo a testa. Eu aceno. – Estás a perguntar-me se eu acho estranho que o Tom chame «Parks» à Magnolia Parks? – Diz ele novamente.

– Sim – digo eu, olhando para ele com impaciência.

O Jonah deita-me um longo olhar que me faz sentir como um idiota.

– Não, não acho estranho que o Tom chame a Magnolia pelo apelido.

– Sim, mas esse é o meu nome para ela.

– Sim, mas também é o apelido dela...

Agito a mão na direção dele porque ele é um idiota que não entende. O Jo olha-me fixamente e não gosto. Ele e a Parks são os únicos que me conseguem fazer sentir como se fosse feito de vidro.

– Beej, o que estás a fazer? – Ele abana a cabeça. – O que aconteceu? Vocês

estavam quase juntos e agora ela anda a dormir com o Tom.

– Uma vez. – Abano a cabeça. Preciso que seja verdade. – Foi um acontecimento único. Uma anomalia sexual... – Aceno com a mão com desinteresse. Ele olha para mim de modo duvidoso, novamente. Eu suspiro. – Ela queria saber o que aconteceu. No encontro.

– Oh. – Ele abana a cabeça e comprime os lábios. – Talvez lhe devesse contar...

Abano a cabeça.

– Não posso.

– Podias sim.

Abano a cabeça novamente.

– É tarde de mais.

É tarde de mais e não posso. Mergulho naquela noite pela bilionésima vez. A Sadie Zabala, naquele vestidinho preto, a foder-me com os olhos do outro lado da sala. As minhas mãos ficaram suadas... fiquei tonto por um segundo – toda a gente sabia que eu estava com a Parks, estávamos juntos há anos a essa altura. O que é que ela estava a fazer? Desci para ir à minha casa de banho. Pensei que era capaz de vomitar. Talvez estivesse bêbado? Não estava. Não bêbado o suficiente para o que aconteceu a seguir, de qualquer maneira.

Ela seguiu-me para ver se eu estava bem.

Não estava.

E, de qualquer maneira, o que é que a Parks saber faria? Dava-lhe uma imagem para ela emparelhar com o seu pesadelo? Não há nada que eu possa dizer que possa melhorar a situação. Não o posso explicar tão claramente como ela precisa que eu o faça.

Estraguei tudo, magoei-a. Não posso mudar isso.

E preciso de que ela me queira mesmo assim. É a única forma.

– E então? – O Jo encolhe os ombros. – Estás a atirar a toalha?

– Com a Parks? – Pestanejo. Ele acena. – Não. – Abano a cabeça.

Nunca.

– Então, o quê? Já a levaste num encontro e estragaste tudo.

Reviro os olhos porque não sei o que mais fazer. Já o fiz. Ele passa a língua pelos dentes enquanto pensa.

– Acho que devias apenas beijá-la.

Solto uma exclamação de troça.

– O quê?

Ele encolhe os ombros.

– Quando foi a última vez que vocês realmente se beijaram?

Franzo o sobrolho enquanto finjo tentar lembrar-me, como se a última vez que nos beijámos não estivesse simplesmente gravada na minha memória, como se não a tirasse para fora como uma camisola favorita de todas as vezes que o meu cérebro tem um minuto livre.

Encolho os ombros como se não significasse nada.

– Há cerca de dois anos.

Ele pestaneja duas vezes.

– O quê?

Recuo, constrangido.

– O que foi?

– Vocês não se beijam há dois anos?

Deito-lhe um olhar.

– Tu estavas lá; foi no cinema depois de eu...

– Essa foi a última vez que vocês se beijaram? – exclama ele.

– Sim!

– Espera aí... Estás a dizer-me que estes anos todos em que vocês têm «dormido juntos» vocês têm, na verdade, literalmente, apenas dormido juntos?

– O quê? Sim, Jo... – Abano a cabeça. – Eu conto-te tudo, meu; tu saberias se nós...

– Nã, Beej, é a Parks. – Ele abana a cabeça. – Tu nunca falas sobre ela como falas sobre as outras miúdas. Guardas essa merda toda para ti.

Ele tem razão.

Ele olha para mim confuso.

– Tens a certeza de que não fizeste sexo com ela nenhuma vez?

– Jonah.

– Uau! – Ele enfia ambas as mãos no cabelo. – Quero dizer, uau mesmo.

Ele está super chocado com esta revelação. Consigo vê-lo a reescrever mentalmente os últimos anos – os olhos a moverem-se como um relógio, enquanto ele alinha as coisas, desfazendo as suas suposições.

– Esse foi realmente o vosso último beijo?

Aceno com a cabeça, lábios comprimidos.

– Sim.

Houve uma outra vez. Eu e a Parks não falamos sobre isso.

– Bacano... – Ele dá-me um olhar. – Beija-a.

Olho para ele e reviro os olhos.

– Vá lá.

O Jo aproxima-se de mim, meio confuso, meio divertido.

– O que é, estás com medo?

Rio-me.

– Não.

– Rapaz, já te vi aproximates-te de super modelos e beijá-las.

Abano a cabeça.

– É diferente.

Ele dá-me um olhar do tipo é-exatamente-isso-que-quero-dizer. É um chato do caracas.

– Beej, de homem para homem... – Ele bate-me no peito. – Beija-a, porra.

Magnolia

É o aniversário da Clara e, como prometido, uso um vestido que vai pôr toda a gente a olhar para mim.

É um mini vestido cai-cai da Dolce & Gabbana, em ráfia tecida com estampado de leopardo e sandálias com tiras de atar.

O Tom, pelo menos, foi-me buscar desta vez. Blusão de aviador em camurça da Brunello Cucinelli, *T-shirt* de riscas pretas e brancas Jil Sanders e *jeans* Fit 2 Slim-Fit da Rag & Bone.

Eles alugaram o espaço do Adam Handling. O da Sloane Street.

– É um amigo – diz-me o Tom no caminho para lá, e depois os olhos dele percorrem o meu corpo de cima a baixo, sorrindo. – Esse vestido...

Olho para ele, orgulhosa de mim mesma, como se tivesse feito muito mais do que apenas ficar bonita.

– Os teus pais vão estar lá? – pergunto.

Ele abana a cabeça.

– Eles não se estão a sentir muito bem em relação a isto de a Clossy andar a sair com este tipo...

Aceno. Sinto-me triste por eles – parece muito rápido, acho. Também me sinto triste por ela, porque por quanto tempo é que devemos ficar sozinhos apenas com a nossa dor? Mais do que oito meses parece ser o consenso da família inglesa.

– E tu? – pergunto. – Estás a sentir-te bem?

A boca dele fica tensa. Acho que ele considera ignorar a pergunta.

– Não.

– Tens a certeza de que ela anda a sair com ele?

Ele olha para mim com o maxilar cerrado.

– Não.

Acho que estou aqui por precaução. No caso do pior cenário. Porque,

provavelmente, eu não levaria o Tom ao aniversário do BJ, a menos que tivesse receio de que o BJ me atirasse uma granada.

Acho que estou aqui para o proteger, caso isso aconteça.

Quando chegamos, a Clara parece feliz por me ver. Eu gostava de sentir o mesmo, mas há algo no facto de a ver que me faz sentir vários sentimentos com rostos que não reconheço e nenhum deles tem nome.

– Uau – lança os braços à minha volta –, adoro esse vestido!

– Também adoro o teu! – Sorrio para ela. É um vestido em *jacquard* plissado com corpete da Dolce & Gabbana. Creme. Um pouco aborrecido, mas simpático.

Entrego-lhe um presente.

– O que é isto! – diz ela maravilhada, como se nunca tivesse recebido um presente na vida.

Eu percebo porque é que o Tom está apaixonado por ela. Porque é que ambos os rapazes England estão. Estavam. O BJ acha que eu tenho olhos de corça? Não quando comparada com a Clara England. Vejam só a miúda mais rica da Grã-Bretanha, cujos olhos se arregalam quando recebe um presente da Net-a-Porter.

Aceno com a mão sem dar grande importância.

– São apenas umas argolas de diamante da Maria Tash. O recibo está na caixa...

A Clara sorri para o Tom com uma alegria tensa.

– Esta é para manter.

Ele devolve um sorriso semelhante. É rígido e forçado.

– É sim.

Ele acena com a cabeça e sinto o coração triste por o ver assim. Quem não sabe a verdade pode achar que a dor entre eles é por causa do marido morto dela, mas eu sei que não é. E acho que o tipo que está com ela também sabe, portanto, aperto a mão do Tom porque devo e também um pouco porque quero. A Clara agarra-me na mão e puxa-me para aquele que talvez seja o seu namorado.

– Sebastian, esta é a Magnolia, Magnolia, este é o Sebastian.

Estendo a mão para o rapaz terrivelmente *sexy* ao lado dela: pele morena,

olhos castanhos, tatuagens de cima a baixo, boca amuada, maxilar esculpido a cinzel, cabelo despenteado. Não reconheço as roupas dele, exceto pelas calças de sarja Black XX justas e afuniladas da Levi's e os Vans pretos, portanto, acho que provavelmente não vem de dinheiro. Não que isso importe, eu não me importo. Beijava-o na mesma com uma cara daquelas. Estou apenas curiosa, suponho. Não é nada como o Sam. Ou o Tom.

Falando nisso, o Tom nem sequer está a ver a minha troca de palavras com o belo rapaz, está apenas a observar a Clara.

Estendo a mão para o rapaz.

– Olá.

– A infame Magnolia Parks. – Ele sorri para mim.

Sotaque americano.

– Ah. – Recuo, encantada. – Já ouviste falar de mim.

– Já.

– Só coisas boas, espero? – Sorrio.

Ele dá-me um meio sorriso acompanhado por um olhar malicioso.

– Nem só coisas boas – diz. Depois, pisca-me o olho e afasta-se.

A Clara desculpa-se profusamente, mas eu não sei se ele me estava a insultar ou a provocar. Ela vai atrás dele; o Tom lança-me um olhar de desculpas e vai atrás dela.

Suspiro, provavelmente de uma forma mais declarada do que pretendo, e vou até ao bar para pedir um Lemon Drop Martini.

Bebo-o demasiado depressa, portanto, peço outro.

– Querida... – O Gus senta-se ao meu lado e puxa pela saia do meu vestido. – Adoro, adoro, adoro...

Passo as minhas mãos sobre o tecido – apanho possivelmente uma lasca, mas continuo – e sorrio para ele.

– Na festa de aniversário do verdadeiro interesse amoroso do namorado falso, que boa namorada falsa que tu és.

Dou-lhe uma palmada no peito enquanto lhe puxo pelo *blazer* de algodão

vermelho não trespassado da Kiton.

– Também é bom ver-te.

– Ouvi dizer que tens estado a ser um inferno em casa ultimamente? – Ele sorri para mim.

Reviro os olhos e rio-me.

– Só para os infieis.

E ele ri-se e começa a contar-me uma história sobre o artista com quem ele e o meu pai estão a trabalhar esta semana. Olho em volta em busca do Tom e encontro-o rapidamente, daquele modo como encontramos alguém por quem somos capazes de ter uma paixoneta porque eles nos atraem o olhar, mas no caso dele acho que é apenas porque é o meu namorado falso.

O Tom encontra os meus olhos e faz-me um aceno que pergunta: estás bem?

Ofereço-lhe um sorriso rápido e aceno de volta, não querendo ser uma má companheira de trincheira.

Rio na altura certa da história do Gus, que sem dúvida merecia mais do que a atenção que não lhe dei, e ele percebe.

– Está a ficar mais difícil, não está?

– Hum? – Pestanejo para ele, confusa. – Não, não. Muito pelo contrário. Está a ficar mais fácil – minto.

– Hum. – O Gus olha para mim desconfiado.

– Está. – Aceno enfaticamente. – Eu sou fácil, alegre. Muito descontraída, muito...

– Vocês enrolaram-se – diz ele.

Franzo imediatamente a testa.

– Como é que fazes isso?

Ele ri-se.

– Ele disse-me.

– Oh. – Reviro os olhos, mas dou por mim a rir.

O Tom corre para nós. Sabes, não é uma verdadeira corrida, mas sim uma

caminhada intencional apressada. Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas.

– Estás bem?

– Sim! Ótima! Sim – digo, sorrindo muito. – Estou bem. – Continuo a acenar.

– Sim. – Grande sorriso para sublinhar.

(– Mas que porra? – murmura o Gus.)

– Tens a certeza? – O Tom franze um pouco a testa.

– Hum. Está tudo bem... – Aceno com o queixo na direção da Clara. – Estás livre.

Ele aperta-me a mão e sorri e eu pergunto-me se sinto uma ponta de tristeza por ele ter aceitado a minha oferta, mas ao mesmo tempo acho que não. Não estou triste porque estaria triste porquê?

O Gus levanta e baixa as sobrancelhas.

– Aperto de mão não solicitado. Que íntimo.

Bato-lhe no braço, rindo. Então, o Gus olha para além de mim e faz um som de alegria enquanto se move para abraçar alguém.

É um enorme abraço masculino, com palmadas nas costas e os ombros a tentarem crescer em largura ali mesmo, para compensar a emoção pura que estão a exhibir. Quando se separam, vejo que o outro tipo é o Rush Evans.

A estrela de cinema. Sabes, aquele rapaz *sexy* naquele filme de adolescentes? Com o rapaz e a rapariga e o drama familiar e ele é um rapaz rebelde e ela é meio chata, mas isso não interessa e eles apaixonam-se um pelo outro? Foi um enorme sucesso. Pô-lo mesmo no mapa.

Ele está com o blusão de avião azul-marinho com o logo estampado da OffWhite, Ksubi's azuis de joelhos rasgados e a *T-shirt* destruída com o estampado icónico dos anos 50 da Saint Laurent que o Beej tem em preto.

– Magnolia, querida. – O Gus empurra-me na direção dele. – Conheces o Rushy Evans? Estivemos todos no Hargrave juntos.

O Rush abana a cabeça e segura-me o pulso com delicadeza.

– Nunca nos conhecemos, mas sei quem és. – Ele beija-me a face.

Deixo escapar uma pequena risada que é mais como um suspiro.

– É um prazer conhecer-te.

Ele acena com a cabeça, sorri e tem uns olhos que deixam as raparigas em apuros.

– Igualmente. – Então, ele olha para o Gus. – Já conheceste o novo tipo da Clossy?

O Gus acena com a cabeça com uma expressão bastante neutra no rosto. O Rush abana a cabeça.

– É lixado. – Então, inclina-se sobre o bar e pede uma rodada de bebidas.

(– O Rushy era o melhor amigo do Sam – diz-me o Gus enquanto o Rush está fora do alcance da sua voz.)

(– Oh. – Aceno, sentindo-me ainda mais triste por todos.)

O Rush entrega-me um *shot* a mim e outro ao Gus; brindamos, engolimo-los e depois ele entrega-me outro Lemon Drop Martini e um Negroni ao Gus.

– Atualiza-me em relação a ti e ao Tommy – diz ele, recostando-se contra o bar.

O Rush Evans é realmente muito charmoso. Incrivelmente bonito, inteligente e brincalhão, menos hollywoodesco do que eu imaginava, mas capaz de te partir o coração com toda a certeza se deixares.

Conto-lhe a história oficial da trincheira adequada para festas, que inclui o bar, o beijo e termos sempre tido uma paixoneta, etc. Ele acena com a cabeça. O Gus está a exhibir expressões faciais nada úteis o tempo todo, mas o Rush está principalmente a olhar para mim.

– Mas pensei que estavas com o... Como é o nome dele? – Ele estala os dedos duas vezes. – Foda-se. O tipo do Instagram a quem as miúdas estão sempre a atirar as cuecas.

Franzo a boca e engulo em seco com alguma dificuldade porque sinto a falta dele.

Porque é que ele não me ligou?

– BJ. – Aceno com a cabeça e depois bebo o resto da minha bebida.

O Rush lança-me um olhar intrigado.

(– Rapaz – ele chama o empregado e acena com a cabeça para mim.)

– Passa-se muita coisa aí? – pergunta o Rush e o Gus inclina-se, de sobranceiras erguidas, à espera, como o chato que é.

– Absolutamente nada – declaro em desafio e, receio, com sinceridade.

– Então, Parks, explica-me isto – diz o Rush, acenando com o queixo na direção do Tom, que está praticamente a fazer sombra à Clara. Esta está sentada com o seu talvez-namorado *sexy* a uma mesa, sozinhos, e o Tom está a pairar discretamente por perto. Está a conversar com alguém, uma rapariga que parece muito satisfeita por estar ter uma audiência com ele. Tão satisfeita que está disposta a ignorar o facto de Tom não parecer ter o mínimo interesse no que ela tem a dizer.

– Se estás a abancar com o Tom...

– Não estou – esclareço. – Eu nasci na zona W11. Não abanco...

O Gus ri-se e o Rush ergue as sobranceiras, divertido.

– Eu disse para me explicares...

Reviro os olhos e faço um gesto para ele continuar, enquanto termino a minha bebida.

– ... se estás com o Tommy, porque é que ele não consegue tirar os olhos da Closs, hum?

Inspiro rapidamente, mas contenho-me e expiro mais devagar.

As sobranceiras do Gus estão erguidas, à espera da minha resposta.

– Não sei. – Encolho os ombros de modo desinteressado. – Está a ser protetor, talvez?

O Rush olha para o Tom, depois para a Clara e depois para mim.

– Protetor?

Aceno com a cabeça, com bastante segurança. Os olhos de Rush semicerram-se.

Pigarreio.

– Na verdade, acho que o olhar dele tem menos uma carga sexual e mais

talvez... – Estou a improvisar – um toque de mãe... pata.

O Gus reprime uma gargalhada. O Rush não, ele solta simplesmente uma risada.

– Com que raio de tipo de patos é que tens andado a sair?

– Uns patos absolutamente deprimentes – digo, orgulhosa da minha piada estúpida.

Ele sorri para mim e eu começo a rir. Ele parece satisfeito consigo mesmo.

– Céus. – Ele abana a cabeça. – Se não estivesses a fingir que namoras com o meu melhor amigo, eu estava já a atirar-me a ti...

– O quê? – Franzo a testa e coro ao mesmo tempo. – Eu... Não! Pff!

O Rush Evans dá-me um olhar.

– O que foi? Achas que não reconheço um relacionamento de RP quando o vejo? Oh, vá lá – aponta para si mesmo –, eu estou num.

O Gus oferece-me um olhar satisfeito e eu solto um suspiro exasperado. Então, ouve-se um grande estrondo do outro lado do restaurante.

Olhamos todos para lá e é o Tom a agarrar o talvez-namorado *sexy* pelos colarinhos e a empurrá-lo contra a parede.

O Tom é um pouco maior do que o Sebastian, mas o namorado parece saber lutar.

O Sebastian solta-se com um empurrão e o Gus e o Rush correm para lá.

O Gus puxa o Tom para longe e o Rush empurra o Sebastian novamente, gritando alguma coisa e apontando. O rosto da Clara está destrçado.

Eu fico ali de pé, ainda no bar. Estou um pouco tonta e confusa em relação ao meu lugar em tudo isto. Um sentimento de proteção surge dentro de mim em relação ao Tom quando noto o sangue que pinga ligeiramente do seu lábio ferido.

Também fico triste pela Clara, que parece presa – entre o seu passado e o seu futuro, acho.

E, então, fico triste por mim, porque acontece-me o mesmo.

Deixo-me ficar para trás, esperando que a situação se acalme. Ouvem-se alguns gritos, principalmente entre o Tom e a Clara. Não consigo ouvir o que eles

estão a dizer – e tenho a sensação avassaladora de que não deveria de qualquer forma.

Os olhos da Clara parecem turvos de lágrimas.

O rapaz *sexy* pega-lhe na mão e a puxa-a para longe dali.

Parece demorar uma eternidade até o Tom olhar em redor da sala e lembrar-se de que estou ali. A expressão dele desfaz-se e ele parece pesaroso enquanto corre para mim.

– Desculpa. – Abana a cabeça.

Pego num guardanapo e limpo o sangue do seu lábio inferior. Ele estremece, mas os seus olhos suavizam-se.

– Desculpa – diz ele novamente e eu não sei porquê. Não sei o que dizer, portanto, limito-me a abanar a cabeça e a encolher os ombros. Não sei o que aconteceu. Não sei do que é que ele se desculpa. Não sei porque é que me pede desculpa a mim.

– Vamos embora, está bem? – Ofereço-lhe a minha mão.

Ele pega nela, beija-a distraidamente e acena para os amigos enquanto me leva dali.

(– Ele beijou-te a mão! – Murmura o Gus dramaticamente, gesticulando para a própria mão.)

(– Cala-te! – Murmuro de volta.)

O Tom está carrancudo quando entramos no seu carro.

– Para minha casa, James – diz ao motorista.

Bom, acho que não vou para casa, então? O Tom está a olhar pela janela e consigo senti-lo nele – a sua mente é uma moto Peloton no meio do trânsito engarrafado. Tem as rodas a girar, mas não consegue ir a lado nenhum.

– Posso fazer alguma coisa? – pergunto por fim. O Tom olha para mim e solta o ar dos pulmões, oferecendo-me um pequeno sorriso.

– Na verdade, não. – Ele faz uma careta. – Não.

Concordo com a cabeça e sinto-me triste por ele. Tenho uma vontade breve e fugaz de o beijar porque imagino que isso o fará sentir-se melhor.

Não o faço porque sou covarde.

– Ei. – Em vez disso, toco-lhe no braço. – Acho que o teu amigo sabe sobre nós.

Ele acena.

– Sim, o Gus? Já me disseste.

– Não – abano a cabeça. – O Rush.

– O Rush? A sério? – Ele recua, ligeiramente surpreendido. – Como é que sabes?

Franzo os lábios antes de responder, mas decido ser sincera.

– Porque ele disse que se eu não estivesse a fingir que namoro com o melhor amigo dele atirava-se a mim...

O maxilar do Tom fica imediatamente tenso e ele semicerra os olhos, mas mesmo assim faz um pequeno sorriso antes de se rir.

– Claro que sim, o sacana bajulador... – Ele abana a cabeça, rindo. – Sim, ele ia adorar-te. És mesmo o tipo dele...

Ele parece um pouco irritado com isso o que me deixa feliz.

– Sou? – Tento manter o meu sorriso sob controlo, embora não o consiga totalmente.

O Tom revira os olhos.

– Bela boca. Boas pernas. Excitável. Ridícula. Com um pouco de atitude.

O meu rosto vacila um pouco.

– ... Desculpa, estás a tentar ser mauzinho?

– Não. – Ele franze a testa e abana a cabeça rapidamente. – Desculpa. Não. Tu és apenas... – Olha para mim pensativo e expira de modo sonoro. – Eu devia tê-lo previsto.

Fito-o por alguns segundos.

– Estás com ciúmes?

Ele faz uma pausa. Os nossos olhos estão presos um no outro.

– Na verdade, sim. Estou. – Ele ri-se. – Eu sei que é uma merda porque passei

a noite inteira focado noutra rapariga. – Ele oferece-me um olhar ligeiramente arrependido.

– Oh – sorrio. – Então, tinhas noção disso.

O olhar transforma-se em remorso total.

– Desculpa.

Encolho os ombros, fingindo que os meus sentimentos não estão nada feridos.

– É para isso que estou aqui.

– Ainda assim, desculpa – diz ele.

Eu aceno com a cabeça, sorrio e depois olho pela janela.

Ele continua a olhar para mim; consigo sentir os seus olhos sobre mim, portanto, volto a olhar para ele.

O rosto dele contrai-se enquanto ele reflete nos seus pensamentos.

– Queres que eu arranje as coisas contigo e com o Rush?

– O quê? – Pestanejo, surpreendida.

– Se gostas dele... – Ele encolhe os ombros e engole em seco. – Quero dizer, tu e eu, nós somos apenas... tu sabes. Qualquer coisa, certo? Então, se te sentes atraída por...

– Ele é muito atraente – admito. – Daquela forma obviamente *sexy* de *playboy* de Hollywood sagaz.

O Tom solta uma pequena risada.

– Sim, ser-se obviamente *sexy* é o pior tipo de *sexy*. – Ele lança-me um olhar.

Comprimo os lábios, divertida. O Tom olha pela janela.

– Sabes quem mais é obviamente *sexy*? – digo, querendo outra vez a atenção dele.

Ele olha para mim, erguendo as sobrancelhas. Toco-lhe com o dedo.

Ele funga uma risada e depois o rosto dele volta a ficar sério.

– Queres que o faça? – pergunta de novo.

– Não, obrigada.

Ele pestaneja.

– Não?

Abano a cabeça.

– A sério?

Reviro os olhos com um suspiro recatado.

– Quando é que eu ia conseguir enfiar o Rush Evans entre ti e o BJ?

Ele ri-se, mas acho que parece aliviado.

– Esta noite foi difícil para ti?

– Sim. – Ele concorda. – Eles estão juntos.

– Tom... – Toco-lhe no braço. Ele olha para baixo, para onde lhe estou a tocar, e de volta para os meus olhos. – Lamento imenso.

Ele abana a cabeça e encolhe os ombros.

– Não é como se ela pudesse estar comigo de qualquer maneira.

– Ainda assim.

Ele abana a cabeça, voltando a olhar pela janela.

– Estás a levar-me para tua casa de propósito? – pergunto ao fim de um momento.

– Merda... – Ele abana a cabeça uma vez, parecendo arrependido. – Não. Não estava a pensar... James, podemos...

– Eu vou para tua casa – interrompo. Todas as bebidas que tomei deixaram-me mais corajosa agora do que sou na vida real.

Ele olha para mim, de olhos arregalados, e não diz nada.

– Se quiseres – acrescento. Ele acena.

Paramos em Westminster, naqueles apartamentos novos da Victoria Street. Os desenhados por Stiff + Trevillion, sabem o que quero dizer? Angulares? Com tijolos cinzentos?

Subimos as escadas sem nos tocarmos.

Ele abre a porta do seu apartamento e continua calado, mas acho que está apenas triste. É um apartamento de três quartos no último andar – grande o suficiente para uma pessoa, sem dúvida.

O estilo dele é surpreendentemente minimalista. Muitos tons neutros. Um pouco de verga. Salpicos de mármore.

– Esta é a tua casa? – Pestanejo.

– O que foi? – Ele olha para mim. – Não gostas?

– Não, eu... eu gosto. Apenas pensei... não sei. – Encolho os ombros. – Tu és o Tom England. Pensei que talvez tivesses o teu próprio McDonalds num canto?

– Não sou o Riquinho.

– Um criado robô de última geração...

– Está na casa de campo. – O Tom sorri.

Aponto para o apartamento em nosso redor.

– Então, quantas raparigas é que já recebeste aqui?

– Queres dizer de visita? – Ele parece confuso.

– Não, quero dizer sexualmente...

Ele ri-se.

– Com quantas raparigas é que já fizeste sexo? – Esclareço.

– Aqui?

– Aqui – aceno. – Em qualquer lado...?

Ele considera a pergunta.

– Aqui... a Erin e outra rapariga. Noutros lados, três outras raparigas, sem contar contigo.

– Seis! – Pestanejo, incrédula. – Só fizeste sexo com seis pessoas?

Ele franze a testa, na defensiva.

– Tu só fizeste sexo com duas.

– Não – digo eu, abanando a cabeça. – Quero dizer, não posso acreditar. Tu és o Tom England. E pareces o Thor...

Ele ri-se.

– Como é possível só teres estado com seis mulheres?

Ele respira fundo, solta o ar e serve-me uma bebida castanha forte de que não gosto, mas que bebo mesmo assim, porque quero a sensação quente que me dá

quando atinge o meu estômago vazio.

– Tive uma namorada na escola, dormi com ela. Conheci a Erin na universidade e estivemos juntos durante mais ou menos oito anos. – Ele encolhe os ombros. – E depois apaixonei-me pela mulher do meu irmão.

A minha boca estremece num sorriso.

– Tentei dormir com algumas pessoas para ultrapassar isso; não funcionou. – Ele encolhe os ombros. – E depois, tu.

– E depois, eu. – Dou-lhe um pequeno sorriso.

– Porquê? – Ele acena-me com o queixo. – Com quantas raparigas é que o BJ já dormiu?

Engulo em seco.

– Ele não me diz.

O rosto do Tom vacila um pouco.

– Mas acho que podemos dizer com segurança que está na proximidade das centenas.

Ele recua, pestanejando.

– Múltiplas?

Encolho os ombros como se não fosse nada, embora me pudesse afogar na quantidade de mulheres para quem o perdi.

– Pelas minhas contas... – Dou-lhe um olhar rápido. – Tento não contar.

– Porra. – Ele suspira. – Lamento, Parks.

Aproximo-me dele, ficando mesmo à sua frente. Estou mais perto do que preciso de estar, mas sinto que quero estar perto.

– Estás mesmo bem? – Ergo os olhos para ele.

Ele prende-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Sim.

Aperto os lábios, pensando apenas por um segundo antes de o dizer.

– Queres fazer sexo? – Quantos Lemon Drop Martinis são demasiados?

– Oh. – Ele pestaneja algumas vezes, surpreendido. – Hum... talvez?

– Talvez? – Franço a testa.

Não bebi de mais porque não sinto o rosto a formigar. Apenas sinto o peito quente, a mente a flutuar e o meu coração está entorpecido o suficiente para talvez não pensar no quanto sinto a falta do BJ durante meia hora. Ele inclina a cabeça para mim e tem já a mão um pouco no meu cabelo.

– Bebeste um pouco?

– Um pouquinho! – Aceno e ele ri-se. – Mas não estou bêbada.

– Mesmo? – pergunta ele, desconfiado.

– Alegre, talvez.

– Quão alegre? – Ele ri-se.

– Bastante. – Levanto-lhe a camisa e deito uma olhadela ao estômago dele. – Cada vez mais a cada segundo.

– Estou a ver. – Ele acena, pensativo. – Estás zangada com o BJ?

– Não mais do que o normal.

Ele sorri.

– Ele fez sexo com alguém lamentável esta semana e estás a tentar processar a situação dormindo comigo?

– Oh – aceno de modo enfático –, tenho a certeza de que sim, mas não possuo nenhum conhecimento definitivo de tais acontecimentos.

Ele solta uma risada e humedece o lábio inferior.

– Vais escapulir-te da minha cama a meio da noite para ires ter com um ex-namorado?

Reviro os olhos.

– Vou tentar conter-me.

Os olhos dele semicerram-se enquanto me dá um longo olhar.

– Isto é uma boa ideia?

Abano a cabeça e encolho os ombros ao mesmo tempo.

– Não sei. Pode ser uma ideia terrível...

Ele faz uma careta, pensativo.

– Mas provavelmente divertida...

Eu concordo.

– Provavelmente...

BJ

Beija-a, foi o que o Jonah disse. Não sei por que me pareceu uma sugestão tão louca – não é como se eu não o quisesse fazer o tempo todo, não é como se o nosso relacionamento até agora não fosse pontilhado por uma infinidade de quase-beijos – será a permissão, talvez?

Alguém dizer-me para o fazer, validando a minha sensação de que já o deveria ter feito o tempo todo.

Pondero o assunto por alguns dias.

Finjo que estou a refletir sobre o assunto, mas, na verdade, só estou à procura de coragem, porque acho que sei que será provavelmente o beijo mais importante da minha vida.

Eu sei onde ela está às sextas-feiras.

Gosta de terminar a semana com umas pequenas compras na New Bond Street; claro, «pequenas» é relativo para ela. Algures entre uma ou duas malas novas e comprar uma loja inteira. Depende da semana dela, depende de mim, provavelmente – de quão lixado eu estava, de como estávamos felizes...

Entro na Gucci – é a primeira loja que tento e ela está lá porque é previsível – e fico junto do balcão, a observá-la a examinar as prateleiras. Dou o meu melhor para manter o meu rosto sob controlo, para não parecer um enorme idiota que está demasiado apaixonado para o seu próprio bem. É difícil não sorrir quando ela está a usar o meu blusão de avião preto. É daqui, comprei-o há algumas semanas. Ela escolheu-o. É vermelho e azul nos ombros – já me tinha perguntado onde estaria... Encontrou um propósito mais elevado nos ombros da melhor rapariga que conheço.

Ela está de pé diante do espelho, a olhar para si mesma nuns *jeans* à boca de sino azul índigo e uma *T-shirt* curta com cerejas que lhe quero imediatamente tirar porque fica maravilhosa com eles.

– Tu nunca vais usar os *jeans* – digo-lhe e ela vira-se, de olhos arregalados e faces rosadas assim que me vê.

Aproximo-me dela e ela puxa pelas roupas de modo quase febril, o que é estúpido porque está tão *sexy* que é de loucos.

– Mas compra isto – digo-lhe enquanto faço deslizar o polegar por baixo da bainha do top, esfregando-o entre os dedos.

Não preciso de estar tão perto dela como estou, mas quero estar.

Ela dá um passo consciente para longe de mim – força-se a fazê-lo. Pestaneja muito, parece embaraçada. Tento não sorrir. Ela empurra o cabelo para trás dos ombros, tentando controlar o que pode.

– Então, não gostas dos *jeans*? – Pergunta, olhando para si mesma no espelho de olhos semicerrados.

– Não, eu gosto deles – digo e aceno. – Tu é que não os vais usar.

Ela vira bruscamente a cabeça na minha direção.

– Vou, sim.

– Não vais.

– Vou, sim! Tu não me conheces – diz ela de nariz empinado e, ainda antes de a frase lhe sair completamente da boca, parece que se vai rir do que disse.

Não o faz. É muito orgulhosa.

– Eu conheço-te, Parks – digo-lhe enquanto caminho na direção dela, com uma expressão mais suave nos meus olhos do que para qualquer outra pessoa.

Coloco-me atrás dela.

Os nossos olhares cruzam-se no espelho e ela engole em seco, nervosa.

Está agitada. O seu peito sobe e desce rapidamente.

– Estás aqui para a tua Gooch semanal? – Aceno para ela através do espelho e ela vira-se rapidamente com o sobrolho franzido. Eu já estou a rir.

– Já te pedi várias vezes para não lhe chamares assim... – Ela fita-me. – Assim como o Alessandro Michele, também. – Ela dá-me um olhar severo.

– Desculpa. – Enfio as mãos nos bolsos. – Onde está o teu namorado?

Ela passa para uma prateleira diferente, escolhe meia dúzia de peças e entrega-as sem dizer nada à empregada, esperando que ela se afaste antes de falar.

– Ele foi voar ontem por alguns dias. – Ela inclina a cabeça para o casaco que estou a usar. Semicerra os olhos. – Blusão de aviador em flanela xadrez extra largo?

Estico o queixo para ela.

– De quem?

– Balenciaga – diz ela, sem olhar para mim. – E os teus *jeans* são de TAKAHIROMIYASHITA TheSoloist.

Solto uma risada, abanando ligeiramente a cabeça para ela.

Ela olha para mim e semicerra um pouco os olhos.

– Ouvi dizer que tens estado muito ocupado.

A minha expressão vacila de surpresa.

– Ouviste?

Ela observa-me atentamente.

– Muitas raparigas...

Franzo a testa.

– Quem te disse isso?

Ela encolhe os ombros toda tímida e assim e depois fecha a pesada cortina de veludo do provador. Torce provavelmente o bracinho, tal a força com que o faz. Surge um minuto depois com um vestidinho curto azul e dourado. Não é a minha coisa favorita entre todas as que já usou, mas, ainda assim, saltava-lhe em cima num abrir e fechar de olhos.

Engulo em seco e cruzo os braços sobre o peito.

– Tens estado ocupada?

As sobrancelhas dela curvam-se para cima.

– Não tão ocupada como tu.

Franzo um pouco o sobrolho.

– Ocupada sequer?

Os olhos dela arregalam-se ligeiramente e as suas faces ficam rosadas. Ela engole em seco, nervosa.

– Sim.

Fito-a por alguns segundos, sem pestanejar, e depois grito:

– Foda-se! – Alto. Aquilo assusta-a.

– Desculpa... – Olho para a vendedora. Abano a cabeça. – Desculpe.

Depois olho de novo para a Parks, cujos olhos estão arregalados e alarmados.

– Desculpa, mas foda-se.

O lábio inferior dela parece poder desmoronar a qualquer segundo. Não é um tremor completo, mas está lá.

– Desculpa – diz ela em voz baixa.

Enfio as mãos no cabelo enquanto abano a cabeça.

– Foda-se... Não, é o teu... quero dizer, eu...

– Sim. – Ela franze a testa, na defensiva. – Tu...

– Estás a matar-me, Parks – interrompo-a.

– Estou? – pergunta ela com os olhos pesados.

– Um pouco. – Aceno.

– Só um pouco? – Ela lança-me um meio sorriso. – Não é assim tão mau, então, pois não?

Fungo uma risada.

– Gostava mais se não me estivesse a matar sequer, para ser sincero...

Os nossos olhos encontram-se. Ela é a corça e eu sou o lobo e há um camião enorme a vir na nossa direção no meio de uma noite escura.

Ela engole em seco.

– Eu também, na verdade. – Então, fecha a cortina novamente.

Respiro fundo, encosto-me à parede do lado de fora e bato duas vezes.

– Ei.

– O que é? – Embora não possa ver o rosto dela, sei que está ofendida.

– Posso entrar?

– O quê? – Ela parece nervosa.

– Quero entrar – digo-lhe.

– Porquê? – Ela soa de modo urgente.

Balanço a cabeça, pensando numa desculpa decente.

– Quero ver como ficas com essas roupas – minto.

– Bem, não! – diz ela de imediato.

– Porquê? – Pergunto com um encolher de ombros, ainda que ela não me possa ver. – Já te vi sem roupa antes.

– Pensei que me querias ver com as roupas.

– Oh – solto uma risada. – Bem, estava a mentir antes.

– Não me queres ver com as roupas? – Ela faz beicinho.

– Quero ver-te... sem... roupas.

– Bem – sopra ela –, não podes.

– Não é nada que eu não tenha visto antes...

– Bem, isso era diferente!

– Como? – Reviro os olhos. – Além disso, não podemos ter uma verdadeira conversa com alguém através de uma cortina...

– Estamos a ter uma conversa agora!

Pausa. É agora. Ou vai ou racha. Prosseguir com cuidado. Mas prosseguir, sem dúvida.

– Ei, Parks. Não queres realmente que eu entre aí ou estás a fingir que não queres que eu entre, porque gostas de te fazer de difícil, porque isso faz com que te sintas no controlo de mim, ou de nós e seja lá o que raios nós somos, mas, na verdade, ficarias toda feliz se eu saltasse para aí e te apalpassse contra a parede?

Há uma pausa. Uma longa pausa.

Foda-se.

E então, do outro lado da cortina,... ouve-se uma voz pequena e cabisbaixa.

– A segunda.

Entro no provador e há um espaço entre nós. Encaro-a durante alguns segundos, mais tímido do que gostaria. Os olhos dela parecem umas janelas

enormes num dia de tempestade; está com medo. É visível em toda ela. Eu também estou.

A minha respiração descontrolou-se; consigo ver o meu próprio peito a mover-se... O meu estômago parece que tem um animal a escavar lá dentro.

Ela está a pestanejar muito, a chupar o lábio inferior, que é uma coisa que faz quando está com medo, mas também quando me ama mais.

Os meus olhos percorrem-lhe o corpo e ela fica ali, à minha espera.

Provavelmente, nunca estive assim tão nervoso em relação a nada na minha vida. Abano a cabeça para mim mesmo.

– Que se lixe.

Avanço para ela. Uma mão está no cabelo dela e com a outra levanto-a até à minha cintura – e encosto-a com força contra a parede. Ela ri-se enquanto me fita e os seus olhos movem-se rapidamente entre os meus e a minha boca.

Ofereço-lhe um meio sorriso e não consigo acreditar totalmente que a tenho encostada a mim num provador da Gucci.

Ela dá-me um olhar exasperado.

– Vá, então...

– Está bem, está bem. – Reviro os olhos. – É só eu querer.

– Não queres agora? – Ela pestaneja. – Estás a falar a sério? Estás completamente lou...

– Parks – interrompo.

– Hum? – Ela franze a testa.

– Cala-te – digo-lhe e, então, parece sério.

Desço a minha mão até ao rosto dela, puxo-a para mim e as nossas bocas roçam-se.

Então, beijo-a. Lentamente no início... lentamente, como quando bebemos um *whisky* da prateleira superior – sentindo-o na boca, deixando-o rolar por alguns segundos antes de bebermos mais. Delício-me com o sabor do meu velho amor, o meu amor de sempre. Lentamente, lentamente e, então, mais. Beijo-a mais profundamente e a respiração dela fica-lhe presa no peito e eu lembro-me de

quanto adorava quando isso acontecia e, então, faço-o mais.

Somos como uma torneira partida onde a água pinga, pinga, pinga e depois sai com força total –, mas sempre fomos assim. Ela solta uma respiração sufocada e depois engole em seco e eu estou a puxar-lhe o vestido do corpo. Ela atira-se à minha camisa, abrindo os botões com os dedos desfocados.

Desço-a da minha cintura e ela arranca-me a camisa do corpo. Somos bons nisso. Anos de prática, acho. E embora não pratiquemos há anos, parece que não perdemos nenhum terreno – apenas tempo. Envolver-a com os braços e encosto-a novamente com força contra a parede enquanto ela se atrapalha com o botão das minhas calças. Ela abre o fecho e quando está prestes a agarrar-me...

Ouve-se uma pancada na parede.

Deixo cair a cabeça em cima da Parks, um pouco derrotado, mas seguro-a com mais força porque ainda não acabei.

– Hum – a Magnolia pigarreia. – Sim?

– Olá, hum. – A empregada tosse nervosamente. – Acho que... hã... o que quer que vocês estejam a fazer aí é capaz de ser contra a política da empresa, acho.

Estou a um segundo de desatar à gargalhada e a Parks percebe, porque coloca a mão na minha boca para me calar.

– Hum, eu não estou a fazer nada – diz a Magnolia com displicência.

– Eu sei que há um rapaz aí dentro – diz a rapariga, tornando-se um pouco mais confiante.

– Não – diz a Parks de forma pouco convincente. – Não há...

– Eu vi-o entrar aí – diz a vendedora.

E eu solto uma risada sem querer.

A Parks franze a testa para mim, abanando a cabeça.

– Era eu! Está a dizer que pareço um homem?

– Eu consigo ouvi-lo! – diz a rapariga, parecendo nervosa.

Inclino-me para a Parks, dou-lhe um mega beijo e sinto o seu pequeno corpo tenso relaxar quando o faço – o controlo que tenho sobre ela foi sempre algo que adoro e que me assusta ao mesmo tempo. Mas acho que é assim que me sinto em

relação a ela em geral.

Um segundo – murmuro para a Parks.

Depois vou até à cortina e ponho a cabeça de fora.

– Olá – sorrio para a rapariga da loja, oferecendo-lhe aquilo a que a Parks chama «sorriso mágico». As miúdas fazem coisas estranhas quando lhes mostro o sorriso mágico. Uma vez, uma desmaiou.

– Olá – diz ela, timidamente, corando de imediato.

– Esclareça-me apenas uma coisa – digo, passando a mão pelo cabelo. – Qual é exatamente a política da empresa? É uma pessoa por provador? Ou é nada de sexo no provador? Porque há uma grande distância entre essas duas coisas, se é que me entende... Tipo, posso apalpá-la no provador? Podemos ir quase até ao fim? Com o que é que estamos a lidar aqui?

Nem preciso de olhar para a Parks para saber que ela está a corar – está –, mas a vendedora também está. Por fim, esta consegue finalmente oferecer um sorriso de desculpas.

– É uma política de uma pessoa por provador, infelizmente.

– Porra. – Franzo a testa. – Pouca sorte. – Olho para a Parks e aceno com a cabeça. – Espero aqui fora.

Ela toca na boca, abanando a cabeça, pensando, pestanejando.

Sento-me lá fora, à espera dela, sorrindo de orelha a orelha. Não sei o que isto significa. Não sei o que nada significa.

Tudo o que sei é que beijá-la foi como tomar um banho depois de um jogo de rãguebi particularmente brutal.

A minha mãe levava-me para casa, todo destruído, todo enlameado, dorido e o carças – e todas as semanas aquele banho deixava-me no céu.

Parecia que não tomava banho há anos, era assim que me sentia.

Às vezes, a Parks juntava-se a mim. Isso ainda me deixava mais nas nuvens. Mas ao beijá-la agora consegui sentir a lama a sair.

Ela surge dez minutos depois com a sua pilha de sins. Pego nela e levo-a até ao balcão.

– Não precisas de pagar – grita ela atrás de mim.

Lanço-lhe um olhar. Coloco as coisas no balcão.

– Que tal está a correr o dia? – pergunto à rapariga da loja.

Ela sorri, olhando de mim para a Parks.

– Provavelmente, não tão bem como o seu.

E eu digo:

– Ah. Bem. – Ergo uma sobrancelha para ela, na brincadeira. – Não se preocupe, o dia ainda mal começou. Um dos seus ex-namorados pode aparecer e dar-lhe um beijo num provador.

Ela fica vermelha e ri-se. Pego nos sacos e a Parks segue-me.

Ela fica parada na rua, a olhar para mim. Tem os olhos grandes arregalados e está a morder o lábio inferior como eu gostaria de fazer.

– É pena termos sido interrompidos – diz ela.

Eu aceno, soltando uma pequena gargalhada.

– Pois é. – Levo os sacos para o carro dela.

Ela gesticula para eles.

– Obrigada.

Aceno-lhe com a mão e ela aproxima-se de mim. Nem sequer tenho intenção de o fazer quando deslizo os meus braços em volta da cintura dela. Acontece, simplesmente, como se segurá-la fosse a coisa mais natural do mundo.

– Queres vir para casa comigo agora? – pergunta ela em voz baixa.

– Quero, sim. – Aceno. – Sim. Muito... Mas tu tens...

– Um Tom. – Ela acena com a cabeça.

Ofereço-lhe um sorriso tenso.

– Nem sei o que isso significa.

Ela solta uma risada cansada, mas por trás parece um pouco triste e confusa.

– Nem eu.

Envolvo o rosto dela com ambas as mãos e pressiono a minha boca contra a dela. Beijo-a duas vezes.

– Então, descobre e depois diz-me – digo-lhe.

E, então, vou-me embora.

21:42

Beej

Olá

Ei

Estás bem?

Sim, e tu?

Estou.

O tempo está bom
por aí, Parks?

Muito bom.

E as abelhas?

Oh, estão ótimas.

Sim?

Sim. Na verdade, acho que nunca
vão ficar extintas. Não faço ideia
do que é que o Attenborough
anda a dizer...

Nunca, hem?

Magnolia

Entro e fito o meu pai e a Marsaili enquanto me atiro indelicadamente para uma cadeira ao lado de minha irmã num efeito dramático. A Marsaili revira os olhos.

– Porque é que estás vestida assim? – A minha irmã franze a testa para mim, que tenho um vestido evasê curto em *tweed* Metallic Monogram e cinto com o V icónico da Louis Vuitton.

– O que foi? – Olho para mim mesma. – Estou bem? Devias experimentar um dia.

Ela dá-me um olhar bajulador.

– Tu tiraste isto para mim.

Praguejo baixinho porque ela tem razão – tirei mesmo. E ela está completamente fantástica com os calções de caxemira Rainbow em malha canelada da The Elder Statesman e a camisola azul-marinho com cordões da coleção Michael Kors. Vejo que escolheu os sapatos, contudo. Uma espécie de alpargatas tristes e sem marca. Alpargatas! Em Londres! No outono. Meu Deus.

– Um jantar com todas as minhas meninas – diz o meu pai, enquanto eu me sento relutantemente à mesa.

Este é um jantar, com a Bridget, o meu pai e a madrastra má, para o qual fui coagida a comparecer – em nossa casa, obviamente. Aparentemente, não estão dispostos a arriscar que eu grite com eles em público, os floquinhos de neve. Jantar encomendado, obviamente – porque a Marsaili já não levanta um dedo cá em casa, a preguiçosa.

Pergunto-me se foi por isso que ela se tornou tão relaxada em relação a servir-me adequadamente o pequeno-almoço ao longo dos anos.

A coerção aconteceu porque o meu pai disse que não me pagava a fatura do cartão de crédito este mês a menos que eu comparecesse. Eu esclareci se a minha presença era o único pré-requisito e ele disse que sim, portanto, primeiro, é um idiota e, segundo, eu pedi à minha equipa jurídica que elaborasse os termos,

obviamente, e agora o acordo é inatacável.

– Obrigado por te juntares a nós, Magnolia. – O meu pai sorri.

– Sim, claro – digo. – Ontem comprei uma prancha de hidrofólio elétrica.

– Está bem. – O meu pai acena com a cabeça ao mesmo tempo em que a minha irmã franze a testa e pergunta:

– Porquê?

– Custou cerca de dez mil libras – digo eu, bebendo a minha água.

– Claro que custou – diz ele e suspira.

– Tu nem sequer surfas – diz a Marsaili.

– Mas podia.

– Onde? – Troça a Bridget. – Vais andar de um lado para o outro no Tamisa?

Ignoro-a.

– Como vão as coisas com o Tom? – pergunta o meu pai.

– Sim, está tudo bem – digo, enquanto empurro as cenouras assadas com manteiga de alho e mel em volta do prato. – Ele esteve fora nos últimos cinco dias. Volta amanhã.

– Aconteceu alguma coisa interessante enquanto ele esteve fora? – pergunta a minha irmã de modo um pouco incisivo.

Olho para ela.

– Não.

– Nada mesmo?

Deito-lhe um olhar estranho.

– Não. – Tomo um gole do meu vinho.

– Não aconteceu teres quase feito sexo com alguém nos provadores da Gucci?

Engasgo-me com o vinho.

– Quem te disse isso? – Fito-a.

(– Com quem é que quase fizeste sexo num provador da Gucci? – pergunta a Marsaili.)

– O BJ e eu almoçamos juntos – diz a minha irmã com um encolher de

ombros.

– Quando? – Pestanejo.

(– O BJ? – lamenta-se a Marsaili. – Num provador?)

(O meu pai segura a cabeça. – Acho que estou a ficar com uma enxaqueca.)

– Às quartas-feiras, geralmente – diz a minha irmã, espetando um pedaço de frango.

Recuo a cabeça, em surpresa.

– Geralmente?

Ela faz um som de «mmm» com a boca cheia.

– Do que é que vocês falam nesses almoços? – pergunto, franzindo a testa.

– De ti. – Ela acena para mim. – Deles. – Acena para o meu pai e a Mars. – Dele, dele e de ti. De ti e do Tom. Do Jonah e daquela miúda, a Taura...

(– O Jonah anda com a Taura Sax? – pergunta a Marsaili de olhos arregalados. Ela sabe com quem o BJ me traiu.)

Lanço um olhar irritado à Mars.

– Não sejas tão coscuvilheira, Marsaili.

A Marsaili lança-me um olhar cansado e exasperado e o meu pai serve-se de mais um copo extra grande de vinho.

– Porque é que não me contaste? – pergunta a Bridget, talvez magoada. Encolho os ombros, recatadamente.

– É complicado.

– É o BJ – esclarece ela.

A Marsaili olha de uma para a outra muito, muito desanimada.

Eu, no entanto? Estou feliz por o BJ estar a arruinar este jantar em família mesmo sem estar aqui.

– Quão perto de fazer sexo estiveram? – Sopra a Marsaili irritada.

– Não muito. – Reviro os olhos.

(– Mãos no equipamento – diz a minha irmã baixinho, mas alto o suficiente para que todos possam ouvir.)

– Oh, foda-se – diz o meu pai e pestaneja duas vezes com força.

Ninguém diz nada, portanto, olho para a nossa infiel residente.

– Marsaili. – Olho para ela com as sobrancelhas erguidas. Aceno com a cabeça na direção do meu pai. – Acho que ele está a falar contigo.

Perante aquilo, a Marsaili solta um ronco, que se transforma numa gargalhada, o que quase me faz rir, mas controlo-me antes de acontecer.

A Marsaili fita-me por alguns segundos.

– Podes-me ajudar com uma coisa na cozinha?

– De modo nenhum. – Abano a cabeça.

A Bridget dá-me um pontapé por baixo da mesa.

– Ah, está bem. – Reviro os olhos, arrastando os pés enquanto a sigo.

A Marsaili cruza os braços sobre o peito e olha para mim.

– Vais mesmo continuar irritada comigo pelo meu caso com o teu pai enquanto estás a trair o Tom?

Olho para ela furiosa, perante as suas suposições.

– O Tom e eu temos um acordo.

– Oh, tu e o Tom têm um acordo? – Ela pestaneja, sem se impressionar. – Que moderno da tua parte. Esclarece-me, que arranjo é esse?

– Sim, claro. A versão condensada é que ele está apaixonado por alguém que não pode ter e eu estou apaixonada por alguém que me disseram que me iria magoar se eu ficasse com ele, portanto, não fiquei e devia ter ficado e agora está tudo uma confusão do caraças.

– Porque também dormiste com o Tom – diz ela. Diz, não pergunta.

– Bem, e quem te disse? – Atiro as mãos para o ar, enquanto me encosto contra o banco.

Ela suspira.

– Arrisquei um palpite.

– Oh.

– Tu nunca dormiste com mais ninguém – diz ela.

– Eu sei.

Ela deita-me um olhar.

– Nem sequer com o Christian.

– Eu sei.

– Não gostei muito quando andavas a namorar com ele...

– Eu sei. – Reviro os olhos.

– Chefe de gangue e tudo.

– Apenas um chefe bebé. – Encolho os ombros.

A Mars ri-se e depois dá-me um olhar maternal.

– Estás a ter cuidado?

Rio-me.

– Tu estás?

Ela ri-se novamente.

– Senti a tua falta – diz ela.

– Sim, tenho a certeza. – Aceno. – Eu sou um perfeito encanto.

Ela revira os olhos com exagero.

– Dá para ver que na minha ausência o teu ego ficou completamente descontrolado.

– Não totalmente, não. – Abano a cabeça. – A vida tem-me dado umas sovas... Parti uma unha na semana passada. O empregado do café usou o leite errado no meu café três vezes na última quinzena. Parece que a minha irmã almoça regularmente com o meu ex-namorado. E eu tinha uma semente de gergelim entre os dentes quando esbarrei com o William no Harrods...

– Que William?

– ... Arthur Phillip Louis.

Ela solta uma risada.

– Oh, bem, esse é o teu pior pesadelo.

– Vi o BJ a fazer sexo com outra pessoa.

– O BJ dormiu com outra pessoa?

Franzo a testa.

– Ele está sempre a dormir com outras pessoas.

Ela esfrega as têmporas e vai dizer alguma coisa, mas não o faz. Mexe na pulseira.

– O que é que quiseste dizer quando disseste que ele quase morreu?

Fito-a por alguns segundos, perguntando-me como posso contornar o assunto sem lhe dizer nada – ou mesmo se isso é o mais correto.

Suspiro.

– Ele teve uma *overdose* uma vez.

Ela solta uma exclamação em voz baixa.

– Logo depois de o Reid e eu começarmos... a namorar. – Se é que lhe chamaríamos isso.

– Magnolia – ela abana a cabeça –, eu não fazia ideia.

– Ninguém sabe – digo-lhe.

Ela acena solenemente com a cabeça.

– Ele ainda se droga?

Abano a cabeça com veemência.

– Ele prometeu-me que nunca mais o faria.

Ela assente, aliviada.

– Então, e agora? – pergunta ela.

E eu limito-me a encolher de ombros, sem saber.

– Não faço ideia.

00:51

Vanna Ripley

Ei

Ei

Tenho saudades

Estou na cidade por alguns dias...

Estás? Em trabalho?

E prazer.

Ah

Vem até cá...

Não posso.

O quê?

Não posso.

Não podes?

Desculpa x

Magnolia

– Ei – diz o Tom, parado na porta do meu quarto. Dá-me um pequeno sorriso e entra.

– Olá. – Levanto-me para o abraçar e enfio o rosto na sua camisola Textured em mistura de algodão e pelo de camelo da SSAM.

Tenho pensado no regresso do Tom desde o momento em que ele partiu para esta viagem de trabalho.

Um pouco porque sinto falta dele, agora, quando ele está longe, e também um pouco porque sei que tenho de lhe contar sobre o BJ, o que me deixa um pouco enjoada.

O Tom entrega-me um saco de oferta da La Mer cheio até à borda e eu olho maravilhada para ele.

– Espreitei na tua casa de banho antes de ir – diz ele.

Esvazio o conteúdo em cima da minha cama.

– Como foi a tua viagem? – pergunto ao frasco de Creme de la Mer.

– Boa. – Ele acena. – Um pouco mais longa do que eu gosto, mas Nova Iorque é sempre bom.

– Também gosto bastante de Nova Iorque – digo-lhe. – Se eu não estivesse em Londres era onde estaria.

– A Magnolia Parks não está em Londres? – Ele sorri na brincadeira para mim. – Não seria Londres.

Ele senta-se na minha cama e recosta-se na cabeceira.

Não fazemos festas do pijama como o BJ e eu.

Fizemos? Fazemos? Faremos novamente?

O BJ e eu não temos feito muitas festas do pijama, mas se tivéssemos ele nunca se sentaria na minha cama com os sapatos da rua.

O BJ nunca faria isso. O BJ faria muitas outras coisas, no entanto.

O Tom pega no meu Urso Paddington, que tive a vida toda, e puxa-lhe a orelha.

Aquilo causa-me uma sensação estranha, porque a única outra pessoa que permiti que o segurasse é o Beej. Mas o Tom está a segurá-lo agora e isso talvez signifique alguma coisa.

– Diverti-me contigo na outra noite – diz ele, mas tem os olhos no urso.

Mordo o meu lábio inferior. Estou nervosa. Porque é que estou nervosa?

– Eu também. – Tiro-lhe o meu Paddington e coloco-o na minha mesa de cabeceira. Olho para o Tom, lutando contra o desejo de lhe passar a mão pelo seu cabelo loiro escuro. – Sentes-te melhor em relação à Clara?

Ele esfrega distraidamente a barba por fazer enquanto acena com a cabeça.

– Mais ou menos – diz. Tem os olhos e mente noutro lado. Então, olha para mim. – Nunca poderia acontecer entre nós, eu sei. Eu não queria... Sabes? É só que... – Ele cala-se.

– Certo. – Aceno.

– É difícil. – Ele encolhe os ombros. – Tirando eu, isto do Sam... Estou destruído, mas... – Ele encolhe os ombros novamente.

Quase afastando os pensamentos? Como se não quisesse toda a plenitude do que lhe está a passar pela cabeça agora.

Sento-me na cama, encolhendo os pés debaixo de mim.

Ele dá-me um sorriso cansado, o sorriso que eu sei que ele faz quando está a pensar no irmão.

– O que fizeste enquanto eu estive fora?

Humedeço o lábio inferior e respiro fundo.

– Hum, certo – suspiro. E vejo-o no Tom; ele está a preparar-se. – O Beej e eu beijámo-nos – digo-lhe.

– Oh, uau. – Ele inclina a cabeça para trás e pestaneja seis vezes em rápida sucessão. – Uau. Está bem.

Ele acena para si mesmo e depois olha para mim, o rosto completamente tenso.

– Estou feliz por ti.

A minha expressão desmorona.

– Estás?

Quase que não quero que ele esteja.

O Tom funga uma risada.

– Não, na verdade não estou.

Ele solta uma gargalhada isolada, mais uma vez, e eu imito-o. Sinto-me a franzir imenso a testa. E o meu peito parece pesado. E odeio o olhar que o Tom me está a dar sem querer. Um pouco triste, um pouco perdido, um pouco sozinho.

Ele exala.

– Então, este é provavelmente o fim do caminho para nós?

Comprimo os lábios e encolho ligeiramente os ombros.

– Acho que sim?

Ele acena com a cabeça algumas vezes e depois franze o sobrolho.

– Merda.

– O que foi? – Mordo o interior do meu lábio inferior.

– Não sei... – O Tom abana a cabeça e passa a mão pelo cabelo. – Então, estamos realmente a parar com isto?

Solto um suspiro, tenho as mãos nas faces.

– Não sei?

Ele pestaneja novamente, surpreendido.

– Não sabes?

Não digo nada, apenas franzo a testa.

Ele lança as pernas para fora da minha cama e levanta-se, coçando a nuca.

– Estás com o BJ?

Levanto-me, mas não me sinto muito orgulhosa de mim mesma.

– Não sei.

– Queres estar?

Franzo ainda mais o sobrolho.

– Acho que sim, mas...

– Mas o quê? – Pergunta ele rapidamente, todo ele tenso.

Deito-lhe um olhar e ele ergue as sobrancelhas em resposta.

– Vais-me obrigar a dizer? – Pestaneja para ele.

Ele assente, obstinado.

– Sim, acho que devias...

– Porquê? – Franzo a testa. – Isto foi ideia tua.

– Ideia minha? – Ele gesticula para si mesmo, de olhos arregalados.

– Foi literalmente ideia tua – grito. – No bar. Depois do clube. No canto. Foi id...

E, então, ele agarra-me o rosto e beija-me e eu paro de falar, acho. Teria caído no chão se ele não me estivesse a segurar.

– Ainda não o disseste – diz o Tom com a boca ainda contra a minha.

Beijo-o mais uma vez e depois paro.

Ele pousa-me novamente no chão, mas eu não tinha percebido que o tinha deixado.

– Eu gosto de ti – digo-lhe com um pequeno aceno de cabeça, cuja determinação parece um ataque ao BJ.

Ele sorri para mim.

– Eu também gosto de ti.

Cubro o rosto com as mãos.

– Porra.

Ele puxa-me as mãos para baixo e depois baixa-se para ficarmos ao mesmo nível.

– Isto sou eu a atirar a toalha ao chão – diz ele. – Só para saberes.

Então, dá-me outro beijo nos lábios e sai pela porta.

BJ

O Jonah está a inaugurar um clube novo esta noite e o grupo está todo a chegar.

Vou até à casa da Parks para a ir buscar, porque era o que eu faria normalmente de qualquer maneira, mas faço-o agora, sem dúvida, depois de a ter apalpado na Gucci.

Tenho matutado um pouco sobre ela ainda não me ter ligado a confessar o seu amor eterno por mim, mas acho que estas coisas levam tempo. Ela ainda me quer, percebi isso pelo beijo, pelas mãos, pelo corpo dela contra o meu.

Entro no quarto dela.

– Parks? – Chamo porque ela não está lá.

– Aqui – responde ela da casa de banho.

Ela olha para mim do espelho e os seus olhos iluminam-se. Coloco-me atrás dela, deslizo os braços em volta da sua cintura e encosto o nariz à nuca dela. Ela deixa-me fazê-lo por um segundo antes de se virar para me encarar.

– Gostas do meu vestido?

Curto. Só de um ombro. Com bolas.

Aceno de modo o mais comedido possível e finjo que não a adoro ver com bolas, como se não a adorasse com qualquer coisa.

– Vi-o na Saint Laurent no outro dia – aceno. – Ia comprá-lo para ti.

Ela puxa a gola da minha camisa.

– Camisa Amiri de colarinho aberto em sarja de seda estampada – diz ela.

– Tem pássaros – digo-lhe estupidamente e ela sorri.

Coloca os braços em volta do meu pescoço e eu quase não consigo acreditar que estou aqui, na casa de banho dela, a segurá-la assim; e estou acordado e ela está sóbria e está tudo a ir bem. Inclino-me para a beijar. É lento e medido e ainda me surpreendo por ter a minha boca contra a dela quando ela diz:

– Podemos conversar sobre uma coisa?

Franzo a testa com a boca ainda encostada à dela e depois afasto-me, mas não a solto.

Nunca mais a deixo ir.

Olho para o rosto dela, toda carrancuda e de sobrancelhas franzidas como um coelho de desenhos animados zangado. Ela não precisa de o dizer. Eu sei-o antes de ela poder sequer colocar palavras na frase.

– ... Tu gostas dele.

E, então, a pior coisa imaginável acontece. Ela não diz nada. Parte de mim, acho, estava à espera de uma rejeição. Negação, recusa, raiva... uma reação enfurecida. Mas nada disso está presente, o que é provavelmente pior do que ela gostar dele.

Enfio as duas mãos no meu cabelo e solto um longo suspiro.

– Merda.

Ela estende as mãos e segura-me pela cintura.

– Desculpa...

Coloco a minha mão sobre a dela sem sequer pensar.

Abano a cabeça.

– Não, eu... É o Tom England – encolho os ombros. – Eu entendo. Sempre tiveste uma queda por ele...

– Não era uma queda verdadeira – esclarece ela inutilmente.

– Olha, se ele não te estivesse a roubar de mim eu provavelmente também tentaria fazer sexo com ele – digo, forçando-me a rir porque não sei o que mais fazer. – Então, estás a escolhê-lo? – Digo como se aquilo não fosse o fim do mundo.

E então... o rosto dela vacila.

– Não.

– Então, o quê? – Abano um pouco a cabeça, esperando uma resposta e ela afasta-se de mim, angustiada e triste.

– Não sei!

Olho para ela, irritado.

– Bem, não me peças para escolher...

– Não estou a pedir – diz ela como se eu a tivesse ferido. – Não o faria.

Ela deixa pender a cabeça. Está triste. Foda-se. Detesto quando ela está triste. Ela poderia decepar-me o braço inteiro e, se parecesse um pouco triste com isso, eu oferecer-lhe-ia o outro se isso a animasse.

– O que queres de mim, Parks?

Ela encolhe os ombros toda desesperada e derrotada.

– Uma máquina do tempo?

– ...,Isso posso dar-te – digo, mais alto e em tom claro.

Ela pega na minha mão e envolve-a na dela. Brinca com os meus dedos, percorre-os com os dela.

É um ato de recalibração para nós – sempre foi, o toque.

Mesmo na Idade das Trevas, onde fodíamos com qualquer um e lixávamos a cabeça um ao outro, mesmo aí encontrávamos maneiras de nos tocarmos, de encontrarmos o caminho de volta para o nosso centro.

A propósito, não sei qual é o nosso centro.

Parece muito romântico, eu sei. Mas é mais do que isso. E também é pior do que isso.

O problema comigo e com a Parks é que acho que nos amamos mais do que a nós mesmos.

Mais uma vez, isso parece romântico, mas não é...

Porque se ela se amasse mais do que me ama, já me teria largado há anos. Eu não mereço todas as oportunidades que ela me tenta dar.

E se eu me amasse mais do que a amo, teria cortado os laços entre nós assim que ela me começou a estrangular com eles. Se eu me amasse mais, ter-me-ia deixado voar para longe, para o escuro, para fora da luz dela, mas não o fiz e não o poderia fazer e não o vou fazer porque, quando se trata dela, não tenho qualquer instinto de autopreservação. Morreria nos braços dela, ou à porta dela a tentar voltar para esses braços, não quero saber.

Beijo-lhe a mão.

– Parks, onde é que te estou a perder?

Ela coloca a mão no meu rosto e suspira.

– Contigo... não sei. Continuo a tentar vasculhar o armário, à espera de que a sensação de que não posso confiar em ti deslize dos meus ombros como um casaco, mas isso não acontece. Está sempre comigo... – Ela abana a cabeça. – Tenho-a vestida o tempo todo.

Merda.

Suspiro.

– E confias nele.

Ela acena com a cabeça.

Encolho os ombros de uma forma que parece que estou a conceder o ponto. Não estou. Mas a verdade é que...

– Ele é de confiança – digo-lhe.

– E tu és? – Ela pestaneja, tem os olhos demasiado esperançosos.

– Pertencemos um ao outro...

Ela abana a cabeça.

– Não foi isso que perguntei.

– E eu vou estar sempre aqui...

Os olhos dela ficam húmidos.

– Isso ainda não é o que perguntei.

Baixo a cabeça, expiro. Ela vira-me as costas, colocando-se de frente para o espelho, e os escudos sobem.

Ela prende o cabelo atrás das orelhas, retoca o seu rosto perfeito que não precisa de ser retocado.

Viro-a novamente para mim, percorro o rosto dela em busca da porta número dois... Qualquer outra coisa, menos a porta que ela acha que precisa que eu atravessasse para podermos ficar juntos. Eu sei o que ela acha que precisa para sentir que pode confiar em mim novamente e está errada.

– Beija-me – digo-lhe.

Ela franze um pouco a testa, mas eu consigo ver que a sua determinação é frágil.

– O quê?

– Beija-me – encolho os ombros. – Vais sentir-te melhor.

A sugestão de um sorriso aparece na boca dela.

– Ah, vou?

Aceno.

– Vais. – Depois, toco-lhe nas costelas – Vá lá. É o que costumávamos fazer quando estávamos a discutir e prestes a sair...

Ela abana a cabeça.

– Não, não é. Nós fitávamo-nos.

– Fitar, beijar... – Inclino a cabeça de um lado para o outro. – Olha para mim e vê se não acaba num beijo de qualquer maneira.

Ela coloca-se em bicos de pés e pressiona os lábios contra a minha face. Eu viro a cabeça para que as nossas bocas se encontrem e ela sorri. Beijo-lhe a face, o pescoço, levanto-a do chão e ela contorce-se e estremece nos meus braços, enquanto eu enterro o meu rosto ali porque ela tem cócegas...

Tudo o que aconteceu antes é como o alarme de «snooze» no telefone.

Vai tocar de novo, em breve, mas temos algum tempo.

– Mais uma coisa – digo e a minha voz está abafada contra o pescoço dela.

Ela relaxa nos meus braços.

– O que é?

– Acho que a Taura vai estar lá hoje à noite.

Ela empurra-se contra mim e eu largo-a acidentalmente, deixando-a pousar no chão.

Ela empurra-me para trás.

– Estás a gozar comigo?

A minha cabeça rebola para trás, já exausto.

– Parks, não foi ela...

– Então, quem é que eu...

– Magnolia – digo com os dentes cerrados. – Podemos não fazer isto?

Ela olha furiosa para mim e eu abano a cabeça para ela.

– Dá-me uma semana – imploro. – Dá-me apenas uma semana ou... porra, não sei, um mês até, só para eu me poder aquecer outra vez ao Sol de te beijar sempre que quiser, antes de começarmos a puxar por todos os nossos fios.

Ela engole em seco uma vez, movendo os seus pequenos ombros como se estivesse a fazer beicinho.

– Está bem.

– Está bem? – Pestanejo. – A sério?

– Sim. – Ela cruza os braços sobre o peito. – Mas eu gosto mais do Tom.

Sorrio para ela porque ela é lixada e pego-lhe na mão porque ela também é tudo.

– Ainda vens?

Ela considera.

– Juras que não foi ela?

Eu aceno.

E, então, ela pega-me na mão e coloca-a sobre o seu coração.

– Jura – diz ela. – Sobre mim. Jura-me sobre o meu coração, que estás a segurar, que não me traíste com a Taura Sax.

Aceno com a cabeça de novo e olho-a diretamente nos olhos.

– Juro.

– Está bem. – Ela acena com a cabeça.

– Está bem?

– Mas dormiste com ela – esclarece ela, não sei porquê.

– Sim.

Ela franze a testa.

– Essa não é minha coisa favorita.

– Não – eu rio-me. – Não, suponho que não seja... – Puxo-a na direção da

porta. – Anda, vamo-nos atrasar.

*

Estamos atrasados... ainda mais atrasados porque pedi ao Simon para nos levar pelo caminho mais longo para a poder beijar durante mais tempo no banco de trás. Entramos furtivamente pela porta das traseiras, porque a Parks quer evitar os abutres à frente. Coloco o meu braço em volta dela, levando-a para onde o Jonah vai estar na secção isolada e sinto uma espécie de euforia por estar assim com ela em público.

Encontro o meu melhor amigo e aceno para ele.

– Isto é brutal, meu. Bom trabalho...

Ele ignora-me.

– Parks! – aplaude o Jo. – O teu batom fica lindo... no BJ. – Ele mal consegue dizer aquilo com uma cara séria.

A Magnolia revira os olhos e vai abraçar todos os nossos amigos, mas principalmente não abraçar a Taura, a quem lanço um sorriso consolador.

A Taura está sentada com um amigo do Jonah, mas tenho a certeza de que veio com o Jo – o Henry não está aqui. Estranho, talvez? Não quero fazer perguntas porque acho que esta situação toda pode ficar confusa rapidamente, portanto, peço uma ronda de *shots* para nos acalmarmos todos.

Há algumas celebridades, o Christian vem mais tarde com os Haïtes. Talvez o Hen venha nessa altura?

O ambiente do clube é muito fixe. Algures entre a Mansão Playboy e o Viper Room dos anos 90.

Eu sei que os clubes não são o verdadeiro trabalho do Jonah, mas ele tem um talento especial para eles.

A Parks mantém-se perto de mim a noite toda, fuzilando a Taura com os olhos e segurando a minha mão como se eu me pudesse afastar e perder se ela me largasse – o que acho que é como ela se sente.

Eu entendo. É assim que me sinto em relação a ela, também. Nós afastamo-nos, voltamos, encontramos-nos. Pergunto-me o quanto o Tom vai mudar isso?

Estou a conversar com o Jo, que está a tentar convencer-me de que não gosta realmente da Taura, falando de todas as miúdas com quem dormiu no último mês, mas eu viro os olhos para ele e aceno com a cabeça na direção da Parks, tentando dizer-lhe, sem palavras, que isso não significa nada porque eu amo-a desde os sete anos e já estive com centenas de miúdas.

E, então, ouço o Perry sussurrar para a Parks, enquanto o vejo acenar com o queixo na direção da Taura:

– O que é que ela está a fazer aqui?

Não viro a cabeça para ver a conversa; fico imóvel e uso a minha visão periférica.

A Parks encolhe os ombros, um pouco desesperada.

– Ele prometeu que não foi ela...

A Paili comprime os lábios.

– Não achas que talvez ele esteja a mentir?

Eu viro-me, então.

– Que porra foi essa agora, Paili?

– Uh – ela gagueja.

– O que é que disseste? – Inclino-me para ela, carrancudo. – Diz isso outra vez. O que é que disseste?

Ela engole em seco, nervosa.

– Nada...

Abano a cabeça.

– Eu nunca lhe menti.

– Está bem. – Ela acena com a cabeça.

– Vai à merda. – Aponto para a Pails, com raiva.

– Beej – diz a Parks, tocando-me no braço. – Está tudo bem, ela só está a ser...

– Estás a mandá-la à merda? – funga o Perry, falando por cima da Parks, o que me deixa logo mais furioso. – Vai tu. Não é como se a Sax fosse inocente aqui...

Abano a cabeça para ele.

– Qual é a tua medida para isso, Lores?

– O teu caralho, amigo...

A Taura mexe-se desconfortavelmente. Ela e a Magnolia fitam-se de um modo que detesto. Recuo, surpreendido com ele. Quase impressionado. É numa péssima altura, contudo.

– Cala-te – sussurra a Paili para o Perry.

– Não, ele não pode falar assim contigo – diz-lhe o Perry, sem tirar os olhos de mim.

– Não posso? – Pestanejo, endireitando os ombros. – Vais fazer algo em relação a isso, grandalhão?

– Beej... – A Magnolia puxa-me o braço. – Para.

E a Tauris está a observar, prestando demasiada atenção.

Foda-se. Se a Parks olhar para ela agora vai tudo para o caracas de qualquer maneira, mas ela não olha. Não pode. Está focada em mim.

De mãos nas minhas faces, a afastar-me o cabelo do rosto. A tentar acalmar-me – e conseguindo – porque os olhos dela têm um fator de choque. Quando olho bem para eles, a qualquer momento, é como se alguém me empurrasse para dentro de um rio. Afundo-me muito depressa e tenho de lutar para voltar à superfície, o meu corpo engasga-se e estou apenas a tentar manter-me à tona.

– Está tudo bem – diz ela novamente, acariciando a minha face com o polegar. – Ela não quis dizer nada com aquilo.

Abano a cabeça e olho para a Paili com o maxilar cerrado.

– Eu fui logo ter com ela. – Aponto para mim mesmo. – Posso ser um gajo fodido, mas não sou um mentiroso de merda...

O Jonah fica ali sentado, a observar tudo, parecendo desconfortável, inquieto.

– Ei, vamos embora. – Acena em direção à porta.

– Não, eu estou bem. – Abano a cabeça, sentando-me novamente. – Estou bem...

O Jonah deita-me um olhar e aponta com o queixo para a porta.

– Por mim, isto acabou – diz ele, apontando para mim, para a Parks, para a Taura e para si mesmo. – Nós os quatro vamos para outro lado. Vocês os dois – aponta para a Paili e para o Perry – podem-se ir lixar.

O Perry olha para ele.

– A sério, Jo?

– Sim, a sério. – O Jo deita-lhe um olhar penetrante. – Tu gostas de arranjar problemas, Lorcs...

O Perry encolhe os ombros.

– Arranjar problemas, dizer a verdade; é tudo a mesma coisa para os mentirosos.

Os meus olhos passam do Perry para a Paili e franzo o sobrolho aos dois. A Parks beija-os no rosto e saímos.

Estou a segurar a mão dela distraidamente, ainda sem raciocinar, só a pensar no que aconteceu, cheio de raiva, quando saímos pela porta da frente. Um bilião de *flashes* disparam e depois a gritaria começa.

– Magnolia! Onde está o Tom?

– Tu e o BJ estão juntos novamente?

– BJ, tu e a Magnolia estão a namorar de novo?

– Tu e o Tom terminaram?

Cerca de trinta variantes destas perguntas atacam-nos de uma vez só e a Magnolia paralisa.

Aquilo apanha-a completamente desprevenida e eu ainda estou a segurar a mão dela e eles estão a tirar muitas fotos que vão tornar a vida dela muito complicada e eu estou prestes a bater no fotógrafo ao meu lado, que está fisicamente inclinado sobre o meu corpo para tirar uma foto do rosto da Parks neste momento, que, se fosse eu a legendá-la, diria: veado encadeado pelos faróis.

E então a Taura liberta-se do braço do Jonah, agarra o rosto da Magnolia e beija-a. O Jonah olha para mim de olhos arregalados e perplexos enquanto os *flashes* disparam mais depressa e as vozes gritam ainda mais, mas de forma diferente agora. Não sobre nós, mas sobre elas.

– Magnolia! Quem é esta?

– É a tua namorada?

– O Tom sabe que és lésbica?

A Parks ainda está paralisada – não se afasta, não recua, deixa o beijo acontecer e apenas pestaneja para a Taura quando esta finalmente se afasta.

– A Magnolia está comigo agora – declara a Taura de forma desagradável e as câmaras adoram-na. Ela acena para mim. – Ela já aturou o suficiente das merdas dele...

Solto uma risada.

– Já não estamos a esconder o nosso amor – declara ela triunfante e depois agarra na mão da Magnolia, puxando-a para dentro do Escalade do Jonah.

O Jonah e eu trocamos olhares divertidos e confusos e seguimo-las até ao carro.

Dentro do Cadillac à prova de bala com vidros fumados do Jo, as duas raparigas fitam-se – há um silêncio mortal durante longos segundos e, então, a Magnolia pestaneja algumas vezes antes de desatar à gargalhada.

– És tão estranha. – Ela abana a cabeça para a Taura.

O Jonah e eu olhamos um para o outro; eu engulo um sorriso.

– E essa é a maneira da Magnolia dizer «obrigado» – diz o Jonah.

– Foi um gesto de pânico – diz a Taura e encolhe os ombros.

A Parks suspira e encosta a cabeça contra a janela.

A Taura continua a observá-la.

– Eles são agressivos contigo, não são?

– Invasivos – diz ela para a janela e depois olha para a Taura, animando-se um pouco. – Aquilo deve mantê-los afastados por alguns dias.

A Magnolia oferece-lhe um pequeno sorriso e desvia o olhar.

A Taura olha para mim e murmura baixinho com entusiasmo:

– Ó meu Deus.

Fungo uma risada e coloco o meu braço em volta da Parks.

02:02

Perry

Desculpa, bacano.

Sim, desculpa também.

Eu adoro-te, Beej.

Não queria ser tão idiota.

Aquelas miúdas...

Elas dão cabo de nós.

Sim.

19:45

Beej & Tom

Vocês estão os dois a mandar-me
mensagens ao mesmo tempo.

Tom

Oh, que bom.

Beej

Olá, Tom.

Tom

Olá, Beej.

Muito civilizados. Adoro ver.

Então, ouçam. Como os dois
sabem, amanhã é o baile do Grande
Prémio e vocês pediram-me os dois
para ir com vocês, portanto,
não vou com nenhum.

Beej

Estupidez.

Beej

Nós levamos-te os dois.

Tom

Levamos?

Beej

A menos que não queiras, England?

Por mim, tudo bem. Eu levo-a.

Tu queres que vamos... juntos?

Beej

Sim.

Nós os três?

Beej

Um triplo, se preferires.

Tom

Não prefiro.

Hahaha

Beej

Aceitas, Parks?

Pode ser.

Beej

England?

Tom

Até amanhã x

Beej

Dorme bem, fofinho @Tom

Pronto, adeus, então?

Magnolia

– Houve um tiroteio num clube, sabias? – diz-me a Bridget.

Olho para ela, surpreendida.

– Não?

– Sim – diz ela e acena com a cabeça. – No Clean Slate.

– Ó meu Deus. – Franzo a testa. – Alguém se feriu?

– Algumas pessoas levaram tiros. – Ela acena com a cabeça. – Ninguém morreu.

Franzo a testa e abano a cabeça.

– Esta Londres atual – suspiro.

Estou a preparar-me para o baile. Já tenho o cabelo e a maquilhagem arranjados – por George Northwood e Ruby Hammer, respetivamente – e estou com o vestido de tule metálico vermelho e branco com folhos e camadas da Rodarte e sinto-me praticamente a morrer de êxtase. Pareço uma princesa/deusa das fadas. A Bridget está a ajudar-me a vestir porque neste momento sou praticamente apenas um lindo suspiro – implorei-lhe para vir, mas ela continua a recusar.

– Odeio essas coisas – diz a Bridget.

– Mas tu amas-me!

Ela abana a cabeça.

– Não assim tanto.

– Eu venho – declara a Bushka da porta.

A Bridget e eu trocamos olhares antes de eu dizer, um tanto indelicadamente:

– Hum... não.

A Bushka franze a testa.

– Nunca me trazes nos sítios...

– Sim – aceno enfaticamente com a cabeça. – E é de propósito. Tu és terrivelmente mal-educada e bastante racista...

– Os brancos pensam serem melhores que os outros, mas eles não são bons.

Retoço a boca e a minha irmã pigarreja.

– Bushka, tu és branca.

– Eu russa.

A Bridget e eu trocamos um olhar.

– Enfim. – Desvio os olhos.

– Tu traz-me – exige ela.

– Não. – Abano a cabeça, endireitando o vestido. – No último evento ao qual te levámos, tentaste arranjar uma briga com a princesa Ana.

– Eu podia levar.

A Bridget acena para a nossa avó.

– Ela é uma desertora soviética.

Semicerro os olhos para as duas.

– Tudo que faço por tu... – A Bushka abana a cabeça com tristeza.

– Tu não fazes nada por mim. – Olho para ela como se ela fosse doida. – És um peso morto familiar, na verdade...

– Eu dou dinheiro a ti quando morrer...

– Sim, mas ainda estás viva.

– Bonito – diz a Bridge. Reviro os olhos. A Bushka agita a mão para mim. – Oh – rosna a minha irmã. – Leva-a.

Emito um som no fundo da garganta.

– Está bem.

A Bushka celebra e vasculha o meu armário, tirando um vestido Hervé Léger muito curto e justo.

– Eu usar?

– De modo nenhum.

Ela ignora-me, levando o vestido para fora do meu quarto.

– Festa com os dois namorados e a avó... – Olho para a Bridget em busca de ajuda.

– Bem – diz ela –, obviamente que agora eu vou.

*

O Tom é o primeiro a chegar – não há nenhuma surpresa nisso.

O BJ tem um coração alegre, é o melhor beijo da tua vida e está provavelmente a fazer uma história no Instagram sobre um cachorrinho ou algo assim, mas o Tom é um homem adulto, com um relógio de pulso e uma noção de si mesmo e do tempo.

O Tom também está a usar calças pretas Brunello Cucinelli, o casaco de *smoking* ajustado em veludo com gola arredondada Shelton e a camisa de *smoking* branca com nervuras, ambos de Tom Ford.

Não é a vanguarda da moda, mas o Tom tem uns olhos fantásticos que adicionam um fator de uau a tudo nele.

Abre a porta para mim? Uau.

Bebe da minha garrafa de água? Uau.

Ata o sapato? Uau.

Respira? Uau.

– Olá – diz o Tom. Ele vê o meu vestido, absorvendo-me. – Estás incrível.

Aproxima-se de mim, roça os lábios nos meus e as minhas faces ficam rosadas.

– Sou o homem mais sortudo ou quê? – pergunta-me ele, sorrindo.

– Bem – faço uma careta – O BJ está a caminho, portanto, escolho o «quê».

O Tom funga uma risada.

– Vai ser divertido – diz ele com um aceno quase cheio de certeza. – Vai ser bom. Esta noite vai ser boa...

– Sim, continua a dizer isso. – Deito-lhe um olhar. – Vai torná-lo verdade.

Ele ri-se e, então, a porta da frente abre-se novamente e o outro entra.

O Beej sobe as escadas a correr em direção a nós, mas o Tom não me larga.

– Ei, bacano! – diz o BJ, aproximando-se do Tom e dando-lhe uma palmada no rabo na brincadeira. – Esse casaco! Todo jeitoso.

O Tom solta uma risada perplexa.

– Tu também, meu.

Então, o Beej dá-lhe um olhar.

– Desculpa, mas importavas-te de tirar as mãos da miúda dos meus sonhos por um segundo?

O Tom obedece e afasta-se.

– Olá, Parks. – O BJ sorri para mim, beijando-me na face como se fosse o dono deste lugar.

– Olá – digo timidamente.

– Parece a princesa herdeira dos reбуçados.

– Isso é um elogio? – Franzo a testa.

– Claro que é, achas que sou burro o suficiente para te insultar quando estou a tentar fazer com que me escolhas?

Considero aquilo.

– Sim.

Ele lança-me um olhar.

O Beej olha de mim para o Tom.

– Então, qual é a situação aqui, pessoal? Beijamos-te os dois? Nenhum de nós te beija?

– Acho que vocês deviam beijar-se um ao outro – declara a Bridget do topo das escadas.

– Não precisas de mo dizer duas vezes – diz o BJ. Ele salta jovialmente na direção do Tom, que o empurra para longe com uma risada.

A Bridge está a usar um vestido sem mangas em azul-claro casca de ovo com um estampado de limões absolutamente lindo.

– Desculpa – pestanejo para ela. – Tinhas esse Oscar de la Renta assim, por acaso, no armário?

Ela olha para si mesma e encolhe os ombros, toda indiferente.

O BJ olha para a Bridge.

– Espera um minuto, vais realmente sair de casa para ir a um evento social?

– Sim – diz ela com o nariz empinado.

– Porquê? – O BJ franze a testa. – Perdeste uma aposta?

A Bridge franze o sobrolho para ele.

– Estás linda, Bridget – diz-lhe o Tom. A Bridget sorri de modo genuíno para ele, satisfeita.

E depois diz:

– Não tão bonita como...

E, nesse exato momento, a Bushka aparece no topo das escadas, felizmente não com o meu Hervé Léger.

– Eu venho.

– Estás a gozar! – O Beej olha da Bushka para mim, com os olhos arregalados. Não pode acreditar. Nem eu. Suspiro. O Beej semicerra os olhos para mim. – Estás bêbada?

Deito-lhe um olhar.

– Vou estar.

– A Bushka vem! – grita o Beej jovialmente. Corre escadas acima para a ajudar a descer. – A minha favorita das mulheres Parks!

(– Na verdade, ela não é uma Parks – resmungo baixinho. – Mas sim, tudo bem.)

– Tu és a minha mulher Parks favorita – diz o Tom.

– Bem, isso é porque não me conheces muito bem – diz a minha irmã ao Tom, dando-lhe o braço e conduzindo-o para fora.

O Beej desce as escadas, acompanhando a Bushka até à rua.

E eu fico ali a ver a minha avó com um dos meus namorados e a minha irmã com o outro.

Grito debilmente atrás deles:

– Eu fecho a porta então, pode ser?

BJ

A Parks não está confortável com isto. Com toda esta coisa de nos namorar aos dois. Deu para ver no caminho até lá. Ela parecia nervosa. Nervosa com o que os jornais diriam sobre ela, porque eles nem sempre são simpáticos.

Ela ou é a menina querida deles ou a vadia e não sabemos qual das duas será em cada dia.

Num dia bom, ela poderia entrar montada num de nós e a beijar o outro e eles chamar-lhe-iam progressista, mas, quando querem, encontram falhas nela seja pelo que for, desfazem-na em pedaços e escrevem coisas sobre ela que a fazem chorar nos meus braços como se tivesse sofrido *bullying* no recreio da escola.

Eu entrei de braço dado com a Bushka, metade por causa da Parks e metade porque a velhota é divertida – anda sempre com uma garrafinha, atirou-se ao David Beckham, bebeu mais do que o Jonah duas vezes e disse uma piada nazi ao embaixador alemão na última gala a que a trouxeram. A mulher é completamente descontrolada.

Além disso, consigo ver o coração da Magnolia emocionar-se todo ao observar-me com a avó. Não é por isso que o faço, mas é uma espécie de cereja no topo do bolo.

Assim que entramos, a Parks afasta-se de nós à velocidade da luz. Ela diz que é porque viu a Kate Middleton...

– Pus mesmo os ovos todos no cesto errado quando me tornei amiga da Meghan Markle, não foi? – Ela abana a cabeça. – Agora, tenho de ir bajular a Duquesa de Cambridge...

– Eu sou amigo do Wills – diz o Tom atrás dela.

Ela para, vira-se e revira os olhos.

– Claro que és.

– Eu sou o amor da tua vida – lembro-a eu. Os nossos olhares cruzam-se... e ela faz o possível para não sorrir para mim por aquilo.

– Não acredito que eles deixaram a monarquia. Que dia terrível para todos. Para mim, em especial – murmura a Magnolia em voz baixa, afastando-se. – E para a Lilibet, provavelmente.

Uma reflexão tardia.

Olho para o Tom, que está a observar a miúda que amo como se também a amasse.

– Bem, porra – suspiro.

Ele olha para mim e ri-se.

– Sim.

Aponto com o queixo para a Parks.

– Ela está a debater-se...

Ele olha para novamente ela, procurando o que quer que seja que eu consigo ver. Deve ser uma treta para ele... querer ver, mas não o conseguir detetar porque acho que não dá para ver com outros olhos.

Eu consigo vê-lo no modo como as borboletas esvoaçam na auréola sobre a cabeça dela, na maneira como a luz se reflete nos seus pensamentos, na forma como o salgueiro estremece...

– Sim? – diz o Tom sem desviar o olhar dela.

Aceno.

– Ela está a evitar-nos.

– Bom – ele deita-me uma olhadela –, é muito estranho.

Olho para ele e solto uma risada.

– É?

O Tom olha para mim de forma esquisita. Abano a cabeça

– Sim, acho que é estranho. – Encolho os ombros. – Parece normal para mim.

– Isso é muito lixado – diz ele.

A boca dele contrai-se como se sentisse pena de mim, mas eu não quero que ele sinta pena de mim. Eu tive-a a minha vida toda, ela é minha, eu estraguei tudo e agora tenho-a como ela me deixar. Não preciso da pena dele. Nem sequer preciso

da compreensão dele. Só preciso dela.

Observo-a; a miúda dos meus sonhos, o amor da minha vida, o alfa, o ómega, o início e o fim, o até que a morte nos separe e mesmo então ainda estarei à espera – e tudo o que digo é:

– Sim.

– Ela fez-te passar as passas do Algarve – diz-me o Tom.

Considero aquilo, franzindo um pouco o sobrolho enquanto o faço.

– Não sei. Nunca sei dizer se estamos a dançar numa sala em chamas ou a revezarmo-nos arrastando o outro inconsciente montanha acima.

O Tom funga uma risada e olha para mim como se eu fosse louco.

– Uma bela merda as duas opções para ser sincero, meu...

– Sim – admito enquanto olho para ela. – Mas uma termina com uma bela vista...

O Tom observa-me com mais atenção do que eu gostaria. Ele tem um olhar intenso. Acho que é pior porque os olhos dele são tão azuis. Parece algo encantador, mas, não sei – agressivamente azuis, será que se pode dizer?

Ele está apenas a observar-me, quase franzindo a testa, mas não para mim.

– Vocês os dois são incomparáveis. – Ele abana a cabeça. – É estranho.

Somos, eu sei. Tudo o que faço é dar-lhe um aceno de cabeça e encolher os ombros.

Ele está a olhar para ela, de olhos semicerrados.

– Achas que ela faz isso a todos?

– Faz o quê?

Ele encolhe os ombros.

– Faz com que eles se sintam... não sei? O Sol.

Sinto-me mal por ele. Ainda é novo no mundo dela. Novo a observar os outros homens em redor dela quando a Parks nem sequer sabe que é o foco de todos na sala.

Ela é um pequeno raio de Sol, mesmo quando está a agir como uma completa

idiota.

– É quase intimidante o vínculo que vocês têm. – Ele olha para mim.

Fungo.

– Quase?

– Sim – diz ele. – Não posso saber a história toda e recuso-me a ser intimidado por algo que não entendo completamente.

Aceno algumas vezes. É justo.

– A vossa química, contudo... – Ele dá-me um olhar e pergunto-me porque é que ainda está aqui.

Esqueçam as metáforas sobre cabos de bateria e faíscas, nós somos tudo isso e nada disso – a Parks e eu. Está escrito na porra das estrelas.

– É intensa – diz o Tom e acena com a cabeça.

– Mas não é intimidante o suficiente para te manter longe. – Deito-lhe um olhar.

– Não. – Ele faz uma pausa. – É aquela coisa do fogo de pólvora de Shakespeare. A vossa química é, sem dúvida, o que vos faz serem vocês. É inigualável. – Pausa. – Mas talvez seja o que vos vai matar.

E eu odeio esta merda porque aquilo não foi uma ameaça. Ele não está a ser um sacana arrogante; está apenas a pensar em voz alta. Ali sentado, a dizer tretas todo sábio e eu odeio-o porque às vezes receio que ele possa ter razão.

– Ei. – O Tom dá-me uma cotovelada. – Nós estávamos a lixar-te a cabeça antes...

Franzo a boca. Aceno com a cabeça.

– Isso passou-me pela cabeça quando a trouxeste por causa da cena do Harley...

O Tom abana a cabeça.

– Não, nessa altura eu já gostava dela, mas ela não precisava de mim. – Ele encolhe os ombros. – Ela precisava de ti.

– Mas que porra? – Franzo a testa. – És tão irritante. – Gosta dela e mesmo assim vem trazê-la porque eu sou o que ela precisa? – Como é que podes ser tão

descontraído, meu?

O Tom funga uma risada.

– Não sou. – Ele olha para mim por um segundo e depois desvia o olhar. – Vi-te magoá-la naquele clube e pensei que a podia ajudar a equilibrar as coisas. Mas agora acho que estou um pouco apaixonado por ela...

Eu aceno, compreendendo.

– Ela tem esse efeito nas pessoas.

– Eu sei – diz ele, solene. – Lamento.

Fito-o.

– Pelo quê?

– Porque gosto de ti, meu. – Ele dá-me uma palmada nas costas. – Mas se tiver uma oportunidade aqui, vou agarrá-la.

Dou-lhe um olhar.

– O mesmo, bacano.

O Tom acena com a cabeça. Depois, olha para mim um pouco nervoso.

– Ela não sabe.

Engulo o meu Negroni.

– Não sabe o quê?

– Que eu a amo.

– Ah. – Aceno.

Faço o gesto de trancar a boca e pôr a chave no bolso da lapela dele.

Ele dá-me uma palmada nas costas.

– És um bom tipo. – E, então, ele empurra o meu copo para mim e levanta o seu.

– Que ganhe o melhor homem.

Solto uma risada e abano a cabeça.

– Nã, meu, que se lixe o piloto. Estou a torcer pelo homem obviamente pior; é completamente avariado da cabeça, mas tem um coração de ouro.

O Tom ri-se e eu também.

Dói, no entanto, acho, porque ambos sabemos que é verdade.

17:41

Tom

Tens a certeza de que não queres
vir ao aniversário do Julian?

Tenho a certeza.

Vai ser divertido...

Nã, estou muito velho
para clubes e essas merdas.

Na verdade, acho que tu
e o Jules têm a mesma idade.

Ah, é «Jules» agora.

Somos velhos amigos.

Ah. OK.

Além disso, tu e eu conhecemo-nos
num clube há 5 meses, portanto...

Na verdade, conhecemo-nos
na Taça da Rainha quando
tu tinhas 7 anos. Eu tinha 16.
Tens sido uma verdadeira
parasita.

Vens?

Não, eu fico bem.

Diverte-te x



Magnolia

Hoje é o dia em que o Julian Haites faz 30 anos. Eu e os rapazes vamos. O BJ acha que eu vou como acompanhante dele. Não sabe que o próprio Julian me enviou um convite.

Vejo a Daisy Haites antes de ver o irmão. Está empoleirada no colo do Christian. Aceno aos dois. O Christian não faz nada; o rosto dele assume uma expressão estranha que eu não entendo. A Daisy ergue a mão e oferece-me um quase aceno sem entusiasmo.

Esforço-me para não analisar demasiado esta receção morna e procuro validação de outras maneiras, como enfiando a minha mão na do BJ. Ele leva-a à boca, beijando-a sem pensar.

– Ballentine – zomba o Julian, aproximando-se com uma bebida em cada mão. Engole uma rapidamente e oferece-me a outra antes de pegar no BJ, sacudindo-o afetuosamente.

– Feliz aniversário! – O Jonah agarra-o pelos ombros e o Jules dá-lhe umas palmadinhas no rosto.

O Julian é provavelmente o outro melhor amigo do Jonah, o que pode tornar a cena ainda mais tensa quando os olhos dele encontram os meus do modo como o fazem por cima do ombro do Jonah.

Ele endireita-se, alto no seu blusão de faculdade em mistura de lã com logótipo cosido da Amiri, e sorri para mim.

– Magnolia.

– Jules – aceno, imitando a expressão dele.

E o tom de familiaridade entre nós causa uma reação bizarra nos rapazes. O BJ olha para mim, franzindo a testa com preocupação.

O Jonah e o BJ foram sempre muito claros comigo em relação ao Julian: evitá-lo a todo o custo a menos que alguém me esteja a tentar matar. Nesse caso, devo correr de imediato para ele.

Fiz isso uma vez. Correr para ele. Ninguém me estava a tentar matar, mas eu estava a morrer. Foi algumas semanas depois de o BJ e eu acabarmos. Sabes, quando a adrenalina para e o agente entorpecedor ainda não fez efeito; não estamos medicados e o nosso coração está a morrer de sede, completamente a arder e a sufocar, tudo ao mesmo tempo. Não sei porque é que pensei em fazer aquilo – não saía de casa há duas semanas –, mas obriguei a Paili a ir comigo.

– Não acho que seja uma boa ideia – disse ela cerca de noventa mil vezes a caminho de lá. – Tu só precisas de fazer o luto.

Abanei a cabeça.

– Já acabei de fazer o luto por ele.

A Paili deitou-me um olhar. Não acabara. Como é que poderia? Até um leigo me poderia ter dito que eu nunca iria parar de fazer o luto por aquele rapaz.

No aniversário dele, o Julian e eu estamos ao lado um do outro, demasiado à vontade para o Beej se sentir confortável. Ele solta uma risada que é suposto soar descontraída – e seria para todos na sala, menos para mim e para o Jonah... Aos nossos ouvidos apurados soa tensa.

– Não sabia que vocês os dois se conheciam? – O BJ olha de um para o outro.

O Julian solta um «Ah» e encolhe os seus ombros corpulentos, indiferente.

– Toda a gente conhece esta aqui.

– Certo... – O BJ semicerra os olhos. Olha para ele e depois para mim. – Como?

O Julian empurra a bochecha com a língua e olha para mim, atrevido. Sobrancelhas erguidas, à espera que eu lide com o assunto.

Fomos a um clube. O McQueen, acho, e, numa horrível reviravolta dos acontecimentos (para mim), um rapaz da nossa antiga escola – o Ed Bancroft, por quem a Paili sempre teve uma queda, mas nunca nada aconteceu – estava lá. E estava muito interessado na Paili.

E não sei o que aconteceu, ou porque é que estava a acontecer – era estranhamente fora do normal para ela, como se ela tivesse algo a provar, embora não tivesse. Ela nunca foi o tipo de rapariga que engata gajos num clube, e nem eu. Contudo, naquela noite, ela nem pensou duas vezes.

Ao meu lado. Num sofá. E ela fora uma amiga tão boa nas últimas semanas, não me deixara nem por um segundo. Deitada na minha cama comigo, a chorar comigo, por mim, às vezes.

Ela estivera tão presente, tão destroçada por mim, que eu dificilmente podia ficar zangada porque na noite em que a arrastara para um lugar onde ela achava que nenhuma de nós devia estar ela se tinha finalmente decidido divertir.

Então, ali estava eu, sentada, vestida com esmero e vagamente suicida, enquanto o Ed Bancroft praticamente a montava ali mesmo no banco. Suspirei, bebi algumas bebidas em rápida sucessão, para fazer com que a minha mente se acalmasse e para amortecer o meu desconforto estridente, quando um tipo se baixou mesmo à minha frente.

Cabelo castanho despenteado, grandes olhos azuis, barba por fazer. Absolutamente lindo.

Ele sorriu ligeiramente para mim.

– Eu conheço-te.

Ofereci-lhe um pequeno sorriso e um único aceno de cabeça.

– Conheces, sim.

– Tu conheces-me? – perguntou ele de sobrancelhas erguidas.

Ofereci-lhe um olhar divertido.

– Toda a gente te conhece...

– Bem, eu só quero saber se tu me conheces – disse o Julian Haites e sorriu. –

Lembras-te de mim na escola?

E da exposição sobre ele na *Vanity Fair*, das suas entrevistas na *VICE*, das suas fotos para a *GQ*. Ele realmente era (é) o «traficante de armas» mais famoso e bonito do mundo.

– Bom, eu tinha onze anos... – Dei-lhe um pequeno sorriso. – Mas tu eras muito rápido naquele campo,

Ele sorriu apreciativamente.

– Mas não tão rápido como...

– Não! – Interrompi, abanando a cabeça. – Não digas o nome dele.

Em primeiro lugar, não consigo acreditar que o BJ parece não saber de nada disto. Se o BJ não sabe, significa que o Jonah não sabe e se o Jonah não sabe é porque o Julian estrategicamente nunca lhe contou. Por que será? O BJ está a olhar para mim, à espera que eu lhe diga como é que o seu amigo me conhece, mas, com toda a sinceridade, tenho a certeza de que ele não quer mesmo saber como é que o Julian me conhece nem de que maneiras específicas.

Há pouco mais de dois anos, as sobrancelhas do Julian ergueram-se, intrigadas, naquele clube.

– Uau, certo... Eles estão por aqui?

Abanei a cabeça.

Ele era insuportavelmente *sexy*. Ainda é, na verdade.

Maxilar definido. Olhos como as partes escuras de um glaciário. Um metro e noventa. Tatuagens por todo o corpo. Além disso, é o chefe da família mais infame de Londres. Não sei exatamente o que é que eles fazem, mas sei que não é legal.

– Eles não estão aqui por algum motivo? – perguntou ele. Acenei com a cabeça. – Então, precisas de uma bebida – disse ele.

Puxou-me para fora do sofá, pegou na minha mão e levou-me até ao bar. Como o Mar Vermelho, a multidão afastou-se para ele passar. Ninguém queria estar no seu caminho, mas ele nem sequer pareceu notar. Eu sabia que as pessoas estavam a olhar para mim – não como olham hoje em dia, naquela época olhavam menos. O verdadeiro fascínio do público por mim e pelo Beej começou quando deixámos de ser algo que fazia sentido para eles.

Naquela altura, havia rumores de que o BJ e eu estávamos com problemas, mas nada de definitivo. E se eu estivesse com alguém que não o Julian, acho que as pessoas poderiam ter tirado fotos, poderiam ter informado a imprensa, mas recordo-me de ter a impressão clara de que ninguém iria dizer nada sobre aquilo. Ninguém se mete com a família Haïtes.

A minha mão na dele fez-me sentir uma onda de alívio e, de certo modo, também livre.

– Gostas de *whisky*? – perguntou ele.

– Não – franzi os lábios, inclinando-me sobre o bar.

– Dá-me dois Johnnie Walker Baccarat – disse ele ao empregado. – Põe na minha conta.

Ele deslizou um copo de *shots* na minha direção.

– És capaz de gostar deste. Custa 500 libras cada. – Ele sorriu.

Brindámos e engolimos as bebidas.

Ele olhou para mim, de sobrancelhas erguidas, na expectativa.

– Gostas?

– Não. – Sorri, desculpando-me.

– Porra! – Exclamou ele e deixou cair a cabeça para trás a rir. – Mentas para mim?

– Adorei – disse eu com uma careta.

Ele deu-me um olhar desanimado.

Levámos uma garrafa de vodka para uma mesa no canto da sala e rimos muito e bebemos ainda mais e eu não estava praticamente a pensar no BJ ou no que ele nos fez e tudo o que estava a fazer era olhar para a boca do Julian Haites. Os lábios dele eram tão cor-de-rosa. O inferior era mais grosso, quase como se estivesse zangado mesmo quando está contente.

Ele prendeu-me um pouco de cabelo atrás da orelha.

– Posso levar-te para casa? – Perguntou ele, inclinando a cabeça para ficarmos ao mesmo nível. Os olhos dele eram firmes e eu gostei deles.

Acenei rapidamente com a cabeça, não me dando a hipótese de pensar melhor e recusar.

Ele pegou novamente na minha mão e levou-me pela porta das traseiras até um carro que estava à sua espera. Vidros escuros fumados – à prova de bala, como os carros dos Hemmes. Ele abriu a porta do carro para mim e eu entrei, como ele logo atrás.

Ficámos sentados a olhar para a frente, perfeitamente imóveis um ao lado do outro durante alguns segundos. Então, ele virou-se para mim e eu subi para o colo dele, beijando-o rapidamente com os lábios em chamas e puxando-lhe a camisa pela cabeça.

Ele riu-se, segurando-me o rosto com a mão, e – será que o posso dizer – ele beija de modo fenomenal. Fenomenal o suficiente para eu não morrer de imediato por estar a beijar alguém que não era o BJ. Esse sentimento viria mais tarde, como se o estivesse a trair, como se estivesse a destruir-nos – tudo isso acabaria por surgir também, mas o Julian era tão bom, tão carismático e tão atraente que isso atrasou o inevitável.

Em toda a minha vida, nunca pensei que diria isto sobre alguém além do BJ, mas posso garantir que o Julian Haites domina cada espaço onde se encontra. Ele deitou-se no banco de trás, puxando-me com ele. É bom com as mãos, isso posso dizer-te. Nem percebi quando o carro parou de andar.

Entrámos na casa dele. Enorme e excessiva. Tudo em mármore branco ou preto com detalhes dourados por todo o lado. Ele conduziu-me escada acima, silenciosamente, ainda sem camisa, até um quarto. Eu segui-o e ele fechou a porta atrás de mim. Depois, caminhou até uma mesa e esvaziou os bolsos, olhando então para mim, intrigado. Encostei-me contra a porta, franzindo os lábios e segurando a mala à minha frente como uma espécie de cinto de castidade.

Ele riu-se para si mesmo e depois sentou-se na cama, coçando a cabeça.

– Então. – Ele sorriu.

– Então. – Acenei com a cabeça. Não me sentira desconfortável antes. Não sei porque é que o estava agora, de repente. Talvez as luzes?

Ele inclinou a cabeça, olhando suavemente para mim.

– Estás bem?

– Eu?

– Sim – respondeu ele, inclinando-se um pouco para trás.

– Eu estou bem. – Acenei com a cabeça de modo enfático. – Estou absolutamente bem.

– Certo. – Ele assentiu e depois fez uma pausa. – Geralmente, as miúdas não dizem «bem» quando estão bem...

– Bem, eu estou – disse-lhe eu de nariz no ar. – Bem.

– Tudo bem. – Ele acenou com a cabeça novamente, semicerrando os olhos. – Excelente...

– É excelente. – Acenei novamente. – Eu estou excelente, tu estás excelente. E vamos fazer excelente sexo. E vai ser excelente.

– Está bem. – Ele sorriu e esfregou a boca com a mão.

– E já esperei o suficiente – disse-lhe eu, pestanejando muito e soando muito entusiasmada e não pensando nada no BJ. – Não queria fazer uma rima.

Engoli em seco, nervosa.

Ele sorriu ligeiramente e depois comprimiu os lábios, observando-me com atenção.

– Muito bem! – Disse eu, juntando as mãos e respirando fundo, enquanto me aproximava dele. – Vamos a isto. Podes ajudar-me com o fecho? – Sentei-me na cama ao lado dele, oferecendo-lhe as costas.

Ele estendeu a mão para o fecho, mas hesitou.

– Eu tenho uma irmã, sabias? – Disse ele, procurando pelos meus olhos.

– É uma altura estranha para falares dela...

– Cala-te. – Ele revirou os olhos. – Eu conheço as raparigas...

– Tenho a certeza de que sim – intrometi-me.

Ele revirou os olhos.

– Sabes o que quero dizer.

– Não sei, não.

Ele coçou o pescoço, sorrindo ironicamente.

– Tu és linda, Parks. Mesmo, mesmo linda – acrescentou ele com um ligeiro franzir de sobrolho.

Olhei para ele com os olhos escurecidos, sentindo um «mas» a caminho.

– Tens a certeza de que queres fazer isto?

– Sim – disse eu, enfatizando demasiado a palavra com um aceno de cabeça.

Ele inclinou-se, segurou o meu rosto entre as mãos e beijou-me suavemente. E, então, eu comecei a chorar.

Ele riu-se e afastou-se, abanando a cabeça.

– Magnolia.

Ele puxou-me para o seu colo, segurou-me contra o peito e depois deixou-me simplesmente chorar. Aquele não era provavelmente um comportamento habitual para um chefe de gangue e talvez fosse por isso que ele nunca contou nada ao Jonah. A nossa não é uma história que alardeie as suas façanhas sexuais; eu apenas chorei em cima dele durante cerca de duas horas. Grandes soluços ranhosos de fazer estremecer os ombros. O guarda-costas dele fez-me panquecas e depois eu chorei mais. Ele brincou com o meu cabelo. Passei a noite na cama dele e contei-lhe tudo o que aconteceu e ele ofereceu-se para matar o BJ. Tive medo de que falasse sério. Conversámos a noite toda até eu adormecer em cima dele e foi tudo. Ele levou-me a casa na manhã seguinte, deu-me o número dele e disse que se eu precisasse de alguma coisa...

– Acreditavas em mim se eu dissesse que estivemos juntos num clube literário? – Pergunto ao BJ.

Ele abana a sua cabeça perfeita.

– O Julian adora... ficção histórica feminina e também gosta bastante de biografias.

O Julian começa a rir, não ajudando.

O BJ semicerra os olhos.

– Hum.

– Eu ofereci-me para a ajudar com uma coisa. – O Julian fita-me nos olhos. – Ela nunca aceitou a oferta. – Ele dá uma cotovelada ao BJ na brincadeira. – Ainda anda com a ralé.

– Porta-te bem – digo eu e dou-lhe um olhar severo. O Julian sorri em resposta. E, durante todo esse tempo, o BJ parece terrivelmente desconfortável com o ambiente entre nós.

– Mas, a sério, Parks, se alguma vez estiveres à procura de passar uns bons momentos com um verdadeiro tipo da pesada e não com um destes meninos rebeldes da *Vogue*, liga-me.

Reviro os olhos para ele e tento controlar o meu entusiasmo perante toda a atenção que me está a ser dada no momento.

– Deixa-me ultrapassar o triângulo amoroso atual em que estou e, depois de

eu resolver isso, talvez sejas o próximo da fila.

– Sim, é justo. – O Julian acena com a cabeça e depois dá uma palmada no braço do BJ e pisca-lhe o olho na brincadeira.

O BJ observa-o a ir-se embora, incrédulo.

– Estás a brincar comigo? – Ele pestaneja.

Tento não me rir da cara dele e puxo-o para o lado, segurando-lhe as mãos.

– Nós beijámo-nos uma vez.

– Uma vez?

– Quase fizemos sexo uma vez – admito.

– Quando?

– Hum – faço uma careta –, imediatamente depois de tu e eu termos acabado.

Ele faz recuar a cabeça.

– O quê?

– Tipo, quinze dias depois ou algo assim...

– Parks! Ele é um tipo perigoso...

– Certo – digo eu e deito-lhe um olhar. – Sabes que estamos na festa de aniversário dele? Tipo, neste exato momento.

– Estamos aqui com o Jonah e tu és minha convidada.

– Na verdade – faço uma careta –, ele convidou-me.

O BJ suspira.

– Claro que sim.

Ele esfrega o rosto com ambas as mãos.

– Quase fizeste sexo com ele?

– Bem, tu fazes frequentemente sexo até ao fim com pessoas que não são eu – recordo-o. – O tempo todo.

Ele faz o possível para não se rir daquilo, mas funga mesmo assim. Depois, olha longamente para mim.

– Porque é que foi quase?

– Hum. – Franzo a boca. – Porque eu comecei a chorar quando ele me beijou na cama. Por causa de ti... – Ele esconde um sorriso. – Chorei nos braços dele e o chefe de segurança dele fez-me panquecas e depois o Julian levou-me a casa.

O BJ acena com a cabeça, satisfeito com a resposta, e puxa-me para ele, envolvendo-me com os braços.

– E quem é que te vai fazer panquecas amanhã de manhã?

– Não sei? – Faço um sorriso ensolarado. – Posso ver se o segurança dele está disponível.

A noite continua a partir daí e tudo parece bem e normal – o Christian está a beber um pouco –, mas o BJ e eu estamos ótimos.

Ele não me larga e paira como uma sombra ao Sol do meio-dia. Não sei se é por causa do que ele acabou de saber sobre mim e o Julian ou se é apenas porque pode, mas não me importo seja de que maneira for.

Sentimo-nos bem.

Beijos no meu pescoço quando não estou a olhar, mãos em volta da minha cintura em todos os momentos e tudo parece ser como sempre achei que seria antes de estragarmos tudo – nós juntos, de mãos dadas, ele a falar com o Jo, eu a falar com o Henry e, sem olhar para mim, sem palavras, ele coloca o braço em volta do meu ombro e puxa-me para ele, beija-me a orelha e continua a falar com o Jo. E aquilo é tão insignificante no esquema dos afetos, um não acontecimento tão absoluto, mas faz com que o meu o coração se sinta como se transportasse um diamante no bolso e que nada, nem tempo, nem mágoa, nem infidelidades, aconteceu entre nós. E talvez seja assim que sempre seremos – presos um ao outro, a voltar um para o outro se de alguma forma nos afastarmos. Espero que sejamos assim. Espero que encontremos sempre o caminho de volta.

E, então, há gritos. Altos e agressivos.

O Jonah estica o pescoço, olhando para lá, e depois põe-se de pé de um salto porque é o Christian.

Ele acena com a cabeça na direção do irmão e eu e os rapazes seguimo-lo.

– ... que porra quer isso dizer, porque é que me importo? Nós estamos juntos – diz o Christian para a Daisy, olhando para ela com os olhos arregalados.

Ela está com aquele rapaz, o Romeo Bambrilla. Ele é bastante interessante.

– Estamos? Não brinques comigo. – Ela olha para ele furiosa. – Nunca tive qualquer ilusão do que sou para ti; sou a miúda com quem andas a foder enquanto pensas na namorada do teu melhor amigo.

E, então, ficamos todos tensos. Não apenas eu e os rapazes, mas toda a sala. Tenho os olhos arregalados. O corpo inteiro do BJ fica rígido.

– Eu... – o Christian gagueja, boquiaberto, e sinto uma dor no coração porque detesto vê-lo assim.

Ele parece magoado e triste, talvez um pouco traído? Não sei se a Daisy está a falar de mim, mas está provavelmente a falar de mim.

E que raio está ela a fazer, dizendo aquilo em voz alta diante de todos?

– Oh. – A Daisy Haites pestaneja, toda olhos grandes e inocentes. – Achavas que eu não sabia? Estás a confundir-me com alguém que tem um pouco de respeito próprio, porque eu sei o que sou para ti e mesmo assim fiquei, à espera de que um dia me quisesses mais do que a ela. Mas tu nunca me quiseste. Nunca gostaste de mim...

E o Christian está a olhar para ela como nunca o vi a olhar para ninguém antes: de olhos arregalados, a abanar um pouco a cabeça. Parece assustado.

– E nós podemos ser uma desgraça completa... – Ela gesticula para o Romeo Bambrilla. – Mas sabes uma coisa? O que eu sei com certeza é que quando levar o Romeo para casa esta noite ele não vai estar a pensar na porra da Magnolia Parks.

Ficamos todos de queixo no chão e a Daisy sai dali como um foguete. Sai de mãos dadas com o rapaz que não é o Christian.

E o Christian ainda está paralisado, de olhos no chão. Não encontra os meus olhos; não se atreve a olhar para o Beej ou para o irmão.

Abana a cabeça e passa pelo meio da multidão, empurrando-os.

E, então, o Jonah corre atrás dele, portanto, o BJ vai atrás do Jonah e eu vou atrás do Beej. Tenho uma estranha sensação flutuante de que talvez tenha amado demasiados rapazes e talvez tenha feito demasiados rapazes amarem-me.

Existem vários tipos de amores neste mundo, sei disso agora. Não o sei completamente – ainda não é uma Lua cheia de conhecimento, na melhor das

hipóteses talvez eu esteja no quarto crescente de compreender aquilo que posso sobre o amor. Dizem que conquista tudo, mas será verdade? Poderá mesmo? O tudo é tão vasto.

Perdi o BJ centenas de vezes para centenas de mulheres diferentes e ele quase me perdeu duas vezes para dois homens que amei mais do que pretendia. Será que amo o Tom? Suponho que sim, se ele está na minha mente agora. O que é que isso significa? O que poderá significar? Porque não é o mesmo que com o BJ, que é o único amor que me importa, acho. E, mesmo assim, eu e o Beej continuamos a perder-nos um ao outro e não parece importar que nos amemos como nos amamos, que é com plenitude – como aqueles animais que se comem até à morte se forem deixados entregues a si mesmos. Vou amá-lo até morrer, amá-lo até isso me consumir por inteiro e me matar –, portanto, talvez o amor não conquiste tudo, mas apenas um pouco. Porque o tudo é vasto e o amor é tão variado, como a luz num prisma; se o movermos numa sala, dependendo de como a luz lhe toca, ele muda. Significa coisas diferentes e há tantas coisas diferentes que o amor pode ser para as pessoas.

Eu sei que alguns amores são lindos e alguns são libertadores, alguns destorcem-nos, alguns envenenam-nos, alguns cegam-nos, alguns melhoram-nos e alguns amores desfazem-nos de maneiras invisíveis, que mais ninguém sabe até termos de nos levantar e o peso do nosso amor nos esmagar os ossos. E quando o vejo gritar «foda-se» uma e outra vez num beco, enquanto soca uma parede, pergunto-me se talvez tenha acidentalmente feito o Christian amar-me assim?

– Diz-me que a Daisy Haites perdeu completamente a cabeça. – O Jonah abana a cabeça para o irmão.

O Christian gira sobre os calcanhares e encara-o com um olhar esfarrapado.

O Jo abana a cabeça para o Christian, colocando um dedo ameaçador no peito dele, e eu fico nervosa. Detesto quando eles se unem contra ele. É sempre sobre mim.

– De que raio está ela a falar? – pergunta o BJ, de sobrancelhas baixas.

O Christian não diz nada, mas os seus olhos encontram finalmente os meus, apenas por um segundo, antes de o Jonah lhe dar um empurrão.

– Não olhes para a Parks, olha para mim.

E então algo surpreendente acontece: o Christian empurra o Jonah para longe. Com mais força e de modo mais agressivo do que já o vi ser com o irmão.

– Não me lixes esta noite.

– Rapazes – diz o Henry, colocando-se ao lado do Christian, e fico feliz que ele esteja ali. O Henry equilibra um pouco as coisas.

O Jonah não está a recuar; tem o Christian encostado à parede e o colarinho da camisa dele nas mãos.

– Jonah. – Abano a cabeça para ele, puxando-lhe o braço. – Larga-o. O que estás a fazer?

– O que é que tu estás a fazer? – exclama o Jonah em resposta.

O BJ olha de mim para o Christian e depois grita para o céu.

– Estás a brincar? – Ele olha para mim com uns olhos tempestuosos, arregalados e magoados. – Dois de nós não é suficiente?

Estendo a mão para ele com o meu coração desfeito espelhado nos olhos.

– Beej...

– Tu sabias? – pergunta-me o BJ com um olhar tão esfarrapado como o seu coração.

O meu rosto vacila.

– Claro que não sabia. – E pergunto-me se lhe estou a mentir...

Será isto mentir-lhe?

Eu não sabia com certeza absoluta.

Não queria saber. Não queria ter de mudar quem sou com o Christian, não queria não poder descansar a minha cabeça no ombro dele durante um filme se quisesse, não queria ter de perder o único rapaz que conhecia que estava do meu lado, aquele que me contaria a verdade sobre o BJ, independentemente do que acontecesse.

Será que eu sabia que ele me amava? Não.

Será que sabia com toda a certeza que ele não me amava? De alguma forma, também não.

O BJ coloca o braço em redor do meu pescoço e puxa-me para longe deles, pressionando a boca contra a minha face.

Não o faz porque está bem, ele fá-lo porque não está. Está a tentar equilibrar-se. Respirar-me como um óleo essencial.

– Vou levar-te a casa – diz o BJ e eu aceno.

Olho para o Jonah.

– Não o magoes, está bem?

Tudo o que o Jonah faz é grunhir.

Os meus olhos encontram os do Christian e gostava de ter a certeza de que eles não o vão magoar. Quero dizer-lhe que lamento e que espero que ele esteja bem e que ele me pode ligar mais tarde se precisar, mas acho que essas coisas já não aceitáveis.

Então, em vez disso, digo-lhe que lamento com os olhos, mas ele não fala a língua dos meus olhos, apenas o BJ fala, portanto, o Christian pensa que eu não digo nada.

O BJ não passa a noite comigo. Não fala comigo durante a viagem até casa, mas também não me larga a mão. Leva-me até à porta, beija-me na cabeça e vira-se para se ir embora.

– BJ – chamo-o.

Ele pressiona as mãos contra os olhos.

– Não posso agora. – Abana a cabeça. – Preciso de pensar.

09:56

Beej

Como está o tempo, Beej?

Não sei.

Estás zangado.

Não sei o que estou.

Desculpa.

Pelo quê?

Não sei.

Tudo?

Ligo-te amanhã, está bem?

Está bem.

Desculpa.



BJ

Sinto-me abalado depois. A minha mente está em chamas e sinto uma dor no peito que parece um buraco. Está tudo a desfazer-se. Ele ainda gosta dela? O que mais não sei? Ela está a mentir-me?

Ela nunca me mente, não sobre coisas importantes.

Pode dizer que me odeia ou que não quer mais nada comigo, mas isso é o mais próximo que se aproxima de uma mentira. Mas agora estou a pensar... Por que raio pensa ele na Parks quando está com a Daisy se ele e a Parks não fizeram realmente sexo? Certo?

Então, ela está a mentir.

Deixei-a em casa e voltei de imediato para a minha. Snifei uma linha. Esperei dez minutos. Snifei outra.

Ajuda-me a concentrar e eu precisava de me concentrar.

Examinei as falhas na nossa cronologia, perguntando-me se ela as preencheu com o Christian.

Estes são os dias que se seguem. Não lhe ligo. Não lhe envio mensagens. Respondo quando ela me manda uma mensagem, mas apenas porque se eu não responder ela entra em pânico total e não consigo lidar com isso neste momento – não consigo descobrir o que raio isto significa ou como me sinto em relação a isso se também tiver de fazer com que ela esteja bem.

Cancelo todas as minhas sessões fotográficas desta semana. Vou ao café perto da nossa casa, peço *take away* à noite, snifo linhas pelo meio. Antes, sentia-me mal quando snifava, como se estivesse a enganar a Parks, mas agora acho que é ela quem me está provavelmente a enganar, portanto, dou-lhe com tudo.

Isto é tudo o que faço durante quatro dias. Leio um pouco. Tento ver TV, mas não consigo porque praticamente tudo que tenho para ver são coisas que prometi ver com a Magnolia, portanto, começo o *Narcos* novamente.

A meio da segunda temporada, o Christian aparece à minha porta. Franço-lhe

a testa. Ele desapareceu depois daquela noite. Nenhum de nós o viu desde então.

– Onde é que te meteste?

Ele encolhe os ombros, entra, vai até ao outro lado da sala com as mãos nos bolsos.

– Precisava de um minuto.

Não digo nada. Não sei o que devo dizer.

Ele exala, cansado e impaciente, observando-me com atenção.

– Estou apaixonado por ela, Beej...

O meu maxilar fica tenso. O meu coração tomba cinco lanços de escada. Ele está apaixonado por ela? Fungo uma risada suspensa em descrença.

– O que foi? – pergunta ele, nervoso.

Abano a cabeça.

– É que não és a primeira pessoa a dizer-me isso ultimamente.

– Isso é lixado – diz ele. Eu concordo. Ele abana a cabeça, feliz pelo ponto de conexão, acho. – Ela é avariada da cabeça – diz ele.

– Ei – rosno reflexivamente, embora não discorde, acho. Mas mesmo que não discorde, ninguém pode dizer mal dela exceto eu; fico ainda mais furioso por ele achar que pode.

– Meu, ela é... ela precisa que todos a amem – diz o Christian. – Tu, eu, o Tom, o Jules... é uma merda. E ela...

– Para. – Franzo a testa. – O que estás a fazer? Isto não tem que ver com ela. – É mentira. Tem sempre que ver com ela. – Tem que ver com seres o meu melhor amigo e estares apaixonado por ela...

– Eu não queria...

Solto uma risada incrédula.

– Tu namoraste com ela, porra. Nas minhas costas.

– Beej... – Ele bate com a cabeça contra a parede atrás de si. – Foi um acidente. Andávamos a sair... somos amigos desde sempre... há mais tempo do que tu...

Lanço-lhe um olhar de advertência. Merda para ele.

– Eu estava com ela, da mesma forma que estive com ela um bilião de vezes antes. E, então, um dia beijámo-nos. – Ele encolhe os ombros. Encolhe os ombros como se não fosse nada. Como se não fosse a maior traição na história do tempo.

– Oh – digo eu e aceno enfaticamente com a cabeça. – Vocês beijaram-se.

– Estava a chover, havia uma cabine telefónica...

Abano a cabeça.

– Não quero a porra de um relato completo...

– Então, o que é que queres? – A voz dele está a ficar mais alta.

– Porquê ela? – O meu tom acompanha o dele.

– Porque ela é a porra da Magnolia Parks.

Desvio o olhar, abanando ligeiramente a cabeça. De quanta merda é que ela se vai safar nesta vida debaixo daquele rótulo?

– E ela estava triste. E eu queria que ela se sentisse melhor. – Ele encolhe os ombros como se não o conseguisse evitar. Talvez não consiga. Eu não consigo. – Mas ela estava triste por tua causa. Porque para ela, és sempre tu...

– Isso já não é verdade.

– É sim, porra. Como é que não o consegues ver? Tudo o que ela faz é por tua causa, ou sobre ti ou para te tentar lixar porque tu a lixaste primeiro...

Cubro o rosto com as mãos, sentindo-me estranho e exposto. Olho para o meu velho amigo por entre os dedos.

– Porque é que não me disseste?

– Porque ela é tua. – Ele deita-me um olhar ligeiramente furioso. – E mesmo quando não é, continua a ser. – Ele olha para mim. – E eu não a quero. Eu só... não sei como a esquecer.

Cerro o maxilar e sinto os meus olhos suavizarem-se um pouco. Merda.

– Sim. – Respiro pelo nariz. – Conheço a sensação.

O Christian esfrega o maxilar, observando-me cuidadosamente por alguns segundos.

– Beej, eu tenho de falar com ela.

Bato com o punho na cama, distraidamente.

– O que vais dizer?

Ele olha-me demoradamente. Não precisa de me dizer o que lhe vai dizer, eu já sei. Vai contar-lhe. Sinto-me mal por um instante. Imagino que ele vai ter com ela, dizer-lhe que a ama. E pergunto-me por um segundo se ele será mais digno dela do que eu? De certa forma, talvez seja.

De todas as maneiras imagináveis, o Tom é mais digno do que nós os dois.

Ele encolhe os ombros, um pouco impotente.

– Tenho de o fazer.

Lanço-lhe um olhar cauteloso.

– Eu confio em ti.

Ele acena com a cabeça uma vez e depois sai.

Magnolia

– ... e ele não fala comigo desde então.

A minha irmã faz uma careta inclinando-se para trás na cadeira. Estamos a tomar um *brunch* no Neptunes.

– Ele nunca deixa de falar contigo – diz ela como se eu já não soubesse, como se isso não estivesse constantemente nos meus pensamentos.

Contei ao Tom o que aconteceu. Ele não ficou muito aborrecido, disse que já estava à espera. Na verdade, disse que o Gus previu que fosse acontecer e avisou-o.

O Tom tem andado por perto, como um agente entorpecedor na ferida de um Ballentine ausente.

Até passou cá a noite algumas vezes.

Não tenho a certeza se isso acalmaria o BJ, mas acalmou-me a mim.

Acho que estou a começar a perceber, agora, porque é que o BJ faz sexo o tempo todo.

Faz-me sentir melhor, de facto. É um tipo de melhoria breve, com muito pouca permanência em geral, mas há alguns segundos eufóricos em que não nos conseguimos concentrar em nada além daquela sensação boa que estamos a sentir. E é tão bom e durante vinte segundos consigo não pensar em quão longe sinto o BJ, ou em como está tudo tão confuso ultimamente, ou em quem vou escolher, porque sei que vou ter de escolher um deles em breve, ou em quão receosa estou de magoar o Tom quando não o escolher, porque não sei como escolher alguém que não seja o BJ, ou em como o relacionamento do Christian se lixou, aparentemente por minha causa, sem que eu tenha sequer levantado um dedo – é só em tudo isto que penso quando a minha mente não é obrigada a pensar noutra coisa e, portanto... o Tom e eu temos feito bastante sexo.

No entanto, ele foi para fora em trabalho durante dois dias, deixando-me entalada com todos os meus pensamentos, e o rapaz que amo a ignorar-me.

– É realmente uma loucura, não é? – considera a Bridget. – A tua capacidade

para dramas masculinos.

Deito-lhe um olhar.

– O que foi? – Ela encolhe os ombros. – É verdade, tu tens muitos rapazes a girar no ar.

– Tenho dois rapazes no ar. – Acaricio a minha saia envelope verde-escura plissada da Marni.

– O Christian é capaz de discordar.

Tomo um longo gole de champanhe, olhando um pouco irritada para ela. E ela está a fazer aquela coisa que faz – é uma treta e eu detesto-o. Está a observar-me, a pensar, a processar, a ler. Ela recosta-se na cadeira, semicerrando um pouco os olhos para mim – geralmente faz isso comigo e com o Beej, tentando resolver o insolúvel.

Mas, a mim, consegue ler-me como um livro. Abre-me e vai diretamente para o âmago.

– Não sei se é por causa do BJ ou do pai – diz ela. – Ambos, provavelmente. – Considera. – És capaz de ser viciada em atenção masculina.

– Vai-te lixar. – Pestanejo, horrorizada. – Não sou nada.

– A culpa não é tua. – Ela encolhe os ombros. – Olha para a tua cara. A tua cara é a primeira parte do problema...

Franzo a testa, tocando distraidamente no rosto.

– Qual é o problema com a minha cara?

– Nenhum – diz ela e ri-se, tirando um pelo da sua camisola de decote redondo com logótipo em caligrafia da Saint Ivory NYC. – Daí a origem do problema.

– Não estou com muita vontade de ser psicanalisada, Bridge.

– Temos pena. – Ela inclina-se para mim. – O pai nunca nos prestou muita atenção, não a suficiente. Não na quantidade que as meninas precisam dos pais, de qualquer maneira. Mas o BJ... – Ela dá-me um olhar compreensivo. – Ele foi o teu salvador. Ele... olha para ti e vê o Sol. Portanto, o assunto estava resolvido. Tu não precisavas de um pai, tinhas um BJ. Durante anos, estiveste bem. Durante anos, os

rapazes prestaram-te provavelmente atenção e tu nem sequer sabias, porque tudo o que vias era o BJ. E, então, ele traiu-te...

– Estou ciente.

– ... e isso minou toda a atenção que ele te dera até então.

As minhas sobrancelhas descaem um pouco.

– Enlameou-a. Tornou-a falha de confiança e sem valor. Então, acho que agora talvez colecione a atenção dos homens...

– Vai-te lixar...

– ... mantendo-a no bolso das calças para quando precisas.

– Estás a ser ridícula. – Abano a cabeça.

– Estou? – Ela arqueia a sobrancelha.

E eu receio que talvez não esteja. Cruzo os braços sobre o peito.

– Esta coisa com o Christian atingiu o Beej com mais força do que eu pensava...

– Bem, sim. – Ela encolhe os ombros. – É o melhor amigo dele.

– Não é como se eu andasse a dormir com o Jonah! – digo, principalmente para me fazer sentir melhor.

– Certo – diz ela. – É apenas o outro melhor amigo dele do qual é tão próximo como um irmão. Muito melhor.

Suspiro, desanimada.

– Não estávamos a dormir juntos.

Ela olha para mim, duvidosa.

– Tu e o Christian nunca dormiram realmente juntos?

– Não. – Ponho o nariz no ar.

– Não tem nada de mal se dormiram. – Ela dá-me um olhar.

– Bem, mas não dormimos.

Ela olha para mim.

– E por que raio não o fizeram?

Encolho os ombros como se não houvesse razão, como se também fosse um

mistério para mim, mas não é. Eu sei porquê. E é mais complicado de explicar do que consigo pôr em palavras.

– O Beej acha que sim – diz ela, e sinto uma pontada de ciúme por a minha irmã conhecer os pensamentos mais íntimos do rapaz que amo.

– Eu sei. Ele não acredita em mim.

– Isso é porque o BJ não sabe como não fazer sexo com as pessoas.

Aceno, loquaz.

– Excelente.

– Achas que vocês alguma vez vão resolver isso? – pergunta ela, inclinando a cabeça enquanto me observa.

E, sinceramente, a pergunta atinge-me como uma bofetada.

A ideia de haver uma hipótese de não o resolvermos nunca foi uma realidade no meu horizonte.

Mas isso parece demasiado pessoal para ser dito em voz alta, mesmo à minha irmã. Não quero que ela saiba que sempre supus que iríamos acabar juntos novamente e também não quero que ela saiba que, até este exato momento, eu não tinha percebido que talvez isso não acontecesse.

Magnolia

Estou sozinha no meu quarto quando tenho a sensação de que estou a ser observada – dura apenas um segundo até eu erguer os olhos e o ver parado à porta. Biggie Hoodie 4 X 4 em preto azeviche da Ksubi, com o capuz puxado para cima e as mãos enfiadas nos bolsos das suas calças descaídas com cordões da Rick Owens DRKSHDW. Passou quase uma semana desde a festa do Julian. Não o vi nem falei com ele. Corro para ele, puxo-o para dentro do meu quarto e arranco-lhe o capuz da cabeça.

– Eles magoaram-te? – pestanejo para o Christian.

Os olhos dele desviam-se para o meu minivestido cor-de-rosa-rebuçado em tricô com capuz enfeitado com pompons da Gucci antes de abanar a cabeça. Suspiro aliviada e ele passa por mim, entrando no meu quarto.

– Tu magoaste, mas...

– O quê? – Pestanejo.

– Sinceramente, Parks, vai-te lixar. – O tom dele é agressivo. – Tipo, a sério, vai-te lixar. Estou a falar a sério.

– Christian...

– És uma cabra, Parks.

Estou perplexa. Não posso acreditar que ele me está a dizer aquilo.

– Estou apaixonado por ti – diz ele, franzindo a testa. Faz deslizar a mão em volta da minha cintura.

– O quê?

E, então, ele beija-me.

Acontece demasiado rápido para eu o impedir – ele agarra-me o rosto e beija-me e eu não o impeço porque é estranhamente familiar e a familiaridade do beijo é a primeira coisa que registo e não que não devia estar a fazer aquilo.

Assim que registo que o beijo tem de parar, ele já parou.

– E odeio-te – diz ele e está zangado.

Engulo em seco e tento não parecer arrasada.

– Porquê?

– Porque tu deixas-me – ele grita, exasperado. – Há uma razão pela qual tu me procuras em vez dos outros...

– Sim, porque nós...

– Não. – Ele abana a cabeça. – Tu sabes porquê.

Não é minha intenção, mas o meu lábio inferior começa a tremer. Não gosto quando as pessoas estão zangadas comigo, mas com o Christian é particularmente mau.

Dou-lhe um pequeno encolher de ombros.

– Os outros dois são demasiado leais ao Beej. Mentem-me por ele. E eu sei que tu...

– Faria qualquer coisa por ti – diz ele. – Sim, faria. Mas merda para ti por me deixares... – A raiva dele espregueia novamente. – Precisas de que a porra do mundo inteiro esteja apaixonado por ti?

Os meus olhos ficam marejados.

– Christian...

Ele avança para mim, agarra-me pelos pulsos e prende-me uma madeixa de cabelo atrás das orelhas.

E é mau, tudo isto é mau.

Eu sei que é mau.

Mau que ele pense que pode agir assim comigo, mau que me possa tocar sem pensar duas vezes, mau que eu não o esteja a impedir.

Ele procura os meus olhos.

– Isto acaba para mim agora, está bem?

– Christian...

– Preciso que me deixes em paz, Parks. – Ele abana a cabeça, com um olhar severo. – Deixa-me esquecer-te.

Aceno com a cabeça, mais chorosa do que deveria. Nervosa por o estar a perder.

– Não vais continuar a ser meu amigo?

– Vou ser sempre teu amigo. – Ele fita-me. – Mas não sou teu amigo há muito tempo.

Desvio os olhos dos dele, sentindo-me envergonhada. Não sei quão ativo foi o meu papel em fazer com que ele ainda me amasse. Não é como se estivéssemos sozinhos – o Henry está quase sempre lá. Geralmente. Às vezes trocamos mensagens, outras vezes falamos ao telefone. Os nossos olhos cruzam-se quando nos lembramos de coisas que provavelmente já não nos deveríamos lembrar, mas ele não pode ter pensado que isso significava alguma coisa. Não sei, talvez eu às vezes tenha tratado o Christian como uma rede de segurança para quando Beej me deixa cair, coisa que ele faz. Muitas vezes.

– De agora em diante – ele procura os meus olhos –, se não pedirias ao Jonah para fazer alguma coisa, não me peças a mim.

Aceno, solenemente.

– Desculpa, não sei qual é o meu problema, eu...

– Eu deixei. – Ele encolhe os ombros. – Podíamos ter tido esta conversa há três anos, mas não tivemos porque eu não quis. Amar-te era um bom motivo para não amar mais ninguém.

– Amas a Daisy? – pergunto, e não estou com ciúmes quando o faço.

Ele acena com a cabeça, sentando-se na minha cama.

– Sim.

Dou-lhe um pequeno sorriso.

– Miúda de sorte.

– Ei. – Ele aponta para mim, semicerrando os olhos de modo quase brincalhão. – Nada dessas merdas. Agora é tudo profissional entre nós.

– Eu diria isso ao Jonah. – Franzo a testa, na defensiva.

– Nã, como é que poderias? Seria completamente irrelevante. – Ele encolhe os ombros. – O coração dele está morto.

Observo-o por alguns segundos.

– Eu amo-te – digo-lhe. – Sabes disso?

Ele olha em frente, acenando com a cabeça duas, três, quatro vezes.

– Sim. – Olha para mim. – Não como eu te amo, infelizmente.

– Amei em tempos – recordo-o, não sei porquê.

Ele acena novamente com a cabeça, pensando sobre isso.

– Mas não como o amas.

Ele põe a mão no meu joelho e aperta-o uma vez.

Há uma finalidade naquilo. Como se estivéssemos finalmente a fechar o capítulo sobre o que costumávamos ser.

Quantos amores, pergunto-me novamente?

Alguns amores, como o nosso, são como bolas de demolição em casas de vidro. E as bolas de demolição não têm nada de estar em casas de vidro, tal como eu não tinha nada que amar o Christian como amei em tempos, só que, às vezes, alguns amores mantêm a nossa cabeça à tona quando nos estamos a afogar. Alguns amores podem embaciar uma cabine telefónica numa tarde chuvosa em Londres e fazer com que nos sintamos menos sozinhos do que antes de os nossos lábios se tocarem.

Ele está a deixar o que tínhamos para trás, como deveria. Como eu o devia ter deixado há muito tempo. Mas vou sentir falta dele nos meus dias chuvosos.

Ele levanta-se e caminha em direção à porta, parando enquanto olha para trás.

– Não estragues tudo, Parks. Vou ficar puto da vida se o fizeres.

11:16

Tom

Ele falou contigo?

Não

Estás bem?

Queres que ele tenha
falado comigo?

Hah

Não, não quero.

Mas quero que estejas bem.

Fofo.

Tenho saudades tuas.

Também tenho saudades tuas.

Jantar hoje a noite?

Sim por favor.

Está pronta às 8. Vou-te buscar.

Não tragas o BJ...



Desculpa.

BJ

Ela está ali sentada, empoleirada num dos muros, com as pernas dobradas debaixo de si. Veste um conjunto de saia de xadrez vermelha e *top*, sei lá – parece a miúda dos meus sonhos, seja lá o que for. Tudo o que ela veste eu quero arrancar-lho do corpo. Parece uma coisa sexual, e talvez seja um pouco, também, mas só a quero ver inteira. Não quero nada, nem sequer roupas, entre nós. E, merda, temos tanta coisa entre nós nestes dias.

Aproximo-me e sento-me ao lado dela sem palavras. É engraçado porque, sinceramente, não vim aqui para a encontrar. Talvez estivesse à espera de me encontrar com ela? Não sei; este não é só o lugar dela, é o meu também. É para onde íamos quando éramos adolescentes e precisávamos de pensar.

St. Dunstan in the East.

Não posso ir até lá sem pensar nela, mas em que mais estaria eu a pensar de qualquer maneira?

Ela olha para mim, à espera. É a minha vez, acho.

É sempre a minha vez. Abano a cabeça.

– Tens alguma ideia de como é estar apaixonado por alguém e ter de ver toda a gente apaixonada por ela também?

Ela lança-me um longo olhar com as bordas escuras.

– Faço uma ideia.

Suspiro.

– Então, por que raio não estamos juntos, Parks?

Ela não diz nada, apenas olha para a frente enquanto desdobra as pernas, deixando-as penduradas a balouçar. Não é justo. Adoro as pernas dela. Pergunto-me se ela o faz de propósito, para me distrair. Não descartaria essa possibilidade, por estes dias.

Se me dissessem que ela era uma mestre em manipulação ou, sei lá – uma bruxa? –, eu ficaria provavelmente quase aliviado. Aliviado por ter um motivo para

estar preso a ela como estou que fosse mais do que apenas porque a amo de uma forma que não consigo desfazer.

A maneira como estamos sentados, ombro contra ombro, um dos meus braços apoiado no cimento atrás dela, ela inclinada contra mim, sem saber que o está a fazer, é assim que somos.

É assim que somos sempre.

Olho para ela, respiro-a. O mesmo cheiro de sempre. Se ela me deixar de vez vou tomar banhos de Gypsy Water para dormir à noite.

– O Christian disse que ia falar contigo...

Ela acena com a cabeça.

– Ele foi? – Olho para ela, esperando por mais, mas ela não diz nada. – O que é que ele disse? – Pergunto. Ela encolhe os ombros. Eu franzo a testa para ela. – O que queres dizer com... – Imito o encolher de ombros dela.

Ela encolhe os ombros novamente.

– Não quero dizer.

– Não queres dizer? – Pestanejo algumas vezes e depois sinto uma onda de calor. – Que porra é essa, Magnolia... O que é que ele disse?

E, então, ela fica com aquela expressão nos olhos. Reconheço-a. É a mesma expressão que ela tinha sempre que a Mars lhe dava um sermão por me levar para casa, porque ninguém me pode criticar a não ser ela.

Essas eram sempre as minhas noites favoritas, porque ela pegava-me na mão, puxava-me para o quarto, batia com a porta e empurrava-me contra ela, fingindo que estávamos a ter sexo só para irritar a Mars. Mas isso significava sempre que ela tocava no meu corpo todo, mais do que precisava, e deixava-me segurá-la contra mim sob o disfarce de um ardil, mas o ardil era o disfarce.

Sempre que a Mars lhe dava um sermão, a expressão nos olhos dela era sempre um enorme «vai-te lixar e vê só o que eu faço». E ela está com essa expressão agora, aqui, a balouçar aquelas pernas, a derrubar cada vez mais as minhas inibições a cada instante.

Ela avalia-me.

– Digo-te o que ele disse se me disseres porque é que o fizeste.

Merda.

Suspiro.

– Já te disse porque o fiz.

– E eu disse-te que não acredito – dispara ela de volta, rápida como a luz. – Não acredito em ti.

Encolho os ombros, tentando parecer indiferente, porque não consigo lidar com isto agora.

– A culpa não é minha.

Ela abana a cabeça, sacudindo a dor que a minha indiferença lhe causou – consigo vê-la a flutuar no seu rosto, acumular-se naqueles olhos cor de lago nos quais eu nadaria para sempre se ela me deixasse e não sei por que raio não me deixa.

– Tudo bem – diz ela desafiadora. – Então, diz-me com quem.

Abano a cabeça.

– Não te vou dizer isso...

– Porquê?

Deito-lhe um olhar implorativo de olhos arregalados.

– Porque vai tornar tudo pior.

Ela abana a cabeça como se soubesse.

– Não pode ser pior do que não saber.

– Pode, sim – digo. – É a especificidade de um rosto. É quase impossível ver para além disso; eu vejo-te a ti e ao Tom na minha mente o tempo todo. Costumava pensar em nós para adormecer e agora só te vejo a ti e a ele. – Abano a cabeça, tentando limpar a imagem do meu cérebro.

O rosto dela vacila perante o tom da minha voz – os joelhos do seu coração cedem perante a minha expressão. É breve – como um *flash* – a compaixão por mim antes de voltar a ser teimosa e insistir.

– Eu não te traí.

O que tecnicamente é verdade – tecnicamente –, mas demasiado exato para ser mencionado hoje.

– Estás a brincar comigo, Parks? – Olho para ela com um olhar furioso. – Por que raio estamos a discutir isto? Outra vez. Não estamos a falar de como eu estraguei tudo, estamos a falar da porcaria colossal que fizeste. Com o meu melhor amigo. Que está apaixonado por ti agora.

Ela franze a testa. Não sei porquê.

Por eu estar tão zangado? Por estar a levar um sermão? Por ele a amar?

– Tu tinhas de saber... – Olho para ela, cauteloso. Vasculho o rosto dela, faço com que seja impossível ela poder enganar-me sobre aquilo, porque preciso de saber. – Tu sabias?

Ela fita-me por alguns segundos e depois os seus olhos ficam ainda mais pesados. Acena com a cabeça. Parece culpada.

– Mas que porra, Parks. – Empurro-me para fora do muro e começo a andar de um lado para o outro.

Ela salta atrás de mim. Porque se eu me movo, ela move-se.

– Quero dizer, eu suspeitava... – Ela parece um pouco em pânico. – Não perguntei...

Deito-lhe um olhar.

– Sim, não precisavas.

Ela estende-me a mão.

– Ele é apenas meu amigo.

E, talvez pela primeira vez na história, eu afasto-me dela e dou-lhe um olhar desfeito.

– Sim, mas não és apenas uma amiga para ele, pois não?

– Beej, a culpa não é minha! Eu não alimentei isso.

Deito-lhe um olhar.

– Não o fiz! – Ela abana freneticamente a cabeça.

– Quando não consegues falar comigo e estás com problemas, para quem é que ligas?

– Para o Tom – diz ela rapidamente.

– Não. – Abano a cabeça. – Antes do Tom. Nos últimos dois anos. Para quem é que ligavas?

Os olhos da Magnolia abandonam os meus e ela desvia o olhar.

Aponto para ela.

– O Henry é o teu melhor amigo desde os quatro anos... Isso é lixado, Parks – abano a minha cabeça –, é lixado que ligasses ao Christian antes de lhe ligares a ele. – Sinto-me justificado.

Abano mais a cabeça.

– Tu não o tratas da mesma forma que ao Henry e ao Jo... – responde a Magnolia. – Porque ele não é igual a eles. Nós temos uma história.

– Sim, bem, e de quem é a culpa? – Atiro.

Ela olha para mim com os olhos tão arregalados que quando pestaneja as pálpebras mal se tocam.

– Tua!

– Minha? – Repito. Alto o suficiente para que haja pessoas a olhar, talvez um telefone ou dois, *flashes*, não sei. – Eu fiz com que fodesses o meu melhor amigo?

Agora é ela quem está a gritar. A gritar mesmo.

– Nós nunca dormimos juntos.

– Nunca? – Repito mais alto.

– Nunca – ela repete.

Olho para ela, furioso.

– Então, que merda é essa cena toda dos orgasmos, hum?

Ela dá-me um olhar confuso.

– Beej, tu és bastante mais ativo sexualmente do que eu, acho que devias saber a resposta.

Enfio as mãos pelo cabelo e esforço-me para não rir do que ela disse, porque não quero que ela fique em vantagem. Estou tão raramente por cima aqui que não quero ceder ainda.

– E como é que isso é culpa minha?

Ela dá-me um olhar. Tem a cabeça inclinada, o maxilar cerrado e os olhos escurecidos.

– Estás a gozar comigo? – Grito. – Eu fiz com que fizesses isso? Porque acabaste comigo...

– Tu fizeste sexo com outra pessoa!

– Uma vez. Uma vez, Parks! E fui logo ter contigo e contei-te. Foi um erro, estraguei tudo. Mas foi só uma vez.

– E quantas vezes agora?

Gemo e olho furioso para ela. Estamos presos num círculo vicioso.

– Estou a falar a sério – pergunta ela, de nariz empinado. – Quantas vezes agora?

Abano a cabeça.

– Não faças isso.

– Diz-me. – Ela agarra-me o braço para se colocar no meu campo de visão.

Eu liberto-me com um safanão.

– Não, Parks...

E estou farto disto. Não posso continuar a ter esta conversa. Não posso continuar a dizer-lhe que o fiz porque quis. Está a destruir-me e está a destruí-la e ela quer que eu lhe dê respostas que eu nunca, nunca lhe vou dar.

Dou um passo para longe dela.

– Sabes, a certa altura nisto tudo, vais ter de encarar as tuas asneiras, Parks. Sim, eu fui o primeiro a lixar tudo, mas tu tens estado a fazer porcarias constantemente desde então.

Ela puxa a cabeça para trás, como se eu lhe tivesse batido.

– Tu namoraste com o meu melhor amigo, foste para casa com o Julian Haites, aparentemente – digo. Ela revira os olhos. – Ficaste com medo porque a tua ama disse-te umas tretas sobre mim, que tu sabes que são tretas, e começaste a namorar com estes tipos ao acaso para te sentires melhor e para eu me sentir uma merda, mas tudo isso foste tu, não eu. – Abano a cabeça para ela. – Eu não fiz com

que fizesses nada. Foste tu quem começou a namorar com o Tom...

– Tu tinhas uma estranha a fazer-te a porra de uma *lap-dance* no meio do Raffles!

Estou a tentar ler o rosto dela, a tentar descobrir a que distância ela está de chorar.

– Fazes alguma ideia de como isso é embaraçoso?

Aceno, admitindo.

– Sim, eu sou uma merda, Parks. Eu sei que sou. Posso ficar aqui e dizer-te todas as maneiras pelas quais nos destruí, mas não fui tudo eu. – Deito-lhe um olhar. – Eu não te fiz correres para o Christian. Não te fiz correres para o Tom. Não te fiz correres para nenhum dos teus malditos brinquedos, que abanas à minha frente para me deixares com ciúmes...

– Sim, fizeste, claro que fizeste. Tu e a quantidade de miúdas com quem fizeste sexo; são tantas que deixarias o Mick Jagger envergonhado...

– Sim, Parks, está bem. Eu entendo. Eu fodo muito. É porque estou apaixonado por uma idiota que não quer estar comigo...

Ela parece zangada, abana a cabeça.

– Isso não é verdade, tu sabes que não é verdade...

– Certo, tudo bem. – Aceno com a cabeça, de maxilar cerrado e olhos vidrados. – Talvez ela ache que quer estar comigo, porra, talvez queira mesmo, mas não consegue de modo nenhum aceitar que eu fiz uma coisa má uma vez e que a magoei e não posso mudar a situação...

Ela está a pestanejar muito. A fazer o possível para não chorar.

– Mais de uma vez – diz ela, em voz baixa.

– Sim, bem. – Encolho os ombros. – Ela magoou-me mais de uma vez também.

Os nossos olhos encontram-se e ela está a olhar para mim com raiva. E eu estou a olhar para o cano de uma arma que está prestes a atingir o nosso amor.

– E até conseguires admitir que estamos na merda também por tua causa, isto nunca vai funcionar.

O rosto dela torna-se um pouco impassível e eu pergunto-me se ela me está a ouvir – tipo, a ouvir mesmo.

Então, os olhos dela escurecem.

– Então, nunca vamos funcionar.

BJ

Decido dar uma festa – uma explosão completa em Park Lane. Sem a Parks, sem a Paili, sem o Perry. O Jo tentou convencer-me a não o fazer e eu disse-lhe para não vir.

Passou uma semana desde Dunstan e não tive notícias da Parks nem uma única vez.

Vi fotos dela em vários pontos da cidade com o Tom. De mãos dadas, com ela a olhar para ele como costumava olhar para mim.

Portanto, acho que ela o escolheu.

Daí a festa.

Todas as miúdas *sexy* que me mandaram mensagens nos últimos meses, todas as miúdas com quem fodi que ainda estão no meu telefone, todas as miúdas em relação a quem a Parks ficava nervosa na escola – mando uma mensagem a todas. Convido-as a todas, sem exceção.

Convido, sem dúvida, a Alexis Blau, que anda atrás de mim desde o 9.º ano, mas que voltou a aparecer em força nos últimos meses, tentando constantemente saltar-me à espinha. Despachei-a até agora. A Parks viu o nome dela aparecer uma vez quando estava com o meu telefone. Em resposta, pôs-se a ver *O Diário da Nossa Paixão*, pediu McDonalds só para ela e não falou comigo até à manhã seguinte.

A Alexis Blau é uma pedra no sapato.

Não sei porquê, nunca lhe toquei.

Mas vou tocar mais tarde.

O Christian entra pela porta e olha em redor – à procura do Hen, provavelmente. O Henry está num canto a conversar com uma miúda, a encher-lhe os ouvidos sobre um livro em relação ao qual ela não tem, claramente, o mínimo interesse, mas ela está contente por ter a atenção dele e a mão dele na sua coxa.

E ele está contente por estar a fazer algo que está a fazer com que a Taura

esteja com a cara com que está agora.

– Tu vieste com o Jo... – digo-lhe.

– Eu sei. – Ela continua a observar o Henry com uns olhos redondos e magoados.

– Andas a dormir com o Jo.

Ela dá-me um olhar.

– Eu sei.

– Foda-se, detesto as gajas. – Abano a cabeça para ela.

Os olhos dela semicerram-se.

– Na verdade, acho que estás nesta confusão porque o oposto disso é que é verdade.

Abano a cabeça.

– Não estou em nenhuma confusão...

O Christian aproxima-se.

– Falando em confusão – diz a Taura e sorri –, como está a maior de todas?

O Christian lança-lhe um olhar irritado. Fitamo-nos com hostilidade, eu e ele. E, então, passo-lhe uma cerveja. Ele senta-se ao meu lado e não diz nada. Olha fixamente para a frente por um minuto inteiro ou dois. Olha para mim uma vez.

– Estás bem?

Encolho os ombros uma vez.

– Sim, por que não estaria?

– Tu e o Jo só dão estas festas quando um de vocês está fodido da cabeça.

– O teu irmão está sempre fodido da cabeça.

O Christian ri-se. Puxo de um saco. A Taura afasta-se, parecendo aborrecida. Olho para o Christian, ele acena com a cabeça, mas está a observar-me com atenção.

– Quantas já metestes esta noite?

Encolho os ombros. Não estou a ser evasivo. A verdade é que não sei. Bastantes.

– O que é que interessa, meu. Amo uma miúda que não me quer. Tu amas uma miúda que não te quer. Na verdade, amas duas miúdas que não te querem...

Ele dá-me um olhar cáustico.

– Obrigadinho...

– Não é de doidos que uma delas seja a mesma?

O Christian deita-me um olhar.

– Estamos bem?

– Sim, bacano. – Dou-lhe uma palmadinha nas costas. – Se alguém tem de ficar apanhado por ela... – Liberto o ar pela boca. Abano a cabeça.

Snifo uma linha. Passo-lhe as 20 libras enroladas.

Ele segura-os, snifa, atira-os para a mesa e recosta-se.

– Então, é isto que vamos fazer esta noite.

– E aquilo. – Aceno com o queixo para a Alexis Blau.

As sobrancelhas dele erguem-se.

– A Alexis Blau?

Aceno e pego numa bebida generosa. Uma bebida demasiado generosa para o gosto do Christian, acho, porque ele tira-ma da mão.

– Não vamos fazer isso esta noite.

Reviro os olhos para ele.

– Uma pessoa tem uma *overdose* uma vez...

Ele deita-me um olhar, pega na minha bebida e vai-se embora com ela.

Levanto-me, passo pela Alexis Blau e aceno com a cabeça na direção das escadas.

Ela pede licença às pessoas com quem conversa, enfia a mão na minha e não estamos sequer a meio da escada e a minha mão já está dentro do vestido dela.

O Christian fez provavelmente o que era mais correto por mim – tirando-me a bebida – porque o mundo está a começar a parecer um pouco desfocado.

Exatamente como eu quero que seja se for um mundo onde não tenho a Parks. Entorpecido o suficiente para que as curvas do corpo em que estou a tocar possam

ser as da Magnolia. E estou a enganar-me à grande, porque eu conheceria o corpo dela de olhos fechados. Este corpo não é o dela. Ela não se roça em mim assim. A Parks faz-me trabalhar por ela, tal como me faz trabalhar por tudo – e esta miúda está a fazer tudo por mim.

E já não me importo. Inclino-me para trás, contra a cabeceira. Encontro um conforto estranho em agir exatamente como a Magnolia espera que eu aja... Sinto-me justificado pela primeira vez em anos. Olho para o teto e exalo enquanto a Alexis Blau desce pelo meu corpo.

Acho que estou mais pedrado do que imaginava porque demoro uns bons cinco minutos para perceber que há outra miúda na minha cama também – não sei de onde é que veio.

E eu a pensar que era a Alexis Blau que tinha umas mãos mágicas. Esta outra também é da escola. Qualquer coisa Talbot.

Do ano da Parks também. Ela odiaria isto. Esta é a versão de mim que ela despreza.

Fecho os olhos. Respiro para a afastar da minha mente. Foco-me no que estou a fazer. Estendo a mão para a mesa de cabeceira e snifo mais algumas linhas – digo a mim mesmo que não a estou a perder, já a perdi.

Agora, é altura de me perder.

Magnolia

É o aniversário do Perry e não quero ir, mas a Paili diz que tenho de ir.

Ela diz que o Perry vai ficar muito chateado se eu não for e que se alguém deve faltar é o BJ, mas ambas sabemos que o BJ não vai faltar, portanto, acho que o vou ver mais tarde.

Não nos falamos desde St. Dunstan in the East.

Aquilo pareceu mais definitivo do que eu pretendia. Que nunca vamos funcionar? Claro que vamos funcionar, ainda que eu seja água e ele azeite – não me importo, vou raspar as minhas arestas para ficar com ele.

Faria qualquer coisa por ele.

Não me lembro da última vez que não nos falámos durante tanto tempo. Já passaram mais de quinze dias, mas parece um ano. É apenas um estado constante de preocupação. Como se ele tivesse virado o meu mundo do avesso, um desequilíbrio inegável no universo de mim mesma, e os desequilíbrios são estranhos porque se manifestam de maneiras que não esperamos.

O meu coração está coxo – está coxo há algum tempo –, mas encontrou uma muleta no Tom. Não apenas uma muleta, mas uma maldita ala hospitalar. Se ele fosse um cirurgião, eu estaria em boas mãos, mas não é e eu estou, mesmo assim.

Gostava de ter palavras para envolver o Tom – um pedestal alto o suficiente, um holofote luminoso o suficiente para te mostrar como ele é um homem perfeito...

E já não sei o que somos, caso estejas a tentar manter-te a par. Parei de o tentar definir e ele não pergunta. É claro que não somos amigos, mas, de alguma forma, ele talvez também seja o meu melhor amigo atualmente. Dormimos juntos e há sentimentos presentes. Sentimentos de janelas escancaradas, pássaros em galhos, gotas de chuva em rosas –, mas os dois sabemos que ele ama alguém que não pode ter e eu amo alguém que provavelmente não devia amar.

Somos sinceros, eu conto-lhe tudo – qual é o sentido de mentir?

Estamos juntos, é isso. Suponho que é o que diria se tivesse de lhe pôr um

rótulo, e não devia, porque é demasiado confuso para sequer tentar. Tudo o que sei é que ele é um porto seguro. Se o BJ é a tempestade que me está a afundar, o Tom é o lugar onde o navio do meu coração está a ser consertado.

O Tom levou-me às compras no Harrods esta tarde e perguntou:

– Vou contigo hoje à noite?

Acho que mencionei o assunto de passagem há alguns dias.

– Oh.

Espeto a cabeça para fora do provador. Estou a experimentar o minivestido de lã em tricô da Weekend by Max Mara, que reconhecidamente é muito mais casual do que o meu estilo habitual, mas o Tom e eu não saímos muito da cama ultimamente e o tule é uma coisa bastante aborrecida para se usar na cama.

– Achei que não ias querer. – Pestanejo para ele.

Ele encosta-se à parede.

– Parece um dever de trincheira...

Saio do provador e aproximo-me dele, olhando para cima.

– Ainda estamos na trincheira?

Ele franze ligeiramente a testa enquanto pensa, prendendo-me o cabelo atrás das orelhas.

– Vou deixar que uses o meu corpo o tempo que quiseres. – Ele encolhe os ombros. – Trincheira, escudo, ginásio... Não me importo.

Franzo um pouco a testa.

– Devias importar-te um pouco, talvez...

– Eu importo-me... – Ele franze o nariz. Abana a cabeça. – Mas importo-me mais contigo, e o teu rosto faz uma coisa quando estás magoada, como se fosses um veado preso numa armadilha para ursos, e eu tenho de te ajudar. – Ele diz aquilo como se fosse um facto imutável. – E consigo ver-te a tentares desvencilhar-te deste maldito idiota com quem estiveste envolvida durante metade da tua vida, e um dia vais estar livre e, quando estiveres, acho que sou o primeiro da fila.

Passo o meu braço em volta do pescoço dele e beijo-o, colocando-me nas

pontas dos pés.

– És.

– Será que ele sabe que eu vou? – pergunta o Gus durante a viagem de carro até lá.

– Não – digo eu e abano a cabeça. – Tu és o presente de aniversário dele.

O Gus lança-me um olhar.

– Não tens dinheiro para me pagar, querida.

– Eu sou muito rica. – Franzo a testa para ele. – O Tom é ainda mais rico. Pagamos a meias, Tommy.

O Gus ri-se e o Tom funga para mim, divertido.

Sinto uma onda de gratidão por o Tom estar tão atraente (camisola cinzento-clara em mistura de lã escovada e caxemira da Incotex, jeans elásticos justos em preto da Dolce & Gabbana e botas Chelsea em pele da Common Projects), enquanto brinco distraidamente com a bainha da minha saia.

É a minissaia *pied-de-poule* enfeitada em mistura de lã e angorá – super fofa. O BJ comprou-a para mim naquele dia. O casaco que estou a usar também. É o casaco de lã debruado a pelo de cordeiro falso, ambos da Gucci.

Tenho uma camisola de malha canelada enfeitada da Versace por baixo (com muitos enfeites, literal e metaforicamente) e as botas de couro até ao joelho Kronobotte 85 de Christian Louboutin – pareço a miúda dos sonhos do BJ e fi-lo de propósito.

Sei que ele vai saber que me comprou a maioria destas roupas e espero que pense no Tom a despi-las do meu corpo mais tarde.

Chegamos a Dolce Kensington cerca de quarenta minutos mais tarde do que pretendíamos e preparo-me para um sermão do Perry quando entramos, mas ele e a Paili vêm de imediato ter connosco, ambos a bater palmas e a sorrir como que formando uma parede.

– Ó meu Deus! – O Perry envolve-me o rosto com as mãos. – Estás aqui! Adoro-te!

Pergunto-me se o Tom vê alguma coisa, já que é cerca de meio metro mais

alto do que eu, porque os olhos dele fixam-se em algo e ele move o corpo, juntando-se à parede.

– Este é o teu presente. – Atiro-me para os braços do Perry. – Feliz aniversário!

E o Gus, com um tipo porreiro, agarra o rosto do Perry e dá-lhe um beijo.

As faces do Perry ficam vermelhas e eu atiro-lhe um saco de presentes da Saint Laurent para os braços.

– Bar! – Grita praticamente a Paili. – Vamos beber...

Deito-lhe um olhar estranho.

– Não temos serviço de mesas?

Ela agita a mão.

– Claro que sim, mas os bares são divertidos. Os *shots* são mais divertidos no bar, não achas?

Ela olha para o Tom em busca de ajuda.

O Tom acena com a cabeça.

– Ela tem razão.

E começam todos a manobrar-me em direção ao bar e para longe do que quer que seja que eu presumo que o BJ esteja a fazer que eles não querem que eu veja. Outra *lap-dance*? A Taura Sax? Não sei.

Bebemos alguns *shots* com um nome vulgar e mal acabei de engolir o meu quando o Perry começa a bater palmas e a dizer:

– Outra vez, outra vez!

O Tom pede mais, mas eu já bebi o suficiente. Empurro-os para ver o que raio se passa.

É o BJ e a Alexis Blau. No sofá.

Nunca gostei da Alexis Blau. Ouvi-a dizer na casa de banho da escola, uma vez, que se eu não tivesse um pai famoso o BJ estaria com ela, o que é uma parvoíce porque eu também sou muito mais bonita do que ela.

Ela teve sempre uma queda por ele. Manda-lhe mensagens o tempo todo.

Ele nunca mo disse – não mo diria porque sabe que eu ficaria com ciúmes –, mas não precisava, de qualquer forma, porque eu adivinhei o PIN do telefone dele. (É 7989 – os nossos anos de nascimento ao contrário. Demorei dois meses a tentar para o descobrir.)

Tento não ver o telefone dele. São principalmente coisas que não quero ver e que só servem para enterrar a faca no meu coração. De qualquer forma, honra lhe seja feita em relação à Aléxis, porque ele nunca lhe ligou nenhuma. Nem sequer quando não sabia que eu podia descobrir. Está a ligar-lhe imenso agora, no entanto. Apalpadelas a sério. Beijos intensos. As mãos dele debaixo da saia dela. Nem todos os dedos à vista.

Viro-me para os meus amigos, tentando parecer corajosa – os rostos deles estão todos contorcidos nalgum tipo de careta.

– Eu estou bem – rio-me. Nenhum deles acredita. Sorrio mais. – Malta, acho que o vi uma vez a fazer literalmente sexo com outra pessoa; tinha a língua de uma miúda nojenta enfiada no ouvido. – Encolho os ombros.

A Paili tem as mãos nas bochechas, porque tem sempre as mãos frias e está a tentar acalmar as faces.

– Não me interessa – digo a todos.

Olho para o Tom em busca de algum apoio, mas o rosto dele parece tenso.

Suspiro, reviro os olhos, pego na mão dele e puxo-o de volta para a festa.

– Ei, ei – o Christian chama-nos, erguendo as sobrancelhas num olá sem entusiasmo e sem palavras.

O Henry sorri, levantando-se para me abraçar. Os olhos dele parecem nervosos também. Será que acham que eu sou algum tipo de bomba-relógio? Ele segura-me durante mais tempo e com mais força do que devia e algo nisso deixa-me nervosa.

– Estás bem? – pergunta ele quando se afasta, olhando para mim. Não espera por uma resposta e aperta a mão do Tom. – Talvez seja melhor irmos para o bar? – O Henry aponta para lá.

– Não. – Franzo a testa, impaciente. – Não quero ir para o bar. O que se passa?

– Nada. – Ele solta uma risada alegre que parece forçada.

Observo o BJ por alguns segundos. Não sei se ele já me viu e não sei se isso é melhor ou pior. A maneira como eles estão enrolados contém um tipo estranho de desespero, mas não de um modo *sexy*.

Parece a versão em beijo de quando os jogadores de futebol americano saem a correr do campo e despejam a geleira de Gatorade em cima da cabeça.

Ele parece suado. Corado, ou algo assim. Sinto uma onda de náusea. Espero que se mudem em breve para a casas de banho – isto é embaraçoso para todos.

– Porque é que ele está tão bêbado? – pergunto ao Henry, franzindo a testa.

São tipo 21h00.

– Talvez porque estás aqui com a porra do Tom England – diz o Jonah em voz alta, enquanto olha irritado para mim.

E, ouvindo aquilo, o BJ afasta-se da Alexis, olhando para mim. O rosto dele não mostra nenhuma emoção. Pestaneja apenas, enquanto me encara. Quão bêbado está ele?

O Tom está atrás de mim, segurando-me por ambos os braços, estabilizando-me.

– Eu acabei de chegar – digo ao Jonah e aponto para o Beej. – Aquilo não é culpa minha.

– Tanto faz, devoradora de homens. – O Jonah agita a mão, irritado.

O BJ solta uma risada bêbada.

– O que é que me chamaste? – Pestanejo para o meu velho amigo.

O Jonah levanta-se.

– Tu ouviste.

– Ei – diz o Christian e levanta-se, franzindo a testa.

O Jonah coloca a mão espalmada contra o peito do irmão mais novo.

– Estás a gozar comigo?

– E tu estás? – O Christian coloca-se entre mim e o Jo. – Se o Beej não estivesse tão descarrilado não deixaria ninguém falar assim com ela.

E, então, o BJ empurra a Alexis do seu colo. É um gesto desatento. Empurra-a para longe como se ela fosse um edredom pesado e ele tivesse acordado de manhã. Ela ainda nem saiu completamente de cima dele quando ele se levanta; ela cai para o sofá, olhando para ele sem acreditar – e eu também, sinceramente. Nunca o vi tratar alguém assim, como se não fosse uma pessoa, apenas uma coisa com a qual ele está a brincar.

Ele aproxima-se e fica cara a cara comigo, a fitar-me de cima.

Há algo nele que é irreconhecível, mas familiar. Há uma distância nos olhos dele que não consigo logo identificar. Nem sequer cabe uma régua escolar entre nós quando ele me fita.

Maxilar cerrado, sobrancelhas baixas, olhos escurecidos. O Tom não me larga, mas o BJ nem sequer o nota. Não vê ninguém além de mim.

Torce o nariz. Funga muito.

Fito-o durante longos segundos e os meus olhos movem-se perscrutando os dele. E, então, reconheço o que estou a ver.

O meu rosto fica imóvel.

– Estás pedrado? – pergunto baixinho.

Ele olha para mim por uma fração de segundo e, então, funga uma risada.

– Não.

Inclino-me mais para ele, mas está escuro – não consigo ver.

– Estás? – Pergunto mais alto.

– Não – responde ele mais depressa.

O meu coração está a bater rapidamente.

– BJ...

– Não estou – diz ele demasiado alto e encolhendo os ombros de uma forma estranha, usando o corpo todo. – Não sejas esquisita, Parks.

Ele limpa o nariz com as costas da mão, de modo inconsciente.

Olho para as pessoas em redor dele – os rapazes estão todos de pé agora, por perto, e algo nisso parece-me estranho. Se eu fosse uma especialista em linguagem corporal teria visto tudo: o Christian a evitar os meus olhos, os punhos cerrados do

Jonah, o Henry com a mão a tapar a boca. Mas não sou uma especialista em linguagem corporal. Não vejo nada disso, mas sinto-o de qualquer maneira – nos meus ossos. Passa-se algo de errado.

Espero alguns segundos, olhando para o amor da minha vida que mal pestaneja, mas quando o faz as pálpebras arrastam-se lentamente sobre os seus olhos turvos.

E o que acontece a seguir é tão rápido que nem sequer o faço com um pensamento consciente – estou cara a cara com ele num instante e no seguinte estou a empurrá-lo para trás, para a luz, agarrando-o por um punhado de cabelo e virando-lhe a cara para o teto.

– Estás pedrado, porra? – Exijo, inclinando o rosto dele para lhe poder ver as pupilas.

– Larga-me, caraças! – Ele afasta as minhas mãos bruscamente, empurrando o meu braço para longe porque está com uma moca de meia-noite. E eu... eu estou numa espécie de choque indignado e, de repente, estou a pôr as mãos nele, batendo-lhe e socando-o, e ele – pedrado – empurra-me. Eu caio para trás e o Jonah apanha-me, olhando para o seu melhor amigo de olhos arregalados. O Beej fita-me apavorado e eu fito-o incrédula – e, então, o Tom atira-se a ele.

Parecia que o clube inteiro tinha parado e estava a ver-nos.

Acho que havia música a tocar, mas juro por Deus que dava para ouvir um alfinete a cair.

É um estalo sólido e o BJ não faz nada para o deter – dava para ouvir o som de osso contra osso da mão a chocar com o queixo.

O Tom recua o braço para lhe acertar novamente e, então, um segurança agarra-lhe o pulso, outro agarra no BJ e começam a empurrar os dois em direção à porta. O Jonah ainda me está a segurar, mas eu empurro-o – o maldito traidor.

– Parks! – O Jonah chama-me.

– Fica longe de mim – grito, dando-lhe palmadas para o afastar enquanto corro para a rua atrás deles.

BJ

Nem sei o que fazer – estou sufocado. Podia chorar, podia vomitar, podia matar-me – ainda bem que ele me bateu. Eu precisava. Merecia e ele tinha de o fazer.

Era o que eu teria feito se não estivesse tão descontrolado, mas neste momento estou. Descontrolado, pronto para lixar tudo, atirar tudo ao ar. Pronto para a perder finalmente para alguém que vale de facto o tempo dela.

Estamos na rua agora – um mau lugar para mim e para a Parks porque há sempre câmaras algures, mas já não me interessa.

Eu só quero que ele me bata de novo. Que me faça esquecer o que acabei de fazer durante mais um segundo. E, então, ela sai a correr atrás de nós, com o Jo logo atrás dela – ele está a tentar agarrá-la, acho.

Na verdade, acho que ele está provavelmente a tentar mantê-la longe de mim.

Porque eu empurrei-a. Merda – eu empurrei-a.

Ela, a pessoa que amo mais do que tudo, que passei a vida inteira a desejar, que magoei mais do que qualquer outra.

Os rapazes saem a correr. O Gus aparece atrás do Tom. A Magnolia ainda está a debater-se com o Jo, que está praticamente a lutar com ela para a manter longe de mim, e, então, o Henry empurra o Jo para longe dela.

Há um olhar entre eles, o Jonah e o Henry, que, desfeito como estou, sei que não tem nada que ver com a Magnolia. Mas é mais fácil fingir que sim.

– Tira a porra das mãos de cima dela. – O Henry arranca a Parks das mãos do nosso melhor amigo.

As baías estão a cair. Ou será que sou eu que as estou a arrancar? Não sei dizer.

Ela deixa-se cair nos braços do meu irmão – fico contente, ela está segura neles – e eu estou a ver o Henry a abraçá-la como eu gostava de estar, como me pergunto se alguma vez vou voltar a estar, e, então, levo outro soco na cara.

A multidão que se reuniu em nosso redor exclama.

Lambo o meu lábio e sinto o gosto do sangue. Olho para o England. Ele abana a cabeça. Quero que ele me lixe todo, que me amaldiçoe, mas não há nada que ele me possa dizer agora que eu já não pense sobre mim.

– Odeio-te – diz a Magnolia da segurança dos braços do meu irmão.

– Sabes uma coisa, Parks, sinto o mesmo – cuspo. – Também te odeio.

Ela liberta-se dos braços do Henry e corre para mim, de olhos vidrados.

– Qual é o teu problema? O que é que estás a fazer?

Coloco a mão contra o peito dela e ponho alguma distância entre nós.

– Fica longe de mim – digo-lhe. Parece que é porque quero, mas na verdade é porque tenho medo de mim mesmo agora.

Ela tem o queixo a tremer quando pergunta em voz baixa:

– Porque é que estás a consumir de novo?

– Porque tu estás a matar-me, Parks – grito. – Estás a matar-me, porra.

Enxugo os olhos. Não sei quando é que ficaram molhados.

Ela abana a cabeça, franzindo a testa.

– Estás realmente a tentar culpar-me por isto? – Ela respira fundo, olhando para mim como se eu fosse um inseto. – Que porra estás a fazer?

– A perder-te – digo-lhe.

Ela estende a mão para mim.

– Não, não estás...

Empurro as mãos dela para longe.

– Para com isso...

Ela pestaneja, confusa.

– Bem, agora talvez estejas.

– Ótimo – grito com uma definitividade que odeio.

Ela pestaneja.

– Ótimo?

Se eu tivesse uns óculos especiais para ver coisas invisíveis – o que não preciso com ela, consigo ver as coisas invisíveis dela de qualquer maneira –, aquilo

seria o que eu designaria por golpe fatal.

Não sei porquê, o que foi que desferiu um soco imenso no centro dela, mas vejo as fendas a aparecerem, a emanarem a partir dela.

Limpo novamente o rosto. As minhas mãos ficam molhadas.

– Eu... porra! O que queres de mim, Parks?

Ela parece confusa.

– Nada!

– Não queres nada de mim? – Puxo a cabeça para trás. – Então, por que raio é que estou aqui? O que é que tenho estado a fazer nos últimos três anos?

– Não é isso que eu quero dizer. – Ela abana a cabeça. – Eu não me importo, Beej. Não me importo que não faças nada com a tua vida. Não me importo que bebas de mais ao fim de semana. Posso até esquecer que és um vadio do caraças...

– Eu sou um vadio? – Interrompo, abanando a cabeça e rindo de modo cruel.
– Tu és uma piada, Parks...

Fito-a, dando à frase distância suficiente para a alcançar antes de lhe acertar com a próxima.

– Tu amas-me. Toda a gente sabe que me amas. – Gesticulo em nosso redor. – Eu sei que me amas. O teu namorado sabe que me amas. Até tu sabes que me amas. Só que andas a foder com ele – grito, e pareço um louco. – Então, quem é a verdadeira vadia?

O Tom abana a cabeça, puxando-a para trás dele.

– Já chega – diz-me.

Bom rapaz, pensa uma parte de mim. Estou grato por ele ser para ela o que eu não consigo.

Ela espreita por trás dele.

– Tu prometeste...

Está a chorar agora. A chorar a sério. Não chorava assim desde aquela noite em que fui ter com ela a cheirar a outra pessoa.

– Sim, bem... – encolho os ombros como se me fosse indiferente –, eu prometi-te muitas coisas.

Ela olha para mim, acenando ligeiramente.

– Sim, prometeste. – Os olhos dela pestanejam, implorando para que eu resolva isto antes que ela tenha de dizer o que me deveria ter dito sempre.

Não digo nada, não faço nada. Observo-a escapar. Observo-me a empurrá-la para longe.

Ela acena com a cabeça com uma finalidade que me assusta profundamente.

– Vou desistir de esperar que sejas quem eu pensei que fosses.

– Vais desistir? – repito, respirando fundo.

– Sim – ela mal o diz.

Abano a cabeça para ela.

– Não digas coisas que não sentes...

– Ouve, está bem? – Ela abana a cabeça em resposta. – Desisto de ti. Estamos acabados.

Cerro a boca, tapo-a com a mão e limpo um pouco de ranho que não sabia que estava ali.

Aceno.

– Finalmente – fungo.

E ela começa a chorar, com os ombros a moverem-se como uma boia em mar agitado. Nunca chorou assim diante de ninguém além de mim antes e está a chorar aqui, na Harrington Road, diante do mundo inteiro. E embora eu esteja tão desfeito como nunca estive em anos, pedrado como o caraças – começo a perguntar-me quantas pessoas conseguimos amar na vida como eu a amo? Não podem ser muitas. Quantos amores é que temos? Digam-me que são dois.

Foda-se.

Por favor, digam-me que são dois.

O Jo puxa-me para trás, para longe dela, e acho que ouço os laços que nos unem a romperem-se. Não são dois.

O Jo arrasta-me para longe.

– Anda, meu, já disseste o suficiente... – E eu luto com ele porque não é verdade.

Nunca será. Não existe a palavra suficiente quando se trata dela. Não é suficiente e, para mim, nunca acabará.

Magnolia

Não sei como cheguei a casa depois daquilo. Não me lembro. Lembro-me de o BJ dizer «finalmente» e lembro-me de o Tom colocar o braço à minha volta e levar-me dali. E lembro-me do cheiro dele – pachuli, bergamota, lavanda, musgo de carvalho –, acho que estava a inspirá-lo, enquanto chorava contra o peito dele.

Tive um daqueles sonos em que a nossa cabeça cai na almofada e apagamos. Foi do choro, acho. Há anos que não choro como chorei esta noite. E o sono funcionou para mim quase como um apagador momentâneo.

Porque quando acordei já era de manhã.

Já passava da manhã, na verdade.

O Tom está deitado ao meu lado, a observar-me. O rosto dele parece muito triste, muito sério.

– Ei. – Ele dá-me um sorriso que é, na realidade, uma carranca.

– Olá.

Ele afasta-me o cabelo do rosto.

– Como te estás a sentir?

A pergunta parece-me estranha e, por um segundo, pergunto-me o que aconteceu – o que é que perdi –, porque é que me estaria a sentir mal? Forço a minha mente a recuar – para antes do grande sono, antes da viagem de carro, antes do choro – porque é que eu estava a chorar tanto? Isto acontece em segundos. Porque é que eu estava a chorar? O BJ.

A resposta é sempre o BJ.

O que é que isso diz sobre nós?

Não existe um nós.

Pego na mão do Tom, virando-a na minha para a inspecionar – ele deu-lhe dois socos sólidos. Tem alguns nós dos dedos esfolados e está um pouco inchada.

Suspiro.

– Desculpa...

Ele abana a cabeça.

– Vou buscar-te gelo...

– Não, eu estou bem...

Ignoro-o e dou-lhe um beijo rápido antes de descer as escadas a correr. Estou com uma *T-shirt* do Tom. Tem o cheiro dele. Levanto a gola da *T-shirt* até ao nariz e inspiro o cheiro dele. Sinto-me um pouco mais calma.

Entro na cozinha do andar de baixo e a minha família inteira olha para mim. Estão todos reunidos ali – todos – de pé, em redor da bancada de mármore.

Até a minha mãe que, recordo-te, já não vive aqui.

– Estás bem? – A minha irmã corre na minha direção.

– O que foi? – Franzo a testa.

– Os jornais, as redes sociais, a Internet... Está por todo o lado...

Dou por mim a franzir ligeiramente o sobrolho. A Marsaili aproxima-se de mim, cautelosamente.

– Estão a dizer que estiveste envolvida numa briga...

Não digo nada. Em vez disso, passo pela minha irmã para ir buscar o gelo.

– Bem? – A Bridget pestaneja. – É verdade?

Não digo nada mais uma vez e procuro um pano da loiça, despejando uma quantidade de gelo nele.

– Ele magoou-te? – Pergunta o meu pai.

Não de nenhuma forma que seja visível com os olhos.

– Eu estou bem – digo-lhe.

– Porquê gelo, então? – Pergunta a Bushka com os olhos semicerrados.

Considero a pergunta.

– O BJ está menos bem.

Os olhos da Marsaili arregalam-se.

– O BJ está lá em cima?

Abano a cabeça.

– O Tom está lá em cima...

– Acabaste de dizer que o BJ está lá em cima...

– Não, eu disse que «o BJ está menos bem». Porque levou uns socos do Tom, que está lá em cima, com uma mão magoada. Portanto, se me derem licença... – Olho para a minha mãe com o seu vestido maxi castanho em mistura de algodão, modelo Serita, da Cult Gaia. – Escolha interessante para uma manhã de quase inverno...

Ela olha para si mesma.

– Não gostas?

Olho-a de cima a baixo, novamente.

– Não, na verdade, adoro.

– Obrigada, mas espera... – Os ombros de minha mãe descaem e ela franze a testa para mim. – Então, estás bem?

– Sim.

– Os jornais disseram que vocês acabaram...

Concordo.

– Sim.

A minha mãe parece confusa.

– Mas estás bem...

Aceno secamente.

– Bem, então porque é que vim até aqui às primeiras horas da manhã?

A Bridge verifica o relógio.

– É meio-dia.

– E não moras do outro lado do parque? – Interrogo-me em voz alta.

– Alguns pais podem considerar a delicadeza dela um fator positivo... – sussurra a Marsaili.

A minha mãe revira os olhos para todos nós.

– Estou feliz por estares bem, querida. Sinceramente, estou mesmo. Tu e o BJ vão resolver isso, vocês resolvem sempre.

Dou-lhes um sorriso tenso.

– Não desta vez.

Viro-me e corro escada acima até ao Tom. A Bridge corre atrás de mim.

– Não desta vez? – Ela pestaneja. – O que queres dizer com não desta vez?

– Quero dizer que estamos acabados agora. – Continuo a subir as escadas.

– Tretas.

Ignoro-a e continuo a andar.

– Estou a falar a sério.

– Não, não estás – grita ela atrás de mim.

Faço uma pausa e olho para ela. Ela ama-o, sempre amou. Ele tem estado por perto de alguma forma durante toda a vida dela. Ela também cresceu com ele. Férias com os Ballentines, festas do pijama em casa da Allie. Ela encarou a traição dele tão mal como eu – pior, nalguns aspetos. Demorou mais tempo para o aceitar de volta. Acho que a assustaria se o BJ e eu tivéssemos realmente acabado – ele é tão importante para ela. E ela escolher-me-ia, eu sei que sim. Mas não ia gostar de ter de o fazer.

– Ele anda a drogar-se de novo – digo-lhe.

Ela solta uma exclamação em voz baixa. Olha para o tapete durante alguns segundos.

– Tens a certeza?

Aceno com a cabeça.

– Ele empurrou-me.

Ela baixa a cabeça enquanto sobe as escadas na minha direção e, sem lhe ser pedido, coloca os braços à minha volta, apertando-me com força.

– Tenho tanta pena...

– Para com isso – digo-lhe, sem me mover.

– Tu precisas disto – diz ela.

– Eu não...

– Estou a aumentar os teus níveis de dopamina e serotonina.

– Por favor, para.

Ela resmunga e larga-me, abanando a cabeça.

– Porque é que estás a agir como se estivesses bem?

Encontro os olhos dela e fito-a durante alguns segundos.

– Eu não estou bem.

Volto para o meu quarto, subo para a cama e gatinho até ao Tom. Ele puxa-me para o seu colo e envolve-me com os braços. Eu seguro o gelo contra a mão dele e encosto-me a ele. Ele descansa o queixo no meu ombro.

– Parks... – Olho para trás, para ele. – Nós podíamos ser a sério – diz ele. – Isto podia ser real.

Penso no assunto.

– O que é que somos agora?

Ele funga uma risada e pressiona a boca contra o canto da minha.

– ... Não faço puto de ideia.

– Mas não é a sério? – esclareço.

Ele beija-me o ombro, distraidamente.

– Não sei – diz ele, com a voz abafada pelo meu ombro. – O que é que eu sou para ti?

Encosto-me a ele, franzindo a boca com a pergunta.

– A máscara de oxigénio – olho para trás, para ele – que cai do teto dos aviões.

Ele abraça-me com mais força.

– Para mim, é suficiente.

10:12

Henry

Oi

Ei

Adoro-te

Também te adoro

Vou adorar sempre.

Eu sei.

Sua chata.

A propósito, desculpa.

Tudo o que aconteceu.

Sim, eu também.

Ainda és o meu melhor amigo
para sempre, Hennypen.

Mais do que a Paili?

Mais do que todos.

Estás bem?

Não sei.

O que posso fazer?

Não deixes que ele tenha uma *overdose*.

Prometo.

BJ

O que acontece em Amesterdão fica em Amesterdão. Esse foi sempre o lema. A esta altura, já me interessa se isso se mantém. Os segredos já foram todos revelados, já não tenho nada a perder.

Amesterdão é para onde eu e os rapazes parecemos ir sempre quando as coisas correm mal. E, não consigo dizer isto o suficiente, está tudo a correr mal.

Eu e o Christian jurámos nunca mais voltar a amar miúdas. O Henry e o Jonah podem ou não estar apaixonados pela mesma rapariga.

É uma treta.

E não podemos falar sobre isso. Não posso falar com o Christian sobre perder a Parks. O Henry está lixado comigo porque por defeito fica do lado dela. E o Jonah é o Jonah – não me diz nada neste momento, está apenas a observar, a garantir que eu não desabo completamente.

Falar é obsoleto para todos nós neste momento. Há um atraso entre o que acontece e quanto tempo levamos para o processar.

Nunca consigo realmente dizer como me sinto em relação a algo até descarrilar um pouco com a situação.

Quantas bebidas, quantas linhas, quantas miúdas são necessárias para eu não continuar a sentir isto no peito?

Então, vamos para a Holanda para uma viagem de rapazes.

Normalmente, quando fazemos estas viagens, volto arrasado cheio de arrependimento, receando que uma foto surja, que alguém fale, que a Parks descubra e que me veja pelo que sou – o que, lamentavelmente, é substancialmente menos o homem que ela pensava que eu era –, mas não nesta viagem.

Eu sou um desastre e ela sabe disso. Sou o desastre de que ela está farta, portanto, espero sinceramente que o que quer que eu faça esta noite seja suficiente para ficar escarrapachado por toda a Internet, para ela ver de manhã quando acordar e sentir-se uma merda.

Porque eu sinto-me uma merda.

Enrolo-me com a rececionista do hotel uma hora depois de chegar aqui.

Estou a beber desde que entrámos no avião. Estou completamente bêbado no início da tarde e acabamos num daqueles clubes clandestinos, abertos 24 horas por dia, 7 dias por semana, pelos quais esta cidade é famosa. Fico lá até ao nascer do Sol da manhã seguinte – alimentado apenas a cocaína porque os rapazes são todos aparentemente umas mães galinhas e não param de me tirar as bebidas da mão.

Fiz sexo naquela noite também. Ou, pelo menos, acho que era de noite? É difícil dizer. Perdemos a noção do tempo ali. E esse é o objetivo, acho. Tentar espremer o tempo até ela me aceitar de volta.

O que, aliás, o Henry diz que ela não vai fazer. Ele diz isso algumas vezes.

Eu explicava mais se pudesse, mas não consigo. Não me lembro dos primeiros quatro dias.

É esclarecedor.

Quão avariado estou com a situação?

11/10.

O Christian está tão mal como eu. Pior, talvez. Já perdi Magnolia antes... A cena da Daisy está a atingi-lo à grande.

Amava-a mais do que sabia.

Na viagem de avião de regresso a Inglaterra, o Christian ergue os olhos do telefone.

– Segunda ronda daqui a quinze dias?

O Henry semicerra os olhos, cansado.

– Quando é daqui a quinze dias?

O Christian encolhe os ombros.

– Primeira semana de dezembro?

Olho para cima, franzo a boca.

O Jonah assente.

– Sim, contem comigo.

O Henry move a cabeça de um lado para o outro.

– Tenho umas cenas da universidade, mas vou tentar ir. Onde estão a pensar?

Praga?

– Sim. – Ele encolhe os ombros. – Ou Funchal?

– Não posso – digo-lhes, olhando para o meu telefone porque não estou com vontade de os encarar.

– Porquê? – pergunta o Christian.

Encolho os ombros.

– Tenho uma coisa.

– O quê? – Pergunta o Henry.

Olho para ele.

– Uma cena.

– Sim, mas o quê? – Pergunta ele novamente. Deito-lhe um longo olhar e depois olho pela janela.

– Tu sabes? – pergunta o Henry ao Jo.

O Jonah abana a cabeça e encolhe os ombros.

– Trabalho? – insiste o Henry, o merdinhas intrometido.

– Sim – minto. – Trabalho.

Magnolia

O Tom leva-nos ao Grand Resort em Bag Ragaz – fica a apenas uma hora de Zurique e há algum tempo que não fazemos nada sobre eles na *Tatler*, portanto, nem sequer preciso de fingir que estou com gripe para poder escapar.

Há uma tranquilidade aqui que me faz sentir mais longe de Londres do que estou.

A propósito, o nós é o Tom e eu e a Paili e o Perry. Ele insistiu, na verdade. Disse que não os conhecia muito bem e que acha que devia conhecê-los melhor.

No voo para lá, o Perry foi com ele no *cockpit* e a Paili e eu bebemos vinho na parte de trás do avião.

– Ele deve estar a suavizar o golpe pelo menos um pouco – disse ela, e eu assenti. – Vocês estão a dormir juntos?

Acenei com a cabeça novamente.

Ela sorriu um pouco.

– Linda menina! A fazeres sexo. Céus, és capaz de estar mesmo a seguir em frente...

Olhei para ela e, mesmo em retrospectiva, não sei dizer se o que ela disse me deixou aliviada ou triste. Talvez ambas as coisas.

– Como é que ele é?

– Comparado com o BJ? – esclareci. Ela mexeu-se desconfortavelmente e encolheu os ombros, mas eles são as únicas pessoas com quem estive, portanto, presumi que fosse isso que ela queria dizer. – Bem, eu não faço sexo com o BJ há anos, não desde... bem, tu sabes. – Os olhos dela ficaram tristes e ela fez beicinho, com pena de mim. – Mas, de memória, é bastante diferente. Descobri o sexo fazendo-o com o BJ. Nós conversávamos sempre muito e ríamos muito e... ele conhece o meu corpo melhor do que ninguém...

Afinal, foi nos braços dele que o meu corpo cresceu.

Ela deu-me outro sorriso triste.

– E o Tom?

– E o Tom? – Sorri. – É como se parecesse um sonho. – As minhas faces coraram um pouco. – Não sei, quando o fazemos há sempre uma altura, pelo menos, em que abro os olhos e penso: «Uau! Olha para nós! A fazer isto! Como é que aconteceu?»

Ela riu-se.

– Ele faz jus à reputação que lhe demos depois de o vermos naquele barco?

Corei mais.

– Faz, sim.

O hotel é lindo, diga-se de passagem. Claro que é. Tudo sobre o Tom é lindo. Desde as suas escolhas aos seus olhos e cabelos, à voz, aos ombros, ao sorriso e às mãos.

Não sei porque é que ele me trouxe para aqui, se é por algum outro motivo além de me levar para longe e me dar espaço, mas no espaço que ele me dá tudo o que me pergunto é como a minha vida seria se eu conseguisse fazer o que estou a tentar fazer.

Como seria a minha vida se eu realmente eliminasse o BJ? Porque a vida que acho que poderia ter com o Tom seria boa... E não é uma questão de dinheiro; eu tenho dinheiro. É a calma dele, a maneira como se move numa sala, a maneira como me segura o joelho quando estou sentada ao lado dele, os seus olhos atentos, como eu mal consigo dobrar a minha mão inteira em redor de apenas dois dos seus dedos. A consideração dele.

E ele não é completamente meu, eu sei. Sei que ele ama outra pessoa, mas eu também e talvez esteja tudo bem, porque talvez tenhamos mais do que um amor na vida. Talvez o BJ seja o grande amor da minha vida, não porque é ótimo, mas porque foi definidor. Talvez o Tom seja o amor redentor da minha vida e talvez isso seja melhor.

É divertido estar com o Perry, a Pails e o Tom. É uma combinação sem drama. A Paili e o Tom dão-se muito bem. O Perry tende a ficar com alguns ciúmes quando a Paili gosta de alguém mais do que dele, mas, mais uma vez, o charme do England supera isso.

Adoro estar de férias com o Perry porque ele está sempre disposto a tentar coisas estranhas comigo.

O Tom soltou gargalhadas perante a minha sugestão de uma massagem com tigelas tibetanas, mas o Perry ficou logo entusiasmado e não precisou de nenhum tipo de suborno.

– Tiveste notícias de algum deles? – pergunta-me o Perry, enquanto esperamos na sauna. Abano a cabeça. – Nem sequer falaste com o Henry?

Encolho os ombros.

– Estou sempre a falar com Henry, mas nunca sobre o irmão dele.

O Perry faz uma careta.

– Eles deram-lhe com força em Amesterdão.

– Tenho a certeza de que sim. – Mantenho o meu rosto impassível. Ele observa-me por alguns segundos. – O que é que aconteceu antes que não nos contaste?

Olho para ele.

– Tu não te importaste que ele tivesse a língua daquela miúda enfiada no ouvido, mas importaste-te que ele estivesse a usar drogas; o que aconteceu?

Fito-o por alguns segundos. Considero mentir, considero desviá-lo da verdade que ele captou, mas decido não o fazer.

– Ele teve uma *overdose*. – Não o quero mais encobrir. Suponho que já não sei muito sobre ele.

O Perry pestaneja algumas vezes.

– Quando?

Comprimo os lábios, fingindo que a data não está gravada na minha mente, fingindo que não vejo a testa húmida dele, os olhos turvos, o nariz em carne viva e os chupões por todo o corpo pelo menos uma vez por semana quando ainda tenho pesadelos com isso.

– Há dois anos. Um pouco mais.

– Porra.

– Sim.

Ele pensa para consigo mesmo.

– O beijo – diz ele. – No cinema, em Leicester Square. A Paili e eu sempre nos perguntámos sobre isso.

Olho para ele e os meus olhos suavizam-se perante a memória – a sensação no meu peito e a necessidade indomável de o beijar a todo o custo.

– E, tipo, por que raio estávamos no cinema? Nós vamos a estreias, não a matinés. – O Perry franze o rosto. Eu rio-me. – Acabaste mesmo tudo com ele? – pergunta ele ao fim de alguns segundos.

Provavelmente não, mas falo a sério quando digo genuinamente:

– Espero que sim.

BJ

Venho aqui à espera de a ver. É uma das cenas da mãe dela, a Gala NSPCC. Angariação de dinheiro para as crianças. Não sei que crianças e sou uma besta por não saber, mas não vim aqui pelas crianças, vim aqui pela rapariga.

Tenho tanta certeza de que ela estará aqui que quando chego ao One Marylebone já enfiei três linhas, completamente preparado para a ver entrar de mãos dadas com a porra do England, com um vestido que me dará vontade de me matar e apalpá-la ao mesmo tempo.

Observo a porta febrilmente.

– Querido – a minha mãe dá-me uma palmadinha no braço –, dá-lhe um minuto, ela vai aparecer.

Ela arranja-me o cabelo e eu despenteio-o com um olhar sombrio.

– Mãe...

– O que foi? Está despenteado.

– Eu estive a arranjá-lo. – Franzo a testa.

– Sim – ela acena. – Despenteando-o, querido. Parece que acabaste de sair da cama.

Ergo as sobrancelhas para ela.

– A ideia é essa.

– Ideia estúpida – murmura ela baixinho e depois olha para mim. – A Magnolia vem com aquele Tom England?

– Provavelmente – digo e aceno. – Eles estão a namorar.

– Ele provavelmente nunca a traiu – diz a minha mãe, pesarosa.

– Não, provavelmente não. – Deito-lhe um olhar exasperado e engulo a minha bebida de uma só vez.

– Ooh, crepes chineses! – cantarola ela e corre atrás do empregado.

Suspiro, um pouco aliviado por ela se ter afastado, e depois olho novamente

para a porta. O pai da Magnolia entra com a Marsaili pelo braço.

Toda a gente olha para eles por alguns segundos e o volume da sala baixa de imediato. Então, como se todos notassem o silêncio ao mesmo tempo, a sala regressa à vida.

Tenho o coração na garganta à espera dela. Não me importa que esteja com o England, vou ficar feliz por a ver – os olhos dela que vão olhar para mim com raiva, a sua boca carnuda. Talvez comece uma discussão com ela, para ela me dizer alguma coisa?

Sinto falta da voz dela.

Do modo como suga o lábio inferior quando eu faço algo de que ela não gosta; pergunto-me quem está aqui que eu possa beijar na frente dela para a deixar furiosa?

E, então, a Parks entra.

A Bridget, não a Magnolia. Os nossos olhos encontram-se e sinto a minha expressão vacilar. Ela dá-me um sorriso triste e avança cautelosamente na minha direção. Parece-se um pouco com a Cinderela, na verdade.

– Dois eventos sociais num ano civil? – digo, boquiaberto, beijando-lhe a face. – Escolheste este sozinha?

Ela lança-me um olhar.

– Ela acha que eu sou a boneca em tamanho real dela.

Aceno algumas vezes.

– Ela está a evitar-me?

Ela comprime os lábios.

– Ela está na Suíça.

– A evitar-me.

– Podes culpá-la? – pergunta ela de sobranceiras erguidas.

Pego no meu telefone e verifico a data. Um de dezembro.

– Quando é que ela volta?

– Hum – diz ela, tirando uma taça de champanhe da bandeja de um empregado que passa –, amanhã, eu acho.

É sem intenção, mas suspiro, um pouco aliviado.

A Bridget observa-me por alguns segundos.

– Com quem vieste?

– Vim com a minha mãe. – Dou-lhe um sorriso piroso.

Ela acena com a cabeça, calma.

– A tua mãe sabe que estás drogado?

Olho para ela, um pouco irritado.

– Não.

A Bridge ergue as sobrancelhas por alguns segundos e, então, abana a cabeça.

– Estás a tentar afastá-la?

– O quê?

– Isto. – Ela gesticula em direção a nada. – Parece um comportamento de autossabotagem.

Cerro o maxilar. Não estou com disposição para receber um diagnóstico não solicitado da Bridget Parks.

– Não é – digo-lhe.

Ela ignora-me.

– É que... fizeste a única coisa que sabias que ela nunca te iria perdoar.

Abano a cabeça, irritado.

– Ora, ainda existirá sequer alguma coisa em relação à qual ela não me perdoe? Se me ama. – Encolho os ombros e estou a falar a sério. – Isso não deveria ser o suficiente? O amor conquista tudo e essa treta toda?

Ela senta-se a uma mesa – não a nossa – e apoia o queixo na mão.

Sento-me ao lado dela. Estou feliz por estar com ela. Faz com que a Parks pareça menos distante.

– Ela já te viu agora com, o quê...? – Ela encolhe os ombros vagamente – Quantas miúdas? – E ela mesma responde. – Demasiadas. É nojento, vê se te testas.

– Eu testo-me. – Sorrio para ela de modo presunçoso. – Regularmente.

– Eu não me gabaria disso, mas tudo bem...

Reviro os olhos.

– Ela sabe que a traíste. Sabe como tens sido desde que vocês acabaram; vocês magoam-se um ao outro, é a vossa cena, eu entendo. É o que vocês fazem para se sentirem próximos um do outro, mas, ainda assim, é lixado e parvo e vocês são estúpidos por fazerem isso, mas não é nada de estranho para dois idiotas codependentes... – Eu franzo a testa, embora rir fosse uma resposta igualmente apropriada. – A única coisa que ela acharia categoricamente imperdoável era tu morreres.

Reviro os olhos.

– Eu não estou a m...

– Não me interrompas – interrompe-me ela. – Tu não estavas lá. Não a viste depois.

– Ela bateu-me. – Dou à irmã dela um olhar incrédulo. – Na frente dos meus pais e do médico, numa cama de hospital.

– Ótimo. – A Bridget acena alegremente com a cabeça. – Era o que ela devia fazer. Tu tiveste uma *overdose*. Quase morreste. Fizeste isso a ti próprio...

Suspiro.

– Não foi de propósito...

Juro que não foi de propósito. Eu não lhe faria isso.

A Bridget olha para mim pensativa.

– Foi pior do que quando a traíste...

Não acredito naquilo nem por um segundo. Nem por um instante. Depois de termos acabado, li os artigos que o *Daily Mail* e o *The Sun* escreveram sobre ela. Merdas como: «Fontes próximas dizem que a desalentada Parks está a caminho da reabilitação depois de os pais, preocupados, terem ficado obcecados com a sua perda de peso» e outras sobre ela ter diabetes, uma sobre ela ter apanhado um parasita, quando, na verdade, ela estava apenas triste.

Portanto, a Bridge está a mentir.

Não pode ter sido pior do que aquilo.

– Ela não tomava banho. Ficou sentada na cama, toda enrolada, durante quase uma semana. Não comia. Não bebia...

– Ela come como um pássaro de qualquer maneira – digo eu e encolho os ombros, como se o que ela está a dizer não me estivesse a matar.

– Ela desmaiou – acena a Bridget. – Tivemos de a levar para o hospital devido a desidratação.

O meu coração afunda-se. A Parks nunca me disse nada.

Foda-se.

A Bridget abana a cabeça para mim.

– Não podes fazer com que alguém te ame como ela te ama e depois seres tão imprudente. Não é justo...

Franzo o sobrolho para ela.

– E ela não pode fazer com que eu a ame como a amo e depois manter-me à distância porque eu estraguei tudo uma vez, há três anos...

A Bridget zomba.

– Tu estragaste tudo mais de uma vez, vamos esclarecer isso primeiro. E ela também – acrescenta ela quando eu abro a boca para reclamar. – Não estou a dizer que ela é inocente, não é. Ela ainda é mais burra do que tu, às vezes.

Sorrio para ela, sentindo-me um pouco legitimado.

– Mas o cerne do que ela está a fazer aqui é autopreservação – continua a Bridget. – Ela acha que se tu morreres, ela morre. – Ela encolhe os ombros, satisfeita com as suas conclusões.

– Bridget. – Dou-lhe um meio sorriso porque ela está a ser estúpida.

– E isso é, obviamente, ridículo – diz ela em voz alta falando por cima de mim. É um pouco sabichona para uma miúda de 21 anos, para ser sincero. – E falso. Mas consegues imaginar o que seria para ela se tu morrasses? Porque ela já o fez. É tudo o que ela tem imaginado desde que aconteceu. – Ela toma um gole da sua bebida. – Está sempre a girar na mente dela.

– Ela não pensa nisso. – Franzo a testa.

– Pensa, sim. Ela disse-me. – Ela tamborila com os dedos na mesa. – E

depois, aqui estás tu, a fazer a coisa que causou a situação. – Abro a boca para dizer algo. – Estás a tentar magoá-la?

– Não – respondo e fito-a irritado.

– Estás a tentar ver quão robusto o vosso amor é?

– Não.

Mas é mais robusto do que tu imaginas, Pequena Parks.

Ela lança-me um olhar longo e curioso.

– Então, que raio estás a fazer?

Magnolia

Chego a casa, em Londres, mesmo a tempo do dia 3. Não que isso interesse. Já não interessa – bem, interessa, mas agora estou com o Tom, acho. De uma forma correta.

Ou, pelo menos, vou estar.

Foi o que decidi quando o deixei antes.

– Onde é que vais, afinal? – Perguntou ele.

– A Devon – encolho os ombros. – Em trabalho.

Ele parece confuso.

– Porquê Devon?

Penso rapidamente.

– Investigação para um artigo com o tema «no nosso próprio quintal».

– Oh. – Ele acena e depois roça os lábios nos meus. – Eu ia contigo se não tivesse de ir voar...

Abano a cabeça.

– Não sejas tolo. É apenas Devon.

Dou-lhe um abraço apertado.

É com ele que eu deveria estar. Tenho a certeza. É nisso que penso durante todo o caminho até lá, mas agora já não importa, porque quando eu disse ao BJ que tínhamos acabado ele respondeu, finalmente, como se tivesse estado à espera de que eu o fizesse. Há quanto tempo é que ele estava à espera de que eu o libertasse?

Eu devia tê-lo feito há anos, provavelmente, mas vou ter sempre receio de nunca mais amar outra pessoa como o amo.

Predestinados, era o que eu achava que éramos; que não importava o que acontecesse – quão longe fôssemos, quanto nos magoássemos – iríamos sempre encontrar o nosso caminho de volta um para o outro.

Agora que tenho vinte e três anos e estamos aqui e tudo o que fizemos desde

que nos perdemos foi perder-nos um ao outro de maneiras diferentes, uma e outra vez, estarmos juntos novamente parece um devaneio infantil. Uma história para dormir à qual me agarrei para aliviar as dores crescentes de ter de o deixar para trás.

Deixá-lo para trás nunca iria acontecer passivamente, eu podia ter-te dito isso desde o início. Deixá-lo iria sempre envolver dor, um ato de violência, como arrancar o coração do meu próprio peito, deixá-lo num banco algures e esperar pelo melhor até conseguir chegar a um hospital para ser curada, mas acho que não conseguimos viver muito tempo com o coração fora do peito.

Estaciono junto da casa da nossa família aqui, em Dartmouth.

É uma grande mansão antiga no meio de vinte e nove hectares de terreno. Piscina interior e exterior, lago, um caminho para a praia, alguns cavalos e ovelhas.

Eu costumava adorar este sítio. Já não sinto o mesmo.

Olho em volta à procura do jardineiro. O Sr. Gibbs. Ele trabalha para a minha família há anos – a minha vida toda, na verdade. É um bom homem. Calado.

Um viúvo, creio.

Pergunto-me muitas vezes se ele se sente sozinho aqui.

Ele e os seus dois São Bernardos que vivem com ele na propriedade.

Puxo o cardigã enfeitado em pelo de camelo, canelado e debruado a camurça que estou a usar e abraço-me porque mais ninguém o está a fazer. Volto para o jardim e sigo o caminho que não existe até ao lago onde vive a árvore.

Sempre adorei este salgueiro, mesmo antes. Há algo de poético nele, mesmo antes de haver poemas para escrever. Tomba sobre a água, com as folhas a oscilar em baixo como um baloiço, curvado como se estivesse partido, mas nada disso torna a árvore menos bonita.

E agora... ainda adoro este salgueiro – mesmo antes de ver o BJ Ballentine parado debaixo dele.

Fito-o por alguns segundos.

Hoodie preto de caxemira da colaboração Fear of God x Ermenegildo Zegna, calças xadrez Pacbet e Vans pretos usados.

O cabelo dele está despenteado e tem os olhos pesados. Fica de boca ligeiramente aberta quando olha para mim.

Pestanejo que tenho saudades dele e os cantos descaídos da sua boca dizem-me que ele também tem saudades minhas. Uma sensação percorre-me, como se estivesse bem aconchegada na cama dele à noite, como a certeza segura de que terei para sempre um doutoramento nos seus mais ínfimos detalhes. Nunca irei esquecer o formato da boca dele.

– Estás aqui – digo suavemente.

– Claro que estou aqui. – Ele parece um pouco irritado. – Eu prometi.

– Já quebraste promessas antes.

Ele olha para mim.

– Esta, não.

Aproximo-me e coloco-me ao lado dele, mais longe do que gostaria.

Há uma distância perceptível entre nós – quando é que não há, atualmente? Passam-se minutos sem que digamos nada com a boca.

No altar da árvore, faço mil orações e oferendas silenciosas, imploro a quem estiver a ouvir para alinhar as nossas estrelas e deixá-lo ser quem eu achei que ele era. Se ele não o pode ser, então, rezo para ficar livre dele e isso não me matar. Mas vale a pena morrer por ele e essa é a parte que me abala, acho.

Ele está a observar-me com a expressão de quem me conhece há muito tempo, lendo coisas no meu rosto para as quais não tem autorização.

– Estás bem?

Ele olha para mim.

Aceno com a cabeça, embora seja um pouco mentira.

– E tu estás?

Ele encolhe os ombros.

– Este dia lixa-me sempre.

Aceno novamente.

– Sim.

Ele olha para a árvore, sorrindo um pouco.

– Penso naquela noite o tempo todo.

Fico com as faces coradas.

– Pensas?

Ele pressiona o dedo indicador contra o nariz, divertido.

– Sim. Tu não?

Tento não pensar é a resposta sincera.

– Quem foi que nos surpreendeu? – Olho para ele.

– O Thatcher. – O BJ ri-se. – O Hendry.

Ele enfia as mãos nos cabelos.

– Sim. – Sorrio para ele. – Tu estavas muito zangado.

– Bem – diz ele, limpando o sorriso com a mão –, tu estavas praticamente nua.

Franzo o sobrolho, sentindo as faces a arder.

– Também tu.

– Sim, mas não me ralo se alguém me vê o rabo...

Os nossos olhos encontram-se. Engulo em seco e depois abano a cabeça, tentando manter a compostura.

– Nunca conseguiste fazer com que a fechadura daquela porta funcionasse.

– Era uma fechadura avariada, Parks. – Ele ri-se uma vez e um milhão de memórias percorrem a superfície do seu rosto. – Mas vou sempre ficar feliz por a porta não ter trancado...

Se houvesse um incêndio na minha mente e eu apenas pudesse salvar três coisas, uma delas seria aquela noite – a colcha de penas que enlameámos ao pé da árvore e os olhos impacientes e as mãos errantes do BJ aos dezassete anos.

– Lembras-te, depois, de uma família de patos sair dos arbustos no lago? – Pergunto e ele começa a rir.

– Ficaste tão chateada. Como se os patos soubessem o que estávamos a fazer.

– Eles sabiam! – Abano a cabeça. – Aposto que aqueles patinhos fizeram

terapia durante anos depois do que te viram a fazer comigo.

Ele deita-me um olhar brincalhão.

– Não me lembro de teres tido problemas com isso na altura...

Olho para ele, erguendo o queixo.

– Não tenho problemas agora.

A boca dele contorce-se e ele desvia os olhos dos meus. Deixa cair a cabeça nas mãos, abanando-a.

– Parks, como é que te vou esquecer com todas estas coisas entre nós?

Eu franzo a boca.

– Laços traumáticos, queres tu dizer?

E ele funga uma risada, irritado com a minha irmã a esta distância toda.

– Eu sinto-me muito feliz por as termos, na verdade – digo-lhe.

Ele olha para mim com ternura.

– Tive uma vida do caraças a ser lixado por ti.

Olhamos um para o outro com olhares que dizem mais do que as nossas bocas jamais poderiam.

O ar entre nós começa a ficar espesso – como o ambiente de uma ilha tropical antes de uma tempestade irromper. Pesado e carregado. Tangível.

E talvez esta árvore seja um *wormhole* através do espaço e do tempo, ou talvez a cortina tenha finalmente caído ou talvez eu o ame simplesmente de uma maneira impossível de ser desfeita.

Os olhos dele pestanejam, deslocando-se sobre o meu rosto, pousando na minha boca, e, então, está a acontecer antes que eu saiba que está a acontecer. Como ondas a quebrar contra um penhasco, é assim que nos beijamos.

Não sei se sou a água e ele é a pedra, mas as mãos dele estão por todo o lado, por todo o meu corpo, debaixo do meu vestido midi branco de algodão da Bottega Veneta, e eu estou a andar para trás – tirando-lhe a camisa, deslizando a mão sobre os meus antigos trilhos – e, então, estou encostada à árvore. A boca dele está no meu pescoço – a sua respiração é irregular arrepanhando-me a pele – e eu estou com as pernas à volta da cintura dele. Os nossos olhos encontram-se. São sempre

mais verdes do que pensamos – quase da cor das folhas da árvore sob a qual estamos prestes a fazer isto mais uma vez.

Ele fita-me, pestanejando, com o rosto completamente sério.

– Amo-te – diz-me e a sua voz é baixa e rouca.

Engulo em seco, nervosa.

– Eu também te amo – sussurro.

E, então, ele entra dentro de mim. Uma pequena exclamação fica-me presa na garganta e eu encosto a minha testa à dele. Seguro o rosto dele nas mãos, beijando aquela boca estúpida que amo, e enfio as mãos nos cabelos dele até estarem emaranhadas nele.

E o mundo torna-se preto. Somos só eu e ele em todo o universo. As estrelas explodiram, o Sol ardeu. E é apressado e eu amo-o e é urgente. Amo-o e é como se alguém tivesse colocado um fogo debaixo de nós, ou talvez nos nossos ossos, e precisássemos de o apagar, mas talvez não o queiramos fazer – e eu amo-o.

Vou queimar o casaco, não me importo.

A boca dele na minha pele é como neve a cair na água. E é imperdoável da minha parte, mesmo, eu ter arrastado outros corações para isto. Mas arrastei e lamento imenso e a minha mente está a flutuar enquanto ele me segura contra ele e talvez eu esteja cansada ou talvez seja apenas porque estou aqui nos braços dele, novamente, enquanto os meus olhos se enchem de lágrimas e o mundo inteiro treme ao ritmo dos nossos corpos. Todas as flores deste mundo e quaisquer outras que possam existir desabrocham de uma só vez e as folhas daquela árvore que amamos sussurram que estou em casa.

BJ

Passamos a noite aqui em cima – nenhum de nós tem nada.

Sem roupas, sem produtos de higiene. Nada. Apenas os dois, o que provavelmente é como deveria ser.

Era esse o plano antes de tudo correr mal. Aquela vida tranquila que planeávamos: janelas abertas, arejadas, na nossa casinha à beira-mar numa cidade do outro lado do país, sem sentirmos nenhuma falta de Londres porque Londres, e não nós, é o problema.

O meu objetivo agora é levar-nos até lá. É o que vou passar a vida a fazer daqui para a frente. Desenredá-la a ela e a mim das nossas vidas descontroladas em Londres e levar-nos para um lugar onde somos melhores versões de nós mesmos. E seremos as melhores versões de nós mesmos porque é o que somos quando estamos juntos.

Não saímos do quarto – aquele quarto com a fechadura na porta que não posso usar –, não saímos de lá. Conversamos durante horas, beijamo-nos durante horas, rimos. Ela chora um pouco; eu choro um pouco. Apalpo-a um pouco – descanso o meu queixo na depressão do seu umbigo e olho para a única miúda que alguma vez amei – tento não chorar de novo porque estou a segurá-la como sonhei em a segurar desde a última vez que o fiz.

É o melhor dia da minha vida.

Pedimos uma piza e comemos na cama. Tomamos banho juntos. Fazemos coisas no chuveiro juntos. Voltamos para a cama.

Ela adormece encostada ao meu peito e eu respiro aliviado, pela primeira vez desde que a perdi.

*

Ela acorda na manhã seguinte e, provavelmente pela primeira vez na vida, acordo antes dela – isso nunca acontece.

Ela acorda sempre primeiro, mas acho que a cansei realmente ontem, porque

ela dorme para além do almoço, portanto, não mexo um músculo até ela abrir os olhos.

Ela olha para mim durante alguns segundos, pestaneja, olha em redor do quarto e depois novamente para mim.

– Não é um sonho. – Ela sorri.

Eu beijo-a.

– Não é um sonho.

Ela mexe-se na minha direção e encosta a testa à minha.

– Parks? – Olho para ela.

– Hum?

– É isto, não é? – E odeio-me um pouco porque pareço mais nervoso a dizer aquilo do que gostaria. – Tipo, estamos nisto. Sem mais tretas. Sim?

Ela acena com a cabeça.

– Eu vou deixar as miúdas e as outras merdas todas e tu... O Tom acabou.

– O Tom acabou – repete ela, abanando a cabeça.

Ela soa quase triste em relação a isso. Não vou pensar muito no assunto porque sei que eles se tornaram próximos.

– E vais esquecer o que eu fiz? – Pergunto, observando o rosto dela. Ela acena com a cabeça, novamente. – De vez? – Ela acena com a cabeça. – Não podes ir buscar o assunto em discussões durante anos no futuro. – Ela revira os olhos. – Mesmo que nunca obtenhas as respostas que queres de mim? – Avalio os olhos dela. – Porque essas respostas não existem.

Ela considera.

– Está bem. – Ela acena com a cabeça uma vez.

Eu aceno de volta.

– Está bem.

Magnolia

Deixamos Dartmouth no dia seguinte e falamos e rimos um com o outro ao telefone enquanto conduzimos lado a lado – saímos da M3 pouco antes de chegarmos a Lightwater.

Beijamo-nos de novo, fazemos sexo outra vez no banco de trás do carro dele – porque temos tempo perdido para compensar – e, então, quando nos aproximamos de Londres, o pavor atinge-me.

A justaposição de como me estou a sentir poderia derrubar-me... É uma mistura tão peculiar.

Estou tão feliz, tão apaixonada e tão aliviada por finalmente estar com o Beej, a sério, declaradamente, confessadamente apaixonada por ele.

Mas há uma sombra invasora no canto da minha mente sobre ter de contar ao Tom. Sobre ter de o deixar ir. Porque ele é importante para mim agora e eu adoro-o.

É diferente do BJ e não podemos fingir que é igual – não é. Nem o Tom acharia que é.

Se o BJ é como água para mim, o Tom é vinho. Não preciso dele para sobreviver, mas amo-o na mesma; ele sabe bem, faz-me sentir melhor, faz-me sentir mais corajosa.

É bom tê-lo por perto e, na verdade, com toda a seriedade não metafórica, não faço ideia de como me teria mantido à tona este ano sem o Tom.

É estranho, não achas, a forma como nos apegamos às pessoas.

A maneira como as nossas melhores intenções são afastadas e a semente se aprofunda mais no solo do nós do que aquilo planeámos e o lugar deles nas nossas vidas cria raízes. Acho que não devemos amar as pessoas levemente. Acho que não devemos amá-los um pouco e depois seguir em frente. O Tom criou raízes. A culpa não é dele. Eu deixei.

E tenho a sensação horrível e nervosa de que talvez a minha irmã tivesse

razão em relação a mim e, nesse caso, que tipo de pessoa é que isso faz de mim?

Peço ao Tom para se encontrar comigo no parque perto da minha casa.

Ele está à minha espera no banco.

Está a usar as calças de desporto Loro Piana em azul-marinho com a camisa polo castanha em lã e os ténis em camurça a combinar da Fear of God para Ermenegildo Zegna.

Atraente como sempre. Os olhos sobre os quais a Billie Eilish escreveu a música, tenho a certeza.

Caminho na direção dele, engolindo nervosamente em seco enquanto o faço. Suspeito que ele sabe assim que me vê. Está provavelmente escrito na minha cara – o BJ geralmente está.

O Tom England ergue os olhos para mim – aquele estranho sorriso de boca fechada e olhos tristes.

Ele suspira e desvia os olhos dos meus.

– Vocês estão juntos novamente.

Sento-me ao lado dele e sinto as mãos pesadas no colo. Aceno com a cabeça e a minha boca move-se num sorriso relutante. Ele abana a cabeça e dá-me um pequeno encolher de ombros; os olhos dele parecem um pouco arrependidos.

– Nós previmos que ia acontecer...

– Suponho que sim. – Concorde. – Mas não previ que te ias tornar o meu melhor amigo – digo para as minhas mãos porque não o consigo encarar.

Ele olha para mim, pega-me na mão e segura-a nas dele.

– Não, eu também não esperava por isso.

Ele coloca o braço à minha volta, suspirando enquanto olha para o parque.

– Então, vocês já estão novamente juntos ou apenas decidiram que vão estar?

Olho para ele e as minhas faces estão rosadas.

– Ah – diz ele e ri-se, embora sem grande alegria. – Vocês fizeram sexo.

Contorço a minha boca de um lado para o outro.

E, então, ele pergunta-me como se realmente se importasse:

– Como é que foi?

Olho para ele.

– Queres realmente saber?

– Não. – Ele sorri um pouco. – Não quero.

Inclino-me para ele.

– Obrigada – digo-lhe sem olhar para ele. – Pelo que fizeste por mim.

– O que é que eu fiz por ti? – Ele puxa o meu vestido azul de algodão plissado da Aje.

– Muitas coisas – digo. – Mas, principalmente, por me teres amado.

Ele comprime a boca e parece um pouco envergonhado.

– Ele disse-te isso?

Abano a cabeça.

– Então, como é que sabias?

– Porque te conheço agora, muito bem.

– Oh. – Ele dá-me um olhar. – Suponho que sim.

Observo-o com atenção.

– Estás bem?

– Vou ficar. – Ele acena com a cabeça, sem encontrar os meus olhos.

– Vais precisar de uma nova trincheira.

Ele solta uma risada seca.

– Acho que acabei com as trincheiras por um tempo.

Fungo uma risada.

– Eu também.

Ele acena com a cabeça, de boca franzida, e depois tira o braço dos meus ombros, virando-se para mim. O rosto dele torna-se sério, com as sobrancelhas a descerem numa espécie de cenho solene.

– Tenho de dizer uma coisa e isto pode parecer egoísta, mas não estou a tentar sê-lo.

Abano a cabeça para ele.

– Tu nunca és...

– Ele vai magoar-te de novo – diz ele sem vacilar.

O meu coração sobe um pouco pela minha garganta. Abano a cabeça.

– Não...

– Sim. – Ele acena.

– Tom...

– Magnolia. – Ele abana a cabeça. – Não estou a dizer isto para mudares de ideias. Não poderia, de qualquer maneira. Vocês os dois estão... – ele faz uma pausa, procurando a palavra – amarrados.

Ele diz aquilo como se fosse uma coisa sem esperança.

Mas tem razão. Nós estamos.

– Não posso desfazer isso e não estou a tentar. – Ele encolhe os ombros. – Só te estou a dizer, porque alguém tem de o fazer, que ele te vai magoar de novo e eu não sei se estarei aqui quando ele o fizer.

BJ

Entro em casa dos meus pais, em Belgravia, sem avisar. É depois do jantar, mas há sempre jantar aqui. A minha mãe é uma alimentadora crónica que vive em negação em relação ao facto de o Henry e eu não morarmos aqui. Às vezes moramos. Cada um tem o seu espaço próprio agora, mas às vezes é bom voltarmos para casa.

Entro na cozinha e a minha mãe ergue os olhos do lava-louças. O seu rosto ilumina-se.

– Querido, estás aqui! – Ela tira uma luva de borracha. – Querido! – Chama o meu pai. – O BJ está aqui!

Há um resmungo vago do meu pai em resposta e a minha mãe envolve-me com os braços.

– Tens fome?

Aceno.

– Faminto.

Sento-me diante da bancada de mármore coberta com cenas de limpeza – não sei porquê, sempre tivemos uma empregada, mas a minha mãe está sempre a fazer pré-limpezas antes de a empregada chegar. É um pouco redundante e o meu pai detesta, mas ele ama a mãe e ela nunca vai despedir a Nel. Seja como for, eu pagaria um salário anual para me sentar a tomar chá com biscoitos com ela três dias por semana.

Ela prepara-me um prato com demasiada comida. Dois tipos diferentes de carne (frango e bife), quatro tipos de hidratos de carbono e um pouco de brócolos, tudo ensopado com o molho dela. É comida a mais e eu como tudo em menos de cinco minutos.

Ela está sentada ali, com o queixo apoiado na mão, a observar-me com prazer.

– E a que devemos o prazer esta noite?

Fungo uma risada.

– Um rapaz não pode vir simplesmente visitar a mãe sem motivo?

– Um rapaz pode, mas, infelizmente, os meus rapazes não o fazem. – Ela dá-me um olhar. – O Henry está lá em cima. – Ela acena nessa direção. – O que se passa com ele e com o Jo?

Deito-lhe um olhar.

– Como é que sabes que se passa algo com o Jonah?

Ela semicerra os olhos.

– Porque nunca acontece nada entre ele e o Christian, e se fosse entre ele e tu, eu saberia.

Ela é irritantemente observadora.

Olho para ela.

– Gostam da mesma miúda.

– Ah – diz ela. – É gira?

Aceno.

– Sim, é brutal...

Ela serve-me um pouco de vinho. Usa um copo maior para ela.

– E tu, meu querido? – Ela inclina a cabeça. – O que me vieste aqui dizer?

Tomo um gole e não digo nada, só para a irritar.

Ela franze a testa.

– Boas notícias ou más?

Tomo outro gole, sorrindo.

– BJ! – Ela repreende-me.

Levanto-me e levo o prato de volta para a cozinha, enxaguando-o no lava-louças. Ela vem atrás de mim gritando o meu nome completo, arranca-me o prato das mãos, lava-o ela mesma e depois coloca-o na máquina de lavar louça.

Vira-se de mãos nos quadris.

– Baxter James Ballentine...

Abro os braços e deito o meu tronco sobre a ilha de mármore no meio da cozinha, sorrindo para ela.

– O que foi? – Ela franze a testa.

– A Parks e eu fizemos sexo.

Um pequeno grito escapa-lhe da boca e ela tapa-a com a mão. Será que eu diria à minha mãe que fiz sexo com qualquer outra pessoa? Não. Nunca. Nem num bilião de anos. Mas aquela explosão é a reação que a notícia merecia e eu queria-a, portanto, contei-lhe.

Ela corre para mim e sacode-me pelos ombros.

– Ó meu Deus! – Sacode-me novamente. – Hamish! Oh, meu Deus...

O meu pai entra a correr.

– O que se passa?

– O BJ e a Magnolia estão juntos novamente – ela grita, praticamente.

Dou ao meu pai um olhar divertido e de olhos arregalados e o rosto dele abre-se num sorriso.

– A sério?

Aceno afirmativamente.

Ele semicerra os olhos para mim, desconfiado.

– Ela sabe que tu achas que vocês reataram?

– Eles fizeram sexo! – Grita a mãe.

E eu e o meu pai lançamos-lhe ambos um olhar estranho.

Então, o rosto dela transforma-se numa carranca.

– Pela primeira vez, presumo. Porque, até este momento, tu eras virgem.

Abano a cabeça uma vez.

– Não era.

– E ela é a única rapariga com quem estiveste.

– Não é – diz-lhe o meu pai.

Ela franze a testa para ele e depois olha para mim.

– E com quem vais estar...

Sorrio para ela. Essa é a minha esperança, Lil.

– Vocês tomaram precauções, sim? – Ela acena para si mesma.

– Mãe. – Reviro os olhos.

O Henry entra na cozinha.

– Mãe, eles fazem sexo desde que... – Atiro-lhe um pano da louça. Ele ri-se.

– ... os vinte e três e os vinte e quatro anos, respetivamente – diz ela ao Henry com a maior convicção.

– Lil... – o pai abana a cabeça –, tu apanhaste-os no chalé.

– Não apanhei nada. – Ela abana a cabeça com veemência.

Apanhou sim, sem dúvida. Quase morri – foi o dia mais embaraçoso da minha vida. A Parks tinha dezassete anos e eu dezanove. A minha mãe ficou... super envergonhada..., aparentemente ao ponto de entrar em negação total.

– Ei – diz o Henry, acenando com o queixo para mim. – Como é que foi essa cena do trabalho, Beej?

Eu sorrio.

– Boa.

O meu irmão ri-se.

– Aposto que foi...

O meu pai aproxima-se, olha para mim por alguns segundos e depois abraça-me.

– Estou feliz por ti.

Ouve-se o estouro de uma garrafa de champanhe – a minha mãe está a sorrir no canto.

Olho do meu pai para o meu irmão.

– Isto é embaraçoso.

– Não é nada – cantarola ela.

– Desculpa – diz o meu pai. – Esse é o meu Dom de 2002...?

A mãe encolhe os ombros.

– É uma ocasião para ele...

O meu pai pensa.

– É?

O Henry começa a rir.

O meu pai pega em alguns copos, de má vontade, e o Henry vem ter comigo, dando-me uma palmada carinhosa no rosto.

– É a sério? – Eu aceno. – Mano – e o Henry abraça-me. – Porra, esta foi uma longa viagem...

– Henry – A nossa mãe abana a cabeça. – Essa linguagem não te vai ajudar a conquistares a rapariga de que gostas...

O Henry lança-me um olhar exasperado e dá-me um soco no estômago.

Encolho-me um pouco com a dor, mas estou a rir.

– Ela obrigou-me a contar. – Encolho os ombros, impotente.

O Henry aponta para mim.

– Ele e a Parks fizeram-no no avião da empresa do pai, a caminho de Monte Carlo, quando ele tinha dezasseis anos.

A minha mãe abre a boca. Eu faço uma careta.

– Foi altamente premeditado... – Continua o meu irmão traidor. – Eles planearam durante dias.

– Henry! – Grito.

Olho para o meu pai, nervoso. Como se me pudesse meter em trabalhos por algo que fiz há quase nove anos.

O meu pai desata a rir.

– Duas vezes. – O Henry encolhe os ombros, bebendo o seu champanhe e saindo da cozinha.

Magnolia

Desci as escadas na manhã seguinte e fui para a cozinha. A minha irmã está inclinada sobre a bancada a comer uma tigela de cereais e a Marsaili está encostada ao lava-louças a beber chá. Tem uma saia de seda preta e branca da Ecrú que lhe fica acima do joelho e parece terrivelmente desadequada, porque não quero ver os joelhos de uma pessoa de quarenta e cinco anos.

– Bom dia – sorri a Bridget. Está vestida de Gucci da cabeça aos pés com o fato de treino *tech-jersey* azul-celeste.

Fica calma. Não reajas. Não assustes a miúda selvagem que está finalmente bem vestida, fazendo-a ter medo de roupas bonitas... Pestanejo algumas vezes e provavelmente pareço que estou a ter uma espécie de falha cerebral, enquanto recalibro a minha reação para um sincero nada.

– Estás bonita – digo-lhe e ela olha para si mesma, nem sequer reconhecendo vagamente o elogio.

– Para onde é que desapareceste esta semana?

Encolho os ombros de modo recatado.

– O teu telefone estava desligado. – A minha irmã semicerra os olhos para mim.

– Oh, sim. – Suspiro. – Passei a noite algures, inesperadamente.

– Oh. – Ela acena com a cabeça, percebendo. – Então, estavas com o BJ.

Franzo a testa.

– Para onde foram? – pergunta a Bridge, enfiando Coco Pops na boca.

– Dartmouth – digo-lhe, de nariz no ar.

Ela recua, confusa.

– Dartmouth?

– Para a casa? – esclarece a Marsaili. – Porquê?

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas não tenho a certeza do que dizer.

Aceno com a mão no ar, com desdém.

– Longa história.

Ambas fazem uma variação diferente de um aceno de cabeça e parecem dramaticamente desinteressadas e eu sinto-me irritada com isso. Voltam a falar de algo do programa do Graham Norton de ontem à noite. Ele é um bom amigo e eu gosto muito dele, mas estou a usar as botas até ao joelho em couro e malha *jacquard* elástica com o logo da Fendi – que são muito fofas – e estou com os olhos incrivelmente brilhantes por estar a dormir muito bem por andar a dormir com o meu namorado, que é a notícia espetacular que elas ainda não sabem, e elas não me ligam nenhuma.

Pigarreio para chamar a sua atenção. Elas voltam a olhar para mim, não parecendo muito entusiasmadas.

– Alguma de vocês quer perguntar-me alguma coisa? – Dou-lhes um sorriso deslumbrante.

– Não – diz a Marsaili, indiferente. – Por acaso...

– Nada? – FRANZO a testa. Ela abana a cabeça. FRANZO novamente a testa. – Nada mesmo? – A Bridget lança-me um olhar estranho. – Nada sobre... o meu... tempo fora? – Pergunto, levantando o pescoço e coçando-o de uma forma tragicamente nada ergonómica, expondo um...

– Isso é um chupão! – A minha irmã lança-se na minha direção, derrubando os cereais e agarrando o meu pescoço para o inspecionar. – É? – Grita ela novamente, olhando para o meu rosto.

Faço um pequeno aceno de cabeça.

Os olhos dela arregalam-se.

– Do BJ?

Aceno novamente.

E, então, ela solta um gritinho e vira-se para a Marsaili com os olhos arregalados.

– Um chupão do BJ!

A Marsaili revira ligeiramente os olhos, pouco entusiasmada, mas nada

zangada.

– E quanto ao Tom? – pergunta a Marsaili ainda junto ao lava-louças, enquanto bebe o seu chá de modo muito controlado.

Solto um pequeno suspiro.

– Acabei com ele ontem.

A Bridget franze um pouco a testa.

– Como é que ele estava?

– Bem. – Comprimo os lábios. – Foi muito generoso em relação a tudo, na verdade...

A Mars assente.

– Ele é um bom homem.

A Bridge deita-lhe um olhar severo e depois pega-me na mão.

– O BJ também é.

A Marsaili acena com a cabeça diplomaticamente.

– Eu não disse que não era.

– Estás feliz por mim? – pergunto à Marsaili, sorrindo.

– Por teres um chupão do teu ex-namorado? – Ela dá-me um pequeno sorriso e revira os olhos. – Entusiasmadíssima.

A Bridget franze a testa para ela e puxa-me para a sala de jantar, onde nos sentamos à mesa.

– Então, como é que aconteceu? – Ela inclina-se para mim. – Quando é que aconteceu? Onde? Quantas vezes...

– Hum. Como... – Considero a pergunta. Detesto mentir-lhe. – Por acaso? – Não é bem verdade, mas o que mais poderia eu dizer? – À mesma hora, no mesmo lugar? – Acrescento como resposta complementar. Ela assente, aceitando. – Quando? – Puxo pela orelha, distraída. – Anteontem. Onde...? – Tapo a boca com a mão e as minhas faces ficam rosadas. – Debaixo do salgueiro? Junto ao lago.

Os olhos dela arregalam-se.

– E se o Sr. Gibbs vos visse! – Exclama ela, horrorizada.

Não posso deixar de me rir. Ofereço-lhe um pequeno encolher de ombros. Além disso, o Sr. Gibbs já viu muito mais do que isso. Respiro fundo e depois expiro.

– E quantas vezes... – Faço uma careta e depois encolho os ombros melancólica.

Ela dá-me uma palmada no braço.

– Marota!

Reviro os olhos.

Depois, ela pensa para si mesma por um momento.

– E as perguntas a que ele não quer responder?

– Já foi há quase três anos...

– Sim, mas – ela suspira – foi algo muito importante. Ele não te ofereceu nenhuma resolução.

Ela tem razão. Ele não o fez. E parece que nunca o fará. E acho que parte de mim pode interrogar-se para sempre sobre o porquê, mas será que vou deixar que essa dúvida me roube a possibilidade de estar com ele?

Já não sei que resposta procuro. E talvez ele tenha razão.

De que modo é que saber com quem ele dormiu poderia mudar as coisas agora, afinal?

Está feito. Já aconteceu e aconteceu apenas uma vez.

E talvez eu seja muito estúpida e esteja danificada pelo amor para poder pensar corretamente, mas, de repente, parece-me tolice deitar fora o que o BJ e eu temos porque ele fez sexo com uma miúda qualquer, uma vez, numa festa, quando estava bêbado.

Encolho os ombros para a minha irmã.

– Que resolução é que ele me poderia dar mais do que amar-me como me ama?

– Magnolia – diz ela, recostando-se, surpreendida. – Isso é muito esclarecido da tua parte.

Ofereço-lhe um sorriso presunçoso.

– Sabes, algum dia vais ter de decidir perdoá-lo – diz-me ela. – O perdão nem sempre é um sentimento.

– Eu sei – digo-lhe, embora não soubesse.

Foda-se.

Enfim.

– E isto é oficial?

Eu aceno com naturalidade.

– Então, quando é que o mundo vai descobrir?

– Mais tarde, tenho a certeza. – Sorrio. – Vamos ficar no Mandarin esta noite...

– Giro.

– E vamos encontrar-nos com toda a gente no The Rosebery antes, para uma bebida. – Ofereço-lhe um pequeno sorriso. – Eles ainda não sabem, só o Henry.

– Posso ir?

Pestanejo para ela, surpreendida.

– Tu queres sair comigo e com os meus amigos?

Ela acena com a cabeça.

– Voluntariamente?

Ela acena novamente.

Abro a boca num sorriso encantado.

– Claro! –Franzo a testa. – Estás a morrer?

– Hã... – Ela franze a testa. – Não neste momento, não.

Levanto-me e dirijo-me para a porta.

– Ok, vou-me preparar...

– Achas que ele vai fazer o pedido hoje à noite? – Exclama a minha irmã, excitada.

Solto uma risada.

– Acho que não.

– Mas quando ele te pedir em casamento – diz a Bridget, pensando em voz alta –, vais casar no Mandarin Oriental, não vais?

Olho para ela como se não tivesse pensado nisso um milhão de vezes antes.

– Talvez?

– E quem vai ser a tua dama de honor, eu ou a Paili?

Deito-lhe um olhar.

– Acabámos de recomeçar a namorar.

– Sim – diz ela – mas ele é o tal.

BJ

Ela entra no The Rosebery vestindo um casaco e um dos vestidos da Gucci que lhe comprei. É a Série Completa esta noite mais a Bridge. Eu e os rapazes estamos na mesa – a Pails ainda não chegou e eu não disse nada. Levanto-me quando a Parks se aproxima da nossa mesa quase a saltitar – não sei porquê –, o que nos denuncia antes de termos a hipótese de lhes contar. Ela coloca os braços em volta do meu pescoço e salta para me beijar a boca. Como a porra de um beijo da Disney. Tem os pés fora do chão e as mãos no meu cabelo, é uma entrada fenomenal. Há alguns *flashes* das câmaras, um murmúrio na multidão, mas era isso que ela queria. Se não fosse, não estaria a beijar-me assim aqui.

A boca dela afasta-se da minha e ela sorri para mim, enquanto eu a ponho novamente no chão. Ela vira-se para os rapazes e gesticula para mim.

– Já conhecem o meu namorado?

A Bridge celebra. O Jo solta um cacarejo triunfante. O Henry envolve a Parks com os braços e trocam palavras que não consigo ouvir, mas as faces dela estão rosadas e ele toca-lhe no nariz.

O Christian levanta-se e olhamos um para o outro durante alguns segundos. Sinto-me péssimo por breves instantes e, então, ele abraça-me.

Ao passar pelo Perry, que está de queixo caído e olhos arregalados, a Parks cumprimenta-o, e, a seguir, empoleira-se no meu colo. e empoleira-se no meu colo. O mundo está como deveria estar.

Esqueci-me de como é estar assim com ela e o que mais me impressiona é que parece que me tiraram um peso das costas – poder estar com ela desta forma. Não lhe tocar, não a abraçar, não estar com ela fez com que o meu corpo parecesse que estava a sustentar a respiração e agora está tudo bem.

Chega de lhe tocar fingindo que não lhe toco. Toco-lhe simplesmente. Toco-lhe porque me apetece. Toco-lhe porque posso – porque ela é minha, porque resolvemos isto – finalmente.

Ela abotoa-me a camisa.

– Quem é que estás a tentar seduzir com todos estes botões abertos? – Ela franze o sobrolho para mim de uma forma brincalhona.

– Tu – digo-lhe ao ouvido e ela engole em seco. O pequeno corpo dela fica rígido, ela aperta o meu braço com mais força e – porra! – gostava que não estivesse mais ninguém aqui para podermos ir para o andar de cima agora – por que raio é que trouxemos outras pessoas para aqui?

Porque vale a pena comemorar, disse ela. Foi por isso.

E porque fizemos todos os nossos amigos passar por tanta merda nos últimos três anos que lhes devemos, pelo menos, várias bebidas.

E, então, a Paili entra.

Encontra-me rapidamente com os olhos, como costuma fazer muitas vezes – e olha para a Parks no ressaltado.

A Parks no meu colo, com as minhas mãos em volta da cintura dela. Os olhos dela arregalam-se e depois o queixo dela cai num sorriso surpreendido.

Ela aponta para nós.

– Vocês estão...

Aceno, sorrindo calmamente para ela. E está tudo bem. A Magnolia salta do meu colo e corre para a sua melhor amiga, soltando exclamações femininas de entusiasmo e lançando os braços em volta do pescoço dela.

A Paili coloca as mãos nas faces da Magnolia, segurando-lhe o rosto e sorrindo para ela.

– Estou tão feliz por ti – diz ela, e é sincera.

A Parks segura carinhosamente as mãos da melhor amiga, vira um pouco o rosto e beija-lhe a palma da mão.

– Cheiras bem... – diz a Parks, sorrindo distraidamente para a Paili enquanto se vira.

– Ah, obrigada. – A Pails pousa a sua mala no banco. – Há algum tempo que não o uso, é de...

A Magnolia paralisa.

– ... flor de laranjeira – diz a Parks numa voz distante.

E a sala entra em câmara lenta.

A Magnolia pega no pulso da Paili e leva-o ao nariz para o cheirar.

Inspira.

– Almíscar.

Ela inspira novamente. A Magnolia olha para a Paili, sem pestanejar.

– Angélica.

– Magnolia... – começa a Paili.

A Parks larga-lhe o pulso e dá um passo para longe dela.

– Magnolia, escuta...

– Eras tu? – diz a Parks em voz baixa e eu já estou de pé.

Merda. Os meus olhos e os da Paili encontram-se. Ela está em pânico.

– Parks. – Pego no braço da Magnolia, puxando-a de volta para mim.

Ela move-se quando eu a puxo, olha para mim e os seus olhos parecem um beija-flor, sem nenhum sítio onde pousar. Ela fita-me, boquiaberta, paralisada numa velha dor que tem um peso que ainda não a atingiu.

– Era ela? – Pergunta, quase num sussurro.

– Parks. – Eu abano a cabeça.

– Era?

– Magnolia – sussurro.

Ela solta o braço com um puxão.

– Tu fodeste com a minha melhor amiga? – grita ela e a sala paralisa, silenciando-se.

As conversas param, o volume desaparece. Os talheres caem nos pratos. Toda a gente olha.

– Sim – diz a Paili atrás de nós.

*

Quero sempre pensar que estava bêbado; estava um pouco, mas não o suficiente – não como deveria ter estado para diminuir o que fizemos. Senti-me

tonto e estranho, desci as escadas e ela seguiu-me. Acho que ela notou que eu estava estranho.

A essa altura também já éramos amigos há anos, obviamente – onde quer que a Parks vá, a Paili vai. Fomos sempre próximos.

Ela seguiu-me até ao meu quarto.

– Estás bem? – perguntou ela.

Eu ignorei-a e entrei na casa de banheiro. Água. Precisava de água. Abri a torneira e molhei o rosto. Agarrei o lavatório com força.

Virei-me e olhei para ela. Ela franziu a testa quando me viu.

– Não estás – disse ela. – O que se passa?

Cheirei-a.

– Perfume novo?

Ela assentiu, satisfeita por eu ter notado.

– Sim, acabei de o receber na semana passada. É Frédéric Malle, Carn...

E, então, eu agarrei-a pelo rosto e beijei-a.

Não sei porquê? Nunca pensara em a beijar antes, fi-lo apenas. Não fiquei demasiado surpreendido quando ela retribuiu o beijo. Sempre achei que ela tinha um fraquinho por mim, a maioria das miúdas tem... Mas ela era tão leal à Parks que nunca...

Portanto, aquilo... nós a beijar-nos ali, na minha casas de banho. Esquisito.

Afastei-me, olhei para ela.

Tivemos um momento do tipo: que porra estamos a fazer?

Eu estava a respirar depressa, quase ofegante. Acho que ela não estava a respirar sequer. Os olhos dela ganharam um brilho de miúda esfomeada. Já a vira olhar para o Jo assim antes, mas não para mim e, então, ela atirou-se simplesmente a mim.

E queres saber a verdade sincera? Eu não estava a pensar na Parks. Tudo em que estava a pensar era que queria aquilo. Era o que eu queria. Eu estava a escolher. Era o que eu queria fazer e estava a fazê-lo. E tinha uma miúda nas mãos que queria ter ali e estávamos a tocar-nos e a beijar-nos e era isso que eu queria.

Eu estava sentado na borda da banheira e a Pails estava sentada no meu colo – ela beijava melhor do que eu supusera e era boa com as mãos.

Lembro-me de que caí para trás. Caí dentro da banheira.

Ela caiu em cima de mim. Rimos.

Ela olhou para mim – com um meio sorriso, meia careta no rosto – e acho que é importante dizer, porque é verdade, que poderíamos ter parado. A qualquer altura. Em cada encontro sexual existem múltiplos pontos de controlo orgânicos – pausas para respirar, para tirar a roupa, pausas dos beijos, para mudar de posição –, podíamos ter parado várias vezes.

Não o fizemos.

Então, eu puxei-a para cima de mim e fizemos sexo na minha banheira. E foi – sinto-me mal por o dizer – bom. Ótimo, mesmo.

Eu sei que não é o que queres ouvir neste momento. Queres que tenha sido uma merda, a pior experiência que já tive. Queres que eu não tenha sentido nada, que tenha odiado, não gozado, que tenha pensado na Parks o tempo todo... Nada disso é verdade.

Eu queria aquilo.

E as únicas vezes em que pensei na Magnolia foi quando o meu cérebro pensou: devias estar a pensar na Magnolia.

Mas depois...

Merda.

Foi como se um feitiço tivesse passado.

Ela saltou de cima de mim, a segurar as roupas contra o corpo.

– O que é que fizemos? – perguntou ela, branca como um fantasma.

– Porra. – Enterrei a cabeça nas mãos. – Porra!

– O que é que fazemos? – perguntou com urgência.

Abanei a cabeça.

– Temos de lhe dizer...

– O quê? – Ela recuou. – Não!

– Temos de o fazer! – Abanei a cabeça. – Eu tenho... Eu não posso esconder isto dela...

– Podes sim! – gritou a Paili.

– Não posso! – gritei de volta. – Eu vou-lhe contar...

E, então, a Paili começou a hiperventilar. Quero dizer – não conseguia respirar, ofegava por ar. Corri para ela e segurei-a pelo braço.

– Olha para mim, respira, tens de respirar...

E eu estava ali, a tentar persuadi-la a respirar, e ela ainda não estava vestida, estava apenas de roupa interior, e eu estava sem camisa e, então, a porta abriu-se.

– O que se passa a... – Começou o Jonah e depois parou de imediato. – Merda.

O Jo olhou para mim e pôs a mão na boca. Os meus olhos desviaram-se para o chão. Envergonhado e culpado. O Jonah olhou para a Paili, que estava a ter um ataque de pânico, e aproximou-se dela em dois passos. Pegou num copo de água do meu lavatório e atirou-lho à cara.

Ela paralisou. Olhou para ele de olhos arregalados. Petrificada.

– Vocês os dois andam a foder? – Perguntou o Jonah com os dentes cerrados.

– Eu... Aconteceu – disse ela com os olhos marejados.

Eu estava sentado na tampa da sanita. Com as mãos a tremer.

– Que merda é esta, Beej? – gritou ele.

– Eu tenho de lhe dizer. – Olhei para os dois. – Temos de lhe dizer – disse eu à Paili. – É o mais correto a fazer...

– Não! – Ela abanou a cabeça. – Ela nunca nos vai perdoar.

– Eu não lhe posso mentir...

– Mas podes traí-la? – cuspiu o Jonah.

Ignorei-o.

– Paili. – Abanei a cabeça para ela. – Foi um erro, ela pode... Talvez ela não...

A Paili começou a chorar.

– Escutem, escutem – disse o Jonah, atirando-me a minha camisa. – Veste-te.

Podemos resolver isto.

Ele tirou o vestido da Paili das mãos dela e enfiou-lho no corpo. Vestiu-a como se ela fosse uma boneca de trapos. Ela observava o Jonah com os olhos assustados e agradecidos.

– Vocês usaram proteção? – perguntou ele, olhando de um para o outro.

Eu nem sequer pensara em proteção – eu só andava a dormir com a Parks e ela tomava a pílula desde os dezasseis anos.

Abanei a cabeça.

A Paili mal abanou a dela. Começou a chorar ainda mais.

Merda.

O Jonah bateu palmas para a obrigar a focar-se nele e depois segurou-a pelos ombros.

– Eu tenho contraceção de emergência na minha casa de banho – disse-lhe. – Vais ficar bem. Está tudo bem, vamos buscá-la agora. – Ele começou a levá-la dali. – E tu... toma um banho...

Abanei a cabeça.

– Eu vou dizer-lhe...

A Paili começou a chorar novamente.

O Jonah pôs a cabeça entre as mãos.

– Paili, cala-te, porra. Estou a tentar pensar.

A boca dela fechou-se de imediato, como seria de esperar quando um chefe de gangues nos diz para ficarmos calados.

– Ela vai acabar contigo, Beej – avisou-me ele.

Abanei a cabeça para ele.

– Não posso fingir que não o fiz, não lhe vou mentir...

Os ombros da Paili estremeciam de tanto que ela estava a chorar.

– Tudo bem, mas não lhe digas com quem...

– Ela deve saber – gritei eu.

– Ela não devia ter de saber – exclamou o Jonah em resposta. – Vocês não

deviam ter feito isto, porra, mas agora fizeram e aqui estamos nós. A Paili está prestes a ter um maldito colapso. A história é dela tanto quanto é tua, agora. Queres contar à Parks que a traíste, tudo bem. – Ele olhou para Paili. – E tu queres mentir à tua melhor amiga, tudo bem. – Ele apontou para mim. – Tu estava na festa e ficaste bêbado. – Ele agarrou numa cerveja aberta que estava no meu quarto e atirou-a para a minha roupa. – Fizeste merda.

Eu acenei com a cabeça para ele.

– E tu – disse ele, olhando para a Paili –, nós enrolámo-nos esta noite, se alguém perguntar, está bem?

Ela assentiu obedientemente, com os olhos vermelhos.

– Certo. – O Jonah assentiu.

Tu sabes o que aconteceu depois disso.

Fui ter com a Parks. Conteí-lhe. Deixei de fora o detalhe mais significativo. Perdi-a de qualquer maneira. Perdi-a então tal como a estou a perder agora, vestida com um vestido Gucci no The Rosebery.

– Parks... – Estendo a mão para ela novamente.

– A minha melhor amiga? – Sussurra ela.

Estamos todos paralisados – suspensos no tempo na porra do meu pior pesadelo...

O Christian não consegue acreditar. O Perry tem os olhos no chão – é, finalmente, a minha confirmação de que ele sempre soube. O Henry vai matar-me, consigo vê-lo, e o Jo está apenas a observar a Parks. Parece um pouco assustado, na verdade.

– Tu sabias? – pergunta a Magnolia ao Jonah em voz baixa.

O Jo assente.

Ela vira-se para o Perry.

– E tu? – pergunta ela com voz rouca.

Ele diz que sim com a cabeça, também.

Aquelas revelações bónus esmagam-na ainda mais, não sei porquê.

– Magnolia. – Estendo a mão para ela, mas ela está a recuar, afastando-se de

mim com medo. Como se não me conhecesse. Como se eu fosse um perigo para ela.

– Não me toques. – Ela empurra as minhas mãos para longe e eu cambaleio para trás, chocando com um empregado com uma bandeja de comida.

– Parks, por favor. – Chamo por ela, mas ela já está a correr.

Magnolia

Escapo no meio da comoção do Beej a chocar com o empregado e saio a correr do The Rosebery como se o local estivesse em chamas. A sala abre-se para mim como o mar, com todas as pessoas a afastarem-se como se a minha devastação fosse uma doença que eles podem apanhar.

Sinto-me grata por isso. Grata por me ajudarem a escapar porque não consigo ver bem, não consigo pensar bem – há um buraco negro no centro de mim e estou a cair nele.

A minha melhor amiga? A minha melhor amiga e o meu melhor amigo.

É pior. Ele tem razão. Isto é pior. Conhecer o rosto dela. Foi planeado? Eles já gostariam um do outro há muito tempo? Ela viu-o nu? Eles usaram proteção? Oh, Céus, espero que tenham usado proteção.

Aquilo quase me faz cair de joelhos, a ideia de ele ter estado dentro dela sem nada, sem sequer um frágil pedaço de plástico entre eles – acho que vou vomitar – que partes do corpo dela é que ele segurou?

Ele pensou em mim? Porquê ela? E porquê ele? Onde é que ele a beijou? Onde é que o cabelo dela caiu sobre o corpo dele? Será que ele segurou a mão dela como segura a minha quando fazemos sexo? Olhou para ela? De olhos abertos, a observá-la? Veio-se? No que é que estava a pensar quando o fez? Quão estúpida sou por não o ter visto? Será que havia algo para ver? Como é que isto acontece?

Estou tão tonta que sou capaz de cair. E, então, o BJ agarra-me.

Não sei de onde é que ele veio, parece repentino, embora não seja – parecia que eu estava sozinha num mar escuro, à deriva, e, de repente, há mãos em cima de mim.

Ele está a segurar-me por um braço e pela minha cintura e está a abanar a cabeça como um louco.

– Parks, ouve-me...

Abano a cabeça, mas não luto contra ele porque não quero. É tão difícil.

Contraintuitivo. Adoro ser tocada por ele, quero ser tocada por ele – e segurada por ele e beijada por ele e possuída por ele e não fui durante quase três anos e tive-o por três dias e agora estou a perdê-lo novamente. A minha pele parece que tem ácido com a traição. Demorei tanto tempo para conter o fogo selvagem que sinto por ele na minha barriga e agora a chama está de volta e não pode ser.

Mas vou apagá-la da maneira que for preciso, porque nunca mais o terei. Isto é o fim.

– Parks, por favor...

– Ela é a minha melhor amiga!

– Magnolia, escuta. Já aconteceu e tu disseste que me perdoavas. Ainda é a mesma coisa.

– Não.

– É! Eu nunca mais o fiz, ainda é a mesma...

– Não, não é a mesma coisa porque tu fodeste com a minha melhor amiga – digo marcando bem as sílabas. – Fizeste-me pensar, todos estes anos, que era uma miúda qualquer, uma perfeita estranha, um acidente, algo que aconteceu por acaso, mas tu fizeste-o com a minha melhor amiga.

– Parks...

– E nós estamos juntos o tempo todo! Estamos com ela o tempo todo! Olhas para ela quando vamos de férias? Pensas no modo como estiveste com ela...

Ele parece horrorizado.

– Parks, não. Isso é...

Olho para ele como se ele fosse o estranho que me parece ser agora.

– Como é que me pudeste fazer isso?

Ele agarra-me, puxa-me para ele, abraça-me com força e eu digo a mim mesma para me lembrar disto.

Para me lembrar da sensação disto. De estar aqui, nos braços dele. De me lembrar de como é estar aninhada contra o peito dele, com os braços dele pressionados contra as minhas costas, de como as minhas pernas se encaixam entre as dele, de como ele baixa o queixo um pouco para eu poder viver ali debaixo – de

me lembrar de tudo isto porque esta é a última vez.

Inspiro-o mais uma vez.

E, então, arranco-o de mim. Faço-o rápido, como um penso.

Estou a tremer completamente, as minhas mãos tremem, as minhas pernas parecem gelatina...

– Nunca mais me vais voltar a tocar. – A minha voz quase não é audível, mas ele ouve.

Pego no fio em redor do meu pescoço, onde o anel de sinete dele viveu durante a melhor (e pior) parte de uma década – e arranco-o do meu corpo, atirando-o para o chão.

Ele olha para mim com uma descrença silenciosa. Abana a cabeça, voltando a avançar para mim, mas é empurrado para trás novamente. Não por mim, mas pelo irmão.

– Não – rosna o Henry. O BJ abana a cabeça, irritado e frustrado, e tenta passar pelo irmão. O Henry empurra-o novamente. – Fica longe dela. – O Henry aponta para ele com os dentes cerrados.

O Beej lança-se na minha direção, mas o Jonah agarra-o por trás. Segura-o contra si como um cinto de segurança e o Beej fica mole.

Ele fica ali, a observar-me, nos braços do amigo. Exala e baixa a cabeça numa mistura de tristeza e culpa. Abana a cabeça um pouco, tentando acalmar-se. Tem o peito a arfar.

Quero tocar-lhe no rosto, beijar-lhe o canto da boca, respirar com ele até ele voltar ao normal, mas nunca mais vamos voltar a ser normais.

O Henry olha para mim. Parece pálido.

– Magnolia, do que é que precisas? O que é que queres que eu faça? Faço qualquer coisa...

– Preciso de ir – digo sufocada.

Ele acena com a cabeça e puxa-me pelos degraus da frente.

– Um táxi – diz a um dos porteiros. – Agora. Chame-lhe um táxi.

Um táxi para à minha frente e o porteiro abre a porta.

O Henry empurra-me lá para dentro.

– Lamento tanto, Parks – diz ele, e os seus olhos também estão marejados.

Eu aceno. Acho. Acho que aceno? Talvez não.

Já não consigo sentir o meu corpo, a sério.

O Henry fecha a porta e lanço um último olhar ao irmão dele nas escadas, a observar-me a deixá-lo.

Está a chorar agora, soluços sufocados nos braços do Jonah.

Os nossos olhos encontram-se, ele sopra um pouco de ar pela boca e desvia os olhos dos meus.

Sabes se podemos morrer de um coração partido?

E se eu morresse e me abrissem, será que eu sangraria por o amar? Quando me tirassem o coração do peito para o pesarem, será que pesa o mesmo que o lábio superior dele? Estará o nome dele gravado na minha terceira costela à esquerda? Osso dos meus ossos, carne da minha carne. Ele está a matar-me. Amá-lo também me está a matar e estou com medo, porque quantos amores é que temos realmente na vida? Quantas oportunidades é que lhes damos antes de os deixarmos ir?

Eu estou a deixá-lo ir.

– Para onde? – pergunta o taxista.

Olho pela janela, para a cidade que está cheia até à borda de beijos sonhadores e más decisões perfeitas, todas tomadas com um homem que acho que costumava conhecer.

– Para Heathrow.

Agradecimentos

Embora tenhas ultrapassado bastante o prazo que te foi concedido para leres o meu livro, ainda assim, digo-te obrigado primeiro.

Não só acreditaste em mim e me apoiaste, como abriste o caminho para mim. Pagaste o meu caminho. Deste-me tanto tempo e espaço para ser, muito antes de termos dinheiro para tal. Ninguém acreditou em mim como tu acreditaste e todas as minhas coisas favoritas sobre ser uma pessoa posso associar ao facto de ser tua. Amo-te, Benjamin William Hastings.

À Emmy. Estávamos escritas nas estrelas o tempo todo. Demorámos uma década para trabalhar juntas, mas conseguimos e estou grata pela década de qualquer maneira. E estou sempre, sempre grata por ti, minha lua azul. É a capa dos meus sonhos. Acreditei na tua arte desde o instante em que a vi e continuarei a acreditar nela porque, na verdade, é um pouco divina. Obrigada por seres tão voltada para os negócios.¹

Ao David Hedlund, sem o qual este livro, creio, nunca teria existido. Ajudaste-me mais do que posso dizer. Esclareceste-me coisas, ajudaste-me a encontrar o caminho de volta quando o perdi, ficaste ao meu lado quando eliminei o teu personagem favorito (RIP AVS) e leste demasiadas versões deste livro para as conseguir contar. Obrigada.

Um disparo rápido de agradecimentos absolutamente necessários: a Jesus, por tudo de bom. A Luke e Jayboy – por finalmente me darem espaço para participar num grupo de mensagens, embora seja falso e apenas no nosso *chat* em grupo. Vocês pegaram no livro, deram-lhe vida e são duas das minhas pessoas favoritas, uns génios completos. À minha mãe e à Lis – por todas as vezes que me ajudaram abnegadamente com os miúdos para que eu pudesse visitar este mundo que criei. A Bronte & Rach, por serem os únicos que acreditam nesta vida de milionário pós-jatos. À avó, por tudo. Ao avô, por tudo o resto. A Viv e Bill, por me deixarem ter semanas de espaço e silêncio na minha casa favorita do mundo. À Maddi, por ser a pessoa mais entusiasmada e excitável. Ao AJ por ser o leitor mais rápido do oeste. A Jarryd & Mystique, grande parte desta história foi formada na mesa onde me deixaram trabalhar para escapar do meu lindo² bebé quando éramos vizinhos. À

Amber, não poderíamos ter feito esta temporada ridícula sem ti. À Tori, por responder ao meu bilião de perguntas. Ao meu editor – por ver através da névoa de vírgulas e perseverar através do meu trauma de DE. Fiquei muito desanimada quando nos encontrámos; obrigada pela tua generosidade e paciência para comigo. Vou entrar numa Reabilitação de Vírgulas agora. À Laura, a minha tipógrafa e às minhas duas revisores finais, Nikki e Felicity. Sarah³, Karalee⁴ e Aodhan⁵.

Ao Jackson Van Merlin, fizeste-me realmente acreditar em mim de uma forma que acho que nem sequer tens noção – não sei onde estás hoje em dia, com a tua estranha tendência para desapareceres do planeta – espero que estejas vivo. E bem. Espero mesmo que estejas bem.

À Alana Fragar, deste-me o livro⁶ que me fez querer ser escritora.

Ao Joel Houston, que me disse que eu era uma boa escritora quando tinha dezoito anos e como ele é um bom escritor eu acreditei nele.

Ao meu professor de inglês do 11.º ano, que ficou tão exasperado comigo por interpretar aquela pergunta de desenvolvimento sobre a Segunda Guerra Mundial como um exercício de escrita criativa, desculpe⁷.

À minha adorada Helen da melhor livraria do mundos – tu alimentaste a minha mente durante anos e anos e, embora estejamos longe agora, penso em ti frequentemente e apenas com ternura.

E, provavelmente, acima de tudo – a Juniper Ruth Magnolia Hastings. Foste o bebé de 6 meses mais difícil que se possa imaginar e puxaste mais por mim do que eu achava que podia ser puxada. E nesse puxar comecei a escrever uma versão daquilo que se tornaria este livro. Portanto, obrigada. E, por favor, não faças isso de novo. Bellamy⁹... tu não fizeste muito, agradeço-te no próximo livro.

11 Não, mas isso provou ser útil, portanto, obrigada.

22 E, ocasionalmente, impossível e louco.

33 Porque não há hipótese de não a mencionar

44 Porque não posso mencionar os meus outros dois melhores amigos sem te mencionar a ti.

55 Porque senão nunca mais te calas.

66 *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto* de Jonathan Safran Foer,

portanto, obrigada Jonathan também.

77 Foi muito rude em relação a isso.

88 Que, aliás, é a Livraria Blues Point. E não tem Instagram nem Twitter porque a Helen nunca os teria, mas é mesmo maravilhosa, por isso, deviam ir lá.

99 Desculpa. Mas eu adoro-te.